

*Dallas Willard*

A GRANDE OMISSÃO

AS DRAMÁTICAS CONSEQÜÊNCIAS DE  
SER CRISTÃO SEM SE TORNAR DISCÍPULO

# A Grande Omissão

**As dramáticas conseqüências de ser cristão  
sem se tornar discípulo**

**Dallas Willard**

Editora Mundo Cristão  
Título original: The Great Omission  
Tradução de Susana Klassen

Preparado por Amigo Anônimo



Nossos e-books são disponibilizados gratuitamente, com a única finalidade de oferecer leitura edificante a todos aqueles que não tem condições econômicas para comprar.

Se você é financeiramente privilegiado, então utilize nosso acervo apenas para avaliação, e, se gostar, abençoe autores, editoras e livrarias, adquirindo os livros.

Semeadores da Palavra e-books evangélicos

Copyright © 2006 por Dallas Willard

Publicado originalmente por HarperSanFrancisco, uma divisão da HarperCollins Publishers Nova York, EUA.

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da *Nova Versão Internacional*, da Sociedade Bíblica Internacional, salvo indicação específica.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

*Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)*  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Willard, Dallas

A grande omissão: as dramáticas consequências de ser cristão sem se tornar discípulo / Dallas Willard; [traduzido por Susana Klassen]. — São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

Título original: The Great Omission.

ISBN 978-85-7325-493-8

1. Discipulado (Cristianismo) 2. Espiritualidade 3. Formação espiritual 4. Jesus

Cristo - Discípulos 5. Jesus Cristo — Ensinamentos 6. Missão da Igreja 7. Vida cristã

I. Título.

07-9904 CDD-248.4

*Índice para catálogo sistemático:*

1. Vida cristã: Cristianismo 248.4

Categoria: Espiritualidade/Vida Cristã

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados pela:

Editora Mundo Cristão

Rua Antônio Carlos Tacconi, 79, São Paulo, SP, Brasil — CEP 04810-020

Telefone: (11) 2127 4147

Home page: [www.mundocristao.com.br](http://www.mundocristao.com.br)

1ª edição: janeiro de 2008

Para Bertha Vonallman Willard,  
verdadeira aprendiz de Jesus  
e uma grande bênção para todos ao seu redor.  
Graça e verdade plenas.

## Sumário

<a href="#">Sumário.....</a>	<a href="#">4</a>
<a href="#">Introdução.....</a>	<a href="#">5</a>
<a href="#">Aprendizes de Jesus.....</a>	<a href="#">8</a>
<a href="#">Discipulado: Exclusividade dos supercristãos?.....</a>	<a href="#">8</a>
<a href="#">Por que se preocupar com o discipulado?.....</a>	<a href="#">12</a>
<a href="#">Quem é seu mestre?.....</a>	<a href="#">14</a>
<a href="#">Semelhantes a Jesus:</a>	
<a href="#">Os recursos divinos para uma vida transformada estão sempre disponíveis.....</a>	<a href="#">16</a>
<a href="#">A chave para as chaves do reino.....</a>	<a href="#">19</a>
<a href="#">A formação espiritual e o desenvolvimento do caráter.....</a>	<a href="#">23</a>
<a href="#">A formação espiritual em Cristo é para a vida toda e para a pessoa toda.....</a>	<a href="#">23</a>
<a href="#">Formação espiritual em Cristo:</a>	
<a href="#">Uma perspectiva de sua natureza e viabilidade.....</a>	<a href="#">33</a>
<a href="#">O espírito está pronto, mas...</a>	
<a href="#">O corpo como instrumento para o crescimento espiritual.....</a>	<a href="#">38</a>
<a href="#">Vivendo na visão de Deus.....</a>	<a href="#">42</a>
<a href="#">Reflexões de Idaho Springs sobre a formação espiritual.....</a>	<a href="#">47</a>
<a href="#">O cuidado da alma Para pastores... e outros.....</a>	<a href="#">55</a>
<a href="#">O discipulado da alma e da mente.....</a>	<a href="#">62</a>
<a href="#">Disciplinas espirituais, formação espiritual e a restauração da alma.....</a>	<a href="#">62</a>
<a href="#">A piedade cristocêntrica</a>	
<a href="#">O coração do evangélico.....</a>	<a href="#">71</a>
<a href="#">Por que praticar as disciplinas espirituais?.....</a>	<a href="#">76</a>
<a href="#">Jesus, o lógico.....</a>	<a href="#">79</a>
<a href="#">Livros sobre a vida espiritual: visões e práticas.....</a>	<a href="#">87</a>
<a href="#">Letters by a Modern Mystic [Cartas de um místico moderno], de Frank E. Laubach.....</a>	<a href="#">87</a>
<a href="#">Castelo interior ou moradas, de Teresa de Avila.....</a>	<a href="#">89</a>
<a href="#">Invitation to Solitude and Silence [Convite a solitude e ao silêncio], de Ruth Haley Barton.....</a>	<a href="#">91</a>

<a href="#">Quando Deus vem para ficar Minha experiência com Deeper Experiences of Famous Christians</a>	
<a href="#">[Experiências mais profundas de cristãos notáveis].....</a>	<a href="#">92</a>
<a href="#">A Room of Marvels [Um aposento de maravilhas], de James B. Smith.....</a>	<a href="#">95</a>
<a href="#">Uma palavra de despedida: "Ao ir ...".</a>	<a href="#">97</a>
<a href="#">Leituras adicionais.....</a>	<a href="#">99</a>

## INTRODUÇÃO

BELOS HINOS TRADICIONAIS de Natal proclamam que Jesus nasceu. Agora que ele entrou em nosso mundo e em nossa vida, as coisas serão *diferentes*. Esse tema se estende ao longo das eras até o presente. Nenhuma pessoa instruída pode pensar de outro modo. Afinal, a transformação para o bem é a essência das "boas novas", não?

Nos dias de hoje, porém, deparamos com uma enorme decepção em relação ao caráter e às influências das pessoas e instituições cristãs e, pelo menos por implicação, da fé cristã e sua visão da realidade. Grande parte dessa decepção é expressa pelos próprios cristãos ao descobrirem que as crenças que professam "simplesmente não estão funcionando" nem para eles mesmos a seu ver, nem para aqueles ao seu redor. De acordo com os padrões normais de avaliação, pelo menos o que *eles* descobriram não "excede todas as expectativas". Os livros de "desilusão" constituem uma subcategoria da literatura cristã. A autoflagelação não desapareceu do repertório cristão.

Mas essa decepção também é expressa por aqueles que se encontram separados do cristianismo "visível" (que talvez não tenham nenhum conhecimento real da situação ou que "se cansaram") e por aqueles que se opõem abertamente à fé cristã. Muitas vezes, essas pessoas repreendem os cristãos usando valores do próprio cristianismo, criticando-os de acordo com padrões definidos por Jesus. É evidente que existe uma Grande Disparidade entre a *esperança de vida expressada em Jesus* — uma realidade na Bíblia e numa série de exemplos magníficos entre seus seguidores — e o *comportamento diário, a vida interior e a presença social* da maioria dos que se dizem seguidores de Jesus.

Assim, somos obrigados a perguntar: Qual o motivo dessa Grande Disparidade? Ela é causada por algo inerente à própria natureza de Jesus e por aquilo que ele ensinou e trouxe à humanidade? Ou é resultante de fatores secundários que foram se associando a instituições e indivíduos cristãos ao longo do tempo? Será que estamos vivendo numa época em que, por algum motivo, os cristãos em geral e a maioria de seus líderes não entenderam o cerne da questão?

Imagine que seu vizinho está sempre tendo problemas com o carro dele. Você pode concluir, talvez corretamente, que ele fez um mau negócio. Mas se você descobrisse que, de vez em quando, seu vizinho mistura água na gasolina, com certeza não culparia o carro ou o fabricante pelos problemas mecânicos. Diria que o carro não foi feito para funcionar sob as condições impostas pelo proprietário. E, sem dúvida, aconselharia seu vizinho a usar apenas o combustível apropriado. É possível que, depois de alguns ajustes, o carro voltasse a funcionar bem.

Devemos abordar as decepções atuais sobre a caminhada com Cristo de maneira semelhante. Ela também não foi feita para funcionar com qualquer tipo de "combustível". Se estamos completamente parados ou andando apenas aos solavancos, e porque *não estamos nos dedicando a essa caminhada o suficiente para permitir que ela assuma o controle de toda nossa vida*. Talvez ninguém tenha nos explicado o que devemos fazer. Talvez não saibamos bem qual é "nossa parte" na vida eterna. Ou talvez tenhamos aprendido a "fé e prática" de algum grupo, e não os princípios de Jesus. Ou, ainda, talvez tenhamos ouvido algo que está de acordo com os ensinamentos de Jesus, mas tenhamos interpretado incorretamente (um dilema que costuma gerar excelentes fariseus ou "legalistas" — um modo de vida muitíssimo difícil). Ou talvez acreditemos que o preço a ser pago para andarmos no "Caminho" é alto demais e estejamos tentando economizar (completando o tanque de combustível com a "água" do moralismo ou da religião de vez em quando).

Sabemos que o "carro" do cristianismo pode funcionar, e muito bem, em circunstâncias de todo tipo. Vemos isso — ou, pelo menos, quem assim o deseja pode ver — quando deixamos de lado as caricaturas e apresentações parciais e olhamos para o próprio Jesus e para suas várias manifestações

em acontecimentos e personalidades ao longo da história e em nosso mundo atual. Ele é, simplesmente, o ponto mais brilhante do cenário humano. Não há concorrência. Até mesmo os anticristãos julgam e condenam os cristãos de acordo com a pessoa e as palavras de Jesus. ele não está *escondido*, mas deve sempre ser buscado para que possamos perceber sua presença manifesta em nosso mundo. Isso faz parte de seu plano e visa a nosso próprio bem. Se o buscarmos, ele com certeza nos encontrará e, então, nós também o encontraremos de maneira mais profunda. Essa é a existência bem-aventurada do *discípulo de Jesus* que não cessa de crescer "na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo" (2Pe 3:1 8).

Mas é justamente esse o problema. Quem, dentre os cristãos de hoje, é um discípulo de Jesus, em qualquer sentido substantivo do termo "discípulo"? Um discípulo é um aluno, um aprendiz — um *praticante*, mesmo que iniciante. O Novo Testamento — que deve ser nosso princípio norteador no Caminho com Cristo, deixa isso claro. Nesse contexto, os discípulos de Jesus são pessoas que não apenas adotam e professam certas idéias como também aplicam sua compreensão crescente da vida no reino dos céus a todos os aspectos de sua vida na terra.

Contrastando com isso, a suposição dominante entre os cristãos professores de hoje é de que podemos ser "cristãos" para sempre sem jamais nos tornarmos discípulos — nem mesmo no céu, pois, afinal, que necessidade teremos de ser discípulos no porvir? Onde quer que estejamos, podemos ver que esse é o ensinamento corrente. E essa é (com suas várias conseqüências) a Grande Omissão da "Grande Comissão", em que a Grande Disparidade se encontra firmemente arraigada. Enquanto a Grande Omissão continuar a ser permitida ou nutrida, a Grande Disparidade florescerá — tanto na vida de indivíduos quanto em grupos e movimentos cristãos. Logo, se cortarmos a raiz da Grande Omissão, a Grande Disparidade murchará, como foi o caso tantas vezes no passado. Não é preciso lutar contra ela. Basta parar de alimentá-la.

Jesus nos disse claramente o que devemos fazer. Temos um manual, como o do proprietário de um carro. Ele nos disse que, *como* discípulos, devemos *Jazer discípulos* — e não convertidos ao cristianismo ou a um tipo específico de "fé e prática". Ele não ordenou que providenciássemos para que as pessoas pudessem "entrar no céu" ou "ter parte nos benefícios" depois da morte, nem que eliminássemos as diversas formas brutais de injustiça, tampouco que criássemos e mantivéssemos igrejas "bem-sucedidas". Todas essas coisas são boas, e ele falou sobre cada uma delas. Com certeza se concretizarão se — e *apenas se* — formos (seus aprendizes constantes) e fizermos (outros aprendizes constantes) aquilo que ele ordenou que fôssemos e fizéssemos. se nos ativermos a isso, não importará muito o que mais faremos ou deixaremos de fazer.

Uma vez que nós, seus discípulos, tivermos ajudado outros a se tornarem discípulos (de Jesus, e *não* nossos), poderemos reuni-los em situações da vida diária, sob a presença sobrenatural da Trindade, formando um novo tipo de unidade social nunca antes visto na terra. Esses discípulos são os seus "chamados", sua *ecclesia*. Sua "caminhada" já se dá "nos céus" (Fp 3:20), pois os céus estão operando onde quer que nos encontremos (Ef 2:6). São *essas* pessoas que podem ser ensinadas a "obedecer a tudo o que eu lhes ordenei" (Mt 28:20). Ao se tornarem alunos ou aprendizes de Jesus, elas concordaram em ser ensinadas, e temos disponíveis os recursos para que isso possa acontecer de forma metódica. O resultado é sempre a vida que "excede todas as expectativas".

Dirigindo-se aos seguidores mais próximos, Jesus diz: "Foi-me dada toda a autoridade nos céus e na terra. Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei. E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos" (Mt 28:18-20). Observamos na história do mundo os resultados alcançados por um pequeno grupo de discípulos que simplesmente obedeceram a essa ordem sem nenhuma "Omissão".

Nas igrejas ocidentais, sobretudo na América do Norte, as pessoas pressupõem irrefletidamente que a Grande Comissão de Jesus deve ser levada adiante em *outros* países. Essa idéia se deve, em parte, ao uso do termo "nações" para traduzir o grego *ethne*, quando uma tradução mais apropriada seria nossa expressão contemporânea "grupos étnicos" ou, ainda, "pessoas de todo tipo". Mas, na prática, isso nos leva a *excluir* as "pessoas de nosso tipo" do universo daqueles que devem ser transformados em discípulos de Jesus. Há até mesmo quem acredita que "nós" não precisamos de discipulado e que, para começo de conversa, *nós* estamos certos. Mas, na verdade, o principal campo missionário da Grande Comissão nos dias de hoje é constituído das igrejas da Europa e da América do Norte. Essas são as regiões em que a Grande Disparidade é mais visível e de onde ela ameaça se espalhar para o restante do mundo. Nossa responsabilidade é levar adiante a Grande Comissão

exatamente onde estamos, e não apenas intensificar os esforços para obedecer à sua ordem em outros lugares. E se não começarmos aqui, também não seremos bem-sucedidos em levá-la adiante em outras partes.

É um erro trágico pensar que, ao partir, Jesus estava nos dizendo para começarmos igrejas, conforme a definição desse conceito nos dias de hoje. De tempos em tempos, pode ser apropriado começar uma igreja. No entanto, o objetivo de Jesus para nós é muito mais amplo que isso. Ele deseja que estabeleçamos postos avançados ou bases de operação para o reino de Deus onde quer que estejamos. É desse modo que a promessa de Deus a Abraão — de que por meio dele e de sua descendência os povos da terra seriam abençoados (Gn 12:3) — e levada a seu cumprimento. O efeito externo dessa vida em Cristo é *uma revolução moral perene, até que o propósito da humanidade na terra tenha se cumprido*.

Como discípulos de Jesus, fazemos parte, hoje, do projeto de Deus para o mundo. Mas é preciso lembrar sempre que a execução desse projeto é o efeito, e não a vida em si. A *missão* flui naturalmente da *vida*. Não é um acréscimo ao plano ou algo que pode ser negligenciado ou omitido. A vida eterna da qual fluem vários efeitos profundos e gloriosos é *um relacionamento interativo com Deus e com seu Filho, Jesus, ha habitação interior do Espírito Santo*. A vida eterna é a caminhada do reino, na qual, em unidade perfeitamente coesa, "[praticamos] a justiça, [amamos] a fidelidade e [andamos] humildemente com o [nosso] Deus" (Mq 6:8). Aprendemos a andar desse modo pelo aprendizado com Jesus. Sua escola nunca entra em férias.

Devemos enfatizar que a Grande Omissão da Grande Comissão *não* se refere à obediência a Cristo, mas, sim, ao discipulado, ao aprendizado com ele. A obediência virá como consequência do discipulado e também escaparemos das armadilhas de uma atitude julgadora e legalista em relação a nós mesmos ou a outros.

Talvez algumas pessoas se espantem com a idéia de que a "Igreja" — os discípulos reunidos — na verdade não precisa de mais pessoas, mais dinheiro, construções e programas melhores, mais ensino ou mais prestígio. Foi no período em que esses elementos se mostraram escassos ou inexistentes que o povo de Deus reunido, a Igreja, mais se aproximou de sua verdadeira essência. A única coisa de que a Igreja precisa para cumprir os propósitos de Cristo na terra é *a qualidade de vida que ele torna real em seus discípulos*. Com essa qualidade, a Igreja prosperará em tudo o que realizar ao longo do processo de tornar clara e disponível na terra a "vida que é vida de verdade". Sempre haverá muitas batalhas a travar, mas a luta não será mais contra a presença constante e sombria da Grande Disparidade e a ilusão de que *ela* é tudo o que Cristo tem a oferecer à humanidade.

Portanto, a maior questão que o mundo de hoje enfrenta, com todas as suas necessidades aflitivas, é definir se aqueles que são confessional ou culturalmente identificados como "cristãos" se tornarão discípulos — alunos, aprendizes, praticantes — de *Jesus Cristo*, aprendendo constantemente com ele como viver a vida do reino dos céus em todas as áreas da existência humana. Esses discípulos transcenderão as igrejas a fim de se tornarem a Igreja de Cristo — a fim de serem, sem força nem violência humana, seu exército poderoso lutando pelo bem no mundo, conduzindo as igrejas aos propósitos eternos de Deus? Esse, em termos de proporção, é o maior problema que o ser humano tem de enfrentar, cristão ou não.

É possível dizer alguma coisa que contribua para as transições para e dentro de um discipulado com Jesus Cristo? As páginas a seguir apresentam vários artigos publicados anteriormente que tratam do discipulado, das disciplinas espirituais e do crescimento e da formação espiritual. É quase impossível um leitor comum encontrar artigos desse tipo hoje em dia, mas há quem os considere de importância crítica em nosso tempo. Salvo pequenas revisões e adaptações, os textos são apresentados da forma como foram publicados originariamente. Há certo grau de repetição, uma vez que se tratam de artigos "ocasionais", com algumas variações de estilo. Alguns são voltados explicitamente para pastores, mas os princípios dizem respeito a todos os cristãos. Espero que esses detalhes não distraiam o leitor. Acrescentei ao final "Uma palavra de despedida", na qual procuro enfatizar a simplicidade dos "próximos passos" que podem orientar indivíduos e grupos na prática dos princípios apresentados.

As expectativas de Jesus a nosso respeito não são complicadas nem confusas. Em alguns casos, exigirão mudanças naquilo que estamos fazendo. Mas a Grande Comissão — o plano *de Jesus* para a formação espiritual, o crescimento da Igreja e o serviço ao mundo — é bastante óbvia. Então, mãos à obra! Ele proverá todo o preparo e apoio necessários. Não se esqueça: "Quando tudo falhar, siga as instruções".



# Parte 1

## APRENDIZES DE JESUS

# 1

### DISCIPULADO: EXCLUSIVIDADE DOS SUPERCRISTÃOS?

O TERMO "DISCÍPULO(S)" aparece mais de 250 vezes no Novo Testamento. "Crisião(s)" ocorre apenas três vezes, sendo usado inicialmente para se referir de modo específico a discípulos de Jesus numa situação em que não era mais possível considerá-los uma seita do judaísmo (At 11:26). O Novo Testamento é um livro escrito por discípulos, que fala sobre discípulos e para discípulos de Jesus Cristo.

No entanto, não se trata apenas de uma questão verbal. Mais importante que isso é o fato de a vida que observamos na igreja primitiva ser a vida de um tipo especial de pessoa. É evidente que as garantias e os benefícios oferecidos à humanidade no evangelho pressupõem esse tipo de vida e não fazem sentido fora dela. O discípulo de Jesus não é um modelo de luxo nem uma versão "off-road" do cristão comum — com estofados especiais, acessórios diferentes, *design* mais avançado e maior potência para percorrer o caminho reto e estreito. Nas páginas do Novo Testamento, o discípulo se encontra na categoria mais básica de transporte para o reino de Deus.

#### DISCÍPULOS NÃO DISCIPULADOS

Há pelo menos várias décadas, as igrejas do mundo ocidental não consideram o discipulado condição para ser cristão. Não se exige nem se espera de um indivíduo que ele seja um discípulo a fim de se tornar cristão, e é possível continuar sendo cristão sem nenhum sinal de progresso rumo ao discipulado ou dentro dele. As igrejas de hoje, especialmente as americanas, não exigem como condição de membresia — para ingressar ou continuar numa denominação ou congregação local — que Cristo seja seguido em seu exemplo, espírito e ensinamentos. Seria ótimo encontrar exceções a tal afirmação, mas essas só serviriam para ressaltar sua validade geral. No que se refere às instituições cristãs de nosso tempo, *o discipulado é inequivocamente opcional*.

Claro que isso não é segredo. Os melhores livros atuais sobre discipulado declaram abertamente ou pressupõem que o cristão pode não ser um discípulo — mesmo depois de freqüentar a igreja a vida inteira. *A arte perdida de fazer discípulos*, um livro bastante usado nessa área, apresenta três níveis de vida cristã: o convertido, o discípulo e o obreiro. De acordo com esse livro, há um processo apropriado para conduzir as pessoas a cada nível. O evangelismo produz convertidos, o fortalecimento ou acompanhamento produz discípulos, e a preparação produz obreiros. Diz-se que os discípulos e obreiros podem renovar o ciclo por meio do evangelismo, ao passo que somente os obreiros podem fazer discípulos pelo trabalho de acompanhamento.

O retrato da "vida da Igreja" apresentado nesse livro é, em sua maior parte, compatível com a prática cristã americana. Mas será que esse modelo não torna o discipulado algo inteiramente opcional? Claro que sim, da mesma forma que torna opcional o discípulo vir a ser um "obreiro". Assim, hoje em dia, inúmeros convertidos exercem a liberdade de escolha que lhes é oferecida pela mensagem que ouvem: escolhem não se tornar — ou, pelo menos, não escolhem se tornar — discípulos de Jesus Cristo. As igrejas estão repletas de "discípulos não discipulados", como Jess



Moody os chamou. É evidente que, na realidade, isso não existe. Grande parte dos problemas das igrejas de hoje pode ser explicada pelo fato de seus membros nunca tomarem a decisão de seguir a Cristo.

Nessa situação, não adianta muito insistir em que Cristo *deve ser* Senhor. Apresentar seu senhorio como uma opção o coloca na mesma categoria que rodas de liga leve, pneus especiais e equipamento de som. É possível viver sem esses acessórios. E — infelizmente! — não se sabe ao certo como seria viver com eles. A obediência e o ensino visando à obediência não formam uma unidade doutrinária ou prática com a "salvação" apresentada nas versões recentes do evangelho.

#### GRANDES OMISSÕES À GRANDE COMISSÃO

Um modelo diferente de vida foi instituído na "Grande Comissão" que Jesus deixou para seu povo. O primeiro objetivo que ele definiu para a Igreja foi usar seu poder e sua autoridade abrangentes para fazer discípulos sem levar em consideração as distinções étnicas — de todas as "nações" (Mt 28:19). Com isso, deixou clara a existência de um projeto que engloba o mundo e a história como um todo e colocou de lado sua diretriz estratégica anterior de ir apenas "às ovelhas perdidas de Israel" (Mt 10:6). Tendo feito discípulos, somente esses deviam ser batizados em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Depois dessa preparação dupla, deviam ser ensinados a "obedecer a tudo o que eu lhes ordenei" (Mt 28:20). A Igreja cristã dos primeiros séculos foi resultado da implementação desse plano de crescimento — um resultado difícil de ser melhorado.

Mas as correntezas históricas substituíram o plano de Jesus por "Fazei convertidos (a uma 'fé e prática' específica) e batizai-os de modo a se tornarem membros da igreja". Essa abordagem ressalta duas omissões à Grande Comissão. Em primeiro lugar, omitimos a tarefa de fazer discípulos e levar as pessoas a serem aprendizes de Cristo quando, na verdade, essa é a prioridade. Em segundo lugar, omitimos, por necessidade, o passo de acompanhar nossos convertidos num treinamento que os levará, cada vez mais, a fazer o que Jesus ordenou.

Na prática, essas duas grandes omissões são interligadas e formam uma coisa só. Uma vez que não fizemos discípulos de nossos convertidos, é *impossível* ensiná-los a viver como Cristo viveu e ensinou (Lc 14:26). Isso não fazia parte do pacote, daquilo *à que* eles se converteram. Hoje em dia, quando somos confrontados com o exemplo e os ensinamentos de Cristo, a reação não é tanto de rebelião ou rejeição, mas, sim, de perplexidade: como devemos nos relacionar com esses ensinamentos? O que eles têm a ver conosco? Não são propaganda enganosa?

#### O DISCIPULADO DE OUTRORA

Quando Jesus andou entre os homens, ser seu discípulo era algo relativamente simples. Significava, sobretudo, acompanhá-lo numa atitude de observação, estudo, obediência e imitação. Não existiam cursos à distância. Sabia-se o que devia ser feito e quanto isso custaria. Simão Pedro exclamou: "Nós deixamos tudo para seguir-te" (Mc 10:28). A família e o trabalho eram colocados de lado por longos períodos para acompanhar Jesus enquanto ele andava de um lugar para outro anunciando, mostrando e explicando o controle ou a operação de Deus naquele momento e lugar. Os discípulos tinham de estar com ele para aprender a imitá-lo.

Imagine fazer isso hoje. Qual seria a reação da família, do patrão e dos colegas se os desertássemos? Provavelmente, concluiriam que nunca nos importamos muito com eles nem com nós mesmos. Não foi isso que Zebedeu pensou quando seus dois filhos abandonaram o negócio da família para ficarem com Jesus? (Mc 1:20). Pergunte a qualquer pai numa situação parecida. Portanto, quando Jesus disse que a pessoa devia deixar o que lhe era mais querido — família, "tudo que possui" e "até sua própria vida" (Lc 14:26,33) — quando isso fosse necessário para acompanhá-lo, ele declarou um fato simples: essa era a via de acesso ao discipulado.

#### O DISCIPULADO DE HOJE

Apesar de ser custoso, o discípulo de outrora tinha um sentido bastante claro e direto. Mas as coisas não funcionam assim hoje em dia. Não podemos seguir a Jesus literalmente como seus primeiros discípulos fizeram. Mas as prioridades e intenções — o coração ou as atitudes interiores — dos discípulos são sempre as mesmas. O discípulo tem em seu coração um *desejo* e uma *decisão* ou firme intenção. Depois de entender um pouco melhor o que isso significa e, portanto, ter "[calculado] o

preço" (Lc 14:28), o discípulo de Cristo deseja, acima de tudo, ser como ele. Assim, "basta ao discípulo ser como o seu mestre" (Mt 10:25). Além disso, "todo aquele que for bem preparado será como o seu mestre" (Lc 6:40).

Sabendo-se desse desejo, que geralmente é gerado pela vida e pelas palavras daqueles que já estão percorrendo o Caminho, ainda é necessário tomar uma decisão: a decisão de se dedicar inteiramente à tarefa de se tomar como Cristo. O discípulo é uma pessoa que, devotada a se tornar semelhante a Cristo e, portanto, permanecer em *sua* "fé é prática" sistemática e progressivamente, reorganiza todos os elementos de sua vida para alcançar esse objetivo. Mesmo nos dias de hoje, um indivíduo se dispõe a ser instruído por Cristo, tornando-se seu aprendiz ou discípulo por meio de decisões e ações. Não há outro modo. Devemos ter esse fato sempre em mente caso tomemos, como discípulos, a decisão de *fazer discípulas*.

Quer se encontre dentro quer fora da igreja, um indivíduo que não é discípulo tem algo "mais importante" a fazer ou de que se ocupar do que se tornar semelhante a Jesus Cristo. Talvez tenha acabado de "comprar uma propriedade" ou "cinco juntas de bois", ou talvez tenha se casado recentemente (Lc 14:18-19). Essas desculpas esfarrapadas servem apenas para revelar que, de uma lista infeliz de segurança, reputação, riqueza, poder, prazeres sensuais ou simples distração e torpor, algo ainda é o objeto de sua devoção suprema. Ou, se alguém percebeu essas desculpas, pode não conhecer a alternativa — e, especialmente, não saber que é *possível* viver sob o cuidado e o controle de Deus, trabalhando e vivendo com ele como Jesus fez, sempre buscando "em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça".

Uma mente abarrotada de desculpas pode transformar o discipulado num mistério ou pode considerá-lo algo a ser temido. Mas não há nenhum mistério no desejo e na intenção de ser como alguém — isso é algo extremamente comum. E se, de fato, estamos decididos a ser como Cristo, isso ficará evidente para todas as pessoas mais atentas ao nosso redor, assim como para nós. É claro que as atitudes que definem o discípulo não podem ser colocadas em prática nos dias de hoje deixando a família e o trabalho para seguir Jesus em suas viagens pelo país. Mas o discipulado pode ser concretizado ao aprendermos ativamente como amar os inimigos, abençoar os que nos perseguem e suportar com longanimidade um opressor — ou seja, colocar em prática pela graça as transformações interiores da fé, do amor e da esperança. Esses atos — realizados pela pessoa disciplinada que manifesta graça, paz e alegria — tornam o discipulado tão tangível e espantoso hoje quanto aquelas deserções do passado distante. Qualquer um que entrar no Caminho verá isso e, ao mesmo tempo, verá por experiência própria que não há nada de assustador no discipulado.

#### O PREÇO DA FALTA DE DISCIPULADO

Em 1937, Dietrich Bonhoeffer deu ao mundo seu livro *Discipulado*.<sup>1</sup> Essa obra representou um ataque magistral ao "cristianismo fácil" ou à "graça barata" no contexto da Europa e América do Norte da metade do século XX. No entanto, não conseguiu eliminar — e talvez tenha até reforçado — o conceito de discipulado como um extremo espiritual reservado apenas àqueles que foram guiados ou chamados especialmente para isso. Foi correto e positivo Bonhoeffer ter ressaltado que não podemos ser discípulos de Cristo sem abirmos mão das coisas que normalmente buscamos na vida, e que o indivíduo que, segundo o sistema de valores do mundo, não paga um alto preço para levar o nome de Cristo tem motivo para se perguntar sobre sua situação em relação a Deus. Mas o preço da *falta* de discipulado é muito mais alto — mesmo considerando apenas esta vida — que o preço pago para andar com Jesus e aprender com ele constantemente.

O preço pago pela falta de discipulado é a ausência de paz duradoura, de uma vida inteiramente imbuída de amor, da fé que considera tudo à luz do controle absoluto de Deus visando ao bem, do poder de fazer o que é certo e resistir às forças do mal. Em resumo, o preço pago pela falta de discipulado é exatamente a ausência da vida em abundância que Jesus veio trazer (Jo 10:10). O jugo cruciforme de Cristo é, afinal de contas, um instrumento de libertação e poder para os que vivem sob ele com Cristo e aprendem a mansidão e humildade de coração que trazem descanso à alma.

"SIGAM-ME. EU SEI PARA ONDE ESTOU INDO!"

<sup>1</sup> São Leopoldo: Sinodal, 2001.

Leon Tolstói escreveu que "a vida inteira de um homem é uma contradição contínua daquilo que ele sabe ser seu dever. Em todas as áreas da vida, ele age em oposição desafiadora às ordens de sua consciência e de seu bom senso".<sup>2</sup> Em nossa, era de comunicação condensada, alguém inventou um adesivo para o vidro traseiro que diz: "Não me siga. Estou perdido". Um dos motivos pelos quais essa frase chama a atenção e o fato de falar, com certo humor, do fracasso universal ao qual Tolstói se referiu. Esse fracasso provoca um desespero profundo e generalizado e uma sensação de inutilidade, de que jamais conseguirei ser um exemplo, salgando e iluminando meu mundo, mostrando às pessoas o Caminho da Vida. A descrição que Jesus faz do sal sem sabor caracteriza de forma tristemente adequada como nos sentimos sobre nós mesmos: "... não [serve] para nada, exceto para ser jogado fora e pisado pelos homens" (Mt 5:13), não presta nem para adubo (Lc 14:35).

Um ditado comum expressa a mesma atitude: "Faça como digo, não como faço" (mais risadas?). Ao se referir a certos líderes religiosos de sua época — os escribas e fariseus —, Jesus disse: "Obedeçam-lhes e façam tudo o que eles lhes dizem. Mas não façam o que eles fazem, pois não praticam o que pregam" (Mt 23:3). Ele não estava brincando e seu comentário permanece extremamente sério. Devemos perguntar o que ele nos diria hoje. Acaso não transformamos essa prática dos escribas e fariseus num princípio fundamental da vida cristã? Não é esse o efeito, intencional ou fortuito, de tornar o discipulado opcional?

Não estamos falando de *perfeição*, nem de trabalhar para *merecer o dom* da vida que Deus concede. Nossa preocupação é somente com a maneira pela qual *ingressamos* nessa vida. É verdade que ninguém é capaz de se tornar merecedor da salvação ou da plenitude de vida da qual ela é a raiz e parte natural, mas todos devem agir para que ela lhes pertença. Quais são as ações do coração, os desejos e as intenções que nos dão acesso à vida em Cristo? O exemplo de Paulo nos instruiu. Ele pode dizer, quase de uma só vez: "Eu não sou perfeito" (cf. Fp 3:12) e "Façam como eu faço" (cf. Fp 4:9). Suas fraquezas — quaisquer que fossem — ainda o acompanhavam, mas ele vivia voltado para o futuro por meio de sua intenção de alcançar o alvo: Cristo. Estava decidido a ser como Cristo (Fp 3:10-14) e, ao mesmo tempo, estava certo da graça que o sustentaria para levar a cabo sua decisão. Assim, podia dizer para todos: "Sigam-me. Eu sei para onde estou indo!" ("Tornem-se meus imitadores, como eu o sou de Cristo" — 1 Co 11:1).

## A MAIOR OPORTUNIDADE DA VIDA

Em um livro recente, o dr. Rufus Jones refletiu sobre o impacto insignificante que a igreja evangélica do século XX teve sobre os problemas sociais. Ele atribui essa deficiência a uma despreocupação correspondente da parte dos conservadores com a justiça social. Essa despreocupação, por sua vez, deve-se às reações contra a teologia liberal derivadas da controvérsia entre fundamentalistas e modernistas nas últimas décadas. Trata-se de questões que precisam ser levadas a sério.

É difícil identificar as ligações causais na sociedade e na história, mas creio que se trata de um diagnóstico inadequado. Afinal, nos casos em que fica evidente, a própria falta de preocupação com a justiça social requer uma explicação. E a posição atual da igreja pode ser explicada de maneira mais apropriada por *aquilo que os liberais e conservadores têm em comum*, e não por suas diferenças. Por vários motivos e com ênfases distintas, essas duas alas concordam que ser um discípulo de Cristo é algo opcional para os membros da igreja. Assim, o tipo de vida que poderia mudar o curso da sociedade humana — e que, por vezes, promoveu tal mudança — é excluído, ou pelo menos omitido da mensagem essencial da igreja.

No anseio de participar da vida de esplendor, cada um de nós deve se perguntar: "Sou um discípulo ou apenas um cristão de acordo com os padrões atuais?". Uma avaliação de nossas intenções e nossos desejos mais profundos, que se refletem nas respostas e escolhas específicas que constituem nossa vida, pode mostrar se existem coisas que consideramos mais importantes do que ser semelhantes a Cristo. Se a resposta for afirmativa, ainda não somos seus discípulos. Uma vez que não estamos dispostos a segui-lo, quando declaramos confiar nele, falamos com um tom de falsidade. Não poderíamos jamais afirmar de modo convincente que confiamos num mecânico, médico ou professor cujas orientações não seguimos.

As perguntas levantadas por líderes e pastores são ainda mais sérias: Que autoridade ou base tenho para batizar indivíduos que não tomaram uma decisão clara de ser discípulos de Cristo? Terei coragem de dizer às pessoas que, como "cristãos" sem discipulado, estão em paz com Deus e Deus

<sup>2</sup> *The Kingdom of God and Peace Essay*. Oxford University Press, 1936. p. 158.

com elas? Onde posso encontrar justificção para uma mensagem desse tipo? E, talvez, o mais importante de tudo: como pastor, tenho fé para realizar o trabalho de discipulado? Meu maior objetivo é fazer discípulos? Ou estou apenas administrando um negócio?

Nada aquém da vida seguindo os passos de Cristo é adequado para a alma humana ou para as necessidades de nosso mundo. Qualquer outra oferta deixa de fazer jus ao drama da redenção humana, priva os ouvintes da maior oportunidade da vida e entrega a existência presente aos poderes malignos de nossa era. A perspectiva correta é ver a prática de seguir a Cristo não apenas como uma necessidade — o que de fato ela é — mas também como a realização das capacidades humanas mais elevadas e como vida em seu patamar mais transcendente. Nas palavras de Helmut Thielicke, é perceber que "os cristãos não se encontram sob a ditadura do 'você deve', mas dentro do campo magnético da liberdade cristã, sob a capacitação do 'você pode'".

## 2

### POR QUE SE PREOCUPAR COM O DISCIPULADO?

SE SOMOS CRISTãos pelo simples fato de crermos que Jesus morreu por nossos pecados, então só precisamos disso para que nossos pecados sejam perdoados e possamos ir para o céu quando morreremos. Por que, então, algumas pessoas insistem em que é desejável ter algo mais que isso? Senhorio, discipulado, formação espiritual e coisas do gênero?

O que mais alguém poderia desejar além da certeza do destino eterno e de uma vida agradável no meio daqueles que professam a mesma fé? É evidente que todos querem ser pessoas boas. Mas, para isso, você não precisa, de fato, *colocarem prática aquilo* que Jesus fez e disse. Você nunca ouviu o ditado: "Um cristão não é uma pessoa perfeita, mas, sim, uma pessoa que foi perdoada"?

Para aqueles que se preocupam sinceramente com essas questões pode ser proveitoso considerar quatro pontos simples:

Em primeiro lugar, absolutamente nada nos ensinamentos de Jesus e de seus primeiros seguidores sugere que você pode decidir simplesmente desfrutar o perdão à custa de Jesus sem se relacionar com ele.

Alguns anos atrás, A. W. Tozer expressou sua "sensação de que uma heresia extraordinária se desenvolveu em todos os círculos cristãos — a idéia amplamente aceita de que os seres humanos podem escolher aceitar a Cristo pelo simples fato de precisarem dele como Salvador e de que tem o direito de adiar a obediência que devem a ele como Senhor pelo tempo que desejarem!".<sup>3</sup> Ele prossegue afirmando que "a salvação sem obediência é algo desconhecido nas Escrituras Sagradas".

Essa "heresia" criou a impressão de que é plenamente aceitável ser um "cristão vampiro". Na verdade, o que estamos dizendo a Jesus é: "Gostaria de receber um pouco de sangue, mas não quero ser seu aprendiz nem ter seu caráter. Com licença, mas agora vou prosseguir com minha vida. Vejo você no céu". Mas será que podemos imaginar que Jesus considera essa abordagem aceitável?

E, pensando bem, como é possível confiarmos no perdão dos pecados que Cristo oferece se, no que se refere a ele, não confiamos em praticamente nada mais? Não podemos confiar *nele* sem crer que ele está certo a respeito de todas as coisas, que somente ele tem a chave para todos os aspectos de nossa vida aqui na terra. Mas se crermos *nisso*, teremos o desejo natural de nos mantermos o mais próximos dele possível em todos os aspectos da vida.

Em segundo lugar, se não nos tornarmos aprendizes da vida no reino, jamais seremos bem-sucedidos no que se refere a nossas intenções morais. É nessa situação que a maioria dos cristãos professos se encontra hoje. Em geral, as pessoas escolhem pecar. Também são especialistas em explicar por que, levando tudo em consideração, é "necessário" pecar. Mas, ainda assim, ninguém deseja ser um *pecador*. É engraçado como as pessoas reconhecem, por exemplo, que contam mentiras, mas negam veementemente que são mentirosas.

Desejamos ser bons, mas estamos preparados, prontos, para fazer o mal — caso as circunstâncias tornem isso *necessário*. E é claro que essa "necessidade" é tão freqüente que vamos perdendo a

<sup>3</sup> *Call it Heresy*, Harrisburg: Christian Publications, 1974, p. 5s.

sensibilidade. Como Jesus deixou claro, os que praticam o pecado são, na verdade, escravos do pecado (Jo 8:34). Temos confirmação desse fato na vida diária. Com que frequência você encontra pessoas que sempre conseguem fazer o bem e evitar o mal que tentam?

Em contrapartida, *praticar* as palavras de Jesus como seus aprendizes nos permite entender a vida e ver como podemos interagir com os recursos redentores de Deus que estão sempre a nosso alcance. Isso, por sua vez, nos liberta cada vez mais das intenções malogradas à medida que aprendemos com Cristo como *simplesmente fizer aquilo que sabemos que é certo*. Ao aprendermos pela prática a permanecer firmes em suas palavras, conhecemos a verdade e a verdade certamente nos liberta (Jo 8:36). Podemos fazer o bem que desejamos.

Em terceiro lugar, somente o discipulado ardoroso com Cristo por intermédio do Espírito promove a transformação interior dos pensamentos, sentimentos e do caráter que limpa o interior do copo (Mt 23:25) e torna uma árvore boa (Mt 12:33). Ao aprendermos de Jesus, nos tornamos cada vez mais, em nosso interior — com o "Pai, que vê em secreto" (Mt 6:6) —, exatamente o que somos em nosso exterior, onde ações, atitudes e disposições se expressam visivelmente em nosso corpo, ativo em seu contexto social. Uma simplicidade surpreendente tomará conta de nossa vida — uma simplicidade que e, *na verdade*, apenas transparência.

Para isso, precisamos passar por um aprendizado longo e dedicado com Jesus a fim de remover a *duplicidade* que se tornou uma segunda natureza para nós — o que talvez seja inevitável num mundo em que, para "administrar" nossos relacionamentos com as pessoas ao redor, precisamos esconder nossos verdadeiros pensamentos, sentimentos e desejos para não chamarmos atenção. Assim, uma parte dos ensinamentos de Jesus consistia em "[ter] cuidado com o fermento dos fariseus, que é a hipocrisia" (Lc 12:1).

No tempo de Jesus, os fariseus eram, em vários sentidos, pessoas exemplares. No entanto, para eles a bondade residia no comportamento, de modo que tentavam levar uma vida segura administrando-a zelosamente em termos comportamentais. Trata-se, porém, de uma tarefa impossível. O comportamento é motivado pela dimensão oculta ou secreta da personalidade humana, das profundezas da alma e do corpo, e o que ali se encontra *certamente* virá à tona. Assim, em algum ponto, os fariseus sempre deixam de fazer o que é certo, tornando necessário redefinir, redescrever ou justificar o erro — ou simplesmente escondê-lo.

Contrastando com isso, o *fruto* do Espírito, conforme descrito por Jesus, Paulo e outros escritores bíblicos, não consiste em ações, mas em atitudes ou traços definidos de personalidade que compõem a substância do eu "oculto", do "ser interior". O "amor" expressa esse fruto em uma única palavra, mas o faz de forma tão concentrada que precisa ser explicado. Assim, "o fruto (singular] do Espírito é amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio" (Gl 5:22-23). Outras passagens semelhantes logo nos vêm à memória: 2Pedro 1:4-8. 1Coríntios 13 e Romanos 5:1-5.

Na tradição cristã, a "formação espiritual" é um processo pelo qual esses traços de caráter nos controlam e permeiam cada vez mais à medida que caminhamos sob o jugo suave do discipulado, tendo Jesus como mestre. A partir do caráter interior, os atos de amor fluem de forma natural — porém sobrenatural — e transparente. É evidente que sempre haverá algo a ser melhorado, de modo que não corremos o risco de nos tornarmos perfeitos — pelo menos por um bom tempo. Nosso objetivo é sermos inteiramente controlados por Jesus ao andarmos constantemente em sua companhia. Como nosso irmão Paulo, para obter "conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor, [...] uma coisa faço: [...] prossigo para o alvo" (Fp 3:8,13-14).

Por fim, aqueles que se dedicam a andar o mais perto possível de Jesus recebem um poder que vai além das forças humanas para lidar com os problemas e males que afligem nossa existência aqui na terra. Na verdade, Jesus está procurando pessoas às quais possa confiar esse poder. Ele sabe que, de outro modo, nos vemos impotentes diante dos males organizados e desorganizados ao nosso redor e que — de acordo com a estratégia que ele escolheu — não somos capazes de promover o bem no mundo, conforme a vontade dele, com poder suficiente.

Foi ele quem afirmou, "Foi-me dada toda a autoridade nos céus e na terra. Portanto, vão..." (Mt 28:18). Diz-se dele que "Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e poder, e como ele andou por toda parte fazendo o bem e curando todos os oprimidos pelo Diabo, *porque Deus estava com ele*" (At 10:38; grifo do autor). O mesmo é concedido a nós a fim de realizarmos a obra de Cristo por meio do poder dele, e não por nossas próprias forças.



Não obstante como entendemos os detalhes, não há dúvidas de que segundo o retrato bíblico da vida humana fomos criados para Deus habitar em nós e para vivermos por meio de um poder que nos transcende. Os problemas humanos não podem ser resolvidos por vias humanas. A vida só pode florescer quando pulsa com "a incomparável grandeza do seu poder para conosco, os que cremos" (Ef 1:19). Mas somente os aprendizes fiéis de Jesus receberão poder adequado para cumprir seu chamado para serem a presença pessoal de Deus em seu tempo e lugar neste mundo. Eles são os únicos que podem desenvolver o caráter que torna seguro ter esse poder.

Mas alguém pode perguntar: Não posso ser "salvo" — isto é, ir para o céu quando morrer — sem isso tudo? Talvez sim. A bondade de Deus é tão grande que certamente ele deixará você entrar se encontrar qualquer fundamento para isso. Mas talvez seja bom refletir sobre o valor de sua vida *antes* de morrer, sobre o tipo de pessoa que você está se tornando, e pensar se você se sentiria à vontade durante toda eternidade na presença daquele cuja companhia você não considerou particularmente desejável nas poucas horas e dias de sua existência terrena. Afinal, ele é aquele que lhe diz *agora*: "Siga-me!".

# 3

## QUEM É SEU MESTRE?

NOSSO TEMPO É CHAMADO, com frequência, de era da informação. Claro que a informação é vital para tudo o que fazemos, mas isso não é novidade. O que distingue o tempo presente é o fato de haver muito mais informação (nem sempre verdadeira) disponível do que antes, e muito mais gente tentando vendê-la para nós.

O que é feito de Jesus na multidão dos mercadores de informação? Infelizmente, na maioria das vezes ele é excluído. Muitos cristãos nem sequer pensam nele como uma fonte de informação confiável para sua vida e, conseqüentemente, não se tornam seus aprendizes. O que ele tem a lhes ensinar? É comum encontrar cristãos que se esforçam ao extremo para alcançar a excelência profissional e ser bem-sucedidos de acordo com os padrões humanos, enquanto o conteúdo de seus estudos não traz nenhuma referência a Jesus e seus ensinamentos. Como isso é possível?

Tempos atrás, coordenei um retiro com professores de uma faculdade cristã conceituada dos Estados Unidos. Em minha apresentação de abertura, disse ao grupo que a questão importante a ser considerada era o que o próprio Jesus lhes diria se ele fosse o palestrante daquele retiro. Expressei minha convicção de que ele lhes faria uma pergunta simples: Por que vocês não me respeitam em suas diversas áreas de estudo e proficiência? Por que vocês não me reconhecem como mestre do conhecimento e pesquisa em suas áreas de atuação?

Posso dizer que foi, no mínimo, interessante observar a reação daqueles profissionais cristãos. Alguns considerarem as perguntas inteiramente apropriadas. Muitos expressaram dúvida em relação ao que eu estava dizendo. Vários perguntaram se eu estava falando sério. Simplesmente não havia lhes ocorrido que Jesus é mestre em áreas como álgebra, economia, administração de empresas ou literatura francesa — e, quando lhes apresentei esse conceito, tiveram dificuldade em assimilá-lo.

Isso traz à tona um fato profundamente significativo, fim nossa cultura em geral e também entre os cristãos, Jesus Cristo é automaticamente desassociado do brilhantismo ou da capacidade intelectual. São pouquíssimas as pessoas que o associam espontaneamente a adjetivos como "bem-informado", "brilhante" ou "perspicaz".

Na maioria das vezes, ele mal é considerado consciente. É tido como um simples ícone, de semelhança humana fantasmagórica que vive à margem da "vida real" onde nós precisamos habitar. Talvez seja adequado para o papel de cordeiro sacrificai ou crítico social alienado e pouca coisa mais.

Mas será que podemos supor seriamente que Jesus seria Senhor se não fosse inteligente? Podemos imaginar que, por ser divino, ele também é ignorante ou desinformado? Pensando bem, como ele pode ser aquilo que os cristãos consideram que ele é em outros aspectos e, ao mesmo tempo, não ser a pessoa mais informada e inteligente de todas — a pessoa mais perspicaz de todos os tempos, que nos oferece as informações mais precisas sobre os assuntos mais importantes?

No cerne dessa desconsideração espantosa que milhões de cristãos professos tem por Jesus em sua existência diária, encontramos uma simples *falta de respeito por ele*. Jesus não é levado a sério como pessoa de grande capacidade. Como podemos, então, *admirá-lo*? E que significado a devoção ou adoração pode ter na ausência até do mais simples respeito?

Contrastando com isso, os cristãos primitivos que levaram o poder da vida de Deus em Jesus a todos os cantos da terra, viam Jesus como aquele no qual "estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento" (Cl 2:3). Para eles, Jesus era o mestre de todas as áreas da vida.

Uma desenvolvimento natural dessa confiança nele era fazer tudo "seja em palavra ou em ação, [...] em nome do Senhor Jesus, dando por meio dele graças a Deus Pai" (Cl 3:17). Ou seja, aprenderam a fazer e dizer tudo em cooperação com Jesus, seu mestre sempre presente.

Se desejamos ter a vida para a qual Deus nos criou, devemos buscar nossas informações norteadoras em Jesus em três sentidos:

Em primeiro lugar, devemos aprender com ele o motivo pelo qual vivemos e a razão de nossos atos. Nesse caso, como em tantos outros, somos bombardeados a todo instante por informações equivocadas que nos levam a um estado de infelicidade em que somos manipulados por nossos anseios e pela vontade daqueles que desejam apenas nos usar. Acabamos quase sempre escolhendo um trabalho, uma profissão, um cônjuge ou uma casa visando apenas ao maior prazer, poder e à glória. Quem domina é "a cobiça da carne, a cobiça dos olhos e a ostentação dos bens" (1 Jo 2:16) que, aos poucos, vão destruindo a vida.

Jesus nos dá informações confiáveis sobre nossa identidade, a razão de estarmos aqui e os motivos humanamente possíveis para fazermos tudo o que fazemos. Primeiro, ele nos informa que somos, por natureza, seres espirituais imperecíveis com um destino eterno no grande universo de Deus. Jamais deixaremos de existir, e não há nada que possamos fazer a esse respeito.

Apesar de termos nos desviado dos desígnios de Deus para nós, ele pode nos restaurar ao fluxo da vida divina, desde que dependamos inteiramente dele. Em outras palavras, isso implica confiarmos nele, o que, na verdade, significa abraçar sua causa, tomar seu "jugo" (Mt 11:29). Então, ele nos ensinará como realizar as escolhas de modo a glorificar a Deus fazendo o bem aos seres humanos. Sob sua instrução, veremos que se trata do tipo de vida mais emocionante que se pode imaginar, com uma vastidão e riqueza de criatividade pessoal que nunca pára de crescer.

Em segundo lugar, devemos aprender de Jesus sobre nosso caráter interior: receber uma nova substância, um novo ser interior (cf. Cl 3:9-10). Ele nos ensina, primeiramente, que esse é o plano de Deus para nós e aquilo que ele torna possível.

Os principais ensinamentos de Jesus sobre o coração piedoso, apresentados em Mateus 5:21-48, tratam de todas as atitudes diárias que incitam constantemente a perversidade humana: desprezo e hostilidade para com outros, lascívia e ódio no coração, a tendência de manipular outros, o desejo de vingança e de recompensas, e assim por diante. Jesus diz que todas essas coisas podem ser substituídas por benevolência, compaixão e pureza verdadeiras à medida que uma nova "substância" se forma dentro de nós.

Quando perguntamos "Como?", de nos leva de volta à primeira lição acima, em que ele nos garante nosso lugar e futuro nos propósitos eternos de Deus. Sob a perspectiva clara de nossa identidade aos olhos de Deus, nossos rancores e nossas concupiscências parecem tolos e repulsivos, uma vez que os vemos como Deus os vê.

Então, ele nos convida a segui-lo em suas práticas, como a solitude, o silêncio, o estudo, o serviço, a adoração etc. — chamamos tudo isso de "disciplinas espirituais". Junto de Jesus, a disposição de fazer o mal que habita os membros de nosso corpo é, por meio de uma longa prática, removida de forma gradativa e crescente. Nossa "carne" passa cada vez mais para o lado de nosso espírito e do Espírito de Deus, dedicando-se a servir a Deus. As disciplinas para a vida espiritual são uma parte essencial da formação interna decisiva que Jesus realiza em nós e não podemos jamais negligenciá-las.

Depois disso, ao progredirmos nas duas primeiras áreas do ensino de Jesus, ele começará a nos ensinar numa terceira área de informação absolutamente vital. Precisamos aprender sobre a forma efetiva como ele interage e se envolve conosco nas ocasiões concretas de nossas atividades diárias. Quando agimos "em seu nome", agimos como seus representantes, e ele sempre se envolve no processo. Precisamos aprender como isso funciona (e ele certamente nos ensinará ao *esperarmos* que ele entre em nossas circunstâncias) e nos mantermos atentos às suas ações.



Experimentei pessoalmente essas "interações" em vários tipos de contexto, de questões familiares a grandes projetos para escrever livros, reuniões acaloradas de comissões ou sessões de aconselhamento, ao ministrar palestras, resolver problemas de encanamento ou consertar o carro. Pode ter certeza de que, se seu desejo sincero é glorificar a Deus e abençoar outros com seus esforços, e se não estiver motivado por atitudes desamorosas, verá a mão de Deus se movendo com você à medida que você trabalha cheio de expectativa. Sua parte é simplesmente esperar a operação divina, ficar atento a ela, agradecer ao vê-la e, com base em sua experiência, incentivar outros a fazer o mesmo.

se você confiar em Jesus Cristo como seu mestre, ele lhe ensinará todas essas coisas. É claro que você deve sempre oferecer o melhor de si; também é verdade que sempre haverá algo a ser melhorado. Mas você certamente experimentará a realidade surpreendente da vida eterna de Deus fluindo em você a cada momento e para sempre. E, como podemos ver em pessoas e acontecimentos da Bíblia, os efeitos de seus esforços serão muito maiores que os resultados que seriam alcançados somente com suas habilidades.

# 4

## SEMELHANTES A JESUS: OS RECURSOS DIVINOS PARA UMA VIDA TRANSFORMADA ESTÃO SEMPRE DISPONÍVEIS

ALGUM TEMPO ATRÁS, me dei conta de que não amava meus vizinhos. Eram, sem dúvida, pessoas perigosas e desagradáveis—ex-motoqueiros que ganhavam a vida vendendo drogas.

Nunca haviam tentado fazer mal à minha família, mas o ir-e-vir constante de pessoas comprando drogas e, por vezes, usando-as na frente da casa, começou a esgotar minha paciência. Um dia, enquanto eu remoía o caso, deixando-me levar pela irritação, o Senhor me ajudou a ver que eu não tinha absolutamente nenhum amor por aqueles vizinhos e que, depois de "suportá-los" por tantos anos, eu experimentaria certa felicidade secreta se eles morressem e ficássemos livres deles. Percebi como era pequena minha verdadeira preocupação com todas as pessoas com as quais lidava ao longo do dia, mesmo quando estava tratando de "assuntos religiosos". Precisei reconhecer que nunca havia *buscado* ser preenchido pelo tipo de amor que Deus tem e me tornar mais semelhante a Jesus. Era tempo de começar essa busca.

Mas será que é possível ser como Jesus? Podemos, de fato, ter o caráter do Pai celestial? Sabemos que Deus demonstra amor sincero para com todos e sempre usa de bondade até para com os ingratos. Jesus também se mostrou misericordioso, perdoou de bom grado aqueles que o ofenderam e se alegrou em simplesmente dar, sem esperar nada em troca. É possível, como Paulo disse aos Efésios (5:1), sermos, portanto, "imitadores de Deus, como filhos amados".

Hoje, estou convicto de que podemos nos revestir do Senhor Jesus Cristo (Rm 13:14). Pessoas comuns em ambientes comuns podem viver da abundância do reino de Deus, permitindo que o espírito e as ações de Jesus transbordem naturalmente de sua vida. Ele pode tornar a "árvore" boa e como resultado natural, ela dará bons frutos (Mt 12:33). Essa vida nova que Deus concede envolve um objetivo e um método.

### O CORAÇÃO NO SENHOR E NOSSO CORAÇÃO

Como discípulos (literalmente *alunos*) de Jesus, nosso objetivo é aprender a ser iguais a ele. Começamos crendo que ele nos receberá como somos. Mas nossa confiança nele nos leva ao mesmo tipo de fé que ele possuía, uma fé que lhe permitiu agir como agiu. A fé de Jesus foi expressa em seu evangelho sobre o governo celeste, as boas novas do "Reino dos céus" (Mt 4:17). *Céu* é uma palavra profundamente expressiva. de Abraão (Gn 24:7) em diante passou a representar para o povo de Israel a *acessibilidade direta de Deus* aos seus filhos, assim como *sua supremacia sobre todas as coisas que*

*nos afetam.* Do céu, "os olhos do SENHOR voltam-se para os justos e os seus ouvidos estão atentos ao seu grito de socorro" (Sl 34:15; cf. também 1Pe 3:12).

Jesus fez questão de passar adiante a seus seguidores essa realidade do governo do céu que sustentava sua vida. Quando enviou seus doze amigos em sua primeira missão, disse-lhes que era como enviar "ovelhas entre lobos" (Mt 10:16). Seria como mandar borboletas contra metralhadoras. Mesmo assim — imagine as ovelhas ouvindo isso! — não precisavam temer. Dois pardais custam uma moedinha. E, no entanto, nenhum deles "cai no chão sem o consentimento do Pai". O céu está tão perto que até os cabelos de nossa cabeça são contados. "Portanto, não tenham medo", Jesus nos diz. "Vocês valem mais do que muitos pardais" (Mt 10:29-31).

#### SUBSTITUTOS BARATOS

Viver sob o governo do céu nos liberta e nos confere poder para amar como Deus ama. Mas fora da segurança e suficiência do céu, nos vemos amedrontados e irados demais para amar os outros ou a nós, de modo que providenciamos substitutos baratos na forma de prazeres e "amores" de vários tipos. Em linguagem contemporânea, poderíamos expressar a comparação que Jesus faz entre ágape, o tipo de amor que vem de Deus, e aquilo que normalmente se faz passar por esse amor como: "Grande coisa vocês amarem aqueles que amam vocês! Até os terroristas amam desse modo! se o seu 'amor' não passa disso, Deus certamente não faz parte dele. Suponhamos, ainda, que você seja amigável com 'pessoas do seu tipo'. A máfia também é!" (Mt 5:46-47).

Agora reflita: você alguma vez foi generoso e abençoou alguém que o insultou ou humilhou? Você consegue trabalhar sem esperar recompensa, visando ao bem de alguém que o despreza abertamente, que talvez lhe disse que preferia ver você morto? Você está torcendo de fato pelo sucesso de alguém que está concorrendo com você por um favor, cargo ou benefício financeiro? É isso o que fazem as pessoas controladas e permeadas pelo amor que vem de Deus.

Vi escrito num capacho "Sejam bem-vindos, amigos!". Mas será que você também é capaz de receber com sinceridade seus inimigos? Quando você empresta um vestido, aparelho de som, carro, ferramentas ou livros, consegue abrir mão desses objetos sem a esperança de que sejam devolvidos, como Lucas 6:35 sugere que façamos? Gosto de trabalhar com marcenaria e mecânica e, como os vizinhos logo descobrem, tenho várias ferramentas. Fico feliz quando tenho a oportunidade de emprestar uma serra elétrica, uma chave inglesa ou um alicate para alguém, pois vejo essas situações como um exercício de desapego e entrega a Deus. Com uma pontada de preocupação egoísta aqui e ali, estou aprendendo a amar os outros por meio desses pequenos gestos que fazem uma grande diferença em nossos relacionamentos.

#### UM "TRIÂNGULO DE OURO"

Se essa vida de fé e amor do céu é o alvo do discípulo de Jesus, a decorrência natural da nova vida em Cristo, como podemos começar a vivê-la? Apesar de, em certo sentido, ser o resultado da presença de Deus dentro de nós, o Novo Testamento também descreve um processo que faz parte do ato de nos "revestirmos" do Senhor Jesus Cristo. Esse é um tema discutido repetidamente na Bíblia sob três aspectos essenciais, cada um inseparável dos outros dois e todos inter-relacionados. O processo pode ser apresentado num "triângulo de ouro" da transformação espiritual, pois, para o discípulo, é tão precioso quanto o ouro e cada um de seus aspectos é tão essencial para o todo quanto os três lados de um triângulo.

Um aspecto ou lado desse triângulo é a aceitação constante dos problemas diários. Ao suportarmos as tribulações com paciência, podemos alcançar a certeza da plenitude do controle exercido pelo céu em nossa vida.

Tiago, o irmão de Jesus, começou sua mensagem à igreja instruindo seus membros a ficarem "sobremodo alegres" quando as dificuldades surgissem: "Meus irmãos, considerem motivo de grande alegria o fato de passarem por diversas provações, pois vocês sabem que a prova da sua fé produz perseverança" (Tg 1:2-3). Aplicada aos detalhes da vida cotidiana, a perseverança ou paciência nos torna "maduros e íntegros, sem [nos] faltar coisa alguma" (1:4).

Sem dúvida, Tiago aprendeu isso com Jesus, seu irmão mais velho, durante mais de vinte anos de uma vida em família que também teve momentos de animosidade (Jo 7:2-8). Não devemos jamais nos esquecer de que, durante boa parte de sua vida, Jesus trabalhou por conta própria realizando serviço braçal. Suas mãos tinham calos formados pelo uso de ferramentas do primeiro século equivalentes aos

maneios, às furadeiras, aos machados e às plainas. Na vila onde morava, Jesus era conhecido simplesmente como "o carpinteiro".

Lá, Tiago viu seu irmão praticar tudo aquilo que, mais tarde, pregou para o povo. Sabemos como é difícil negociar com clientes. Jesus também sabia. Cada uma das coisas que Jesus nos ensinou a fazer foi algo que ele teve de colocar em prática diariamente em condições como as nossas. Nas provações cotidianas, na vida em família e em comunidade, Jesus experimentou a suficiência do cuidado de Deus para com aqueles que simplesmente confiam nele e lhe obedecem. E, pelo menos em retrospectiva, Tiago entendeu. Uma vez que ele reconheceu a verdadeira identidade de seu irmão, percebeu o poder da paciência nos acontecimentos da vida diária — manifestado acima de tudo numa língua inofensiva (Tg 3:2) — como o caminho em que o caráter de Deus se desenvolve plenamente em nossa vida.

#### ABRINDO NOSSA VIDA PARA O ESPÍRITO

O segundo lado do triângulo é a interação com o Espírito de Deus dentro de nós e ao nosso redor. Como Paulo diz, viver no Espírito nos permite "andar" no Espírito (Gl 5:25). Essa personalidade onipotente e criativa, o "fortalecedor", o *parakletos* de João 14, aguarda com toda calma nosso convite para que ele opere em nós, conosco e por nós.

A presença do Espírito Santo pode sempre ser reconhecida pela maneira de ele nos mover em direção ao modo de ser e agir de Jesus (Jo 16:7-15). Sabemos que o Espírito está agindo em nós quando experimentamos em nosso ser interior a doçura celestial e o poder de vida — o amor, a alegria e a paz — que Jesus experimentou.

A vida no Espírito se manifesta, no exterior, de duas maneiras. Os *dons* do Espírito nos permitem realizar algumas funções específicas — como servir, curar ou liderar o culto —, com efeitos que superam, de forma clara, nossas capacidades. Esses dons cumprem os propósitos de Deus no meio de seu povo, mas não indicam, necessariamente, a condição de nosso coração.

O fruto do Espírito, em contrapartida, é indicador seguro de um caráter *transformado*. Quando aprendemos a deixar que o Espírito cultive a vida de Jesus dentro de nós, temos atitudes e inclinações mais profundas semelhantes às de Jesus. Paulo confessou: "Fui crucificado com Cristo. Assim, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim" (Gl 2:19-20). O resultado de Cristo viver em nós por meio do Espírito é fruto: "amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio" (Gl 5:22-23; cf. também Jo 15:8).

Tanto os dons quanto o fruto são o resultado, e não a realidade da presença do Espírito em nossa vida. O que nos transforma à semelhança de Cristo é nossa interação direta e pessoal com Cristo por meio do Espírito. O Espírito torna Cristo presente para nós e nos aproxima de sua semelhança. Ao contemplarmos desse modo "a glória do Senhor [...] estamos sendo transformados com glória cada vez maior, a qual vem do Senhor, que é o Espírito" (2Co 3:18).

#### AS DISCIPLINAS ESPIRITUAIS

O terceiro lado de nosso triângulo é constituído das disciplinas espirituais. Trata-se de atividades especiais, muitas delas praticadas por Jesus, como a solitude e o estudo, o serviço e o segredo, o jejum e a adoração. São maneiras pelas quais procuramos seguir a ordem do Novo Testamento de nos despojar ou não dar lugar aos aspectos meramente terrenos de nossa vida e nos revestir do novo homem (Cl 3:19-20; Ef 4:22-24).

A ênfase nessa dimensão da transformação espiritual é sobre *nossos* esforços. É verdade que recebemos abundantemente e que, sem a graça, não podemos fazer nada, mas também precisamos agir. Pedro nos diz: "Empenhem-se" (2Pe 1:5). *Nós* somos incumbidos de acrescentar virtude à nossa fé, conhecimento à nossa virtude, domínio próprio ao nosso conhecimento, perseverança ao nosso domínio próprio, piedade à nossa perseverança, fraternidade à nossa piedade e amor à nossa fraternidade (2Pe 1:5-7).

Paulo nos insta, "como povo escolhido de Deus, santo e amado", a renovar nosso ser interior com órgãos (literalmente "entranhas") de compaixão, bondade, humildade, mansidão, longanimidade, paciência, perdão e *ágape* (Cl 3:12-14). Não devemos apenas desejar ser pessoas misericordiosas, bondosas, despretensiosas e pacientes, mas também devemos *fazer planos* para adquirir essas qualidades. Ou seja, devemos descobrir o que promove a misericórdia, a bondade e a paciência em nossa alma e devemos remover ao máximo aquilo que representa um obstáculo para elas. cuidando para promover aquilo que nos torna mais semelhantes a Cristo.

Por exemplo, muitas pessoas bem-intencionadas não conseguem ser amáveis porque estão sempre com pressa. A pressa é acompanhada de preocupação, medo e raiva; é uma inimiga mortal da amabilidade e, portanto, do amor. Se esse é nosso problema, pode ser de grande ajuda separar um dia para um retiro de solitude e silêncio, em que descobriremos que o mundo sobrevive mesmo quando não estamos fazendo nada. Podemos meditar em oração para reconhecer claramente os danos causados por nossa insensibilidade e compará-los, com honestidade, aos benefícios reais (caso existam) de nossa pressa. Veremos que a pressa é, em sua maior parte, baseada no orgulho, na presunção, no medo e na falta de fé e, raras vezes, na produção de algo de valor verdadeiro para alguém.

Talvez planejem orar todos os dias pelas pessoas com as quais nos relacionamos com maior regularidade. Ou talvez tomemos a decisão de pedir perdão para um colega de trabalho por ofensas passadas. Quaisquer que sejam os resultados dessa reflexão feita em atitude de oração, podemos ter certeza de que nossa vida nunca mais será a mesma e de que desfrutaremos uma riqueza muito maior da realidade de Deus em nossa vida.

Assim, em termos gerais, nos "revestimos" do novo homem por meio das atividades diárias que estão a nosso alcance e nos tornamos aquilo que não conseguiríamos ser por um esforço direto. Se observarmos e seguirmos Jesus naquilo que ele fez quando não estava ministrando nem ensinando, veremos que estamos sendo conduzidos e capacitados a nos comportarmos como ele nos "momentos críticos".<sup>4</sup>

A característica mais evidente de todos aqueles que professam a Cristo, mas não crescem na semelhança com ele, é sua recusa em adotar as medidas sensatas e comprovadamente eficazes para o crescimento espiritual. É quase impossível alguém, que usa com regularidade os exercícios espirituais mais óbvios aos que conhecem o conteúdo do Novo Testamento, ter uma vida de frieza espiritual, perplexidade, aflição e fracasso.

#### COMO ESTRELAS NUM MUNDO DE TREVAS

Os três lados do "triângulo de ouro" da transformação espiritual são inseparáveis. Nenhum dos três nos proporcionará um coração e uma vida como os de Cristo sem os outros dois. Nenhum deles pode tomar o lugar do outro. No entanto, ligado aos outros, cada um certamente nos tornará cada vez mais semelhantes a Cristo.

Em Filipenses 2, o apóstolo reúne os três elementos numa declaração momentosa:

Ponham em ação a salvação de vocês com temor e tremor, pois é Deus quem efetua em vocês tanto o querer quanto o realizar, de acordo com a boa vontade dele. Façam tudo sem queixas nem discussões, para que venham a tornar-se puros e irrepreensíveis, filhos de Deus inculpáveis no meio de uma geração corrompida e depravada, na qual vocês brilham como estrelas no universo.

Filipenses 2:12-15

Quando aceitamos os acontecimentos e as tribulações que vão surgindo como oportunidades de recebermos a provisão de Deus, esperamos pacientemente a ação de seu Espírito em nossa vida. Com essa esperança, nos esforçamos ao máximo e colocamos em prática as maneiras pelas quais nosso ser interior pode assumir o caráter dos filhos do Altíssimo. Esse é o caminho para a mudança radical — suficiente para atender às necessidades do mundo e preparar as pessoas para serem a morada de Deus.

# 5

## A CHAVE PARA AS CHAVES DO REINO

<sup>4</sup> Veja Dallas WILLARD, *O espírito das disciplinas*. Rio de Janeiro; Habacuc, 2003, cap. 1.

UM PASTOR ME CONFIDENCIOU que gostava de passar alguns minutos pela manhã lendo o jornal, mas que tal atividade lhe parecia irresponsável. Essa era apenas uma das muitas coisas que ele não se permitia fazer ou que fazia com um sentimento de culpa, por causa de seu volume de trabalho. A incumbência que o sobrecarregava era fazer uma igreja pequena ser bem-sucedida em circunstâncias extremamente difíceis. Por mais diligente que ele se mostrasse, seus esforços nunca seriam suficientes enquanto a frequência aos cultos não fosse grande e crescente e não tivesse um templo e fluxo de caixa adequados.

Na verdade, esse peso interior que ele carregava não era muito diferente, em termos de quantidade, do peso que muitos pastores bem-sucedidos em igreja maiores e mais "prósperas" e que muitas pessoas que não se dedicam em tempo integral ao serviço cristão também carregam. A necessidade de realização é grande demais. A vítima é, invariavelmente, a vida pessoal e espiritual do pastor. E — como médicos, advogados e outros profissionais — muitas vezes ele desenvolve a convicção de que as circunstâncias em que trabalha são conflitantes com os objetivos que o levaram a escolher aquela profissão. A frustração intensa e as decepções andam lado a lado com o declínio das forças, da paz e da alegria. As condições e os hábitos de nosso trabalho no ministério parecem, com frequência, incompatíveis com a vida que Jesus viveu e que, sem dúvida, ele nos oferece.

Mas não precisa ser assim. Há um modo de administrar nossa situação ministerial e encontrar no serviço a alegria, a força e a visão que, obviamente, caracterizaram tanto o próprio Jesus como muitos de seus colaboradores e amigos ao longo das eras.

Aquele para o qual trabalhamos colocou em nossas mãos as chaves para o reino dos céus (Mt 16:19). Colocando de lado séculos de controvérsia eclesiástica sobre o significado dessa passagem, precisamos apenas entender que nossa confiança em Jesus como aquele a quem foi "dada toda a autoridade nos céus e na terra" (Mt 28:18) pode se tornar um acesso prático às riquezas do reino. Essas riquezas, por sua vez, permitem que façamos nosso trabalho e vivamos nossa vida na força, na alegria e na paz de Cristo.

Ao contrário do que se costuma pensar, ter as chaves não é uma questão de controlar o acesso ao reino. As chaves não significam, primeiramente, o direito de controlar o acesso, mas a oportunidade de desfrutá-lo. Imagine alguém que mantivesse todas as portas trancadas, carregando as chaves sempre consigo, mas que nunca tivesse entrado em sua própria casa! O que importa *é* ter acesso ao reino, viver nele.

Assim, Mateus 16:19 não tem um significado fundamentalmente distinto de Mateus 6:33: "Busquem mais do que qualquer coisa agir de acordo com o reino de Deus e ter sua bondade, e todo o resto que vocês precisarem será acrescentado" (paráfrase). Ou de Romanos 8:32: "Aquele que não poupou seu próprio Filho, mas o entregou por todos nós, como não nos dará juntamente com ele, e de graça, todas as coisas?". Ou, ainda, das palavras conhecidas de Filipenses 4:19: "O meu Deus suprirá todas as necessidades de vocês, de acordo com as suas gloriosas riquezas em Cristo Jesus".

Mas se temos abundância suficiente até para derrotar as "portas do inferno", por que não estamos sendo bem-sucedidos nessa tarefa? A resposta é que precisamos ter e usar a chave para as chaves. A abundância de Deus para nossa vida, nossa família e nosso ministério não é recebida passivamente; tampouco é imposta ou aleatória. Nós nos apropriamos dela e a colocamos em prática ao buscá-la de forma ativa e inteligente. Devemos procurar maneiras de viver e agir em união com o fluxo da vida do reino de Deus que deve resultar de nosso relacionamento com Jesus.

É evidente que não podemos fazer isso sozinhos. Mas precisamos agir. A graça é o oposto do mérito, não do esforço. E *o esforço devidamente direcionado, determinado e contínuo é a chave para as chaves do reino e para o poder e o descanso no ministério e na vida que essas chaves abrem para nós.*

Quais são algumas práticas que tornarão eficazes as chaves, concedidas em resposta à nossa fé em Jesus como Messias, em nossa vida como seguidores de Cristo e em nosso ministério? Temos a necessidade premente de ver a operação manifesta de Deus naquilo que somos e fazemos. Precisamos estar certos de que *ele* está levando a carga, o fardo que estamos sempre tão dispostos a tomar sozinhos sobre os ombros. Devemos entender que ele está no controle do *resultado* de nossos esforços e que o *resultado* será bom e correto. O termo bíblico "sábado" abrange tudo isso.

Jesus afirmou que o sábado foi feito para a humanidade (Mc 2:27). Ou seja, ele serve à vida humana de formas essenciais. Sem ele, a vida não poderia ser aquilo que deve. É por isso que se encontra nos Dez Mandamentos, no cerne da lei moral. Não é algo que fazemos porque Deus exigiu de nós arbitrariamente, um arco sem sentido através do qual ele nos obriga a pular. O sábado é uma



dáviva de Deus para nós. Ao mesmo tempo, deixa claro que nossa vida e nosso ministério também são dádivas divinas.

O sábado é um estilo de vida (Hb 4:3,9-11) que nos liberta da servidão de nossos próprios esforços. Somente desse modo podemos obter o poder e a alegria de uma vida radiante no ministério e no trabalho e ser uma bênção para todos ao redor. E, no entanto, o sábado praticamente deixou de fazer parte da existência dos cristãos modernos e de seus pastores.

O que é o sábado? Em termos bíblicos é, essencialmente, um dia semanal em que não realizamos nenhum trabalho: "Trabalharás seis dias e neles farás todos os teus trabalhos, mas o sétimo dia é o sábado dedicado ao SENHOR, o teu Deus. Nesse dia não farás trabalho algum..." (Êx 20:9-10). Também era um ano, a cada sete anos, em que o povo da aliança de Deus não semeava, não podava as vinhas nem armazenava as colheitas (Lv 25:4-7). E à pergunta "Como vamos comer no sétimo ano?", Deus respondeu: "... eu lhes enviarei a minha bênção no sexto ano, e a terra produzirá o suficiente para três anos" (Lv 25:21).

Sem dúvida, o princípio moral também pode ser aplicado à nossa vida não-agrária, ainda que os detalhes dessa aplicação representem um grande desafio para nossa fé. Em termos bastante práticos, o sábado é simplesmente "lançar sobre ele toda a [nossa] ansiedade" e descobrir que, na verdade, "ele tem cuidado de [nós]" (cf. 1 Pe 5:7; SI 37:3-8). É *usar* as chaves do reino para receber os recursos para a vida e o ministério frutíferos.

Três práticas ou disciplinas espirituais são especialmente úteis para tornar o sábado uma realidade em nossa vida: a *solitude*, o *silêncio* e o *jejum*. São três disciplinas centrais de abstinências há muito praticadas pelos seguidores de Jesus para ajudá-los a se firmar e manter firmes no reino que não pode ser movido — em meio a uma vida ocupada e produtiva, ou mesmo uma vida de tribulação, conflito e frustração.

Para a maioria de nós, o sábado não se tornará possível sem a prática extensa e regular da solitude. Precisamos desenvolver a prática de passar tempo sozinhos, sem contato com os outros, num lugar confortável dentro ou fora de casa, sem trabalhar. Não devemos levar trabalho para a solitude, ou ela nos escapará — mesmo que esse trabalho seja na forma de estudo bíblico, oração ou preparação de sermões; se o levarmos conosco, não estaremos sós. Uma tarde andando na beira de um riacho ou na praia, nas montanhas ou sentado num cômodo confortável ou no quintal é uma boa forma de começar. Essa prática deve ser semanal. Pode ser estendida para um dia, ou um dia e uma noite, num local de retiros onde seja possível ficar sozinho. Depois disso, um fim de semana, ou uma semana, conforme o bom senso ditar.

Para muita gente, esse tempo pode ser bastante assustador no início. Mas não devemos tentar convencer Deus a "fazer alguma coisa" para preencher nosso tempo. Isso nos levaria de volta ao trabalho. O mandamento é "não trabalhe". Apenas abra espaço. Atente para o que está ao redor. Aprenda que você não precisa *fazer* para *ser*. Aceite a graça de não fazer nada. Mantenha-se firme nesse propósito até que toda a inquietação tenha passado.

A solitude devidamente praticada quebrará o poder da hiperatividade, da pressa, do isolamento e da solidão. Você verá que não está carregando o mundo nos ombros. Encontrará a si, e Deus encontrará você de novas maneiras. A alegria e a paz começarão a borbulhar dentro de você e aparecer em coisas e acontecimentos ao seu redor. O louvor e a adoração virão até você e de dentro de você. Com a prática, a "âncora da alma" firmada na solitude permanecerá firme quando você voltar à sua vida habitual com os outros.

O silêncio também traz o sábado até você. Silêncio significa quietude, liberdade dos sons, exceto os naturais como a respiração, o canto dos pássaros, o vento e a água se movendo suavemente. Também significa não falar. O silêncio completa a solitude, pois, sem ele, não é possível ficar só. Continuamos sujeitos às atrações e às pressões do mundo que nos deixam exaustos e nos mantêm sob um jugo de servidão, distraíndo-nos de Deus e de nossa alma. Longe de ser uma simples ausência, o silêncio permite que a realidade de Deus penetre nossa vida. É como o vento da eternidade soprando no rosto. "Aquietai-vos e sabeis que eu sou Deus." O Senhor não costuma competir por nossa atenção. É no silêncio que começamos a escutá-lo.

Quando paramos de falar, *nos entregamos* à realidade e a Deus. Assumimos uma postura de ouvir, em vez de arrumar as coisas com nossas palavras. Suspendemos nossos planejamentos e nossas negociações, nossas "maquinações". Quanta energia não gastamos com isso! Deixamos as coisas quietas. Colocamos a opinião dos outros a nosso respeito nas mãos de Deus.

É claro que há um tempo para falar e um tempo para ficar na companhia de outros. Mas não podemos ter conversas e comunhão seguras e ricas se não fortalecemos nossa alma na solidude e no silêncio. Se ouvimos as boas novas e cremos em nosso Salvador, ele virá ao nosso encontro por meio da prática freqüente da solidude e do silêncio para firmar seu amor, sua alegria e sua paz em nós. Nosso caráter será cada vez mais semelhante ao dele — de forma tranqüila e plena. É muito difícil encontrar uma pessoa que tenha realizado grande progresso na vida espiritual sem haver, em algum ponto de sua vida, dedicado longos períodos à solidude e ao silêncio.

Um pastor que está fazendo essas descobertas escreve: "Ao desacelerar o ritmo de minha vida pelo silêncio e pela solidude, encontrei tanto a perversidade que se esconde numa vida apressada quanto o deleite e o encanto que o Pai tem em mim. Pode parecer estranho, mas por meio de períodos planejados de prática das disciplinas espirituais minha caminhada com Jesus se tornou mais espontânea. Ele está mais presente em meu dia. Tenho demonstrado mais amor por outros e progredido na luta para superar a raiva e o desejo de fazer as coisas à minha maneira. Em resumo, Jesus tem mais acesso e controle sobre minha vida. Estou mais sintonizado com a voz tranqüila e suave do Espírito".

O jejum é outra forma comprovada de praticar o sábado em que vivemos e trabalhamos na dependência total de Deus. Ao jejuarmos, nos abtemos do alimento habitual de forma significativa por um período significativo. Como a solidude e o silêncio, o jejum não é um exercício feito para impressionar a Deus ou merecer seu favor, como também não sugere que há algo de errado em comer. Antes, é feito para que possamos experimentar conscientemente o sustento direto que Deus provê a nosso corpo e a nosso ser como um todo. Estamos usando as chaves para ter acesso ao reino.

Esse conceito de jejum é apresentado por Jesus em Mateus 4:4 (referência a Dt 8:2-6) e em João 4:32-34. Na verdade, jejuar é banquetear. Quando tivermos aprendido a jejuar adequadamente, não sofreremos com essa prática. Ela nos dará força e alegria. Não nos sentiremos infelizes, de modo que Jesus nos diz para não parecermos infelizes (Mt 6:16). Será que ele estava sugerindo que fingíssemos um estado de alegria e saciedade enquanto jejuamos? Certamente não. Ele sabia que teríamos "algo para comer" que os outros "não conhecem". Como tantas outras pessoas, posso dizer que experimentei isso repetidamente em minha vida.

Jejuar é uma forma de buscar e encontrar o verdadeiro reino de Deus presente e ativo em nossa vida. E por estarmos mais imersos na realidade do reino, utilizando as chaves de forma prática, nossa vida assumirá o caráter e poder de Jesus. Com isso, nosso trabalho certamente será o trabalho dele, aquilo que ele está operando. Apesar de agirmos e, com freqüência, trabalharmos arduamente, em última análise, a batalha não é nossa, e o resultado está nas mãos dele. Não "batalhamos" pelos resultados.

Outro pastor comentou sobre sua experiência com o jejum: "Fiquei surpreso como foi só depois do jejum que comecei a perceber algo em relação a esse exercício. Voltei do jejum com uma impressão clara de propósito e uma sensação renovada de poder em meu ministério. Meus episódios de raiva que afetavam minha esposa e meus filhos se tornaram menos freqüentes, e o materialismo que estava sufocando minha espiritualidade perdeu força". Talvez sua constatação pareça estranha, mas é extremamente profunda!

Ainda outro pastor disse: "Desenvolvi a prática regular de jejuar antes e durante os períodos em que prego. Sinto uma consciência mais profunda de minha dependência e do poder das palavras que são proferidas. Isso foi comprovado por uma pessoa querida de minha igreja que cuida das gravações dos cultos. Ela comentou que desde janeiro deste ano o número de pedidos de gravações dos sermões dobrou e concluiu: "Não sei o que está acontecendo, mas seja o que for, continue assim!".

A prática experimental e equilibrada da solidude, do silêncio e do jejum — e de outras disciplinas apropriadas como o serviço, a comunhão, a adoração e o estudo (não existe uma *lista* completa de disciplinas espirituais) — certamente nos conduzirá às riquezas da vida no reino. *Elas* são a chave das chaves. Não precisamos viver sob a tirania das circunstâncias. Para a maioria de nós, trata-se de uma grande prova de fé controlar o modo de usarmos o tempo. Mas a decisão é nossa. E colocar em prática de forma sensata as disciplinas bíblicas que promovem comprovadamente a vida espiritual logo nos levará a uma riqueza de vida que é eterna em qualidade e poder.



# Parte 2

## A FORMAÇÃO ESPIRITUAL E O DESENVOLVIMENTO DO CARÁTER

### 1

#### A FORMAÇÃO ESPIRITUAL EM CRISTO É PARA A VIDA TODA E PARA A PESSOA TODA

CERTA VEZ FUI CONVIDADO a participar de um congresso. Quando recebi a carta de convite do reitor George e do professor McGrath, fiquei feliz em saber que o congresso visava a "ênfatisar a co-inerência da integridade teológica e vitalidade espiritual".

Que palavra linda: "co-inerência". Ela transmite a idéia de que a integridade teológica e a vitalidade espiritual devem ser propriedades da mesma coisa, a saber, da vida individual. Esse é o significado de co-inerência. Quando você pega um torrão de açúcar para colocar no café (se você é daqueles que faz esse tipo de coisa), a forma cúbica, a cor branca e a doçura são propriedades que co-inerem na mesma coisa: o torrão de açúcar.

No caso da integridade teológica e da vitalidade espiritual, creio que isso significa que não se pode ter uma coisa sem a outra. Podemos aceitar esse significado? se o fizermos, nos veremos em apuros ao considerar nossas práticas atuais. Isso porque, hoje em dia, a circunstância mais comum é encontrar esses elementos, ou aquilo que acreditamos que são, separados um do outro.

Tentarei discutir algumas das questões que considero extremamente importantes quanto a esse assunto tratando, para isso, de oito pontos.<sup>5</sup>

Jesus disse:

Eu lhes mostrarei com quem se compara aquele que vem a mim, ouve as minhas palavras e as pratica. É como um homem que, ao construir uma casa, cavou fundo e colocou os alicerces na rocha. Quando veio a inundação, a torrente deu contra aquela casa, mas não a conseguiu abalar, porque estava bem construída.

Lucas 6:47-48

Ele também declarou: "Por que vocês me chamam 'Senhor, Senhor' e não fazem o que eu digo?" (Lc 6:46). E ainda: "Foi-me dada toda a autoridade nos céus e na terra. Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo" (Mt 28:18-20). Espero que você concorde comigo que ele não estava se referindo apenas a encharcá-los enquanto proferimos as palavras apropriadas; antes, "batizando-os em nome" se refere a entregá-los, mergulhá-los na realidade da comunidade trinitária. E devemos ensiná-los "a obedecer a tudo" o que Jesus lhes ordenou. Esse é, naturalmente, o próximo passo que completa o processo do qual Jesus incumbiu seu povo.

Seria justificável uma pessoa entender, com essas palavras, que o plano de Jesus para nós implica *obediência*? O que está faltando na vida evangélica de hoje não é, num primeiro momento,

---

<sup>5</sup> Esses pontos principais são desenvolvidos detalhadamente em Dallas WILLARD, *A renovação do coração*. São Paulo: Mundo Cristão. 2007.

*espiritualidade*, mas, sim, *obediência*. Estamos formando um tipo de religião em que a obediência não é considerada essencial.

Devo advertir você de que provavelmente vou dizer algumas coisas que vão irritá-lo; portanto, tenha misericórdia de mim. Vou simplesmente dizê-las, contando com a presença e o auxílio do Espírito de Cristo. (Algumas pessoas de meu círculo mais íntimo afirmam categoricamente que já me enganei sobre determinada coisa ou outra no passado e aceito esse fato.)

E, talvez, você pense que estou errado ao fazer a declaração sobre a obediência. No entanto, não sei como é possível alguém considerar com sinceridade o conteúdo das Escrituras e dizer que os planos de Jesus dizem respeito a alguma outra coisa senão à obediência. Logo, meu primeiro ponto é simples: a vida em Cristo é uma questão de obediência a seu ensinamento. Se esse não for nosso ponto de partida, podemos esquecer de qualquer espiritualidade distintivamente *cristã*. Essa obediência é expressa de formas magníficas (p. ex.: "Ame o Senhor, o seu Deus de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todo o seu entendimento") e de formas simples (p. ex.: "amem seus inimigos", "orem por aqueles que os perseguem").

Talvez você pense que não encontrará claramente as magníficas palavras em seu cotidiano e imagine que são um tanto elusivas. Mas, com certeza, deparará com as palavras simples. Numa ação simples como dirigir pelo trânsito da cidade, encontrará pessoas que o xingarão e será desafiado a abençoá-las. E "se alguém der mesmo que seja apenas um copo de água fria a um destes pequeninos, porque ele é um discípulo, eu lhes asseguro que não perderá a sua recompensa", e assim por diante. Essas são algumas das palavras "simples" de Jesus.

Mas estar vivo em Cristo é, em si, uma questão *espiritual* (cf. Jo 3). Assim, a vida em Cristo envolve, essencialmente, a espiritualidade. Concordo com o palestrante que considerou a própria idéia atual de espiritualidade um tanto divertida. Eu também fiz um levantamento, na Internet, do que anda acontecendo nessa área. Por pouco não saí correndo quando vi o que aparece quando se digita "espiritualidade" em algum *site* de busca. É inacreditável! E é claro que, no caso da "espiritualidade cristã", pode-se encontrar no âmbito virtual, assim como na vida em geral, um universo extremamente esquisito. No entanto, precisamos lembrar que, apesar de tudo isso, Deus é espírito e está procurando pessoas que o adorem *em espírito* e em verdade. Creio que isso significa pessoas que, no cerne de seu ser, além de todas as aparências do mundo físico por meio de seu corpo, desejam ser inculpáveis e justificadas diante de Deus. Assim, dedicam inteiramente o mais íntimo de seu ser — o coração, a vontade ou o espírito — a alcançar esse objetivo.

Deus está procurando pessoas assim. E, de vez em quando, é possível que ele encontre alguém que não recebeu uma orientação doutrinária ou prática perfeita, mas que *estava* procurando por ele e tentando adorá-lo em espírito e em verdade. Ele pode se comunicar com essa pessoa e avivar seu espírito com o Espírito dele. Ele pode conduzir essa pessoa para mais perto dele, ao passo que não há muita esperança para aquele que não está procurando adorá-lo em espírito e em verdade. Paulo diz em Filipenses 3:3: "Pois nós é que somos a circuncisão, nós que adoramos pelo Espírito de Deus, que nos gloriamos em Cristo Jesus e não temos confiança alguma na carne". Isso significa que depositamos nossa confiança naquilo que é espiritual: nosso espírito junto com o Espírito de Deus (Rm 8; 2Co 4—5).

Muitos de vocês sabem que nas Escrituras a "carne" é associada com maior frequência não a "cigarros, uísque e mulheres devassas", mas, sim, a atividades *religiosas*. Quando, em Filipenses 3:3, Paulo diz que tem "razões para ter tal confiança [na carne]", ele prossegue apresentando uma lista impressionante de *credenciais religiosas*. Quando Paulo fala aos coríntios sobre os cristãos *carneais*, a referência é a pessoas que estão discutindo sobre quem é o melhor pregador e líder na igreja. Trata-se de um assunto sírio quando consideramos as coisas que acontecem dia-a-dia em nosso meio. A carne representa, basicamente, aquilo que é natural — as capacidades humanas sem assistência espiritual ou divina. E, em nossas atividades religiosas, é possível dependermos da carne *nesse sentido*.

Não vou tratar em detalhes acerca de Romanos 8:1-14, mas peço que vocês estudem esse texto com atenção: "Portanto, agora já não há condenação para os que estão em Cristo Jesus, porque por meio de Cristo Jesus a lei do Espírito de vida me libertou da lei do pecado e da morte" (Rm 8:1-2). Digo-lhe com toda seriedade que essa passagem *não* é sobre o *perdão dos pecados*. E, de fato, convém observar que, na hermenêutica evangélica em geral, um problema que ocorre com frequência é interpretar passagens que *não* são sobre o perdão dos pecados como se fossem e deixar de ver que, na realidade, essas passagens falam de *nova vida* (ou seja, espiritualidade fundamental) em Cristo.

Uma das passagens mais conhecidas desse grupo é João 3. Não se trata de um texto sobre perdão. Ele fala das "coisas celestiais", da vida espiritual. Fala da vida no Espírito e daqueles que são nascidos do Espírito. E quando chegamos ao fim da passagem maravilhosa de Romanos 8:1-14, lemos: "... porque todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus". Ao estudar essa passagem, creio que você perceberá que Paulo está se referindo a um poder que entra em nossa vida, um poder que vem com a regeneração espiritual. E esse poder é, evidentemente, o próprio Deus e todos os recursos que ele tem a seu dispor, desde o próprio Espírito Santo, o Cristo ressurreto em seu reino, o poder da Palavra escrita, os embaixadores angelicais, outros indivíduos que são herdeiros da salvação, até a vida e os tesouros espirituais encontrados no Corpo de Cristo, visível e também triunfante.

O que dizer, então, do *espírito*? O espírito é *realidade e poder pessoais não corpóreos*. Como se espera — ou se teme — de alguém que passa a maior parte do tempo trabalhando no campo da filosofia, vou tentar usar as palavras com grande cuidado. Uma das coisas que mais me perturba no cenário atual é que muitas pessoas não têm nenhum conceito de *espírito*. Assim, para muitos cristãos, Deus é apenas uma figura embaçada. Temos hoje pessoas em meios "cristãos" que acreditam em Jesus, mas não em Deus. Falta-lhes uma idéia clara o suficiente de Deus para formar uma crença a respeito dele. E grande parte de seus problemas é resultante de sua ignorância acerca do tipo espiritual de ser.

Em termos bíblicos Deus é, *paradigmaticamente, poder pessoal não corpóreo*. Tudo o que é corpóreo — o universo físico em sua totalidade e em suas partes — vem dele e depende dele. O Espírito pode *entrar num corpo e agir com ele* (como também é o caso do espírito humano), mas ele não é *do corpo*, nem mesmo no caso humano. Não é derivado do físico. Infelizmente, as limitações de lauda não me permitem tratar desse ponto em mais detalhes, usando as abordagens filosóficas pertinentes.

O espírito é *pessoal*, e não impessoal. Essa história de "a força esteja com você" não tem nenhuma relevância aqui. Esse é um dos conceitos mais importantes que precisamos entender no contexto atual. É evidente que a natureza pessoal do espírito é vista de modo supremo e evidente na natureza trinitária de Deus. Como um escritor puritano de outrora costumava dizer: "O próprio Deus é uma amável sociedade". Em última análise, só é possível entender o conceito de personalidade à luz da natureza trinitária de Deus. Ele é pessoal em realidade e poder — o poder que opera por meio de raciocínio, escolha e avaliação, e não uma força cega que pode ser manipulada se conseguirmos encontrar a técnica correta.

O que vemos quando as muitas "espiritualidades" de nosso tempo são desmascaradas é uma série de variações da *idolatria*. Não passam de tentativas humanas de usar meios humanos para obter identidade e poder para o indivíduo. A idolatria é marcada pelo desejo de usar Deus para nossos propósitos. Várias de nossas "espiritualidades" atuais, incluindo muitas das que se dizem "cristãs", são, na verdade, formas de idolatria. Poderia contar uma porção de histórias engraçadas para ilustrar isso — não histórias cômicas, mas tragicômicas, daquelas que dá vontade de chorar.

Algum tempo atrás, coordenei um retiro num centro católico de eventos. A cena altura, uma das pessoas que trabalhava no local fez uma série de avisos, incluindo este: "O padre fulano-de-tal dará cursos de espiritualidade zen nos seguintes horários... O padre fulano-de-tal é conhecido por *reintroduzir* meditação budista na teologia católica". Reintroduzir? Hoje em dia, muitas pessoas que atuam no campo bastante amplo da espiritualidade acreditam que Jesus foi um exemplo de espiritualidade zen, mas que esta se perdeu e só agora está começando a ser resgatada. A espiritualidade zen é uma forma de idolatria do ego humano.

Creio que pode ser proveitoso incluir aqui o resumo da palestra na qual este artigo se baseia. Esse texto foi impresso no programa do evento, e os organizadores permitiram gentilmente que eu usasse um pouco mais de espaço do que de costume. Precisamos encarecidamente entender o que é espiritualidade e fazemos isso tratando da *vida espiritual*. Eis o texto que foi impresso no programa:

A espiritualidade e a formação espiritual são questões que envolvem a vida como um todo. Para o ser humano, uma "vida espiritual" consiste no conjunto de atividades em que, sendo nascido espiritualmente pela iniciativa de Deus e por intermédio da Palavra, o indivíduo interage de forma cooperativa com Deus e com a ordem ("reino") espiritual derivada da personalidade e das ações de Deus. O resultado é toda uma qualidade nova de existência humana com poderes novos correspondentes. Uma pessoa é "um ser espiritual" à medida que

sua vida e integrada de fato no reino ou no governo de Deus e dominada por ele. Para o "bebê na fé", grande parte de sua personalidade corporificada e concretamente socializada não se encontra sob a direção de Deus, e a reintegração de sua vida como um todo sob o controle de Deus ainda não foi alcançada.

É importante nos apegarmos ao uso dessa linguagem, pois a espiritualidade, como esta é entendida de modo geral nos dias de hoje, refere-se à *dimensão humana*, e não ao poder de Deus. Por vezes, diz respeito ao poder de demônios e, por vezes, do Diabo, pois ele também é um ser espiritual no sentido já explicado.

Em contraste com isso, a espiritualidade, como o termo é usado em nosso tempo, se refere simplesmente a *uma forma de conduzir a vida religiosa*.<sup>6</sup> Uma espiritualidade pode, então, ser apenas um exercício de habilidades humanas. Assim, temos hoje a espiritualidade quacre, a franciscana, a beneditina e até a batista. Elas podem ou não ser constituídas de atividades e formas de viver que uma pessoa teria como adotar mesmo se Deus não existisse.

Claro que há diferentes modos de "praticar" a religião. Há o modo dos católicos, dos batistas, dos hindus, e assim por diante. E essas modalidades caracterizam seus praticantes de formas facilmente identificáveis. Alguns anos atrás, peguei um avião de Chicago para Louisville e, para mim, todos a bordo pareciam batistas. Os membros dessa denominação têm uma expressão exterior peculiar. Não sei dizer ao certo o que é, mas, com frequência, posso reconhecer essas características, pois convivi com batistas a vida toda.

É por isso que fico particularmente emocionado de estar aqui sob o retrato de Lottie Moon no alto da cúpula.<sup>7</sup> Ela faz parte de minha vida desde minha infância; lembro-me das ofertas anuais para missões, das aulas sobre a vida de Lottie Moon e de muitas outras coisas. Fico feliz em vê-la ao lado de todos esses homens. Ela foi uma mulher e tanto, e é uma grande emoção fazer parte daquilo que ela é parte. Tudo isso é relacionado ao que Paulo diz aos coríntios: "... temos esse tesouro em vasos de barro" (2Co 4:7). Não podemos evitar ter um vaso. Um tem um vaso batista, outro tem um vaso beneditino, e você, um vaso menonita, e assim por diante.

O problema começa quando confundimos o vaso com o tesouro, pois *o tesouro é a vida e o poder de Jesus Cristo*. Precisamos ter uma forma de vida, um vaso, uma "espiritualidade", por assim dizer. Aqui na terra, não podemos ser inteiramente espirituais. O caráter corpóreo e, portanto, social, faz parte de todos nós. Serei, por toda eternidade, filho de meus pais. Serei sempre filho de Albert e Mamie Willard. E serei sempre a pessoa que cresceu na Primeira Igreja Batista de Buffalo, na Primeira Igreja Batista de Willow Springs e na Primeira Igreja Batista de Rover, todas no Missouri. Sou grato a Deus por tudo isso. Porém, se eu fizer disso minha vida espiritual, começarei a pensar que ser um batista zeloso é mais importante do que ser um cristão zeloso, que obedecer, com todo o meu ser, a Jesus Cristo. Terei voltado à carne e me tornado espiritualmente desequilibrado.

Você pode substituir "batista" por qualquer outra coisa. Não faz muita diferença. Se a espiritualidade é apenas um meio de conduzir a vida religiosa, no fim, é quase tudo igual. O problema é que conduzir a vida religiosa pode se tornar algo inteiramente cultural. E podemos idolatrar nossa cultura religiosa. Há incontáveis maneiras de fazer isso. É muito importante nos lembrarmos de que *uma cultura pode nos aprisionar e impedir nosso acesso à espiritualidade do reino de Deus*, como vemos em João 3 e Romanos 8, por exemplo.

Lamento ter de dizer isso, mas uma pane considerável do que consideramos cristão *não é* manifestação do poder sobrenatural de Deus em nossa alma; é apenas humano. E, agora, devo dizer algo terrível, então se preparem ou tampem os ouvidos. A Igreja de Jesus Cristo não está necessariamente presente onde os sacramentos estão sendo ministrados de forma correta e onde a Palavra de Deus está sendo pregada com fidelidade. A Igreja de Deus está presente onde as pessoas se reúnem pelo poder da vida ressurreta de Jesus Cristo. É possível ter a ministração dos sacramentos e a pregação da Palavra de Deus como meros exercícios humanos. E a interpretação incorreta da Igreja nesse sentido é uma das coisas que cria um grande problema para a integração da teologia e da espiritualidade. Isso porque, como enfatizei, uma teologia que não é saudável acaba com todas as perspectivas de uma espiritualidade proveniente da vida em Cristo.

<sup>6</sup> Para um excelente exemplo, veja Richard McBRIEN, *Lives of the Saints*, HarperSanFrancisco: 2001, p.18ss. 2001. p. 18ss.

<sup>7</sup> Charlotte Digges "Lottie" Moon (1840-1912), missionária da Igreja Batista do sul dos Estados Unidos. Trabalhou quarenta anos na China, onde faleceu (N. da T).

Onde estamos? No primeiro dos oito pontos, afirmamos que a vida em Cristo e, portanto, a espiritualidade *bíblica*, diz respeito à obediência a Cristo. De acordo com o segundo ponto, a vida em Cristo é uma questão de "espírito". Vimos no terceiro ponto que a vida espiritual é uma questão de vivermos nossa vida *a partir* da realidade de Deus. No quarto ponto, afirmamos que a espiritualidade cristã é sobrenatural e só pode ser alcançada pelo poder de "uma vida do alto".

A vontade de obedecer é a força motriz da espiritualidade em Cristo. Mas, em vários meios cristãos, a espiritualidade tornou-se apenas mais uma dimensão do consumismo cristão. Ceramos um conjunto de indivíduos que consomem serviços cristãos e acreditam que isso é fé cristã. O consumo de serviços cristãos toma o lugar da obediência a Cristo. E a espiritualidade é apenas mais um item a ser consumido. Participo de muitos congressos cristãos e converso sobre essas coisas e, com frequência, encontro pessoas que estão apenas consumindo mais serviços cristãos.

Mas *precisamos* falar sobre espiritualidade, o que nos leva, naturalmente, a falar sobre *disciplinas espirituais*. As disciplinas espirituais são atividades que estão a nosso alcance e que nos permitem fazer aquilo que não somos capazes de fazer por um esforço direto. Entoar hinos, por exemplo, é uma disciplina espiritual importante. Não estou falando apenas de cantar hinos na igreja, mas de cantá-los em nossa vida diária. Precisamos dizer, neste quarto ponto, que a espiritualidade cristã é sobrenatural e se concentra na obediência a Cristo, que quando cantamos hinos, devemos manter nossa mente e vontade atentas para aquilo que estamos cantando. Somente assim o resultado será sobrenatural.

Gosto do hino antigo "Mais perto da tua cruz, quero estar, ó Salvador! Mais perto da tua cruz, sempre quero estar, Senhor!". Mas o que significa se aproximar da cruz de Jesus? O que isso quer dizer na prática? Significa apenas um coração mais caloroso de vez em quando, ou significa *viver* seguindo os passos do Jesus da cruz e da ressurreição? Creio que é a segunda opção, que se refere a uma união ativa. *A união ativa com o Deus trino é espiritualidade cristã*. É assim que a vida retira seu sustento de Deus. Mais peno quero estar! Ou "crescer em graça". O que isso significa? Não significa receber mais perdão. Voltarei a esse assunto daqui a pouco.

Meu quinto ponto diz respeito à *formação espiritual*. A "formação espiritual" se refere ao *processo* de moldar nosso espírito e lhe dar um caráter definido. Significa a formação de nosso espírito em conformidade com o Espírito de Cristo. É evidente que isso envolve a operação do Espírito Santo. Mas o enfoque da formação espiritual é sobre *nosso* espírito. (Perdoem-me se estou enganado, mas considero o espírito, a vontade e o coração equiparáveis no ser humano. São nomes diferentes para o mesmo componente da pessoa.) A formação espiritual em Cristo é o *processo* pelo qual o ser mais íntimo do indivíduo (o coração, a vontade ou o espírito) assume a qualidade ou o caráter do próprio Jesus. Essa é a definição de formação espiritual e precisamos comentar por que esse assunto está tão em voga nos últimos anos.

A formação espiritual não é, evidentemente, um tema inédito na Igreja como um todo, mas é nos meios evangélicos. Creio que isso se deve ao fato de termos chegado a um momento de necessidade óbvia de algo novo e mais profundo. "Discipulado" é uma palavra tão mal utilizada que praticamente perdeu seu significado. Nas alas de direita da teologia, o discipulado se tornou equivalente a preparar pessoas para ganhar almas, sob a direção de iniciativas parcesiásticas que tiveram o discipulado transferido para elas porque este não estava sendo realizado nas igrejas locais. Nas alas de esquerda, o discipulado adquiriu a conotação de uma atividade ou um serviço social, de servir sopa a moradores de rua a fazer protestos políticos... qualquer coisa. O termo "discipulado" se encontra completamente deteriorado no que se refere a qualquer conteúdo bíblico e psicológico sólido.

Outro fator que contribuiu para o interesse na formação espiritual foi a desintegração da importância das diferenças denominacionais. Hoje em dia, é muito raro encontrar alguém que acredite que sua identidade denominacional lhe garante algo relevante em termos de conteúdo cristão. Talvez ainda haja quem acredite nisso, mas tal idéia se restringe a círculos bastante limitados. Sociologicamente, perdemos o sentido da membresia denominacional. A maioria das pessoas que se dizem cristãs — evangélicas ou não — vai de uma igreja para outra e usa como parâmetro de escolha a congregação local e sua liderança, e não a denominação — ou pelo menos não apenas isso. Muitos, especialmente os mais jovens, não fazem idéia do que representam as diferenças entre as denominações. Pouco tempo atrás, a filha de um conhecido meu lhe perguntou: "De qual franquia somos membros?".

Gostaria de saber, por exemplo, quantas igrejas batistas ainda exigem — como faziam em minha juventude — que, ao pedir transferência por causa de uma mudança de bairro ou cidade, você se torne membro de outra igreja *batista*.



Com a desintegração da filiação e linguagem denominacional, torna-se necessária uma nova linguagem. A formação espiritual está preenchendo essa lacuna ao expressar a essência e a profundidade de nosso compromisso com Cristo com uma linguagem verdadeiramente interdenominacional ou não-denominacional. No entanto, seu aspecto mais importante é a tentativa de voltar o foco para a necessidade de transformação *interior* e, segundo estatísticas e relatos informais, é comum encontrar em nossa cultura cristãos que não diferem expressivamente de não-cristãos. Claro que isso não se aplica a todos os cristãos. Um levantamento cuidadoso mostra que existe um grupo de cristãos que difere radicalmente dos não-cristãos, mas esse tipo de compromisso é entendido, mesmo no meio dos cristãos, como uma espécie de opção ou luxo espiritual. Daí, meu quinto ponto: a formação espiritual é um processo pelo qual o ser mais íntimo do indivíduo assume a qualidade ou caráter de Jesus.

Meu sexto ponto é que esse processo não é uma questão *apenas* de espírito ou coração. Devemos ter cuidado com a maneira de falar a respeito da pessoa e de suas diversas partes. Antes, a formação espiritual é um processo que envolve a vida como um todo e traz mudanças em todas as partes essenciais da pessoa. Não trabalhamos apenas em nosso espírito, mas em tudo o que constitui nossa personalidade.

*A formação espiritual não visa controlar a ação.* Esse conceito é absolutamente crítico e precisamos distinguir entre a formação espiritual em Cristo e o objetivo da maioria dos grupos de doze passos. (Sem desmerecer aquilo que esses grupos realizam!) Se, na formação espiritual, você se concentrar apenas na ação, cairá no tipo mais extremo de legalismo e será responsável pela morte de outras almas e da sua. O resultado será conformidade social. Foi o que aconteceu repetidamente no passado, e é onde as várias "espiritualidades" passadas e presentes começam a cobrar um preço terrível — concentrando-se nas atividades e ações exteriores, e não no ser interior, no "espírito". Deus está procurando pessoas que o adorem em espírito e em verdade. Não temos como fingir diante de Deus. Devemos nos lembrar de que Deus vê o coração, enquanto o homem vê a aparência exterior. Concentrar-se somente na ação é cair em farisaísmo do pior tipo e matar a alma.

Assim, a formação espiritual é um processo holístico. Para tornar essa idéia mais compreensível, sugiro que você crie recurso visual próprio. Desenhe um círculo pequeno numa folha de papel e escreva dentro dele as palavras "espírito", "coração" e "vontade". Desenhe outro círculo ao redor do primeiro e escreva nele a palavra "mente", que inclui pensamentos e sentimentos. Faça um terceiro círculo ao redor dos dois primeiros e chame-o de "corpo". Acrescente um quarto círculo externo para representar "relações sociais". O quinto e último círculo é sua alma. Você tem, portanto, espírito (vontade), mente (pensamentos e sentimentos), corpo, relações sociais e alma.<sup>8</sup>

Poderíamos tratar demoradamente dos elementos essenciais do ser humano, mas vamos passar adiante, pois preciso completar minha idéia. Se você quiser dividir a pessoa de outras formas, fique à vontade. Creio que esse diagrama simples é uma representação adequada para expressar o conceito de que *a formação espiritual é uma questão de reelaborar todos os aspectos do indivíduo*. Isso explica por que a verdadeira formação em Cristo nunca resulta em *privatização* nem em *legalismo*. A formação espiritual não toca apenas o espírito ou o coração, tampouco a alma ou o comportamento exterior. O espírito, o coração ou a vontade é o centro executivo da pessoa. É a fonte *última* de todas as ações e é absolutamente fundamental. No entanto, não opera de forma independente da mente, do corpo, dos relacionamentos sociais da alma, nem estes funcionam sem o espírito. O espírito opera de forma dependente dos outros elementos da pessoa. Assim, a formação espiritual exige que trabalhemos com *todos* os aspectos do ser humano.

E uma das grandes tentações que enfrentamos como evangélicos — e, para este fim, incluo aqui a ala da Igreja que às vezes chamamos de renovada ou carismática — é a idéia de que a personalidade e o coração serão transformados como que por um raio do Espírito. Você pode chamar isso de avivamento ou qualquer outro nome. Haverá um grande estrondo e, de repente, você se verá transformado em todos os aspectos de seu ser. Não será necessário passar por um processo — o seu objetivo será alcançado de forma passiva e imediata.

Considere, agora, o seguinte: quando o povo de Israel entrou na Terra Prometida, a primeira cidade com a qual deparou foi Jericó e, como sabemos, os muros de Jericó *miram*. Agora, diga-me uma coisa, quantos muros ruíram na conquista das outras cidades da Terra Prometida? O que os israelitas tiveram de fazer com o restante dessas cidades? Tiveram de *conquistá-las*, não é? Hoje em

<sup>8</sup> Veja os diagramas em Dallas WILLARD. *A renovação do coração*, p. 46,48.

dia, estamos sendo conduzidos lentamente a uma passividade em relação a nossos ensinamentos acerca da natureza da salvação e da obra de Deus em nossa alma. Gostamos de citar versículos como: "... sem mim vocês não podem fazer coisa alguma", o que é absolutamente verdadeiro. No entanto, nos esquecemos de que *se vocês não fizerem coisa alguma, será sem mim*. E, apesar dessas palavras não estarem na Bíblia, são absolutamente verdadeiras e decorrentes do ensino das Escrituras como um todo.

Hoje em dia, não nos sentimos muito à vontade com a atividade humana, e palavras como "sinergia" são proibidas em alguns meios teológicos. Mas se tomarmos esse rumo, não conseguiremos entender o chamado do discipulado — ou, na linguagem de Paulo, o chamado para "despir o velho homem e nos revestir do novo homem". Precisamos entender que a formação espiritual é um processo que envolve a transformação da pessoa como um todo, e que, nesse processo, a pessoa deve ser *ativa em Cristo*. A formação espiritual à semelhança de Cristo não acontecerá se não agirmos. Voltarei a esse assunto ao concluir o oitavo ponto, que procura tratar de algumas questões difíceis.

Em meu sétimo ponto, apresentarei uma ilustração de como a transformação desses vários aspectos do ser interior afeta nossos poderes de modo geral. Reflita por um instante sobre o pensamento. O pensamento é uma subdimensão da mente. A fim de sermos espiritualmente transformados, precisamos passar por uma transformação em nossos pensamentos. Lembre-se das palavras de Paulo em Romanos 1:21: "... os seus pensamentos tornaram-se fúteis" (literalmente, "recusaram-se a conservar Deus em seu entendimento"). Para dizer a verdade, isso significa que não podiam suportar pensar em Deus e naquilo que ele é. Se  *você*  está ocupando o trono de sua vida, não quer pensar em Deus, pois, afinal de contas, ele é  *Deus*  e não haverá lugar para ninguém além dele no trono de sua vida. Quando as pessoas começam a remover Deus de seu entendimento, como Paulo diz, ele as entrega a si mesmas — um destino terrível.

Deus não faz pressão — pelo menos, por ora. Se  *você*  o recusa, ele não se impõe. Ele lhe deu o poder de removê-lo de seu entendimento. E ainda que  *você*  o deseje, precisa buscá-lo. Sei que, em certo sentido, Deus está sempre procurando  *você* , e não estou tentando negar isso, mas não entendemos corretamente qual é nossa parte e qual é a parte de Deus. Ele está pronto para agir. Ele está agindo. Não estamos esperando que ele dê o primeiro passo. Não é minha intenção ofender profundamente sua teologia, mas devo dizer que ele está esperando a nossa resposta. E, como  *você*  sabe, essa é uma questão problemática. Costumo dizer que, hoje em dia, não somos apenas salvos pela graça, mas também  *paralisados*  por ela. Passamos uma hora pregando que  *você*  não pode fazer nada para ser salvo, e depois cantamos para  *você*  45 minutos tentando levá-lo a fazer alguma coisa para ser salvo — uma situação, no mínimo, confusa. Temos um problema sério de atividade e passividade em nossa teologia. Não será possível sequer começarmos a tratar desse assunto aqui; estou simplesmente chamando atenção para ele.

Precisamos pensar em  *trabalhar com*  Deus nos conteúdos de nossa mente. Em Salmos 16:8, Davi diz: "Sempre tenho o SENHOR diante de mim".  *Sempre*  tenho o Senhor diante de mim.  *Eu*  sempre tenho o Senhor diante de mim. O que respondemos a Davi? Sinergia! Obras! "Sempre tenho o SENHOR diante de mim. Com ele à minha direita, não serei abalado". Eis  *nossa*  ação no cerne desse grande salmo messiânico. Gostaria de ter mais tempo para falar sobre essas palavras, pois expressam inúmeras verdades acerca da formação espiritual.

De que maneira, então, colocamos o Senhor sempre diante de nós? A  *memorização de passagens bíblicas*  é absolutamente fundamental para a formação espiritual. se eu precisasse — e é claro que não preciso — escolher apenas uma dentre todas as disciplinas da formação espiritual, escolheria a memorização de passagens bíblicas. Não seria pastor de uma igreja que não tivesse um programa de memorização de passagens da Bíblia, pois é um modo fundamental de enchermos nossa mente com aquilo de que ela precisa. "Não deixe de falar as palavras deste Livro da Lei e de meditar nelas de dia e de noite" (Js 1:8). Precisamos da Palavra de Deus em nossa boca. Mas como ela chega lá? Pela memorização. Procuo mostrar às pessoas que elas se poupariam de uma série de apuros se estivessem repetindo a Palavra. Repetir a Palavra. Meditar sobre as Escrituras dia e noite. O que isso significa? Significa mantê-las — e, portanto, a Deus — em sua mente o tempo todo. Alguém pode imaginar alguma coisa melhor para manter diante da mente? Não! "Se  *vocês*  obedecerem fielmente ao Senhor, o seu Deus, e seguirem cuidadosamente todos os seus mandamentos [...] Todas estas bênçãos virão sobre  *vocês*  e os acompanharão" (Dt 28:1-2).

Costumo comentar que há um versículo que vale mais do que uma faculdade: Josué 1:8. Ele pode garantir uma vida que as pessoas apenas sonham vagamente ser possível. Como isso funciona? Uso,



com frequência, frases do salmo 23. Em determinado dia, talvez traga à minha mente várias vezes as palavras: "Guia-me nas veredas da justiça por amor do seu nome". Num dia particularmente difícil, posso usar: "Preparas um banquete para mim à vista dos meus inimigos". Essa é apenas uma ilustração de como colocar o Senhor sempre diante de você.

Há muito mais a ser dito sobre os efeitos de transformar o âmbito de seus pensamentos. Mas nos voltemos por um instante para o âmbito de sua personalidade que corresponde aos sentimentos: muitas pessoas vivem repletas de ansiedade, raiva ou desprezo. Enchem a vida de ressentimento. Enchem-na, deliberadamente, de desejo. Nossa cultura está sempre estimulando nosso desejo. O sexo não é a única área em que somos instigados a todo tempo, mas certamente é uma das forças mais poderosas para chamar nossa atenção e nos impelir a agir.

Mas na formação espiritual é preciso mudar tudo isso. Afinal, não se trata da lei da gravidade. Você precisa mudar seus sentimentos (com a ajuda de Deus, é claro). Se José tivesse enchido sua mente de pensamentos de romance e prazer sensual com a senhora Potifar, ela não teria agarrado apenas a túnica, *mas o próprio José (Gn 39:7-12)*.

Ao ouvir histórias de homens e mulheres que caíram, como costumamos dizer, espero que você perceba que não apenas a queda é triste, mas também aquilo que estava se passando na mente dessas pessoas o tempo todo — possivelmente durante vários anos ou a vida inteira. É essa área que precisa ser trabalhada na formação espiritual. Não se trata apenas de controlar as ações. Esse é o erro dos fariseus.

Reflita por um momento sobre a formação espiritual no âmbito dos relacionamentos sociais. Há muito o que dizer a esse respeito, mas pense apenas num exemplo: pense nas pessoas que, pela graça de Deus, cultivaram em seus relacionamentos com outros *a vida de serviço*. Em todo lugar e em tudo aquilo que fazem, esses indivíduos vivem como servos.

Jesus Cristo disse: "Eu estou entre vocês como quem serve" (Lc 22:27). E também afirmou: "Quem quiser ser o primeiro deverá ser escravo de todos" (Mc 10:44). A propósito, é terrível ver essa atitude ser recomendada apenas como mais uma *técnica* para alcançar o sucesso na liderança. Jesus não estava apresentando técnicas para a liderança bem-sucedida. Estava descrevendo *uma pessoa de excelência*. Ela é uma pessoa que serve todos. Ser um servo muda o foco de seu relacionamento para os outros. O que aconteceria com a tentação sexual se você se considerasse um servo? O que aconteceria com a cobiça? Que implicações teria para o sentimento de indignação por você não receber aquilo que, a seu ver, era merecido? Eu lhe digo: tiraria o peso de seus ombros.

Essas são apenas algumas ilustrações rápidas de como a transformação geral da pessoa ocorre no processo de formação espiritual. Gostaria de ter espaço para falar sobre o corpo e a alma também, pois cada um desses elementos tem seu papel importante na formação espiritual. Também visam a transformação do eu, a pessoa como um todo. Mas preciso concluir. Assim, o sétimo ponto assevera que o objetivo da formação espiritual é transformar o indivíduo em sua totalidade, e isso se dá por meio da transformação dos pensamentos, dos sentimentos, das relações sociais, do corpo e da alma. Quando trabalhamos com *todos* esses elementos, a transformação do espírito (coração, vontade) ocorrerá, em sua maior parte — ainda que não inteiramente — por sua própria conta.

Talvez o momento seja apropriado para perguntar que parcela de seus esforços no âmbito pessoal, ministerial e de ensino é dirigida à transformação espiritual nesse sentido holístico. Para deixar essa questão mais clara, proponho o seguinte desafio: não conheço uma única denominação ou igreja local que tenha como objetivo ensinar as pessoas a fazer tudo o que Jesus ordenou. Não estou falando de um capricho ou desejo, mas, de um *plano*.<sup>9</sup> Assim, pergunto com sinceridade: essa é *sua* prioridade? Ensinar discípulos inseridos na realidade trinitária a fazer tudo o que Jesus disse? Se esse é seu objetivo, você certamente encontrará um modo de reunir a integridade teológica e a vitalidade espiritual. Mas, ao fazê-lo, verá que tanto sua teologia quanto sua espiritualidade foram modificadas de maneira marcante e revigorante.

O oitavo e último ponto trata de algumas questões sempre suscitadas. Em primeiro lugar, *graça e obras*. A "formação espiritual" não é apenas outro termo para "obras"? Sim, estamos falando de obras se, com isso, você quer saber se terá de fazer alguma coisa. Não é possível ser um "folgado" e, ao mesmo tempo, se dedicar à formação espiritual à semelhança de Cristo. É preciso envolver sua vida toda no discipulado a Jesus Cristo, se é isso o que você quer dizer com obras. No entanto, nada funciona tão bem quanto a fé verdadeira ou confiança em Deus.

---

<sup>9</sup> Veja Dallas WILLARD, *O espírito das disciplinas*. Rio de Janeiro. Habacuc. 2003.

Ao contrário do que se costuma dizer, grande parte de nossos problemas *não* se deve à dificuldade de transferirmos para o coração aquilo que sabemos com a mente. Muitos dos empecilhos são associados ao fato de princípios teológicos equivocados em nossa mente *terem* chegado ao coração. Esses conceitos errados controlam nossa dinâmica interior de tal modo que, mesmo com a ajuda da Palavra e do Espírito, a mente e o coração não conseguem corrigir um ao outro.

Permita-me dizer uma coisa: graça não é o oposto de esforço, mas sim, de mérito. O mérito é uma atitude. O esforço é uma ação. A graça não diz respeito apenas ao perdão dos pecados. Muitas pessoas *não* sabem disso, e esse é um dos principais resultados da prática atual de resumir o evangelho a uma teoria da justificação. Já ouvi evangélicos proeminentes dizerem que a graça é relacionada exclusivamente ao pecado. Hoje em dia, muitas pessoas entendem a justificação como o único resultado essencial do evangelho, e o evangelho que pregam — e que pode ser ouvido repetidamente da boca de grandes figuras da fé evangélica — é de que nossos pecados podem ser perdoados. E é só!

Contrastando com isso, tomo a liberdade de afirmar que a mensagem do Novo Testamento como um todo é de que você pode ter vida nova hoje no reino de Deus se confiar em Jesus Cristo. Não apenas em algo que ele fez ou disse, mas em toda a pessoa de Cristo em tudo o que ele abrange — ou seja, absolutamente tudo. "Pois há um só Deus *e* um só mediador entre Deus e os homens: o homem Cristo Jesus" (1Tm 2:5). Para viver dentro da graça consumidora, basta ter uma vida santa. O verdadeiro santo consome graça como um 747 queima combustível na decolagem. Torne-se o tipo de pessoa que pratica rotineiramente aquilo que Jesus fez e disse. Você consumirá muito mais graça levando uma vida santa do que pecando, pois todo ato santo que você realizar terá de ser sustentado pela graça de Deus. E esse sustento é o favor totalmente imerecido de Deus em ação. É a vida de regeneração e ressurreição — *e* justificação, que é absolutamente vital, pois nossos pecados precisam ser perdoados. Mas a justificação não é algo *separável* da regeneração. E a regeneração se desenvolve de modo natural em santificação e glorificação.

No entanto, se você pregar um evangelho que só diz respeito ao perdão dos pecados, ficará como estamos hoje: empacado numa posição em que a fé está aqui e a obediência e abundância estão lá do outro lado, e não há meio de ir daqui para lá, pois a ponte necessária é o discipulado. Se existe uma coisa que devemos saber a esta altura é que *o evangelho da justificação, de per si, não gera discípulos*. O discipulado é uma vida de aprendizagem com Jesus Cristo sobre como viver no reino de Deus hoje, como ele próprio viveu. Se você deseja ser uma pessoa repleta de graça, então viva a vida santa do discipulado, pois só será capaz de fazer isso se for sustentado constantemente pela graça. As obras do reino vivem da graça

A segunda questão é *o perfeccionismo*. Quando se começa a levar a sério a formação espiritual, as pessoas mais que depressa se preocupam com o perfeccionismo e, sem dúvida, tem motivos para isso. Mas quase todos nós não precisaremos nos preocupar com a perfeição, pelo menos por um bom tempo. Ainda assim, conheço muita gente nos meios evangélicos que se incomoda mais com o perfeccionismo que com a persistência do pecado. É preciso deixar claro, porém, que tanto quanto eu sei, todos nós precisaremos continuar melhorando enquanto vivermos.

Gosto muito destas palavras de Agostinho:

Se alguém imagina que, para o homem, vivendo como está nesta existência mortal, talvez seja possível banir e remover toda obscuridade induzida pelos desejos corpóreos e carnis e obter a mais serena das luzes da verdade imutável, e se apegar de modo constante e inabalável a isso com uma mente em tudo distanciada do curso da vida presente, esse homem não entende nem aquilo que pede nem quem ele é ao apresentar tal suposição. [...] Se a alma recebe ajuda para ir além da neblina que cobre a terra (cf. *Eclesiástico* 24:6), ou seja, além da escuridão carnal com que toda a vida terrena é coberta, o faz apenas como se fosse tocada por um fulgor rápido, para depois afundar de volta em sua fragilidade natural; pelo desejo de sobreviver ela pode, mais uma vez, ser elevada aos céus, mas sua pureza é insuficiente para estabelecê-la nas alturas. Porém, quanto mais alguém conseguir fazê-lo, maior será, e quanto menos, menor será.<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> Erich PEZYWARA (org.) *An Augustine Synthesis*, Peter Smith Publisher. 1970, p. 89.

Por mais expressivo que seja nosso progresso, sempre haverá em nós uma pequena brasa de possibilidade que, soprada pelo vento apropriado, se transformará numa chama de iniquidade. Mas isso não precisa acontecer. Quanto às pessoas que defendem a idéia de persistir no pecado, devo lhes perguntar: "É isso o que vocês planejam fazer?". Às vezes parece que sim.

Portanto, a terceira questão é: *não podemos ter um evangelho que trata apenas do pecado*. Precisamos de um evangelho que nos conduza a uma nova vida em Cristo; então, a espiritualidade poderá ser apresentada como uma desenvolvimento natural dessa nova vida. Mas se fizermos uma divisão entre justificação e regeneração de modo que o evangelho seja *apenas* "Creia que Jesus morreu por seus pecados e, quando morrer, você irá para o céu", ficaremos estagnados numa teologia inerentemente resistente a uma espiritualidade vital. Por favor, não me entenda mal: essa declaração é pura verdade, mas não podemos aceitar "Creia que Jesus morreu por seus pecados" sem incluir "Creia em Jesus em todas as coisas". O evangelho é nova vida por meio da fé em Jesus Cristo. Se você não pregar isso, não haverá possibilidade de uma espiritualidade teologicamente saudável ou de uma teologia vital em termos espirituais.

A quarta e última questão em meu oitavo ponto é *o caráter inevitável de um processo sério ao longo do tempo*. Não podemos continuar esperando que o raio nos acerte e resplandecemos com espiritualidade. Deixe-me ler apenas algumas palavras bastante típicas; neste caso, são de um autor carismático ou renovado. Não gosto da linguagem, pois creio que, na verdade, não existem cristãos não-renovados — mas isso é outra história. Eis o que esse autor diz ao lamentar o estado do movimento de renovação: "Nos dias de hoje, não podemos dizer, de maneira nenhuma, que o movimento de renovação vai mal; mas também não poderíamos dizer que vai bem". E, se me permitem um comentário, o mesmo vale para o movimento evangélico de modo geral. Ele prossegue perguntando: "O que precisa ser feito? Creio que a reposta começa com um novo fogo espiritual. Um fogo que consuma a necessidade humana imatura de reconhecimento. Um fogo que arda sem o convite da cultura norte-americana. Um fogo que sobrepuje a carnalidade. Que as chamas cresçam até nos lembrarmos de que Jesus Cristo é a força mais dinâmica que poderemos liberar numa sociedade decadente. Oração nascida do fogo, vem nos dar tuas armas".

Com o perdão da expressão, creio que esse tipo de discurso é a essência da futilidade. E essas palavras podem ser traduzidas do movimento de renovação para o movimento evangélico como um todo. Em termos gerais, o batismo no Espírito, as experiências espirituais, os atos sublimes de adoração e outras experiências religiosas *não transformam o caráter*. Não é assim que funciona. Em minha própria vida, tive experiências gloriosas às quais devo muito. Sei que desempenham um papel especial na vida espiritual. Não costumo falar sobre as experiências que tive, pois creio que são algo entre mim e o Senhor e, de qualquer modo, devem ser conhecidas por seus efeitos. Apesar de terem sido muito importantes para mim, não foram *elas* que transformaram meu caráter.

Vocês e outros podem julgar até que ponto meu caráter foi transformado — caso se interessem em fazê-lo — mas, a meu ver, a transformação de caráter é resultante de aprender como agir em sintonia com Jesus Cristo. *O caráter é formado pela ação, e é transformado pela ação*, incluindo disciplinas cuidadosamente planejadas e sustentadas pela graça. Ingressar na jornada de obediência a Jesus Cristo — com a intenção de obedecer-lhe e aprender o que for preciso para isso — é o verdadeiro caminho para a formação ou transformação espiritual.

Devemos esperar muitos momentos profundos e críticos. Não quero perder nenhum deles. Gosto deles e, por vezes, quando chego ao final do pai-nosso, depois de momentos tão preciosos — você pode passar horas imerso nessa oração — quando chego ao final, não quero dizer "Amém". Quero dizer "Viva! Graças te dou, ó Deus! Teu é o reino! Teu é o poder! Tua é a glória! Para sempre!". "Amem" não parece imenso o suficiente.

Espero que sua vida seja cheia de momentos como esses. Todos nós devemos tê-los, mas eles não nos transformarão. O que nos transforma é a vontade de obedecer a Jesus Cristo numa vida em união com sua realidade ressurreta a cada dia, aprendendo a obediência por meio da transformação interior.

Paulo entendeu isso muito bem:

Portanto, já que vocês ressuscitaram com Cristo, procurem as coisas que são do alto, onde Cristo está assentado à direita de Deus. Mantenham o pensamento nas coisas do alto, e não nas coisas terrenas. Pois vocês morreram, e agora a sua vida está escondida com Cristo em

Deus. Quando Cristo, que e a sua vida, for manifestado, então vocês também serão manifestados com ele em glória.

Colossenses 3:1-4

Qual é o próximo passo? Alguém sabe? É:

Façam morrer tudo o que pertence à natureza terrena de vocês: imoralidade sexual, impureza, paixão, desejos maus e a ganância, que é idolatria. É por causa dessas coisas que vem a ira de Deus sobre os que vivem na desobediência, as quais vocês praticaram no passado, quando costumavam viver nelas. Mas agora, abandonem todas estas coisas: ira, indignação, maldade, maledicência e linguagem indecente no falar. Não mintam uns aos outros, visto que vocês já se despiram do velho homem com suas práticas e se revestiram do novo, o qual está sendo renovado em conhecimento, à imagem do seu Criador.

Colossenses 3:5-10

Que mudança incrível e ampla na forma de pensar é esta

... na qual [...] já não há diferença entre grego e judeu, circunciso e incircunciso, bárbaro, escravo e livre, mas Cristo é tudo e está em todos. Portanto, como povo escolhido de Deus, santo e amado, revistam-se de profunda compaixão, bondade, humildade, mansidão e paciência [...] Acima de tudo, porém, revistam-se do amor. que é o do perfeito. Que a paz de Cristo seja o juiz em seu coração, visto que vocês foram chamados para viver em paz, como membros de um só corpo. E sejam agradecidos. Habite ricamente em vocês a palavra de Cristo; ensinem e aconselhem-se uns aos outros com toda a sabedoria, e cantem salmos, hinos e cânticos espirituais com gratidão a Deus em seu coração.

Colossenses 3:11-16

E, por fim, o momentoso versículo 17 — que mostra claramente aquilo sobre o que fazemos hoje, a natureza absolutamente abrangente de nossa formação em Cristo: "Tudo o que fizerem, seja em palavra ou em ação, façam-no em nome do Senhor Jesus, dando por meio dele graças a Deus Pai".

# 7

## **FORMAÇÃO ESPIRITUAL EM CRISTO: UMA PERSPECTIVA DE SUA NATUREZA E VIABILIDADE**

*... até que Cristo seja formado em vocês.*

Gálatas 4:19

"FORMAÇÃO ESPIRITUAL" é uma expressão que, nos últimos tempos, surgiu nos lábios e ouvidos de cristãos protestantes de forma tão abrupta que chega a causar inquietação nos mais ponderados. Se, de fato, se trata de algo tão importante, para não dizer essencial, por que é tão recente? Deve ser apenas mais um modismo passageiro na religiosidade protestante cada vez mais insegura e ameaçada por "não atender às necessidades das pessoas". E, na verdade, a formação espiritual não é um tanto "católica" demais para os protestantes se sentirem à vontade com ela?

Poderíamos deixar de lado a expressão "formação espiritual", mais ainda assim precisaríamos tratar do fato e da realidade. O lado espiritual dos seres humanos, tanto de cristãos quanto de não-cristãos, é algo que se *desenvolve*, seja para o bem seja para o mal. Para melhor ou pior, todos recebem uma formação espiritual. Precisamos assumir, consciente e intencionalmente, nossa participação no processo de desenvolvimento. Precisamos entender o que é a formação do espírito humano e qual a melhor maneira de realizá-la segundo o exemplo de Cristo. Esse é um aspecto indispensável do desenvolvimento de uma psicologia adequada à vida humana.

O surgimento repentino da terminologia associada à formação espiritual na vida religiosa se deve, creio eu, a uma crescente suspeita ou consciência de que não nos saímos muito bem com a realidade e a necessidade. Contamos com a pregação, o ensino e o conhecimento ou informação para formar a fé no ouvinte e contamos com a fé para formar a vida interior e o comportamento exterior do cristão. No entanto, por algum motivo, essa estratégia não deu certo. O resultado é um sem-número de cristãos professos que podem muito bem estar prontos para morrer, mas que obviamente não estão prontos para viver e que mal conseguem se relacionar consigo mesmos, quanto mais com outros.

A maioria das constatações estatísticas e relatos informais sobre os cristãos evangélicos, para não falar nos cristãos em geral, mostra uma semelhança impressionante entre a estrutura da vida dos cristãos e não-cristãos. Mesmo entre os pastores, o simples descanso em Cristo e a obediência a ele não são elementos incondicionalmente pressupostos; assim, devemos observar com cuidado a questão da formação espiritual como um todo, visando especialmente identificar a essência do evangelho e o tipo eterno de vida que pode corresponder a ele.

Com muita frequência, a formação espiritual é considerada um termo abrangente que transmite pouca informação específica. Gerald G. May escreve:

A formação espiritual é um termo um tanto geral usado para se referir às tentativas, aos meios, às instruções e às disciplinas que têm por objetivo aprofundar a fé e promover o crescimento espiritual. Inclui iniciativas educacionais, assim como processos de orientação espiritual mais íntimos e profundos.<sup>11</sup>

Assim, pode ser proveitoso falar de formação espiritual fazendo uma distinção entre diferentes significados e momentos. Em primeiro lugar, ao identificar certas atividades como trabalho ou exercício espiritual, pode-se pensar em *formação espiritual como treinamento nessas atividades espirituais*. Sem dúvida, isso constitui parte expressiva do que se quer dizer, em muitos casos, com "formação ministerial" ou formação espiritual do sacerdote, à qual a literatura católica se refere, reconhecendo que essa formação vai além do comportamento exterior e alcança o ser interior ou vida espiritual do indivíduo. A obra *A formação integral do sacerdote católico*, de Marcial Maciel, é um estudo da formação espiritual no que se refere à vocação do sacerdote.<sup>12</sup>

O correlativo protestante é o comportamento externo do pastor, líder ou obreiro cristão de tempo integral e bem-sucedido. A formação espiritual pode ser considerada o treinamento que permite o sucesso dos indivíduos nas funções mencionadas acima. Apesar de se reconhecer que o coração deve estar em ordem, se uma pessoa foi suficientemente bem-sucedida em certos elementos exteriores, é pouco provável que alguém tome a iniciativa de investigar sua vida mais a fundo. E, se algo está faltando na vida interior ou particular do obreiro, como muitas vezes é o caso no meio dos pastores, essa lacuna pode ser ignorada ou justificada "para o bem do ministério".

Hoje em dia, também é possível encontrar ocasionalmente alguém que pense na formação espiritual em termos de prática das disciplinas espirituais. As disciplinas são consideradas parte do processo de formação espiritual — o que não é má idéia em termos gerais — ou como a prática da espiritualidade, e a formação abrange tudo o que é necessário para nos conduzir a um ponto em que somos capazes de nos dedicar, de modo devido, as disciplinas espirituais. De qualquer modo, uma forma de ver a formação espiritual é identificá-la por meio de referências a certas práticas especificamente religiosas. Hoje em dia, essas práticas são chamadas com frequência de "espiritualidade".

Em segundo lugar, a formação espiritual também pode ser vista como o *processo de moldar a vida interior, o espírito, ou o lado espiritual do ser humano*. A formação do coração ou da vontade (que, a meu ver, é mais apropriadamente o espírito) do indivíduo, junto com as emoções e o intelecto

<sup>11</sup> *Care of Mind Care of Spirit*. Harper. 1982. p. 6.

<sup>12</sup> São Paulo, Loyola. 1992.



é, portanto, o enfoque principal, não obstante quais práticas mais evidentes que estejam ou não envolvidas. Aquilo que é formado é, de modo explícito, a dimensão espiritual do indivíduo. Nesse caso, falamos de formação *espiritual* justamente porque seu objeto (aquilo que é moldado) é o aspecto espiritual da personalidade. Sem dúvida, pode-se pressupor que terá efeitos na esfera da prática visível.

Em terceiro lugar, a formação espiritual pode ser vista como um *processo de moldagem realizado pelo espírito ou pelo âmbito espiritual, e pelo Espírito Santo e outros agentes espirituais* que fazem parte do reino de Deus, especialmente a Palavra do Senhor. Falamos de formação espiritual nesse caso porque o *meio* (ou a ação) que molda a personalidade e vida humana é espiritual.

No entanto, precisamos reconhecer que a formação espiritual em todos esses sentidos não é, necessariamente, uma formação espiritual *cristã*. Estamos cercados de espiritualidades por todos os lados e logo chegando a um ponto em que teremos uma espiritualidade para quase todo tipo de coisa. Um comercial de televisão recente para determinado modelo de carro começa dizendo que aquele carro "é algo espiritual" e prossegue falando sobre o significado especial que ele confere à vida.

Creio que a espiritualidade é o âmbito em que a fé e a prática especificamente cristãs terão de lutar desesperadamente nos anos vindouros para manter a integridade. Todas as outras "espiritualidades" apresentam-se como análogas ao cristianismo e usam termos como "interconfessionalidade" e "ecumenismo", termos que se aplicam cada vez mais a todas as culturas religiosas, e não apenas às várias linhas de cristianismo.

Os programas de doze passos, que muitas vezes promovem um grande bem do ponto de vista das necessidades humanas óbvias, têm contribuído para inserir espiritualidades anticristãs, ou pelo menos não-cristãs, em congregações e na vida de cristãos. Além disso, a pressão em favor do inclusivismo pressupõe que todas as culturas são iguais, e isso só é possível se todas as religiões correspondentes também o forem. Além do mais, se os estilos de vida são iguais, também não devem sê-lo em termos *morais*? E como podemos criticar qualquer religião praticada dentro dessas culturas e estilos devida se todos são moralmente iguais?

Como devemos, então, considerar a formação espiritual de modo que seja fiel ao evangelho e à natureza da vida eterna presente em Cristo que nos é concedida quando o aceitamos como Salvador?

Começemos com as práticas, o comportamento visível. A formação espiritual *em Cristo* é voltada para a obediência explícita a Cristo. A linguagem da Grande Comissão em Mateus 28 deixa claro que nosso objetivo, a descrição de nossa incumbência como povo de Cristo, é levar *discípulos* a "obedecer a tudo o que eu lhes ordenei" (Mt 28:20). Isso, é evidente, pressupõe que nós mesmos estamos vivendo em obediência, tendo aprendido *como* obedecer a Cristo. Apesar de a dinâmica interior ser de amor por Cristo, ele não deixou dúvida de que o resultado seria a obediência a tudo que ele ordenou. "Quem tem os meus mandamentos e lhes obedece, esse é o que me ama. Aquele que me ama será amado por meu Pai, e eu também o amarei e me revelarei a ele" (Jo 14:21).

Boa parte da dificuldade do cristianismo ocidental no tocante à maneira em que devemos conduzir nosso chamado como povo de Cristo é resultante do fato de que o objetivo e a medida da formação espiritual, conforme já descrevemos, não são aceitos nem implementados. É evidente que isso vem acontecendo há vários séculos. No entanto, é possível que o desafio do mundo moderno à Igreja não tenha paralelos desde seu nascimento.

Diante desse desafio, não sei de nenhuma denominação ou igreja local que tenha um plano e uma prática concretos visando a ensinar as pessoas a "[obedecerem] a tudo o que eu lhes ordenei". Poucos mesmo consideram isso algo que devemos tentar fazer, e muitos acreditam ser simplesmente impossível. Portanto, não é de surpreender que seja tão complicado identificar uma versão especificamente cristã da formação espiritual entre os cristãos e suas instituições. Ao nos desviarmos do alvo definido pela Grande Comissão, encontramos dificuldade cada vez maior em sermos diferentes dos não-cristãos e mesmo dos anticristãos no que diz respeito à *vida*.

É evidente que a formação espiritual nesse sentido não pode ser realizada com um enfoque somente nas ações ou práticas. Esse caminho conduz ao legalismo, fracasso e morte, como Jesus deixou muito claro no Sermão do Monte (Mt 5:20). No entanto, isso não significa que devemos abrir mão do objetivo comportamental definido pelo próprio Cristo. Ensinamos as pessoas a fazer tudo o que Jesus ordenou moldando seu coração de modo a amar a Cristo e seus mandamentos, e treinando sua personalidade como um todo (alma, mente, corpo e, em parte, até mesmo o ambiente) para acompanhar o novo coração ou espírito, que é o elemento criativo da pessoa, aquilo que também

chamamos de vontade. O *desejo* (*thelein*, Rm 7:18) não é apenas importante, é inevitável. Mas quem age é a *pessoa*, e sua ação envolve mais do que a vontade.

Na verdade, o espírito ou coração pode até estar pronto (Mt 26:41), mas, a menos que a carne ou personalidade corporificada como um todo seja treinada para acompanhar o espírito e apoiá-lo, a ação resultante não ocorrerá, não se dará de forma confiável, ou ainda, se concretizará em conflito direto com o espírito ou a vontade: "Não faço o que desejo, mas o que odeio" (Rm 7:15). Apesar de o espírito ou o coração ser a fonte suprema de vida (Pv 4:23), não é nele que *vivemos*. Vivemos em nosso corpo e no mundo. A formação espiritual cristã opera *a partir* do espírito (ou vontade) e de sua vida nova "do alto". Mas seu trabalho só é realizado quando despimos o velho homem e nos revestimos do novo (Ef 4; Cl 3).

Trata-se de um processo ativo, e não passivo, um processo que exige nossa participação lúcida e perseverante; ninguém fará esse trabalho por nós. No entanto, não somos capazes de obedecer a Cristo, nem mesmo crer nele por meio de um esforço direto. Quais são, então, os meios indiretos que nos permitem cooperar na remodelação de nossa personalidade — os sentimentos, as idéias, os processos mentais e as imagens, e a disposição profunda da alma e do corpo —, a fim de que todo o nosso ser esteja pronto para acompanhar os movimentos do coração regenerado em nós pelo impacto da Palavra do evangelho sob a direção e com a energia do Espírito Santo?

Esses meios são, essencialmente, as disciplinas da vida no Espírito: a solitude e o silêncio, a oração e o jejum, a adoração e o estudo, a comunhão e confissão, e assim por diante. Essas disciplinas não são, em si, meritórias nem mesmo obrigatórias, exceto diante de necessidades específicas. Permitem, contudo, que o espírito ou a vontade — um poder que, em si, é pequeníssimo e com o qual não podemos contar para executar nossas intenções de agir com retidão firme e eficaz — dirijam o corpo em contextos em que o ser integral é reestruturado internamente, de modo a seguir com obediência cada vez mais plena o espírito pronto a fazer o bem. Esse é o segundo propósito ou momento da formação espiritual cristã.

Entendidos dessa forma, os processos de formação espiritual exigem conhecimento preciso, testável e detalhado do ser interior. As concepções teológica e psicológica da vida espiritual devem caminhar lado a lado. Uma não é completa sem a outra. Uma psicologia cristã, no sentido de uma concepção abrangente dos fatos da vida e do crescimento espiritual, deve ser prioridade para os discípulos de Jesus, sobretudo para os que operam nos vários campos da psicologia e que a consideram uma disciplina prática e intelectual. Nenhuma concepção do ser humano pode ser teórica ou praticamente adequada se não tratar da vida espiritual.

É evidente que, nesse segundo momento, a formação espiritual só funciona em decorrência do terceiro e último momento: a formação *pelo* Espírito de Deus em Cristo. Isso ocorre inicial e principalmente por meio da imersão e da aplicação constante (Jo 8:31; 15:7) da *Palavra* de Cristo, de seu evangelho e de seus mandamentos que não podem ser separados de sua pessoa e presença: "As palavras que eu lhes disse são espírito e vida" (Jo 6:63). E é o mover do Espírito na formação espiritual da personalidade individual que transforma as raízes do comportamento na alma e no corpo do cristão como um todo. Isso vai além do simples ato de ouvir e receber essa palavra. Assim, quando nos revestimos do novo homem — e, para isso, precisamos *agir*, pois ninguém fará isso por nós — descobrimos que o caráter de Cristo que transborda de nossa vida é, afinal, o fruto do Espírito.

O movimento do Espírito de Cristo na personalidade corporificada pode ser identificado, com frequência, em acontecimentos tangíveis. Muitas vezes ele se manifesta na forma de "palavras" individualizadas de Cristo para seus aprendizes dedicados a viver no reino. Ele é nosso mestre vivo e, quando andamos com ele, não permanecemos inertes. A formação espiritual em Cristo não é apenas um processo inconsciente em que os *resultados* podem ser observados enquanto Aquele que opera permanece oculto. Experimentamos, de fato, suas operações. Podemos *buscá-las*, esperá-las e ser gratos por elas. Estamos conscientemente envolvidos com ele nos detalhes de nossa existência e de nossa transformação espiritual.

Porém, não é o caráter imediato dessas experiências que nos mostra que nossa formação está sendo realizada pelo Espírito de Deus em Cristo. Antes, a prova — senão o consolo — está na pessoa que nos tornamos e nos atos que fluem de nós. A árvore é conhecida por seus frutos. Quando o Espírito que nos forma nos leva a amar a Jesus Cristo acima de todas as coisas e a caminhar segundo seus exemplos e atos (I Pe 2:21-23), quando ele nos mantém em *obediência*, sabemos que ele é o Espírito pelo qual fomos formados (2 Co 3:17). E, tendo esse conhecimento como nossa estrutura,

também podemos nos consolar no sentimento imediato do mover do Espírito em nossa personalidade, em nossa vida e no ambiente a nosso redor.

A formação espiritual em Cristo é realizada, e a Grande Comissão é cumprida quando a alma regenerada tem como seu maior objetivo praticar os mandamentos de Cristo e, assim, planejar de forma realista como alcançar esse objetivo por meio de um progresso adequado nas disciplinas espirituais. É claro que ninguém consegue alcançar esse alvo com as próprias forças, e ninguém *precisa*. Deus nos concede outras pessoas, companheiros de peregrinação, e Cristo vem a nosso encontro a cada passo do caminho. "Eu estarei sempre com vocês" — foi isso que Jesus disse e é isso que ele está fazendo.

Devemos parar de usar o fato de não podermos *merecer* graça (quer para justificação, quer para santificação) como desculpa para não nos envolvermos energeticamente na busca por *receber* graça. Uma vez que fomos encontrados por Deus, passamos a buscar uma vida cada vez mais plena nele. Graça é o oposto de mérito, e não de esforço. A verdade da formação espiritual é que não seremos transformados "à semelhança dele" apenas por mais informações, por infusões, inspirações ou ministrações. Apesar de todos esses elementos ocuparem um lugar importante, nunca serão suficientes, e a confiança depositada exclusivamente neles explica por que, hoje em dia, tantos cristãos não conseguem ir muito além de certo nível de decência.

O cerne do ser humano é ocupado pela vontade, pelo espírito, pelo coração. Esse cerne é transformado, e essa transformação só pode transbordar para a vida como um todo pelo *envolvimento*. Envolver-se é, em primeiro lugar, agir com Cristo em seu exemplo e seus mandamentos: "Se vocês me amam, obedecerão aos meus mandamentos" e "eu pedirei ao Pai, e ele lhes dará outro Conselheiro para estar com vocês para sempre" (Jo 14:15-17).

No que se refere à obediência, o envolvimento deve vir primeiro, seguido do Auxiliador. É nas tentativas, nas falhas e no aprendizado que tomamos parte nas disciplinas espirituais. Às nossas tentativas, acrescentamos um treinamento que abrange a vida toda. Reconhecemos que as práticas habituais da religião, as rotinas recomendadas para o "bom" membro de igreja não são suficientes para suprir as necessidades da alma. O problema da vida é radical demais para ser resolvido com essas práticas. Nós nos dedicamos a atividades mais apropriadas para nossa condição de vida atual e adequadas para transformar todo o ser sob a graça, permitindo que a intenção de viver os mandamentos de Cristo passe do desejo para a ação.

Entendida dessa maneira, a formação espiritual cristã é, por si, ecumênica e inclusiva, no sentido de que aqueles que são formados desse modo, aqueles que vivem em obediência a Cristo, são unidos e se destacam como iguais em sua obediência. A obediência é o único recurso que pode superar as divisões impostas pelas diferenças profundamente arraigadas de doutrina, ritual e tradição. A lâmpada acesa na vida obediente *certamente* brilhará. A cidade construída no monte *não pode* ser escondida. A obediência a Cristo de coração e pelo Espírito é uma realidade tão radical que aqueles que vivem nela concretizam automaticamente a unidade que não pode ser obtida por esforços diretos visando à união. Não se trata de algo alcançado por esforço, mas por quem nós *somos*: "Sou amigo de todos os que te temem e obedecem aos teus preceitos" (Sl 119:63).

Alguns anos atrás, o ecumenismo procurou se concentrar na confissão de Cristo como Senhor. Essa tentativa não gerou muitos resultados, pois, à maneira como fomos acostumados pela história, as atitudes e as ações da vida real permaneceram intocadas por essa profissão. Mas uma verdadeira obediência a Cristo como Senhor transformaria inteiramente a vida comum e reuniria os discípulos que estão andando com Cristo onde quer que a vida deles se cruzassem. Os cristãos reunidos nos contextos da vida natural se identificariam, de imediato, uns com os outros pelo tipo radicalmente distinto de vida, pelo tipo eterno de vida, que flui de maneira evidente neles. Sua simples recusa em cooperar com o mal ao redor os aproximaria uns dos outros como imã ao ferro. Quaisquer outras diferenças não seriam relevantes dentro da unidade de obediência a Cristo presente em seu povo.

Infelizmente, são as outras diferenças (culturais, sociais, denominacionais, e até mesmo pessoais) que governam a desunião daqueles que, não obstante, se identificam como cristãos. Em geral, o poder dessas diferenças opera de forma visível quando cristãos professos de grupos diferentes se reúnem. É impossível imaginar que essa desunião persistiria se o centro da vida de todos fosse a obediência a Cristo. Quando a intenção clara e sua implementação visam a esse alvo, o resto segue. Sem isso, o que importa de fato? É claro que o céu é importante e, sem dúvida, alcançá-lo depende do crescimento da maturidade em Cristo. No entanto, planejar dentro desse curso de ação ou ensiná-lo como padrão

cristão normal é outra história, e essa ênfase dificilmente seria recomendada por alguém que confia em Cristo.

Creio que, em sua maior parte, a questão da *exclusividade* cristã apropriada também será resolvida pela formação espiritual centrada na obediência a Cristo resultante de uma personalidade transformada. Ela terá a exclusividade do "Deus que responde com fogo". As outras espiritualidades que tentem, se forem capazes, se equiparar àquilo que nasce da obediência a Cristo, e os outros que julguem por si mesmos. "Pois a rocha deles não é como a nossa Rocha, com o que até mesmo os nossos inimigos concordam" (Dt 32:31).

A verdadeira questão associada à exclusividade é se o cristão tem, de fato, um relacionamento com Deus, uma presença de Deus, que o não-cristão não tem. Sem a formação espiritual conforme a descrevemos acima, creio que adianta pouco afirmar a exclusividade do caminho cristão.

Talvez um reflexo da compreensão dessa realidade possa ser observado no atual abandono em massa da exclusividade do cristianismo que está ocorrendo entre os cristãos ocidentais, especialmente em seus centros acadêmicos. Por que insistir na exclusividade do cristianismo, se este não passa de mais uma forma cultural? Mas se a realidade da formação espiritual cristã atingir sua plenitude, a questão da exclusividade se resolverá. Se a bruxa e o feiticeiro, o budista e o muçulmano podem, de fato, andar em santidade e poder iguais aos de Jesus Cristo e de seus seguidores dedicados, não há mais o que dizer. Mas o próprio Cristo, e não o cristianismo como forma de cultura humana, é o padrão pelo qual "eles" e "nós" seremos medidos (At 17:31).

Talvez esta seja uma oportunidade de nos perguntarmos: estamos nos dedicando de forma séria e realista à formação espiritual cristã, medida conforme o amor irrestrito de Jesus Cristo e especificada por nossa "descrição de incumbência" na Grande Comissão? De que maneira nosso trabalho, aquilo que fazemos *de fato*, é relacionado à tarefa da qual Jesus nos incumbiu? Quanto daquilo que acontece em nossa vida, nossas igrejas locais, nossas denominações e nossas escolas é ditado apenas por nossa "maneira vazia de viver, transmitida por (nossos) antepassados" (1 Pe 1:18)?

Imaginemos que realizássemos um planejamento partindo da estaca zero, um planejamento que, valendo-se da mais excelente concepção teológica e psicológica, considerasse apenas *o* alvo, sem tentar salvar ou justificar o que já existe como fruto de tentativas anteriores. Quanto do que fazemos seria omitido? E quanto do que omitimos hoje seria feito se estivéssemos tentando *somente* nos esforçar para "obedecer a tudo o quanto lhes ordenei" e levar outros a fazer o mesmo? Sem dúvida, essa questão é proposta a cada um de nós individualmente, assim como a todas as nossas instituições e programas, por aquele que disse: "Porque vocês me chamam 'Senhor, Senhor' e não fazem o que eu digo?" (Lc 6:46).<sup>13</sup>

## 8

### O ESPÍRITO ESTÁ PRONTO, MAS...

### O CORPO COMO INSTRUMENTO PARA O CRESCIMENTO ESPIRITUAL

A FORMAÇÃO ESPIRITUAL é o processo pelo qual aqueles que amam Jesus e confiam nele assumem, efetivamente, seu caráter. Quando se desenvolve de modo correto, o processo leva essas pessoas a viver cada vez mais como Cristo viveria se estivesse em seu lugar. Sua conformidade exterior com o exemplo e as instruções do Mestre cresce rumo à plenitude interior, à medida que suas fontes interiores de ação assumem um caráter igual ao dele. Passam, cada vez mais, a compartilhar de sua visão, esperança, seus sentimentos e hábitos.

Esse processo de "conformação com Cristo" — como poderia ser chamado de modo mais apropriado — é sustentado constantemente pela graça e, sem ela, seria inviável. Mas nem por isso é passivo. Graça é o oposto de *mérito*, e não de esforço. Na verdade, nada inspira e intensifica mais o esforço que a experiência da graça.

<sup>13</sup> Para mais comentários sobre as questões discutidas neste capítulo, veja Dallas WILLARD, *O espírito das disciplinas*.

No entanto, hoje em dia é necessário asseverar com ousadia e com frequência que *não é possível tornar-se semelhante a Cristo sem ações enérgicas e deliberadas de nossa parte*. Essa posição, por sua vez, não pode ser mantida de forma constante sem uma comunhão consensual. As igrejas só serão centros de formação espiritual se entenderem a semelhança a Cristo e a comunicarem a indivíduos pelo ensino e pelo exemplo de maneira convincente e incentivadora.

## O CORPO E A VIDA ESPIRITUAL

É provável que o aspecto menos compreendido do progresso na semelhança a Cristo seja o *papel do corpo na vida espiritual*.

Quase todos nós temos uma consciência clara de como as exigências incessantes de nosso corpo derrotam nossas intenções de "sermos espirituais". O apóstolo Paulo explica: "Pois a carne deseja o que é contrário ao Espírito; e o Espírito, o que é contrário à carne. Eles estão em conflito um com o outro, de modo que vocês não fazem o que desejam" (Gl 5:17). E as palavras de Jesus "O espírito está pronto, mas a carne é fraca" (Mt 26:41) costumam ser aceitas como o veredicto *final* de como a vida humana será até a morte nos libertar do corpo.

No entanto, se o corpo *não* pode ser redimido, o mesmo se aplica à vida comum. Muitos cristãos parecem preparados para aceitar essa idéia — pelos menos na prática. Nesse caso, a formação espiritual se torna, de fato, impossível. Tal impossibilidade representaria uma derrota de grandes proporções para a causa de Cristo e nunca poderia ser conciliada com o chamado para uma *vida* piedosa que permeia a Bíblia do começo ao fim e ressoa na necessidade humana profunda de viver de forma correta.

É um alívio, portanto, encontrar ensinamentos bíblicos sobre o corpo e a carne que contrariam essa concepção "pessimista". Jesus é a principal testemunha da união entre carne e Espírito diante de Deus. Porém, muito antes de Jesus entrar na história, o salmista descreveu seu corpo ansiando por Deus (Sl 63:1), seu coração e seu corpo cantando de alegria ao Deus vivo (84:2) e convidou todo ser vivo a bendizer o santo nome de Deus para sempre (145:21).

O profeta Joel prenunciou um tempo em que o Espírito de Deus seria derramado sobre toda a carne (Jl 2:28-29), uma profecia que começou a se cumprir em Pentecostes (At 2:16-21). Assim, a imagem do corpo e da carne encontrada nos escritos de Paulo contrasta nitidamente com a visão pessimista do corpo. O corpo é apresentado como um templo habitado pelo Espírito Santo. Não deve ser usado para o pecado; antes, foi criado para o Senhor, "e o Senhor para o corpo" (1 Co 6:13).

Paulo diz que, por meio do poder de Deus que ressuscitou Jesus, "[nossos] corpos são membros de Cristo" (1Co 6:15). O corpo nem sequer nos pertence, mas foi comprado por Cristo, que lhe deu uma vida "do alto" e abre caminho para que "[glorifiquemos] a Deus com [nosso] próprio corpo" (1Co 6:20). Assim, podemos oferecer o corpo "em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus", sendo este o nosso "culto racional" (Rm 12:1).

## A NATUREZA HUMANA

A fim de entender o papel — tanto negativo quanto positivo — do corpo na vida espiritual e na vida em geral, precisamos compreender mais profundamente a natureza da personalidade, do caráter e da ação do ser humano.

Cada um de nós cresce num ambiente que nos ensina a falar, pensar, sentir e agir como os outros a nosso redor. Aprendemos por imitação. *Esse é o mecanismo pelo qual a personalidade humana é formada*, o que, em grande parte, contribui para nosso bem. No entanto, também insere em nós hábitos perversos que permeiam toda vida humana. Os padrões humanos comuns para lidar com "a cobiça da carne, a cobiça dos olhos e a ostentação dos bens" que, de acordo com o apóstolo João constituem "o mundo" (1Jo 2:16), controlam as crianças desde a mais tenra idade, pela participação na vida daqueles que as cercam. As práticas pecaminosas tornam-se hábitos, *depois*, escolha e, por fim, caráter.

A própria língua que aprendem a falar incorpora a profanação de Deus e do próximo. Passam a se identificar e ser identificados por outros por meio dessas práticas. Aquilo que cerrado e destrutivo é feito impensadamente. A coisa errada parece "natural", enquanto a certa passa a ser, na melhor das hipóteses, forçada e inatural — sobretudo se escolhida pelo simples fato de ser certa. Podemos observar isso em quase todas as crianças de dez anos de idade agindo de forma espontânea entre colegas ou vivendo no ambiente familiar.



O Novo Testamento costuma usar o termo "carne" para se referir ao corpo humano formado nos hábitos do mal e em oposição a Deus. Não que o corpo humano em si ou mesmo os desejos em si sejam malignos. Como vimos anteriormente, são a criação boa de Deus e podem servi-lo e glorificá-lo. Mas, quando são moldados em contextos de família, vizinhança, escola e trabalho que desconsideram ou se opõem a Deus, formam uma estrutura geral de perversidade. Os desejos transformam-se, então, em "paixões pecaminosas [...] [que atuam] em nosso corpo" (Rm 7:5). O corpo é propenso a pecar, e está à espera de uma ocasião. Como Deus disse a Caim na história antiga: "... o pecado o ameaça à porta; ele deseja conquistá-lo, mas você deve dominá-lo" (Gn 4:7). A situação se deteriorou a tal ponto que Paulo diz: "Nada de bom habita em mim. Isto é, em minha carne" (Rm 7:18).

Quando recebemos uma nova vida em Cristo, nosso corpo e seu sistema distorcido de desejos não passam automaticamente para o lado de Cristo; antes, continuam se opondo a ele. De vez em quando, pode ocorrer uma mudança extraordinária como, por exemplo, o indivíduo ser liberto totalmente de um vício. Mas isso é bastante raro, e o novo nascimento *nunca* remove de forma geral os hábitos de pecado das partes do corpo e da personalidade.

Tiago nos lembrou: "Cada um, porém, é tentado pelo próprio mau desejo, sendo por este arrastado e seduzido. Então esse desejo, tendo concebido, dá à luz o pecado, e o pecado, após ter se consumado, gera a morte" (1:14-15). Pedro nos exorta: "Amados, insisto em que, como estrangeiros e peregrinos no mundo, vocês se abstenham dos desejos carnis que guerreiam contra a alma" (1 Pe 2:11). Paulo diz que se vivermos de acordo com a carne, morreremos, "mas, se pelo Espírito fizerem morrer os atos do corpo, viverão" (Rm 8:13). Em outra passagem, ele fala de si mesmo dizendo: "... esmurro o meu corpo e faço dele meu escravo, para que, depois de ter pregado aos outros, eu mesmo não venha a ser reprovado" (1 Co 9:27). Todas essas declarações se referem a cristãos de longa data.

#### A SEMELHANÇA A CRISTO DEVE SER PLANEJADA

É verdade que tudo isso parece estranho no atual contexto religioso. Hoje em dia, a tarefa de tornar-se semelhante a Cristo raramente é considerada um objetivo sério a ser planejado com cuidado, e o mesmo se aplica a um tratamento adequado de nossa personalidade corporificada. Perguntei a muitas igrejas e a muitos grupos pareclesiásticos quais eram seus planos para fazer morrer ou mortificar "tudo o que pertence à natureza terrena" (cf., por exemplo, Cl 3:5). *Nunca* ouvi uma resposta clara para essa questão. Na verdade, mortificar ou fazer algo morrer não parece ser uma prática adotada por muitos cristãos. E, no entanto, é um elemento central dos ensinamentos do Novo Testamento.

No entanto, quando Jesus ensinou sobre o discipulado, deixou bem claro que um indivíduo não podia ser servo de seu corpo e suas exigências e, ao mesmo tempo, ser bem-sucedido como discípulo. Era a isso que ele se referia quando falou sobre negarmos a nós mesmos, tomar nossa cruz, perder nossa vida por amor a ele e ao evangelho (Mt 10:39; 16:24-26) e deixar tudo para segui-lo (Lc 14:25-35). Paulo trata do mesmo tema: "Os que pertencem a Cristo crucificaram a carne, com as suas paixões e os seus desejos" (Gl 5:24). Ele os contrasta com aqueles que fazem do ventre o seu deus (Rm 16:18; Fp 3:19), sendo que o "ventre" representa o centro do desejo.

É claro que ninguém pode superar os padrões sedimentados dos desejos somente pela força de vontade. Antes, é ao sujeitarmos nosso ser corpóreo a Cristo pela fé que experimentamos uma nova presença em nossos membros, movendo-os em direção as coisas boas de Deus e permitindo que nossas forças físicas recuem para o segundo plano da vida, que é seu devido lugar. Os desejos naturais e meu próprio corpo permanecem comigo, é claro, mas agora, como servos de Deus e de minha vontade de servi-lo, e não como meus senhores.

Além da fé constante e da esperança em Cristo, nossa parte nessa transformação é o uso proposital e estratégico do corpo de maneiras que possam reeducá-lo, substituindo os movimentos do pecado nos membros pelos movimentos de Cristo. É assim que tomamos nossa cruz diariamente. É assim que entregamos o corpo como sacrifício vivo e que oferecemos suas partes a Deus como "instrumentos de justiça" (Rm 6:13).

#### QUANDO O ESFORÇO DIRETO FALHA

É claro que, em algumas ocasiões, sujeitar-se a Deus significa simplesmente fazer aquilo que o agrada. Em última análise, esse é sempre nosso alvo. Mas, raramente, conseguimos alcançá-lo por meio de esforço *direto*. Muitas vezes, quando finalmente fazemos a coisa certa, já fizemos a coisa errada, pois

é isso o que está presente e "de prontidão" em nosso corpo. A intenção, por si mesma, não é suficiente na maioria das situações em que nos encontramos. Precisamos estar "em forma". Do contrário, as tentativas virão tarde demais, se vierem. Antes, nossa intenção e nosso esforço devem ser concretizados pelo *treinamento* que *prepara* o corpo para fazer aquilo que Cristo faria, bem antes de surgir a ocasião. Esse treinamento é fornecido pelas *disciplinas para a vida no Espírito*.

A *disciplina* é uma atividade que está a nosso alcance e que realizamos a fim de nos tornarmos capazes de fazer o que não conseguimos por esforço direto. Todas as áreas da vida exigem certas disciplinas, e isso inclui a área espiritual. Por essa razão, Jesus orientou e conduziu seus discípulos a disciplinas para a vida espiritual: jejum, oração, solitude, silêncio, serviço, estudo, comunhão, e assim por diante.

Por exemplo, Jesus disse a seus amigos mais íntimos que correriam feito coelhos assustados quando seus inimigos viessem prendê-lo — uma declaração que os discípulos negaram enfática e sinceramente. Mas o corpo tem uma vida própria que vai muito além do que sabemos a respeito de nós. A disposição do corpo daqueles homens não apoiaria sua intenção, e é evidente que Jesus sabia disso.

Quando Jesus levou Pedro, Tiago e João para o jardim do Getsêmani para ajudá-lo em sua luta, eles adormeceram. Ele os despertou e explicou como poderiam colocar em prática suas boas intenções, que, aliás, Jesus nunca questionou. Como poderiam morrer por Cristo se não eram capazes sequer de ficar acordados com ele por uma hora? Assim, Jesus disse: "Vigiem e orem para que não caiam em tentação. O espírito está pronto, mas a carne é fraca" (Mt 26:41). O Mestre tentou ajudá-los a entender que estavam sendo influenciados pelo corpo e mostrar o que poderiam fazer para mantê-lo alinhado com o espírito. "Vigiar", ou permanecer alerta ao que estava acontecendo, e orar com ele, era algo que poderiam ter feito. Sem dúvida, participar com Jesus dos acontecimentos extraordinários do Getsêmani *leria* fortalecido os três discípulos para que não faltassem com o Mestre depois. No fim, aquilo que estava em seu corpo e sua alma — o medo da morte e da vergonha — permaneceu intocado e acabaram sendo vencidos pela "tentação".

Hoje em dia, os ensinamentos de Jesus costumam ser considerados "rígidos", pelo simples fato de nossa personalidade corporificada ser formada *contra* esses preceitos. Considere, por exemplo, em Mateus 5:22, o ensinamento de Jesus de que não devemos nos dirigir a outros ou falar deles de forma insultuosa, chamando-os de "loucos" (ou seja, "imbecis", ou coisa pior). Conheço muitos "cristãos fiéis" que usam linguagem maldosa e desdenhosa para se referirem aos que não se comportam como eles gostariam no trânsito, no trabalho ou mesmo em casa. Então, justificam-se dizendo: "Eu sou assim" ou "Não consigo mudar".

Semelhantemente, podemos observar o olhar demorado, deliberado e lascivo do qual Jesus fala em Mateus 5:28, ou a vingança verbal ou física mencionada mais adiante nesse mesmo capítulo, ou ainda, a prática da religião buscando a aprovação dos homens, da qual ele trata no capítulo seguinte. Nenhuma lei da natureza nos obriga a agir do modo mais "fácil" e desobediente nessas situações. Trata-se apenas de um hábito arraigado em nosso corpo e, é evidente, os hábitos sempre criam para si racionalizações poderosas.

Suponhamos agora que decidimos aprender como fazer aquilo que Jesus disse que devemos fazer nesses casos. Suponhamos, por exemplo, que desejamos nos disciplinar para abençoar e orar por qualquer pessoa que faz algo perigoso ou irritante no trânsito. Em vez de chamarmos os outros de idiotas, imbecis ou coisa pior, queremos usar palavras de bênção e expressar nossa boa vontade sincera. Somos capazes de fazer isso? Claro que sim, desde que tomemos os passos apropriados. Não existe uma lei da natureza nos obrigando a assassinar a humanidade de outros.

#### COMO PODEMOS MUDAR

E *como* fazer isso? Em primeiro lugar, reconhecemos o bem daquilo que vamos fazer e pedimos a ajuda de Deus. Em segundo, começamos a praticar o controle sobre nossa língua. Não fazemos isso tentando refrear os insultos *quando* as pessoas nos irritam. Começamos bem antes da situação em questão. É bem possível que precisemos sair do âmbito das palavras realizando um exercício de silêncio durante um período de 24 horas — até desligando a televisão e o rádio. Provavelmente precisaremos passar esse tempo em solitude.

Observe que fazemos tudo isso com nosso corpo. Mudamos o corpo de lugar e o reorientamos dentro de nosso mundo. Aprendemos uma nova relação com o corpo — mais especificamente, com os ouvidos e a língua. Esse exercício causa um forte impacto sobre a mente, o coração e a alma e nos

permite explorar o mundo em silêncio e encontrar nosso devido lugar dentro dele. Isso, por sua vez, nos permite discernir por que usamos a linguagem vulgar e insultuosa habitual.

Evidentemente, é porque ela nos dá uma sensação de poder sobre o "imbecil". O assassinato está apenas alguns passos adiante. Ao percebermos isso, também começamos a encontrar maneiras mais adequadas de ver o que está acontecendo no trânsito ou em qualquer outro lugar — o que está acontecendo, de fato, na vida. De repente, vemos como nosso comportamento de "explodir" é patético e descobrimos alternativas interessantes para ele. Agora, podemos começar a desenvolver o hábito de abençoar, pois entendemos como ele é bom e sabemos que somos capazes de exercitar o silêncio no qual encontramos Deus presente. As palavras de Tiago se tornam extremamente expressivas: todos devem se mostrar "prontos para ouvir, tardios para falar e tardios para irar-se" (Tg 1:19).

Desenvolvemos *cada um* dos ensinamentos de Jesus escolhendo comportamentos diferentes que sejam relevantes, encontrando espaço — rearranjando as coisas — em nossa vida para praticar esses ensinamentos e visualizar de outra forma a situação dentro desse novo ambiente comportamental que inclui Deus. A interação entre as novas formas de usar o corpo e o reposicionamento interior em relação ao contexto é essencial. Aprender a fazer o que ele ensinou não consiste apenas numa mudança mental sem ajuda do uso modificado do corpo, pois o comportamento e a vida não são de natureza mental.

O olhar lascivo também é um comportamento físico e se baseia nessa conduta. Escolhemos assumir uma posição e postura para praticar esse ato. Milhões de pessoas afirmam que não têm como evitá-lo, da mesma forma como outros racionalizam a agressão verbal. Mas, na verdade, trata-se do hábito de ceder ao próprio prazer. Esse hábito pode ser quebrado facilmente quando há um desejo sincero de fazê-lo. Você não precisa olhar para as partes do corpo de outros e pode treinar seus pensamentos para se afastarem da lascívia cultivando hábitos puros de pensamento e atitude. Como muitas pessoas comprovaram por experiência própria, disciplinas apropriadas de estudo, meditação e serviço, por exemplo, podem romper o hábito de olhar com lascívia, lambem, nesse caso, é no uso e treinamento do corpo que a fé se encontra com a graça para alcançar a semelhança a Cristo.

Descobrimos, então, que o corpo é o elemento sobre o qual exercermos nosso poder *direto*. É a pequena fonte de energia que Deus designou para nós como o âmbito de nossa liberdade e nosso desenvolvimento. Nossa vida depende de como a administramos. Mas o corpo pode adquirir "vida própria" — tendências a se comportar de forma independente de nossas intenções conscientes. Neste mundo decaído, nossa predisposição é para o mal, de modo que não precisamos *pensar* para fazer o que é errado, mas *devemos pensar*, planejar — e receber graça — para conseguir fazer o que é certo.

Cristo, porém, nos mostra como o corpo pode deixar de se opor e começar a colaborar com a vida nova que ele nos concede, "o Espírito" que agora habita em nós. Ele nos convida a compartilhar de suas *práticas* para manter a espécie de relacionamento que ele mantém com o Pai. Na verdade, essas práticas — de solitude, silêncio, estudo, serviço, oração, adoração — passam a ser os lugares onde nos comprometemos a nos encontrar regularmente com ele e com seu Pai para sermos seus aprendizes ou discípulos na vida do reino.

Para alguns, talvez pareça estranho essas práticas — as disciplinas para a vida no Espírito — consistirem em comportamentos físicos. No entanto, não pode ser diferente. Aprender a semelhança a Cristo não é um processo passivo. É um envolvimento ativo em Deus e com ele. E agimos com nosso corpo. Além do mais, esse envolvimento físico cria as bases para que nossos membros físicos se predisponham para o bem, e remove cada vez mais a predisposição para o mal — assim, "Cristo será engrandecido em meu corpo, quer pela vida, quer pela morte; porque para mim o viver é Cristo e o morrer é lucro" (Fp 1:20-21).

## 9

### VIVENDO NA VISÃO DE DEUS

*Quem me serve precisa seguir-me; e, onde estou, o meu servo também estará.  
Aquele que me serve, meu Pai o honrará.*

JESUS (João 12:26)

QUEM VISITA A CIDADE de Assis, na Itália, encontra muita gente que fala sem parar sobre Francisco, muitos monumentos em homenagem a ele e muitos negócios que prosperam vendendo sua *memorabilia*. No entanto, não encontra ninguém que tenha o *fogo* que Francisco levava dentro de si. Sem dúvida, há muita gente boa na cidade, mas são pessoas que não têm o caráter de Francisco, não realizam obras como as dele, nem alcançam os resultados que ele alcançou.

Na verdade, não se trata de algo peculiar a esse caso. Antes, é apenas uma das ilustrações mais óbvias de uma tendência geral da vida humana — e também da vida espiritual. Acontece no universo das profissões, dos negócios, do governo, da educação e das artes: uma pessoa de grande inspiração e competência se eleva muito acima de suas origens e circunstâncias. O rei Davi de Israel, Sócrates, Antônio de Pádua, Francisco de Assis, Martinho Lutero, George Fox e John Wesley são exemplos disso. Em cada uma dessas pessoas há "um quê a mais".

*São*, de fato, pessoas diferentes, e essa diferença explica por que são tão influentes e por que movimentos e instituições se formam ao redor delas. É como se vivessem em outro mundo e, de lá, exercessem uma influência extraordinária sobre este mundo — como Deus faz com elas. Suas atividades são organizadas e geram outros grupos, à medida que inúmeros indivíduos talentosos são atraídos por esses luminares e se dedicam a trilhar o mesmo caminho que eles. Mas esses outros indivíduos — em geral, mas nem sempre, muito bem-intencionados — não têm dentro de si o "fogo", o "quê a mais". As organizações fundadas começam a se desviar sutilmente da visão que cativava o fundador e, em pouco tempo, a instituição e sua missão assumiram o lugar da visão.

isso também acontece em contextos seculares. Arthur Andersen era um homem de integridade inabalável, com uma visão extremamente clara da contabilidade como profissão. Fundou uma excelente empresa de contabilidade baseada em princípios morais sólidos. No entanto, com o passar do tempo, as pessoas que administravam a empresa tornaram-se obcecadas por dinheiro e sucesso e, em seguida, por ajudar seus clientes a ganhar dinheiro e ser bem-sucedidos, em vez de responsabilizá-los pelo bem público que todos afirmavam defender. Essas pessoas — que agiam no nome respeitável de Andersen, mas sem sua visão — desgraçaram a si e a milhares de incautos que dependiam delas. Isso não teria acontecido se tivessem dentro de si o mesmo fogo moral que ardia no fundador. A suposta galinha dos ovos de ouro pôs seus ovos no ninho do "serviço ao bem público" e o que nasceu foi um monstro que destruiu o ninho e tudo o que havia nele.

Francisco de Assis e Arthur Andersen são dois dos exemplos mais fascinantes e conhecidos de uma realidade injusta. Na maioria dos casos, quando o fogo inicial se apaga, as instituições e os indivíduos associados prosseguem por algum tempo, cada vez mais preocupados com o sucesso e a sobrevivência e, das duas uma: ou encontram outra base na qual se firmarem, ou simplesmente desaparecem. (Considere o caso de tantas universidades e escolas fundadas como instituições confessionais cristãs.)

Apesar de o processo descrito não se restringir a movimentos religiosos, é especialmente óbvio e doloroso ver isso acontecendo nos meios cristãos. Na verdade, em se tratando de questões religiosas, *não há maior fracasso do que o sucesso*. Esses tipos de movimento tocam o mais íntimo do coração humano e atendem a necessidades profundas. Por isso, não demoram a atrair muitas pessoas que nem sequer *desejam* ter em si o mesmo fogo do fundador — que não sabem do que se trata. No entanto, gostam da luz e do calor que esse fogo irradia e precisam dele. Mais cedo ou mais tarde, porém, ainda que sem intenção consciente, acabam apagando o fogo que lhes proporciona essa luz e esse calor ou simplesmente deixam-no morrer por falta de cuidado. A organização pode continuar operando sob o mesmo nome, à custa de sua *memorabilia*. Mas por dentro não é mais a mesma, e seus efeitos também não são mais os mesmos.

Assim, a "apostasia" (afastar-se de algo) é um fato natural e um processo relativamente normal na vida. É aquilo que deve ser esperado, e não um motivo de surpresa. Seria espantoso e anormal se isso não acontecesse. Nunca se trata, fundamentalmente, de falta de convicção ou doutrina correta, nem de decisão consciente. É uma mudança sutil de visão, de sentimento e vontade — da maneira como as pessoas vêem as coisas e de como se sentem a respeito daquilo que estão fazendo. As mudanças em

convicção e decisões conscientes são apenas o *epicentro* desse "tremor da alma". Elas se encontram na superfície da vida. O *centro* está localizado nos lugares mais profundos da alma dos indivíduos envolvidos.

Os tremores podem ocorrer *enquanto* essas grandes personalidades ainda estão vivas. Alguns exemplos disso são os reis bíblicos Saul, Amazias e Uzias, e os muitos indivíduos que se tornaram conhecidos do público nos últimos anos. Ou podem ocorrer algumas gerações depois — geralmente poucas — como no declínio da monarquia de Israel entre os reinados de Davi, Salomão e Roboão.

Um conhecido professor contemporâneo que treina pastores comentou que *poucos pastores tem um final feliz*. Essa declaração é mais verdadeira no tocante aos ministérios do que a seus líderes que, segundo minhas suspeitas, em geral se saem melhor do que as aparências indicam. Infelizmente, porém, é possível citar exemplos vívidos desse processo de deterioração em quase todas as denominações, assim como em instituições educacionais e organizações assistenciais.

Mas qual é a natureza sutil das transformações subjacentes que se revelam na perda do fogo interior da visão por causa do crescimento exterior da missão ou do ministério? O cerne da questão é um fato observado por Henri Nouwen: *nada é mais conflitante com o amor a Cristo do que o serviço a Cristo*. Que declaração mais estranha! Talvez seja um tanto exagerada, mas é verdade que o serviço bem-intencionado a Deus tem a forte tendência de solapar o tipo de visão de Deus que motiva a grandeza *para* Deus no cenário humano. Com a possível exceção de Davi, que de fato teve um final feliz, vemos isso constantemente nos reis de Judá e Israel.

O caso de Uzias é particularmente instrutivo: "Entretanto, depois que Uzias se tornou poderoso, o seu orgulho provocou a sua queda. Ele foi infiel ao SENHOR, o seu Deus, e entrou no templo do SENHOR para queimar incenso no altar de incenso" (2Cr 26:16). Uzias tornou-se poderoso por meio de sua devoção ao Senhor. Durante boa parte de sua vida ele se dedicou a conhecer a Deus num relacionamento íntimo. "Ele fez o que o SENHOR aprova [...] e buscou a Deus durante a vida de Zacarias, que o instruiu no temor de Deus. Enquanto buscou o Senhor, Deus o fez prosperar" (2Cr 26:4-5).

Mas as obras que Uzias realizou em cooperação com Deus o distraíram de sua visão original e voltaram seu foco para si mesmo e para aquilo que ele estava fazendo. Ele se tornou orgulhoso. Essa linguagem da Bíblia se transformou numa forma padronizada de diagnosticar o fracasso dos reis de Judá e de Israel. O resultado desse orgulho sempre foi *assumir mais junções Ao que era devido*. No caso de Uzias, foi sua decisão de realizar rituais religiosos que não lhe eram permitidos. Mas, na maioria dos casos, esses reis formaram alianças com outros homens ou tentaram instituir práticas que superestimavam aquilo que poderia ser realizado por forças humanas. Glorificaram a si mesmos e não confiaram em Deus.

Uma vez que perderam o enfoque correto, não conseguiram pôr em prática a lição do profeta Jaaziel:

Não tenham medo nem fiquem desanimados por causa desse exército enorme. Pois a batalha não é de vocês, mas de Deus. [...] Vocês não precisarão lutar nessa batalha. Tomem suas posições, permaneçam firmes e vejam o livramento que o SENHOR lhes dará. [...] Não tenham medo nem desanimem, [...] o SENHOR estará com vocês.

2Crônicas 20:15-17

Qual é, então, o padrão? Devoção intensa a Deus por parte de um indivíduo ou grupo produz sucesso exterior considerável. O sucesso exterior traz consigo uma sensação de realização e responsabilidade por aquilo que foi alcançado — e o desejo de realizar ainda *mais* coisas. Para um simples observador, tudo se resume ao sucesso exterior. A sensação de realização e responsabilidade desloca a visão de Deus para aquilo que estamos fazendo e devemos fazer — geralmente, para a aprovação e o apoio de pessoas solidárias. Cada vez mais, a missão *se transforma* na visão. Torna-se nosso foco. A missão e o ministério são aquilo a que dedicamos nossos pensamentos, sentimentos e nossas forças. Os objetivos tomam o lugar da visão de Deus na vida interior e nos vemos enredados numa busca por alcançar uma série de alvos, mas desprovidos de uma visão. Trabalhamos até a exaustão.

É nesse ponto que o serviço a Cristo toma o lugar do amor a Cristo. A realidade interior do amor a Deus e a dedicação total àquilo que *ele* está fazendo deixam de ser o centro da vida e podem até ser



desprezados ou, pelo menos, desconsiderados. Qualquer que seja a justificativa — por exemplo: "Não tenho tempo para isso" —, torna-se a atitude controladora. O fogo de Deus na alma humana sempre parecerá absurdo para aqueles que gostam de seus efeitos, mas não entendem de onde esses efeitos vêm.

A essa altura, instala-se uma consciência intensa de nossos direitos e privilégios. Amazias, que havia sido um rei relativamente bom em Judá, derrotou os edomitas — e trouxe os deuses deles para Jerusalém e os adorou! Ao ser repreendido por um profeta, o rei disse: "Por acaso nós o nomeamos conselheiro do rei? Pare! Por que você quer ser morto?" (2Cr 25:16).

Muitas vezes, não são os fundadores, mas aqueles que se reúnem ao redor deles que exigem privilégios e direitos. Com frequência, vêem isso como forma de servir a pessoa que admiram e, talvez, tenham a convicção de que o fundador não é um ser humano comum. Quando sentiu sede no campo de batalha, Davi fez um comentário casual sobre seu desejo de beber do poço profundo que ficava junto à porta de Belém. Três de seus "valentes" ouviram o comentário e atravessaram as linhas inimigas para buscar água desse poço. Mas Davi se recusou a bebê-la. Ele "derramou-a como uma oferta ao SENHOR", pois a devoção desses homens tornou a água preciosa demais para que ele a bebesse (2Sm 23:16). Trata-se de um vislumbre extremamente esclarecedor do coração bom e humilde de Davi, visto em várias outras ocasiões de sua vida. Mostra a imagem que ele tinha de si mesmo no mundo de Deus.

Francisco de Assis também oferece vários exemplos desse tipo de humildade perene. Mas, em seu caso, ela foi demais para sua "ordem" acompanhar e, em poucos anos, ele se viu lutando contra seus seguidores, pois estes consideraram os regulamentos propostos por seu fundador (a "regra") modestos demais para eles. Francisco perdeu e tornou-se até objeto de escárnio entre alguns de seus primeiros colaboradores por causa do fogo que ardia dentro dele.

Como já observamos, esse afastamento dos fundadores pode ser acompanhado de suposições de que essas pessoas não são "normais", que não são "de carne e osso" — enquanto, na verdade, é justamente sua "normalidade" e a consciência intensa dela que os levam a adotar certas medidas para se manterem centrados em Deus — para manter a visão correta e clara. Esses indivíduos, e não seus seguidores, entendem a batalha interior que precisa ser travada. Muitas vezes, os seguidores baseiam-se na suposição de que o fundador ou líder é "incomum" ou que possui "dons extraordinários" e, desse modo, não se sentem pressionados a imitar exatamente essa pessoa que admiram. Tal suposição costuma ser fundamentada numa falta absoluta de compreensão da maneira pela qual os líderes adquiriram sua visão de Deus — e, por vezes, os próprios líderes não sabem muito bem como isso aconteceu.

Assim, podemos resumir o processo pelo qual a missão e seus objetivos tomam o lugar da visão original como ponto absoluto de referência para as pessoas envolvidas. A visão de Deus e de si mesmo em Deus inspira uma combinação de humildade e grande anseio por Deus. Essa combinação leva a esforços extraordinários realizados na dependência de Deus. Grandes resultados são alcançados, pois Deus age *em conjunto* com os esforços feitos na dependência dele e por amor a ele. *Os resultados desenvolvem vida própria*. Pessoas ao redor só conseguem ver os resultados que, *de fato*, são extremamente notáveis e dignos de apoio. Por vezes, o apoio humano também representa o sustento de Deus. Mas os efeitos de tudo isso precisam ser vigiados com grande cuidado a fim de evitar que corrompam o coração, afastando-o de uma visão apropriada de Deus e da coragem humilde que flui dela.

O rei Salomão começou bem. Conhecia Deus, pelo menos por intermédio de seu pai, Davi, e sabia que não podia realizar seu trabalho sozinho. Orou pedindo sabedoria e conhecimento. Deus atendeu. Salomão tornou-se extremamente poderoso (2Cr 9). Mas, para fortalecer sua posição, formou alianças por meio de casamentos com as mulheres da casa real de várias nações e suas setecentas esposas desviaram seu coração de Jeová e o levaram a adorar deuses estrangeiros (1 Rs 11:1 -6). Quando morreu, o rei deixou para trás um governo terrivelmente opressivo contra o qual o povo estava pronto para se rebelar e um filho insensato para reinar. Não é absurdo pensar que Salomão foi vencido por seu programa de construção.

Mas será que precisa ser assim? É algo simplesmente inevitável? Em geral, a resposta é "não". Alguns indivíduos conseguem evitar esse processo degenerativo, muitos não. Alguns grupos e organizações conseguem adiá-lo. Os cristãos primitivos bateram o recorde de manter o fogo interior da visão dos "fundadores". Ao que parece, durante dois ou três séculos, a visão de Jesus Cristo como Senhor ardeu intensamente no coração de seus primeiros seguidores. Os sucessos extraordinários do

movimento foram bastante lentos em gerar um "vaso" exterior que substituiu o tesouro de Cristo como centro de atenção e devoção em sua vida.

As primeiras gerações de cristãos foram admiravelmente bem-sucedidas na tarefa de transmitir à geração seguinte a visão sagrada que as posicionava e guardava. Mas esse fenômeno não foi de todo inédito. No Antigo Testamento, Josué (Êx 33:11) e Eliseu (2Rs 2:9) representam dois casos em que os discípulos buscaram ao Senhor tanto quanto seus mestres (Moisés e Elias) e, em decorrência disso, viveram de acordo com o mesmo espírito.

Mais adiante na história cristã encontramos exemplos claros dessa transmissão do fogo original de uma geração para outra nos jesuítas, nos quacres, nos irmãos morávios e nos metodistas. Sem dúvida, há muitos outros casos menos conhecidos. Portanto, trata-se de algo possível. E há diversos casos de indivíduos em cada geração que tiveram um final feliz. Quais os elementos básicos dessa continuidade?

A resposta é de conceito simples, mas de execução difícil — especialmente para o caso transgeracional. É uma questão de *identificar e manter a percepção ou a visão de Deus, de si mesmo e do mundo, que permeou e motivou os fundadores*. Não há como reduzir isso a uma fórmula, pois se trata de uma questão extremamente pessoal que suscita amplo espaço para variações individuais. Também depende da graça — ou seja, da atuação de Deus em nossa vida para realizar o que não somos capazes de fazer por conta própria.

Não obstante todas essas considerações, há certas coisas que qualquer pessoa pode e deve fazer para receber e preservar o fogo espiritual que mantém a missão e o ministério em seu devido lugar, evitando que se transformem na visão limitante que nos deixa obcecados e, por fim, nos sufoca.

O primeiro passo é reconhecer sinceramente a inevitabilidade prática da perda de visão. Esse reconhecimento deve ser explícito e regular. Não deve ser feito de forma paranóica, mas apenas honesta. Precisamos encontrar maneiras de manter a visão em nossa mente e na de nossos colaboradores sem nos tornarmos inconvenientes. A criatividade e o bom gosto existem para ser usados.

Em segundo lugar, precisamos identificar, entender e nos dedicar à visão fundadora. Não é uma tarefa simples. Até mesmo os próprios fundadores podem não saber exatamente o que os motivou e os formou. Muitas vezes, humildade e modéstia louváveis os impedem de investigar sua vida mais a fundo e, por certo, também não permitem que "imponham" sobre outros aquilo que encontram dentro de si. Mas apesar de essa atitude ser elogiável, ela torna extremamente difícil manter a visão neles mesmos e em outros. Assim, é preciso ser honesto, preciso e explícito sobre aquilo que a visão era — e aquilo que deve ser hoje. O enfoque deve ser sobre a visão, e não sobre os indivíduos que a possuem, apesar de ser necessário que os indivíduos tenham a visão e realizem a missão.

Em terceiro lugar, é preciso adotar medidas para viver de acordo com o cerne da visão. A sabedoria de Provérbios diz: "Confie no SENHOR de todo o seu coração e não se apoie em seu próprio entendimento; reconheça o SENHOR em todos os seus caminhos, e ele endireitará as suas veredas. Não seja sábio aos seus próprios olhos" (3:5-7). E também: "Acima de tudo, guarde o seu coração, pois dele depende toda a sua vida" (4:23).

No centro do cuidado do coração *está* o amor de Deus. Esse deve ser o alvo jubiloso de nossa vida. É, por isso que, ressaltando o conceito profundo de vida desenvolvido ao longo da experiência judaica, Jesus afirmou que o primeiro mandamento é "Ame o Senhor, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma, de todo o seu entendimento e de todas as suas forças" (Mc 12:30). Isso é uma ordem. É algo que devemos fazer e algo que *podemos* fazer. Aprenderemos como fazê-lo *se tivermos a intenção* de fazê-lo. Deus nos ajudará e encontraremos um modo de obedecê-lo.

O amor de Deus, e somente o amor dele, guarda a visão de Deus, mantendo-a em nossa mente a todo tempo. De acordo com Thomas Watson:

... o primeiro fruto do amor é a *meditação da mente sobre Deus*. A pessoa apaixonada pensa sempre no objeto de sua afeição. Aquele que ama Deus é arrebatado e extasiado com a contemplação de Deus. [...] Deus é o tesouro, e onde está o tesouro, lá está o coração.

O rei Davi nos revela o segredo de sua vida: "Sempre tenho o SENHOR diante de mim. Com ele à minha direita não serei abalado" (Sl 16:8).

A visão de Deus guarda a humildade. Ver Deus como ele é de fato permite que vejamos a nós mesmos como somos realmente. Isso nos propicia *ousadia*, pois percebemos claramente que um grande bem e um grande mal estão em jogo e vemos que não cabe a nós realizar o bem, mas sim a Deus — aquele que é supremamente capaz. Somos livrados do fingimento, da presunção a nosso próprio respeito e da pressão, como se o resultado dependesse de nós. Persistimos sem frustração e praticamos a recusa calma e feliz em fazer qualquer tipo de mal.

Deus olha para aqueles que são humildes e contritos de espírito e que estremeceem quando ele fala (Is 66:2). Ele se opõe aos orgulhosos, mas dá graça aos humildes (1Pe 5:5). Lembre-se de que a graça indica que ele está agindo na vida dessas pessoas.

Assim, os humildes dependem de Deus, e não de si mesmos. Eles se humilham "debaixo da poderosa mão de Deus" (1 Pe 5:6), dependendo de Deus para agir. Colocam os resultados inteiramente nas mãos de Deus. " [Lançam] sobre ele toda a sua ansiedade, pois ele tem cuidado [deles]" (1Pe 5:7). O resultado é a certeza de que a missão e o ministério serão realizados no tempo e à maneira de Deus. *Esses dois* elementos não precisam ser a visão, e os objetivos que definimos para eles dizem respeito a Deus, não a nós. Fazemos nosso melhor, trabalhamos com afinco e até com sacrifício. Mas *não carregamos o peso, e nosso ego não se envolve* de nenhuma forma na missão e no ministério. Em nosso amor por Jesus e seu Pai, entregamos verdadeiramente nossa vida a ele. Nossa vida não é objeto de preocupação profunda.

A fim de manter e desenvolver esse tipo de vida de entrega a Deus é preciso ter um plano geral de vida que incorpore práticas voltadas especificamente para o cuidado do ser interior. Essas práticas são as disciplinas para a vida espiritual. Não será possível tratar dessas disciplinas aqui, mas o próximo passo para as pessoas que decidiram amar a Deus de todo o seu coração, de toda a sua mente, alma e de todas as suas forças é implementar práticas regulares que possibilitem concretizar essa decisão. Isso levará algum tempo e exigirá estudo, experimentação e orientação do Espírito Santo. No entanto, é um plano executável e, quando implementado, torna a vida incalculavelmente mais fácil, agradável e intensa. A missão e o ministério deixam de ser pesados, apesar de continuarem a ser desafiadores e exigirem esforço. No entanto, o jugo de Cristo é suave, seu fardo é leve e há descanso para a alma (Mt 11:29-30).

Para aqueles que experimentaram esse tipo de vida no passado, o chamado é para uma volta ao primeiro amor e às primeiras obras e, então, para aprender como desenvolver essa atitude inicial na vida de hoje. Para aqueles que nunca tiveram essas experiências, o chamado é para um enfoque sobre o amor de Deus por nós até que nosso coração, nossa alma, nossa mente e nossas forças transbordem de amor recíproco. "Nós amamos porque ele nos amou primeiro" (1Jo 4:19).

E para aqueles que estão vivendo no amor de Deus e se preocupam com a geração seguinte ao redor deles e seu envolvimento na visão plena do amor de Deus, o chamado é para fazer dessas questões o tema de discussões sérias e extensas e de orações com aqueles que serão os líderes do futuro. Fale com franqueza e honestidade, com frequência e amor. No devido tempo, será preciso decidir a quem confiar o futuro da organização. Essas decisões devem ser feitas de forma amorosa, porém firme, e "debaixo da poderosa mão de Deus". Não podem ser evitadas. Cabe a nós fazer os preparativos necessários pela prática e pelo ensino sensato e bíblico, por meio da palavra e do exemplo. Também nisso precisamos confiar na operação de Deus em nosso meio (graça) — Deus, a quem amamos, e de cujo amor falamos constantemente para outros.

Na verdade, tudo se resume a amar a Deus de todo nosso coração, de toda mente, alma e de todas as forças, e de colocar em primeiro lugar em nossos planos as atividades que vão ao encontro da graça ativa de Deus, a fim de que esse amor se torne nossa vida.

# 10

## REFLEXÕES DE IDAHO SPRINGS SOBRE A FORMAÇÃO ESPIRITUAL

No FINAL DE 1999, um pequeno grupo de professores cristãos reuniu-se num retiro perto de Idaho Springs, Colorado, para refletir em oração sobre o significado e as perspectivas da formação espiritual cristã de hoje. Sem nenhuma autoridade humana, mas com uma preocupação intensa pela vida de Jesus Cristo em seu povo em nosso tempo, e pela propagação de seu evangelho em todo o mundo, procuramos respostas claras e práticas para várias questões com as quais deparamos hoje acerca da formação espiritual. As respostas a essas questões apresentadas a seguir foram formuladas por mim e podem não corresponder exatamente ao que outros membros do grupo diriam. No entanto, espero que sirvam para nos orientar na tarefa de enfrentar os desafios atuais para a formação de um ser interior e uma vida profundamente semelhantes a Cristo e para que a Igreja possa aproveitar ao máximo o crescimento no interesse pela formação espiritual característico do final do século XX e início do século XXI.

## O QUE É FORMAÇÃO ESPIRITUAL? COMO DESCREVÊ-LA NA LINGUAGEM DA VIDA CONTEMPORÂNEA?

Há uma dimensão oculta na vida de toda pessoa que não é visível a outros e que nem nós mesmos somos capazes de entender completamente. Essa é a dádiva de Deus a nós na criação, de modo que tenhamos espaço para nos tornarmos as pessoas que escolhermos ser. A partir dela, gerenciamos nossa vida da melhor maneira possível, utilizando os recursos do entendimento, da emoção e das circunstâncias que se encontram a nosso dispor. É nessa esfera que nos vemos diante de Deus e de nossa consciência. A dimensão oculta do indivíduo costuma ser considerada em termos espaciais como a "interioridade", o "âmago", o "ser mais profundo" da pessoa. Essa linguagem mostra que se trata de algo oculto e, ao mesmo tempo, fundamental. O coração, a alma, os sentimentos e as intenções se encontram nessa esfera e constituem o verdadeiro caráter da pessoa: quem ela é e o que ela faz.

Dentro da dimensão invisível da pessoa e bem no centro de sua consciência está o espírito humano. "Deus é Espírito", a vontade criadora que gera e governa o universo, e o "espírito" é o elemento criativo na natureza humana, "a imagem de Deus no homem". O espírito humano é, em essência, o que chamamos hoje de "vontade", a capacidade de fazer escolhas e tomar decisões, e aquilo que na Bíblia e na tradição é chamado de "coração". É a fonte radical de nossa vida: do fluxo de ações, influências e contribuições que realizamos no mundo visível em que vivemos e em sua história.

A formação espiritual, independentemente de qualquer tradição ou contexto religioso, é *o processo pelo qual o espírito ou a vontade humana recebe uma forma definida ou um caráter*. Não se engane: é um processo que ocorre em *todas as pessoas*. Os indivíduos mais desprezíveis, assim como os mais admiráveis, tiveram uma formação espiritual. Todos nós nos tornamos certo tipo de pessoa, adquirimos um caráter específico, e isso é resultado de um processo de formação espiritual entendido em termos humanos gerais. Felizes ou bem-aventurados são os que conseguem encontrar ou recebem um caminho de vida que formará seu espírito e mundo interior de modo verdadeiramente forte e bom.

A formação espiritual cristã, em contrapartida, é *o processo redentor de formar o universo interior humano de modo que este adquira o caráter do ser interior do próprio Cristo*. À medida que esse processo é bem-sucedido, a vida exterior do indivíduo torna-se expressão ou efusão do caráter e dos ensinamentos de Jesus. No entanto, as manifestações exteriores da semelhança com Cristo não são o foco do processo, e, quando tais manifestações são transformadas na ênfase central, o processo fracassa e torna-se legalismo opressor e paroquialismo. "Até que Cristo seja formado em vocês" (Gl 4:19) é a palavra de ordem da formação espiritual cristã, corroborada pela certeza de que "a letra mata, mas o Espírito vivifica" (2Co 3:6).

Assim, os ensinamentos de Jesus no Sermão do Monte (Mt 5—7), por exemplo, fazem referência a diversos comportamentos: a expressão de raiva, o olhar lascivo, o divórcio insensível, a manipulação verbal, a retribuição do mal com o mal, e assim por diante. No entanto, como inúmeras experiências nos ensinam, esforçar-se para simplesmente *agir* em conformidade com esses exemplos da vida no reino de Deus é uma missão impossível e leva as pessoas a fazer coisas obviamente erradas e até mesmo ridículas. Seu único resultado é aumentar "a justiça" dos fariseus e mestres da lei" sem ir além dela e encontrar a verdadeira transformação de nosso ser como homens e mulheres de Cristo em seu reino (Mt 5:20).

Os meios usados para a formação espiritual cristã (à qual nos referiremos daqui em diante quando falarmos simplesmente de "formação espiritual") envolvem muito mais do que os esforços humanos. O esforço humano devidamente orientado é necessário, pois a formação espiritual não é um processo passivo. Porém, a semelhança de Cristo no ser interior não é apenas uma realização humana. É, em

última análise, uma dádiva da graça. Os recursos para essa transformação não são humanos; antes, vem da presença interativa do Espírito Santo na vida dos que depositam sua confiança em Cristo e também dos tesouros espirituais guardados na congregação no Corpo de Cristo na terra — seu povo. Portanto, não temos em mente apenas a formação do espírito ou ser interior do indivíduo, mas também a formação Espírito de Deus e pelas riquezas espirituais da encarnação contínua de Cristo em seu povo — passado e presente — incluindo, de maneira mais proeminente, os tesouros de sua palavra escrita e falada.

#### QUAIS SÃO OS ELEMENTOS OU AS ATIVIDADES FUNDAMENTAIS DE UM PROCESSO EFICAZ DE FORMAÇÃO ESPIRITUAL CRISTA?

Em primeiro lugar, temos a operação do Espírito Santo e da Palavra do evangelho que desperta aqueles que estão "mortos em seus delitos e pecados" para o amor de Deus e para a disponibilidade da vida em seu reino por meio da fé em Jesus Cristo. Essa operação permite que aceitem a Cristo como Salvador, o que, por sua vez, abre sua alma para a afluência da vida divina, tornando-os "participantes da natureza divina" (2Pe 1:4) e, nesse sentido, filhos de Deus. A iniciativa do Espírito, da Palavra e daqueles que ministram o Espírito e a Palavra de várias maneiras e incessante no processo de formação espiritual.

No entanto, também há uma busca constante por parte do discípulo como indivíduo ou de grupos de discípulos. A palavra profética assevera: "Vocês me procurarão e me acharão quando me procurarem de todo o coração" (Jr 29:13). E afirma também: "[Deus] recompensa aqueles que o buscam" (Hb 11:6). Essa busca é motivada pelo desejo de ser interiormente puro diante de Deus, de ter total dedicação a ele, de amá-lo de todo o coração, toda a mente, alma e todas as forças. E, um desejo inseparável deste é o de ser bom como Cristo é bom: de amar nossos familiares, amigos e vizinhos como ele os ama. e de servi-los com os poderes do reino de Deus.

Essa busca é implementada pela descoberta da situação de nosso coração e do mundo interior por meio de estudo, reflexão, oração e conversas com outros e, subseqüentemente, por medidas apropriadas para mudar o que não está certo dentro de nós e também no mundo social visível do qual fazemos parte. Descobrimos o que Deus está fazendo em nós e no mundo visível e combinamos nossas ações com as dele. Foi isso que Jesus descreveu repetidamente como buscar "em primeiro lugar o reino de Deus e a sua justiça" (Mt 6:33).

A maioria das atividades que costumam ser identificadas como "religiosas" *pode* e deve fazer parte do processo de formação espiritual. A adoração em público e em particular, o estudo da Bíblia, da natureza, dos atos de Deus na história, a oração, a dedicação a causas dignas, e o serviço a outros podem todas ser elementos extremamente eficazes nessa formação. No entanto, devem ser abordados refletida e firmemente com esse propósito, pois, de outro modo, terão pouco ou nenhum efeito em promover a formação desejada.

Outras atividades menos comuns como o jejum, a solitude, o silêncio, a oração com o propósito de ouvir Deus, a memorização das Escrituras, a vida frugal, a confissão, os diários da vida espiritual, a submissão à vontade de outros sempre que apropriado e a direção espiritual usada com sabedoria são, na verdade, mais fundamentais para a formação espiritual na semelhança com Cristo do que as práticas religiosas mais conhecidas e são essenciais para que essas últimas sejam usadas de forma proveitosa.

Todas essas atividades devem ser consideradas no contexto de uma caminhada íntima e pessoal com Jesus como nosso Salvador e Mestre fiel. Não é possível reduzir a formação espiritual a uma fórmula, pois ela é um relacionamento dinâmico e extremamente individualizado. É certo, porém, que qualquer iniciativa para a formação espiritual abençoada por Deus inclui boa parte dos elementos já mencionados.

COMO A FORMAÇÃO ESPIRITUAL É EXPRESSA NA LINGUAGEM DA BÍBLIA? É UM CONCEITO BÍBLICO? O USO ATUAL DESSES TERMOS É, DE FAIO, ALGO NOVO OU APENAS UMA FORMA CORRENTE DE EXPRESSAR PRÁTICAS ANTIGAS? A formação espiritual é um conceito bíblico expresso de várias maneiras nas Escrituras — na admoestação, na oração, no ensino e no exemplo. O livro de Provérbios diz: "Guarde-as [as minhas palavras] no fundo do coração, pois são vida para quem as encontra e saúde para todo o seu ser. Acima de tudo, guarde o seu coração, pois dele depende toda a vida" (4:21-23). O salmista suplica: "Cria em mim um coração puro, ó Deus, e renova dentro de mim um espírito estável. [...] Sustenta-me com um



espírito pronto a obedecer. [...] Os sacrifícios que agradam a Deus são um espírito quebrantado; um coração quebrantado e contrito, ó Deus, não desprezarás" (Sl 51:10-17; cf. também Is 66:2-6). Mais adiante, encontramos a indicação de uma estratégia de formação espiritual: "Guardai no coração a tua palavra para não pecar contra ti" (Sl 119:11; cf. também Js 1:8 e Sl 1).

Deus olha o que está no coração (1Sm 16:7), procura aqueles que o adoram em espírito e verdade e só pode ser adorado por eles (Jo 4:23-24). Profere uma palavra tão penetrante que pode fazer distinção entre a alma e o espírito do ser humano (Hb4:12). Identifica e rejeita aqueles que o honram apenas com os lábios, mas cujo coração está longe dele (Is 29:13; cf. também Mt 15:8-9,18).

A religião bíblica é, sobretudo, uma religião do coração e trata de guardá-lo. Assim, Jesus enfatiza que não existem árvores boas que produzam maus frutos, nem árvores más que produzam bons frutos (Lc 6:43) e que o bem e o mal que vem das pessoas são provenientes de seu coração (Lc 6:45; Mc 7:21-23). Não devemos limpar o exterior do copo, mas o interior, pois então o exterior ficará limpo (Mt 23:25-26).

A instrução constante do apóstolo Paulo é para que renovemos nosso ser interior "nos despindo do velho homem" e "nos revestindo do novo homem" caracterizado por "profunda compaixão, bondade, humildade, mansidão e paciência. [...] Perdoem como o Senhor lhes perdoou. Acima de tudo, porém, revistam-se do amor, que é o elo perfeito" (Cl 3:12-14). Ele ora para que os efésios sejam fortalecidos "no íntimo do seu ser com poder, por meio do seu Espírito, para que Cristo habite no coração de vocês mediante a fê; [...] para que vocês sejam cheios de toda a plenitude de Deus" (Ef 3:16-19); e concede testemunho de si mesmo dizendo: "... interiormente estamos sendo renovados dia após dia [...] Assim, fixamos os olhos, não naquilo que se vê, mas no que não se vê (2Co 4:16-18).

Fica claro, portanto, que a formação espiritual não é algo novo na história do povo de Cristo. As congregações cristãs primitivas do Oriente e do Ocidente mostram que as práticas da formação espiritual são tão antigas quanto o cristianismo; a própria linguagem da formação espiritual é usada *há* séculos em muitas das subdivisões da Igreja Católica existentes até os dias de hoje. Em tempos mais antigos, os cristãos falavam de *instituições* da vida espiritual.<sup>14</sup> Além do mais, a realidade — ainda que não a linguagem — da formação espiritual está presente de forma substancial na ala protestante da Igreja e em suas formas puritanas e reformadas, assim como entre os anabatistas, metodistas e as várias subdivisões posteriores.

E, no entanto, com referência às igrejas protestantes do final do século XX nos Estados Unidos e no Ocidente em geral, a formação espiritual é, claramente, algo novo. Estamos num ponto crucial do progresso da fê cristã em nosso tempo e diante de uma oportunidade que não deve ser perdida.

O acontecimento mais proeminente dos dois últimos séculos de vida cristã tem sido a luta entre a ortodoxia e o modernismo. Nessa luta, a questão central *não* tem sido o discipulado a Cristo e a transformação da alma que se expressa em obediência abrangente e diária a "todas as coisas que vos tenho ordenado". Antes, os dois lados da controvérsia têm se concentrado quase inteiramente naquilo que deve ser declarado ou rejeitado de forma explícita como doutrina cristã essencial. Nos conflitos de idéias sobre Cristo o Salvador, *Cristo o Mestre não está presente em nenhum dos lados*.

O discipulado como questão central desapareceu das igrejas e, com ele, também os planos e programas realistas para a transformação do ser mais íntimo na semelhança com Cristo. Tornou-se possível ser cristão a vida toda sem uma mudança verdadeira de coração e de vida. O único requisito é uma *profissão de fé* correta, seja afirmativa seja negativa. Essa realidade produziu gerações de cristãos professos que, como um todo, não diferem em caráter, mas apenas em ritual, de seus vizinhos não professos; além disso, surgiu nos Estados Unidos uma população enorme que crê em Deus e até se considera espiritual, mas que não quer compromisso com as igrejas — muitas vezes, por uma questão de orgulho. O que, em outros tempos, era considerado um cristianismo só de nome, hoje se tornou o cristianismo "normal", mesmo entre aqueles cuja tradição se orgulhava de não ser cristã apenas de nome.

A novidade no atual reavivamento do interesse pela formação espiritual é O reconhecimento geral de que ignorar a transformação autêntica, profunda e total da vida interior do ser humano não é desejável, não é necessário e talvez não seja permissível. Estamos vendo que a alma humana anseia por transformação, por plenitude de santidade, que está enferma e agonizante sem ela e que buscará por toda a pane — mesmo que, nesse processo, cause a própria destruição. Estamos percebendo que a Igreja trai a si mesma e a seu mundo quando não torna claro e acessível o caminho para a transformação interior radical por meio de Cristo.

<sup>14</sup> Veja John CASSIAN, *The Monastic Institutes*, London: Saint Austin, Press. 1999.

## QUE RELAÇÃO HÁ ENTRE A FORMAÇÃO ESPIRITUAL E A SALVAÇÃO? QUAL É O PAPEL DA GRAÇA NA FORMAÇÃO ESPIRITUAL?

Quando se fala de "salvação" hoje em dia, nos círculos em que esse assunto ainda é tratado, o conceito é quase sempre associado a garantir o céu depois da morte. Uma pessoa é "salva" quando Deus a conta entre aqueles que serão recebidos em sua presença por ocasião da morte ou em algum momento depois dela. Esse uso dos termos "salvação" e "salvo" priva a terminologia do sentido geral de *libertação* que ela apresenta na Bíblia como um todo.

Essa perda é decorrente não apenas de uma obsessão de longa data com o perdão dos pecados e o controle sobre o perdão como os únicos elementos verdadeiramente essenciais, mas também do sucesso dos evangélicos em enfatizar, nos últimos séculos, a importância fundamental do perdão.

Se acrescentamos a idéia de que o perdão é estritamente uma questão do que alguém crê (ou professa crer), temos a receita para o atual cristianismo consumista sem discipulado que nossa geração recebeu como herança.

Se, no entanto — sem negarmos, de maneira alguma, a importância essencial da crença correta e do perdão dos pecados —, entendermos a "fé salvadora" como *confiança em Jesus Cristo*, em sua pessoa como um todo, e não apenas em parte daquilo que ele fez ou disse, veremos a salvação como algo que liberta o discípulo, a pessoa como um todo, e a conduz à vida plena no reino de Deus. Isso inclui a transformação interior progressiva do cristão, não como condição para entrar no céu — salvação no sentido comum —, mas como parte natural de um todo que também abrange uma nova vida, um crescimento espiritual constante e a entrada no céu como resultado natural e não como foco central. A libertação será, de fato, uma cura dupla da enfermidade do pecado, livrando-nos da ira e, ao mesmo tempo, tornando-nos puros.

Essa libertação é graça em todos os sentidos. É o dom da vida num relacionamento constante e interativo com o Senhor, Salvador e Mestre vivo. Como o próprio Jesus disse: "Hsu é a vida eterna: que te conheçam, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste" (Jo 17:3). No sentido bíblico, o "conhecimento\*" é um relacionamento interativo. É o relacionamento redentor do discípulo com o mestre, no qual o favor imerecido é recebido desde os primeiros estágios de arrependimento e perdão até as dádivas mais avançadas de visão, caráter, serviço e poder (At 6:8). A formação espiritual é simplesmente o processo pelo qual "[crescemos], porém, na graça [certamente não no perdão!] e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo" (2Pe 3:18).

## QUE RELAÇÃO HA ENTRE A FORMAÇÃO ESPIRITUAL F. A ESPIRITUALIDADE E AS MUITAS "ESPIRITUALIDADES" ENCONTRADAS POR TODA A PARTE HOJE? COMO, SE ESTE É O CASO, A FORMAÇÃO ESPIRITUAL CRISTA E EXCLUSIVA, E NÃO INCLUSIVA?

No contexto cristão, somos espirituais quando *encontramos a origem e a direção de nossa vida em Jesus Cristo*, o Senhor vivo, por intermédio do Espírito Santo e de outros meios definidos por Deus em seu reino, que é, em si, uma realidade espiritual. Fora desse contexto existem, evidentemente, outros espíritos (1 Co 10:20; 12:2).

O espírito é o poder pessoal incorpóreo. Não é apenas uma força ou energia — nem mesmo algo que se encontra fora da estrutura das coisas físicas, conforme estas, em geral, são entendidas. É um poder que opera de maneira independente das forças corpóreas e naturais, ainda que seja possível estar intimamente envolvido com elas. Assume a forma de idéias, atitudes, emoções, avaliações, decisões e ações. É, portanto, pessoal. Como já observamos, o ser humano tem um espírito e é, sobretudo, um ser espiritual, ainda que eternamente especificado por sua história corpórea. Os anjos — tanto os maus quanto os bons — são seres espirituais. E, acima de tudo, "Deus é Espírito".

Quando a vida de um ser humano é dependente das interações dele com Deus, o ser humano é uma pessoa espiritual. A espiritualidade é a qualidade de vida que caracteriza essa pessoa. Contrastando com isso, uma pessoa é carnal quando essa qualidade de vida não está presente e quando a pessoa está operando com base em recursos meramente humanos ou naturais. Quanto mais avançado um indivíduo estiver em sua formação espiritual, maior e mais abrangente será sua espiritualidade.

Hoje em dia não faltam "espiritualidades". Muitas vezes, estas não envolvem outra coisa senão uma forma exterior de "praticar religião" ou mesmo um simples estilo de vida. Mas no contexto cultural mais amplo, todas as diversas espiritualidades representam tentativas de obter identidade e

poder num mundo em que a falta de percepção de si mesmo e sentimentos de insignificância e impotência oprimem a alma e o espírito humano. Todas elas envolvem práticas explícitas — talvez rituais, formas de vestir e manter a aparência, ou rotinas especiais de dieta, exercício ou interação social — que prometem caracterizar o indivíduo como alguém especial e dar acesso a uma energia fora da esfera "natural". Muitas vezes, apresentam pontos em comum com as disciplinas espirituais usadas dentro de várias tradições manifestamente cristãs ou de outras religiões.

Tudo o que é bom é aceitável, e Jesus Cristo certamente seria o primeiro a dizer isso. No entanto, em termos gerais, *todas* as "espiritualidades" são mais ou menos exclusivas em relação às outras. Nenhuma delas defende que absolutamente tudo é válido. Todas insistem em que há uma forma certa e uma errada de viver sua versão da vida espiritual. E não se pode encontrar nenhuma espiritualidade (nem mesmo aquelas que professam ser mais inclusivistas) que não exclua, por meio de suas crenças e práticas, as crenças e práticas de outras — aliás, da maioria das outras — espiritualidades. É uma ilusão contemporânea crer que o cristianismo e o *único* que julga e exclui ou que, no todo, e mais exclusivo do que outras formas de espiritualidade.

A exclusividade da espiritualidade e da formação espiritual cristã se encontra simplesmente na vida que constituem e promovem. Se o cristianismo permanecer fiel à sua essência, os outros só precisarão ver e comparar. O cristão não pode ser tacanho e hostil, antes, precisa apenas seguir e aprender de Jesus Cristo em todas as coisas. O objetivo da formação espiritual é a obediência ao Senhor Jesus resultante da conformidade interior a Cristo. Essa conformidade será categoricamente exclusiva não por arrogância em relação a outras espiritualidades, mas por seu grau de amor autêntico e cuidado efetivo por todos sem discriminação. A inclusividade é uma graça da vida que, entendida de forma adequada e honesta, deve ser arraigada na formação espiritual em Cristo. Não se trata de uma posição ética ou política que qualquer um pode aceitar ou rejeitar como bem entender. Essa inclusão exige recursos que não se encontram muito à disposição.

QUAL É O PAPEL DAS DISCIPLINAS ESPIRITUAIS NA FORMAÇÃO ESPIRITUAL? Ao falar de "disciplinas" estamos nos referindo a atividades realizadas ou escolhidas de maneira consciente, com o propósito de nos capacitar para aquilo que não conseguimos fazer por esforço direto. As disciplinas *espirituais* são atividades desse tipo, mas especificamente relevantes para o crescimento e a realização na vida espiritual. São, portanto, fatores importantes na formação espiritual. Constituem uma parte substancial daquilo com que podemos contribuir para nossa própria formação espiritual.

Se, por exemplo, como acontece com a maioria das pessoas, descubro que não sou capaz, por meio de esforço *direto*, de "abençoar os que me amaldiçoam", de "orar sem cessar", de abandonar a ira ou de não olhar com cobiça ou lascívia, então é *minha responsabilidade encontrar uma forma de me treinar* (sempre sob a graça e orientação divina, como não devemos jamais esquecer) de modo a ser capaz de fazer aquilo que não consigo simplesmente tentando no momento de necessidade.

"Vigiem e orem para que não caiam em tentação" foi o excelente conselho de Jesus a seus amigos exaustos, a fim de ajudar seu espírito verdadeiramente disposto na luta contra a fraqueza de suas capacidades naturais (a "carne") (Mt 26:41). "Não deixe de falar as palavras deste Livro da Lei e de meditar nelas de dia e de noite, para que você cumpra fielmente tudo o que nele está escrito. Só então os seus caminhos prosperarão e você será bem-sucedido" (Js 1:8). Esses versículos incorporam a sabedoria das Escrituras de que precisamos *romper certas medidas* para receber a assistência espiritual necessária e de que, em geral, essa assistência não será imposta ou infundida em nós enquanto permanecermos passivos.

A solitude e o silêncio, o jejum e a frugalidade, o estudo e a adoração, o serviço e a submissão — e outras práticas que cumprem os mesmos propósitos (não existe uma lista completa) — são, portanto, partes essenciais de qualquer programa confiável de formação espiritual. Devem constituir uma parcela considerável de nossa vida privada e de nossas relações com outros do corpo de Cristo. Essas atividades não nos proporcionam mérito, mas nos permitem receber de Deus aquilo que não seria concedido se permanecêssemos passivos. Não são retidão, mas sim, sabedoria.

QUAL É O PAPEL DOS DONS E DO FRUTO DO ESPÍRITO NA FORMAÇÃO ESPIRITUAL? "Mas o fruto do Espírito é amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio" (Gl 5:22-23). A idéia é a mesma ou intimamente relacionada àquilo que Paulo chama em outra passagem de "fruto

da luz [que] consiste em toda bondade, justiça e verdade" (Ef 5:9). Evidentemente, é o mesmo que amor no *sentido abrangente* da palavra descrito por Paulo em 1 Coríntios 13 e Colossenses 3:14, um tema constante nos ensinamentos de Jesus.

O *fruto* do Espírito é simplesmente o caráter interior do próprio Cristo concretizado em nós por meio do processo da formação espiritual cristã. É o *resultado* da formação espiritual. É "Cristo formado em nós". É chamado de "fruto", pois, como o fruto das árvores ou videiras, é consequência daquilo que nos tornamos, e não o resultado de um esforço específico para dar frutos. E, desse modo, nos tornamos "frutuosos", pois recebemos a presença do Espírito de Cristo por meio do processo de formação espiritual e agora esse Espírito, interagindo conosco, nos enche de amor, alegria, paz etc.

A medida que o fruto do Espírito aumenta em nós, é evidente que se torna um elemento dinâmico por si mesmo no processo contínuo de formação espiritual. Ser tomado de amor, alegria, paz etc. e ter os recursos ricos para manter e intensificar uma vida repleta de fé e para crescer em todas as dimensões da graça interior e exterior. O fruto do Espírito e a formação espiritual passam a se sustentar mutuamente, à medida que a formação espiritual progride no indivíduo.

Isso também se aplica, de outra forma, à formação espiritual e aos dons do Espírito. Os dons do Espírito são habilidades sobrenaturais específicas distribuídas entre aqueles que constituem o Corpo de Cristo aqui na terra, a fim de que todos os membros possam ser beneficiados por todos esses dons conforme necessário. "Há diferentes formas de atuação, mas é o mesmo Deus quem efetua tudo em todos. A cada um, porém, é dada a manifestação do Espírito, visando ao bem comum" (1 Co 12:6-7). A formação espiritual não tem meios de avançar da forma como Deus determinou se o indivíduo não fizer parte de um corpo de cristãos onde possa receber os benefícios dos dons de outros. Sem os dons, o fruto não pode ser produzido nem mantido.

Os dons do Espírito, por sua vez, só podem ser usados corretamente se aquele que os recebe e serve a outros por meio deles tiver a devida formação interior na semelhança de Cristo. Não somos passivos no processo de receber e servir com os dons do Espírito. Eles devem ser buscados, recebidos e cultivados ativamente. Tudo isso requer uma transformação contínua do ser interior. A formação espiritual lança os alicerces e fornece a estrutura apropriada para o exercício desses dons pelo indivíduo e pelo grupo, e o exercício desses dons pelo indivíduo para o grupo e, dentro do grupo para o indivíduo, é necessário para que a formação espiritual avance da maneira como deve. Os dons, de per si, não têm participação relevante na formação do espírito e do caráter daqueles que o exercitam. E, o que é mais importante, apesar de fazerem parte da formação espiritual, os dons do Espírito não a substituem.

## A FORMAÇÃO ESPIRITUAL NÃO É UM PROJETO HUMANO, EXPRESSO DE FORMA IGUALMENTE ADEQUADA FM VARIAS TRADIÇÕES FORA O CRISTIANISMO?

A formação espiritual é, de fato, um projeto humano. É uma parte natural e requisito da condição humana. Até hoje, nunca existiu uma sociedade sem formação espiritual. O ser humano não é um animal instintivo que desenvolve naturalmente tudo o que é necessário para sua existência. Antes, deve ser ensinado, e um elemento essencial daquilo que é ensinado (e assimilado) são as condições interiores da vida (pensamentos, emoções, intenções etc.) que tornam possível a existência social e permitem que o indivíduo continue a esperar por uma vida boa.

Muita coisa boa pode ser encontrada em todas as grandes tradições humanas de formação espiritual, e os cristãos respeitam de bom grado aquilo que é bom onde quer que possa ser encontrado. Cremos nisto: "Toda boa dádiva e todo dom perfeito vem do alto, descendo do Pai das luzes" (Tg 1:17; cf. também At 14:15-17). Só os que têm muito pouco é que não podem se dar o luxo de ser generosos.

No entanto, se a formação espiritual do ser humano é "expressa de forma igualmente adequada em outras tradições além da cristã", então ela é uma questão factual, e não algo que pode ser respondido simplesmente pela generosidade ou evitando-se uma atitude julgadora ou superior. Em muitos casos — como das culturas antigas da Grécia e de Roma que se preocupavam de forma profunda e inteligente com a formação correta do espírito humano conforme o entendiam —, a resposta para essa pergunta é claramente "não". Há um bom motivo para a vida e os ensinamentos cristãos terem suplantado todas essas espiritualidades, como seriam chamadas hoje em dia, nos primeiros séculos da era cristã. Elas não foram "intimidadas" até sumirem por artifícios, força política ou física.

Não parece seriamente provável que as espiritualidades contemporâneas — da Nova Era ao paganismo reavivado e secularismo — possam ter esperança de desafiar com sucesso a formação espiritual cristã, conforme seu ideal histórico, como maneira mais excelente de promover a vida a ser estimada entre os seres humanos, muito menos como uma forma de viver agradável ao Deus que examina o coração. Mas não precisamos encerrar essa questão de imediato. Antes, devemos fazer todo tipo possível de comparação justa e inteligente — em especial com outras grandes religiões históricas e *seu* ideal histórico — e a decisão deve ser tomada com base nos fatos. Trata-se de uma parte essencial daquilo que representaria a obediência à ordem apostólica para "[tratar] a todos com o devido respeito" (1 Pe 2:17) e "[pôr] à prova todas as coisas e [ficar] com o que é bom" (1Ts 5:21). O Caminho de Cristo não foge dos fatos nem os nega; pelo contrário: lança mão dos fatos e insta a todos que façam o mesmo.

QUAL É A RELAÇÃO ENTRE A PSICOLOGIA E A FORMAÇÃO ESPIRITUAL? É natural que nos voltemos para a psicologia a fim de entender a alma e tentar suprir suas necessidades. Seja como for, a psicologia não pode fugir de sua responsabilidade de compreender a alma humana — ou, se preferir, a vida. Uma tendência forte dentro dessa área é a "psicologia profunda". "Que outro tipo de psicologia há?", podemos perguntar inocentemente. "Psicologia superficial?". A psicologia é levada às *profundezas* do ser humano pelo próprio objeto de sua investigação.

A formação espiritual, por sua vez, também deve tratar das realidades da alma. A vida espiritual do ser humano, mesmo em seu nível mais elevado e extático, é uma realidade psicológica, apesar de não se limitar a isso. Assim, ao se tornar cada vez mais claro no início deste século que o estudo da Bíblia, a oração, o ensino e a pregação pública da Palavra e o ritual religioso — pelo menos da forma como eram praticados — não atendiam às necessidades muitas vezes prementes dos cristãos professos, foi natural e apropriado que surgisse um movimento de "psicologia cristã". Na época, não havia nenhuma literatura ou pesquisa nessa área, exceto alguns fragmentos dispersos sobre psicologia pastoral, e a maioria dos teóricos mais conhecidos do campo da psicologia consideravam o cristianismo e as religiões em geral com hostilidade ou desprezo.

A relação entre a psicologia moderna e a religião teve um início turbulento e continua difícil nos dias de hoje. Não obstante, testemunhamos o surgimento de um grande número de psicólogos cristãos que se tornaram uma presença vital e influente na psicologia clínica. Infelizmente, apesar de haver excelentes psicólogos cristãos, ainda não surgiu uma psicologia verdadeiramente cristã — uma visão teórica da alma humana que faça jus a todos os fatos de nossa existência psíquica, inclusive a vida espiritual e a formação espiritual. O psicólogo cristão é obrigado a formar uma colcha de retalhos de *insights* teóricos e práticos provenientes de diversas fontes, algumas das quais contrárias à visão cristã da natureza e do destino do ser humano.

É evidente que, em termos metodológicos, a psicologia em si é um campo profundamente dividido. Esse fato pode parecer um obstáculo para a promoção de um relacionamento produtivo entre a psicologia e a formação espiritual. No entanto, é possível que, na verdade, ofereça a oportunidade de desenvolver uma visão genuinamente apropriada do ser humano dentro de uma estrutura da vida espiritual para a qual ele é, por natureza, adequado. Essa visão, ou psicologia, serviria, então, para iluminar e dirigir o processo de formação espiritual.

É preciso dizer que, no momento, um dos grandes perigos que a formação espiritual verdadeiramente cristã enfrenta é proveniente da *dependência exclusiva* nos preceitos e nas práticas da psicologia que simplesmente omitem as realidades da formação espiritual cristã ou as substituem por processos que não fazem jus ao reino de Deus. A transformação do ser interior na semelhança com Cristo pode ser realizada única e exclusivamente pela vida de Deus na alma, e qualquer coisa aquém disso, por melhor e mais apropriada que seja em seu devido lugar, não será suficiente para suprir as necessidades mais profundas do coração humano nem satisfazer a mente e as emoções, e a vida ficará sem rumo.

A FORMAÇÃO ESPIRITUAL É, DE FATO, TÃO IMPORTANTE? NÃO PODEMOS VIVER BEM SEM ELA?

A resposta a essa pergunta deve ser, em primeiro lugar, que não estamos vivendo bem sem ela. Por certo, de modo geral, a formação espiritual praticamente não existe em nosso tempo, mas não estamos vivendo bem. Hoje em dia, a "vida de desespero silencioso" que, de acordo com Henry David Thoreau, a maioria das pessoas vive, está se tornando claramente mais desesperada e menos



silenciosa. A longa e triste lista de delitos e tipos de caráter depravados descritos por Paulo em passagens como Romanos 1 e 3, Gálatas 5:19-21 e 2Timóteo 3:2-7 é tão atual quanto a última edição dos jornais, das revistas semanais ou dos noticiários noturnos na televisão.

A educação, o governo, os negócios, as profissões liberais, a arte e o entretenimento, assim como a vida privada de multidões, cambaleiam sob os fardos da perversidade e do fracasso humano provocado por outros e por nós mesmos. Esses males são tão corriqueiros e difundidos que a pessoa comum quase não consegue enxergá-los, aceitando-os como "o jeito que as coisas são". Ao serem avaliados quanto aos resultados, os processos de formação do espírito que dominam o mundo contemporâneo são catastróficos: vergões e ferimentos abertos (Is 1:2-9).

Além disso, aqueles que têm algum conhecimento da bondade e da beleza de Jesus anseiam por ser semelhantes a eles, ou pelos menos sentem a responsabilidade de ser semelhantes a ele. No entanto, a menos que encontrem um caminho para a transformação interior, ficam desamparados. Quem pode lhes mostrar o caminho se as pessoas identificadas com a causa de Cristo neste mundo não estão preparadas para ensinar e exemplificar um processo de formação espiritual que resulte num transbordamento de Cristo do mais profundo de seu coração e caráter, de sua própria identidade, de quem elas são?

E, do ponto de vista daqueles que são responsáveis por liderar o programa de Cristo para fazer aprendizes de todos os grupos étnicos, envolvendo-os completamente na realidade trinitária e ensinando-os todas as coisas que Jesus nos tem ordenado (Mt 28:19-20), a formação espiritual cristã é simplesmente indispensável. A falta de uma visão e implementação dessa formação é o motivo pelo qual, em geral, há tão pouca diferença entre os cristãos professos e os não-cristãos de nosso tempo. Onde podemos encontrar hoje um grupo cristão que tenha, de fato, um plano para ensinar as pessoas do grupo a fazer tudo o que Jesus disse? Na verdade, quem tem certeza de que esse plano é possível? É de importância crítica definir se a formação espiritual na semelhança com Cristo está ao alcance da Igreja e do mundo.

Como cristãos, nos encontramos hoje num momento de grande oportunidade. Conforme Paulo escreveu aos coríntios: "... se abriu para mim uma porta ampla e promissora; e há muitos adversários" (1Co 16:9). Muitos becos sem saída chamam a atenção, e há um grande volume de informações erradas circulando pelo mundo, assim como um enorme antagonismo em relação ao caminho que Cristo nos chama para seguir. É importante não vermos no interesse atual pela formação espiritual apenas um convite para prosseguirmos com nosso trabalho — agora com mais afinco. Os conselhos de sempre oferecidos aos cristãos comuns, e mesmo aos mais entusiasmados em nosso meio, são absolutamente inadequados para as necessidades do coração, da alma e do corpo. Precisamos encontrar caminhos que, dentro de nosso contexto atual, sejam capazes de renovar verdadeira e completamente o ser interior de modo que este contenha uma visão, sentimentos e caráter idênticos aos de Jesus Cristo. "Ide, portanto..."

# 11

## O CUIDADO DA ALMA PARA PASTORES... E OUTROS

*Acima de tudo, guarde o seu coração, pois dele depende toda a sua vida. Provérbios 4:23*

O CHAMADO DE DEUS para ministrar o evangelho é, ao mesmo tempo, uma grande honra e um nobre desafio. Traz consigo oportunidades sem igual, assim como dificuldades e perigos específicos para os pastores e seus familiares. Essas dificuldades podem ser enfrentadas de forma produtiva e os perigos podem ser superados com triunfo. Mas isso não acontecerá a menos que o "homem interior" (2Co 4:16, ARA) do pastor seja renovado constantemente ao receber as riquezas de Deus e seu reino no ser interior.

## A ALMA E O GRANDE MANDAMENTO

Podemos entender a "alma" neste caso em sua forma de uso comum, referindo-se ao lado recôndito ou espiritual da pessoa. Isso inclui os pensamentos e sentimentos do indivíduo, assim como seu coração ou sua vontade e suas intenções e escolhas. Também inclui a vida física do indivíduo e suas relações sociais que, em seu significado e natureza interior, são tão ocultas quanto os pensamentos e sentimentos. Essa visão inclusiva da "alma", ainda que próxima do significado coloquial da palavra, não é de todo adequada para fins analíticos, mas servirá para o presente estudo.

O segredo de uma vida ministerial forte, saudável e frutuosa se encontra na maneira de trabalharmos *com* Deus em todas essas dimensões ocultas do ser interior, juntas, elas constituem a vida da pessoa real. São as fontes inescapáveis de nossa vida externa e determinam quase inteiramente que efeito, para melhor ou pior, nossas atividades ministeriais terão. Os talentos naturais, as circunstâncias externas e as oportunidades específicas não são de grande relevância. Como Jesus Cristo disse, a árvore boa "dá frutos bons" (Mt 7:17). Se cuidarmos da árvore, os frutos virão naturalmente.

O Grande Mandamento fala das dimensões interiores da vida: "Ame o Senhor, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma, de todas as suas forças e de todo o seu entendimento e ame a seu próximo como a si mesmo" (Lc 10:27). Esse mandamento não diz tanto o que devemos fazer quanto o que devemos cultivar no cuidado de nossa alma. Isso se aplica a todos os cristãos e, certamente, a todos os ministros do evangelho.<sup>15</sup> Nosso nobre chamado e serviço sacrificai podem encontrar apoio adequado somente numa personalidade inteiramente saturada pelo ágape, o amor com o qual Deus ama (cf. ICo 13).

No entanto, devemos deixar bem claro que as passagens bíblicas momentosas sobre o amor — aquelas já citadas e outras, incluindo I João 4 — *não* dizem que devemos *agir como se* amássemos a Deus de todo nosso ser e a nosso próximo como a nós mesmos. Sem o amor de Deus habitando em nós, esse esforço seria um fardo impossível. Seríamos tomados de raiva e desespero — como, na verdade, acontece com muitos pastores e seus familiares ao *tentarem ser "amáveis"*.

## O CARÁTER E O "FRUTO DO ESPÍRITO"

Os fracassos "repentinos" que surgem na vida de alguns pastores e outros indivíduos nunca são verdadeiramente repentinos, mas apenas vem à tona em decorrência de deficiências de longa data no "homem interior do coração" (1Pe 3:4, ARA). Contrastando com isso, o amor divino que permeia todas as panes de nossa vida é um recurso adequado para rodas as situações de vida e morte, como I Coríntios 13 nos garante. Esse amor e, nas palavras de Jesus, "uma fonte de água a jorrar para a vida eterna" (Jo4:14). E *daqueles* que são possuídos pelo amor divino fluem, de fato, "rios de água viva" para um mundo sedento (Jo 7:38).

As pessoas para as quais ministramos e falamos não se lembrarão de 99% do que lhes dizemos. No entanto, nunca se esquecerão do tipo de pessoa que somos. Sem dúvida, posso afirmar isso sobre pastores que influenciaram minha vida no passado. A qualidade de nossa alma deixará em outros uma marca indelével, seja para melhor seja para pior. Assim, não devemos nunca esquecer que a coisa mais importante que está acontecendo em qualquer momento, no meio de todas as nossas responsabilidades ministeriais, é o tipo de pessoas que estamos nos tornando.

Deus se interessa imensamente pela qualidade do caráter que estamos construindo. O futuro que ele planejou para nós será construído com base na força do caráter que formamos por sua graça. A devoção consciente e amorosa a Cristo crescerá em importância por roda a eternidade e jamais se tornará obsoleta.

É a intenção de Deus que nossa vida manifeste continuamente o fruto do Espírito: "amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio" (Gl 5:22-23). Ele tomou todas as providências necessárias para habitar em nossa vida aqui e agora. A atenção apropriada que dedicarmos ao cuidado de nossa alma pelo poder que ele nos concede resultará em frutos espirituais ricos e nos livrará da longa e triste lista de "obras da

---

<sup>15</sup> Essa questão é tratada em mais detalhes em Dallas Willard, *A renovação do coração*, especialmente no capítulo 2.

carne" (Gl 5:19-21). Podemos ser canais da graça do Cristo ressurreto e, por meio de nossas atividades ministeriais — falando, orando, curando, administrando —, ele pode ministrar a outros. Devemos, porém, nos aplicar aos meios de sua graça de maneiras práticas e específicas a fim de experimentarmos sua vida fluindo em nossa vida e por meio dela.

## A PRÁTICA DA PRESENÇA DE DEUS

A atitude prioritária e mais fundamental que podemos tomar é manter Deus diante de nossa mente. Davi, que conhecia esse segredo, escreveu: "Sempre tenho o SENHOR diante de mim. Com ele à minha direita não serei abalado. Por isso meu coração se alegra e no íntimo exulto: mesmo o meu corpo repousará tranqüilo" (Sl 16:8-9).

Este é o segredo fundamental do cuidado de nossa alma. Nossa parte nessa prática da presença de Deus é orientar e reorientar nossos pensamentos constantemente para ele. No início dessa prática, é possível que sejamos desafiados por nossos hábitos de meditar em coisas menores do que Deus. Mas são hábitos — e não a lei da gravidade — e podem ser quebrados. Um novo hábito repleto de graça tomará o lugar dos velhos costumes ao adotarmos atitudes deliberadas para mantermos Deus diante de nós. Logo, nossa mente voltará para Deus como a agulha de uma bússola sempre volta para o norte, não importando para onde ela é movida. Se Deus for o grande anseio de nossa alma, ele se tornará o foco de nosso ser interior.<sup>16</sup>

Jesus Cristo e, evidentemente, a Porta, a Luz e o Caminho. Temos o privilégio de não apenas pregar essa realidade profunda, mas também de caminhar nela. Recebemos Deus em nossa vida ao recebermos Jesus. Abrimos nossa consciência para ele e lhe dirigimos nossa atenção. Essa deve ser nossa principal atividade diária. O caminho para o progresso encontra-se, então, em manter intencionalmente as cenas e palavras dos evangelhos do Novo Testamento em nossa mente, lendo-o e relendo-o com atenção dia após dia. Memorizamos essas passagens, revivemo-las em palavras e na imaginação ao levantarmos pela manhã, nos movermos ao longo dos acontecimentos do dia e nos deitarmos à noite. Isso significa andar a cada momento com Aquele que prometeu: "Eu estarei sempre com vocês".

Como passo inicial nesse processo, podemos escolher exercitar a orientação do foco de nossa mente de volta para Deus em Cristo. Tomamos essa decisão e, depois, fazemos todo o possível para mantê-la sem nos atormentar. À noite, podemos recapitular aquilo que fizemos e pensar em formas de melhorar no dia seguinte. Ao continuarmos com essa prática de forma tranqüila porém persistente, logo descobriremos que a pessoa de Jesus e suas palavras maravilhosas estão ocupando automaticamente nossos pensamentos, tomando o lugar do tumulto e barulho do mundo — até mesmo do mundo da Igreja.

Nossa concentração em Jesus pode ser intensificada pela memorização de passagens-chaves (*não* apenas versículos) das Escrituras. Passagens como Mateus 5—7, João 14—17, 1Coríntios 13 e Colossenses 3 são excelentes escolhas para promover o crescimento da alma. Essa prática de memorizar as Escrituras é mais importante que a hora devocional diária, pois ao enchermos a mente com tais passagens e tê-las disponíveis na memória para nossa meditação, a hora devocional passa a ocupar nossa vida como um todo. "Tu, SENHOR, guardarás em perfeita paz aquele cujo propósito está firme, porque em ti confia" (Is 26:3).

As palavras de Deus a Josué quando este assumiu a tarefa monumental de liderar o povo foram:

Não deixe de falar as palavras deste livro da lei e de meditar nelas de dia e de noite, para que você cumpra fielmente tudo o que nele está escrito. Só então os seus caminhos prosperarão e você será bem-sucedido.

Josué 1:8

O salmo 1 mostra que esse exercício se tornou parte da prática reconhecida da vida espiritual no meio dos israelitas. A meditação em Deus e em sua Palavra também deve se tornar parte de nossa vida.

<sup>16</sup> Para alguns exemplos de como isso funciona, cf. Frank LAUBACH, "Letters of a Modern Mystic" e "Game with Minutes", era *Frank C. Laubach: Man of Prayer*, Laubach Literacy International / New Readers, Press, 1990.

Mas de que maneira essa lei chega à *nossa boca*? Evidentemente, isso se dá pela memorização. Ao *meditarmos* na lei, ela se torna parte essencial da maneira de pensarmos sobre todas as coisas. Então, as situações com as quais deparamos ao longo do dia se desenrolam na presença da Palavra esclarecedora de Deus. A luz habita em nós e nos permite ver as coisas da vida de modo correto. "Graças à tua luz, vemos a luz" (Sl 36:9). Essa é a verdadeira educação para o ministério e para a vida.

#### AMOR E ADORAÇÃO

À medida que a Palavra Viva e a Palavra escrita ocupam a mente, passamos de maneira natural (e sobrenatural) a amar Deus cada vez mais, pois vemos de forma clara e constante como ele é maravilhoso. O ser glorioso de Deus não é apenas uma verdade na qual devemos crer. É um encanto e prazer inesgotável. Thomas Watson, um sábio puritano de outrora, escreveu:

O primeiro fruto do amor é a meditação sobre Deus. Os pensamentos daquele que ama sempre voltam ao objeto de sua afeição. Aquele que ama Deus experimenta o enlevo e o arrebatamento da contemplação de Deus. "Quando acordo, ainda estou contigo" (Sl 139:18, ARC). Os pensamentos são como viajantes da mente. Os pensamentos de Davi se mantinham no caminho do céu. "Ainda estou contigo." Deus é o tesouro, e onde está o tesouro, ali está o coração. Podemos, assim, testar nosso amor por Deus. A que nossos pensamentos se voltam com maior frequência? Podemos dizer que somos arrebatados de prazer quando pensamos em Deus? Nossos pensamentos têm asas? Voam para o alto? Contemplamos Cristo e a glória? [...] Um pecador empurra Deus para fora de sua mente com outros pensamentos. Só pensa em Deus com pavor, como o prisioneiro pensa no juiz.<sup>17</sup>

Assim, ingressamos numa vida — e não só em *períodos* — de adoração. O hino do céu será uma presença constante em nosso ser interior: "Àquele que está assentado no trono e ao Cordeiro sejam o louvor, a honra, a glória e o poder, para todo o sempre!" (Ap 5:13).

A adoração se tornará o tom constante de nossa vida. Ela é a mais poderosa de todas as forças para completar e promover a restauração de todo nosso ser a Deus. Nada pode nortear, conduzir e manter a bondade que permeia e irradia de uma pessoa senão a verdadeira visão de Deus e a adoração que nasce espontaneamente dela. O poder de Cristo habitando em nosso ser interior flui de nós para os outros.

Lembre-se, porém, de que não estamos *tentando* adorar. A adoração não é mais uma tarefa a cumprir. É um aspecto da "água viva" que jorra "para a vida eterna" (Jo 7:38; 4:14). Cabe a nós voltar nossa mente para Deus e atentar para as operações de sua graça em nossa alma. Esse é o principal "cuidado da alma" que devemos exercitar. Então, o amor e a adoração, a adoração e o amor, fluirão de nossa vida ao andarmos constantemente com Deus. Ao seguirmos seus passos — no fluir de sua graça — viveremos com espontaneidade, amaremos nosso próximo e ministraremos a palavra e o poder do evangelho.

#### A PLENITUDE DA ALEGRIA

O cuidado da alma exige que atentemos para nossos sentimentos. As emoções são parte real da vida em geral e de nossa vida em Cristo. Alguns pastores e muitas outras pessoas se deixam abater por suas emoções.

Convém observar, porém, que o *amor* é o alicerce da vida espiritual e que a *alegria* é o elemento-chave da vida em Cristo. Alegria não é prazer, uma simples sensação, mas uma percepção profunda e constante de bem-estar. E o esteio indispensável da alegria é a esperança na bondade de Deus.

Num momento de adoração e louvor, Paulo proferiu espontaneamente uma bênção sobre os cristãos em Roma: "Que o Deus da esperança os encha de toda alegria e paz, por sua confiança nele, para que vocês transbordem de esperança, pelo poder do Espírito Santo" (Rm 15:13). Este versículo trata das necessidades profundas do lado emocional da vida do cristão.

Os grandes temas centrais da vida em Cristo são "fé", "esperança", "amor" e "paz". Estes não são *apenas* sentimentos; aliás, em sua essência, não são sentimentos. São condições que envolvem todas as partes da vida de um indivíduo, incluindo o corpo e o contexto social. Elas nos preparam para as

<sup>17</sup> *All Things for Good* (1663): reimp. Banner of Truth Trust, 1986, p. 74.

baralhas da vida. No entanto, são acompanhadas de sentimentos positivos que caracterizam ricamente aqueles que estão vivendo na presença de Deus. Esses sentimentos tomam o lugar da amargura e da raiva que caracterizam a vida "na carne" — a vida impulsionada exclusivamente pelas energias humanas. Transformam até os tons emocionais doentios que permeiam e governam em vários sentidos o mundo a nosso redor — e, muitas vezes, até mesmo a Igreja.

Jesus ensinou que devemos permanecer no amor de Deus, "para que a minha alegria esteja em vocês e a alegria de vocês seja completa" (Jo 15:10-11). Nossa alegria é completa quando toma conta de todo o nosso ser. A permanência no amor de Deus nos dá acesso a uma fonte inesgotável de alegria que, por sua vez, é a fonte de paz. Tudo isso se baseia na realidade da graça e bondade de Deus. *Fé, esperança, amor, alegria e paz* — o "quinteto magnífico" — são elementos inseparáveis que se sustentam mutuamente. É impossível imaginar um deles sem os outros!

## SOLITUDE E SILENCIO

Duas das práticas que podem nos ajudar a cuidar da alma num nível básico são a *solitude* e o *silêncio*. Praticamos essas disciplinas encontrando maneiras de ficarmos sozinhos e nos afastarmos de conversas e barulhos. Descansamos, observamos, atentamos para a natureza e — será que temos coragem de dizer isso? — *não fazemos nada*. Essas disciplinas podem ser usadas por Deus como um meio para a graça. Nelas, podemos encontrar outra lembrança da graça — de que somos salvos, justificados pelo poder redentor de Cristo, e não por nossos esforços e nossas realizações.

Ao nos isolarmos por períodos mais longos, procuramos nos livrar da corrosão da alma que se acumula na interação constante com outros e com o mundo a nosso redor. Nesse lugar de comunhão tranqüila, redescobrimos que *temos* uma alma, que, de fato, temos um ser interior que precisa ser nutrido. Começamos, então, a experimentar de novo a presença de Deus no santuário interior, falando e interagindo conosco. Entendemos, mais uma vez, que Deus não competirá por nossa atenção. Devemos encontrar tempo

para nossa comunhão com ele ao nos isolarmos na solitude e no silêncio.

O salmista transmite as palavras do Senhor: "Parem de lutar! Saibam que eu sou Deus!" (Sl 46:10). E, logo em seguida, declara o sucesso da missão de Deus na terra: "Serei exaltado entre as nações, serei exaltado na terra. O SENHOR dos exércitos está conosco; o Deus de Jacó é a nossa torre segura" (Sl 46:10-11).

Outras traduções desse versículo dizem: "Aquietai-vos e sabeis que eu sou Deus" (ARA) e "Fiquem quietos! Saibam, de uma vez por todas, que Eu sou Deus!" (*Bíblia Viva*). A provisão de Deus para nós e para sua obra por meio de nós é suficiente. Não precisamos "fazer e acontecer". Devemos parar de carregar os fardos dos "resultados". Eles estão seguros nas mãos de Deus.

Como já bem disseram: "A maior ameaça à devoção a Cristo é o serviço a Cristo".

Que paradoxo! Esse é um desafio freqüente na vida de muitos pastores. O serviço a Cristo em detrimento da devoção a ele é uma deficiência séria no cuidado da alma. No entanto, pode ser sanada pela prática da comunhão com Cristo em momentos de solitude e silêncio.

## A NECESSIDADE DE FAZER TEMPO

Um comentário que ouço com freqüência ao talar do cuidado da própria alma é: "Não tenho tempo para passar longos períodos em solitude e silêncio. Tenho coisas demais para fazer". A verdade é que não temos tempo para *não* praticar a solitude e o silêncio. Não há tempo mais proveitoso que aquele dedicado a elevar a qualidade de um relacionamento íntimo com Deus. Se pensamos de outro modo, estamos enganados. Na verdade, a pergunta é: Vamos *criar* tempo para aquilo que é necessário, a fim de termos uma vida plena e um ministério pleno ou vamos tentar nos virar sem isso?

Assim, convém considerarmos alguns conselhos quanto ao cuidado de nossa vida interior. Em primeiro lugar, Deus nunca sobrecarrega ninguém. Nós é que nos sobrecarregamos ou deixamos que outros nos sobrecarreguem. Talvez estejamos demonstrando com isso nossa falta de confiança no poder e na bondade de Deus, ou talvez tenhamos perdido nossos referenciais. Em segundo lugar, o exercício do poder de Deus no ministério nunca corrige, por si mesmo, problemas de caráter, e raramente compensa por nossa própria insensatez. O poder de Deus pode ser buscado de forma ativa e inteligente e recebido somente quando procuramos, pela graça, crescer na semelhança de Cristo. O poder *em conjunto* na semelhança com Cristo é a combinação imbatível de Deus para a vida triunfante



no reino de Deus na terra e na eternidade. O poder sem o caráter de Cristo pode ser visto nos Sansões e Saulos de hoje.

Conhecer Cristo por meio de períodos dedicados à solitude e ao silêncio permitirá que nossa alegria seja completa (Jo 16:24). Seremos inundados por uma sensação de bem-estar, quaisquer que sejam as circunstâncias a nosso redor. A pressa e a solidão da liderança serão eliminadas. Podemos permitir que a paz de Deus penetre até os lugares mais profundos de nossa vida e se estenda a outros por meio de nossos relacionamentos (cf. Mt 10:12-13).

Um jovem cristão que havia sido orientado na prática eficaz da solitude e do silêncio compartilhou sua experiência:

Quanto mais pratico essa disciplina, mais aprecio a força do silêncio. Quanto menos cético e crítico me torno, mais aprendo a aceitar as coisas que não gosto em outras pessoas e mais as aceito como seres criados de forma singular à imagem de Deus. Quanto menos falo, mais cheias de significado são as palavras ditas no momento apropriado. Quanto mais valorizo outros, mais os sirvo com gestos pequenos e mais desfruto e celebro minha vida. Quanto mais celebro, mais percebo que Deus tem me concedido coisas maravilhosas e menos me preocupo com meu futuro. Aceitarei e desfrutarei aquilo que Deus está me concedendo continuamente. Creio que estou começando a, verdadeiramente, me deleitar em Deus.<sup>18</sup>

Seremos ricamente recompensados ao experimentarmos Deus pela prática de nos relacionarmos com ele por meio dessa disciplina.

#### PLANOS PARA A PLENITUDE DE VIDA

Até aqui, nosso estudo foi mais ilustrativo que expositivo. A solitude e o silêncio são absolutamente fundamentais para nossa responsabilidade de cuidar da alma. No entanto, também abrem para nós uma série de *disciplinas* para a vida espiritual. É de suma importância lembrarmos sempre que existem maneiras testadas e comprovadamente eficazes de buscarmos a vida plena em Cristo. Essas maneiras são chamadas, com frequência, de "disciplinas espirituais".<sup>19</sup> São práticas insubstituíveis que podemos e devemos incorporar à nossa vida como formas inteiramente confiáveis de cuidar da alma.

Poderíamos fazer uma longa lista dessas disciplinas com base na história do povo de Cristo. Sem dúvida, essa lista incluiria o jejum que, quando praticado corretamente, exerce um poder extraordinário sobre a transformação do caráter e sobre o ministério. Essa lista também traria práticas como frugalidade, serviço, adoração, oração (como disciplina), um registro escrito de nossa jornada espiritual, comunhão, relacionamentos que promovam prestação de contas, submissão, confissão e muito mais.

Não existe uma lista completa de disciplinas. Qualquer atividade que esteja ao nosso alcance e que nos permita realizar pela graça o que não podemos realizar por esforços diretos é uma disciplina da vida espiritual.<sup>20</sup>

Ao procurarmos conhecer a Jesus Cristo incorporando disciplinas apropriadas em nossa vida, devemos sempre ter em mente que elas não são maneiras de alcançar algum mérito. Também não são caminhos de sofrimento e autoflagelação. Não são heróicas. Não são retidões. Mas são sabedoria indispensável.

Uma vez que aprendemos que a graça não é o oposto de esforço (ação) — apesar de ser o oposto de mérito (atitude) —, abre-se para nós um caminho para nos empenharmos em tudo o que faz parte de nossa salvação, não apenas com "temor e tremor", mas com a certeza tranquila de que é Deus quem está operando em nós a fim de realizar todos os desígnios de sua benevolência (cf. Fp 2:12-13).

Quando tivermos estabelecido uma vida de disciplinas apropriadas com nosso Mestre sempre presente, então a admoestação em 2Pedro 1:5-7 para acrescentarmos virtude a nossa fé, conhecimento

<sup>18</sup> Citado em Dallas WILLARD, *O espírito das disciplinas*.

<sup>19</sup> Para mais comentários, veja Richard Foster. *Celebração da disciplina*, São Paulo, Vida, 1997, e, do mesmo autor, *Streams of Living Water*, HarperSanFrancisco, 1988. Veja também Dallas WILLARD, *O espírito das disciplinas*.

<sup>20</sup> Para maneiras de listar e classificar várias das disciplinas e para comentários sobre algumas em particular, veja Richard FOSTER, *Celebração da disciplina*, e também o capítulo 9 de Dallas WILLARD. *O espírito de disciplinas*.

ou entendimento a nossa virtude, domínio próprio a nosso conhecimento, perseverança a nosso domínio próprio, piedade a nossa perseverança, fraternidade a nossa piedade e amor divino (ágape) a fraternidade se mostrará um plano sensato para a vida.

Deus também usará esse curso de ação para ajudar outros por meio de nosso ministério.

No versículo 10 desse mesmo capítulo, Pedro prossegue dizendo: "... pois se agirem dessa forma, jamais tropeçarão". Em nossa caminhada com Deus em Cristo, receberemos a provisão "de acordo com as suas gloriosas riquezas" (Fp 4:19), graça e força de caráter, discernimento profundo e entendimento, e poder abundante para manifestar a glória de Deus na vida e no ministério – em quaisquer circunstâncias! "Pois desta maneira é que vos será amplamente suprida a entrada no reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo" (2Pe 1:1, ARA) – muito antes de você morrer.

# Parte 3

## O DISCIPULADO DA ALMA E DA MENTE

# 12

### DISCIPLINAS ESPIRITUAIS, FORMAÇÃO ESPIRITUAL E A RESTAURAÇÃO DA ALMA

*A lei do SENHOR é perfeita, e revigora a alma. [...] Restaura-me o vigor. Guia-me nas veredas da justiça por amor do seu nome.*

Salmos 19:7; 23:3

#### UM INTERESSE RENOVADO NA ESPIRITUALIDADE

Nos dias de hoje há um grande interesse nas disciplinas espirituais e no processo de formação espiritual. Isso se deve a uma consciência de nossa necessidade urgente de saúde mental e emocional, assim como de profundidade espiritual e a uma percepção simultânea de que o padrão atual de cristianismo não está suprindo essa necessidade.<sup>21</sup> Muitos cristãos sérios e dedicados estão em busca de caminhos para uma semelhança com Cristo inteligente e poderosa, capaz de nortear toda a nossa existência e não apenas produzir momentos religiosos especiais. As práticas e os conceitos perenes do passado cristão voltaram a ser explorados, e muitos indivíduos que atuam no campo da psicologia estão desenvolvendo um interesse profissional por essas práticas e pela alma.<sup>22</sup>

Trata-se de uma desenvolvimento promissora. No entanto, se o interesse na espiritualidade não for fundamentado na natureza da personalidade humana e nas interações redentoras de Deus com ela, tudo isso não passará de um modismo efêmero. Ademais, essa é uma área que pode causar não apenas decepções, mas também danos graves. Precisamos pensar com profundidade e clareza sobre as disciplinas espirituais e a formação espiritual e, mais particularmente, sobre sua relação com a alma, a dimensão mais íntima da personalidade humana.

#### PRESSUPOSTOS PARA ESTA DISCUSSÃO

Na discussão a seguir, não tratarei de questões especificamente filosóficas sobre a alma, ainda que procure mencionar várias delas. Uma exposição excelente das questões filosóficas pode ser encontrada no artigo do dr. J. P. Moreland, "Restoring Substance to the Soul of Psychology" [Restaurando a essência à alma da psicologia], publicado em *Journal of Psychology and Theology*.<sup>23</sup>

Como dr. Moreland explica em detalhes em seu artigo, a alma humana deve ser tratada como uma entidade de per si, com sua própria natureza e relacionamentos. É o elemento fundamental, porém não único, da pessoa e da vida. Essa é a visão adotada uniformemente pela tradição ocidental e mantida até

<sup>21</sup> Essa situação é descrita em detalhes no capítulo 2 de Dallas WILLARD, *A conspiração divina*. São Paulo: Mundo Cristão, 2001.

<sup>22</sup> Para o reavivamento impressionante no interesse pela alma que temos observado em nossos dias, veja M. VENTURA, "Soul in the Raw: America Can Sell Anything. Including That Most Ephemeral Commodity: The Soul", *Psychology Today* 30, n. 3.1997, p. 58-83.

<sup>23</sup> Vol. 26, n. 1. 1998, Rosemend School of Psychology. Biola University.

Hume e em vários círculos desde então.<sup>24</sup> Como o dr. Moreland mostra, a alma é uma substância, no sentido de que é uma entidade individual com propriedades e inclinações peculiares, que sobrevive à passagem do tempo e às mudanças, e que exerce uma influência causal sobre outras coisas, principalmente sobre a *pessoa* da qual ela constitui a parte mais essencial.

A alma não é uma entidade simples ou não-complexa, exceto no sentido de que não tem partes *materiais*. Na verdade, esse fato confunde muita gente que, ao pensar em "partes", só é capaz de fazê-lo em termos concretos. É evidente que nenhum objeto constituído de partes materiais poderia ser uma alma. Temos a tendência de esquecer que muitas outras coisas, como o acorde de uma música ou os sabores de uma sopa, não possuem partes materiais. No que se refere a pessoas, conceitos como partes, propriedade, complexidade, e assim por diante, precisam ser tratados com grande cuidado. E é isso que o dr. Moreland faz de maneira exemplar.

Uma alma é, em essência, um componente da pessoa — como são a mente e a vontade, que também constituem partes essenciais do indivíduo — e não existe sem a pessoa à qual pertence. Essa alma ou suas partes não podem permanecer separadas, como uma peça sobressalente de automóvel ou computador. Também é fato que as pessoas não existem sem uma alma. Uma *pessoa* é uma entidade viva que possui certo tipo de vida: essencialmente, um tipo de vida de autodeterminação em termos de valores adotados, com a possibilidade (e necessidade vital) da adoração. A alma é a entidade interior da pessoa que integra todos os seus elementos numa *única* vida.

Claro que a alma não é uma entidade física, e as tentativas de considerá-la como tal podem ser vistas por trás da maioria das objeções "modernas" à sua existência articuladas nos círculos intelectuais. Conseqüentemente, não é possível conhecer a alma com base na percepção sensorial nem na teoria física. Mas essa não é uma objeção válida, pois a percepção sensorial revela um conhecimento pouco relevante, sendo ainda menos capaz de nos instruir acerca do conhecimento em si.

O empirismo (chamado mais tarde de "positivismo") não passou de uma manobra ideológica malograda da cultura ocidental em voga a partir do século XVIII e deve ser considerado simplesmente um episódio histórico instrutivo, ainda que um tanto infeliz. Essa abordagem específica, de maneira arbitrária, que os sentidos ou sentimentos são os marcos de delimitação do conhecimento e da realidade. No entanto, não é capaz de nos orientar na interpretação do conhecimento e da realidade, pois os analisa de maneira fundamentalmente incorreta. Sua principal função foi substituir a ortodoxia religiosa com uma ortodoxia secular epistemológica à medida que, na sociedade ocidental, a autoridade cultural passou das instituições religiosas para instituições meramente intelectuais. Como ortodoxia é evidentemente repressiva e, entre outras coisas, impossibilita o conhecimento do ser humano.

O preço pago pela adoção dessa visão pode ser visto no caos moral que governa a sociedade moderna e, da mesma forma, a própria sociedade intelectual. Claro que o empirismo em si não é uma teoria empírica e, por sua própria natureza, jamais poderia ser. É, portanto, um conceito que refuta a si mesmo.

Assim, nos comentários a seguir pressuponho (indicando o texto do dr. Moreland para detalhes da argumentação) uma visão "clássica" da alma e da pessoa, seguindo as linhas acima. Em nossa cultura intelectual de hoje, as pessoas de modo geral supõem vagamente que "se descobriu algo" que comprova o erro dessa visão. Adotando posturas e fraseologias de pensadores como Hume e Nietzsche, essas pessoas desprezam Platão, Descartes e o dualismo. *Mas não se descobriu nada que refine a visão clássica.* Se não fosse pelo episódio infeliz, ainda que historicamente necessário, do empirismo/ positivismo/naturalismo e de seus efeitos retardados paralisantes, ninguém teria essa percepção equivocada.

Também parto do pressuposto de que a revelação bíblica é uma fonte de conhecimento. Temos *conhecimento* de um assunto quando *somos capazes de representá-lo como ele é de fato, com uma*

---

<sup>24</sup> As principais figuras históricas dessa tradição são Platão (*A República*), Aristóteles (*Da alma e Ética a Nicômaco*) e Plotino (*As Enéadas*, especialmente a quarta "Enéada"); seus escritos aparecem em várias edições. Na tradição cristã, Tertuliano também escreveu um tratado *Sobre a alma*, disponível na série *Fathers of the Church* (Washington, D.C: Catholic University of America Press, 1950). Agostinho tem inúmeros textos sobre a natureza da alma. Aproximadamente na mesma época de Agostinho, o bispo de Emesa escreveu seu tratado *Sobre a natureza do homem* que é, em sua maior parte, um estudo sobre a alma (disponível no volume 4 de *Library of Christian Classics* (Philadelphia: Westminster, 1955)). O principal estudo clássico do ponto de vista cristão continua sendo o "Tratado sobre o homem", de Tomás de Aquino, em sua *Suma teológica*, parte 1. perguntas 75-90 (várias edições).

*base apropriada de raciocínio e experiência.* A autoridade é uma fonte de conhecimento desde que seja uma autoridade idônea. A maior parte daquilo que sabemos tem como base algum tipo de autoridade — em geral de livros ou palestras de cientistas e pensadores proeminentes. É evidente que toda autoridade deve estar aberta a questionamentos justos e razoáveis, e devemos sempre avaliar as autoridades de todas as maneiras apropriadas e possíveis. O mesmo se aplica à Bíblia que, quando usada de forma adequada, é uma fonte de conhecimento sobre as coisas mais importantes da vida humana: a natureza do ser humano e seu relacionamento com Deus.

## DISTINÇÕES DESCRITIVAS NO INTERIOR DO SER HUMANO

Qualquer análise séria do ser humano resultará numa lista de todas as suas capacidades naturais e interações. Vemos isso nas obras de filósofos, psicólogos e mesmo de romancistas, tanto no Oriente quanto no Ocidente. Essa lista inclui, como não poderia deixar de ser, nossas capacidades de representar ou pensar, de sentir (sensorial e emocionalmente) e de escolher ou desejar. Além disso, temos as dimensões corpóreas e sociais do ser humano. Essas últimas são de importância fundamental para nós, pois somos seres pessoais dotados de estrutura física. A vida humana e as capacidades humanas não podem ser separadas dessa dimensão física e social.

Mas essas capacidades e dimensões do ser humano são todas relacionadas entre si de forma interativa uma vez que são as capacidades e dimensões de uma única pessoa. Minha mente imagina uma tragédia suscitando sentimentos de medo e fazendo a palma das minhas mãos ficar suada. Minha percepção das luzes de freio do carro à frente do meu me faz frear também. Minha raiva ou lascívia me inclinam a fazer aquilo que sei ser errado, e minha reverência pelas pessoas ou por Deus me permite tratar os outros com sinceridade e compaixão, e assim por diante.

Além disso, os atos e estados *dentro* do âmbito de cada uma dessas capacidades também são inter-relacionados. Minha raiva afeta os outros sentimentos e vice-versa. As representações e os julgamentos em minha linha de raciocínio afetam uns aos outros. Minha seleção de objetivos inclusivos afeta minhas escolhas específicas e vice-versa. Da rica complexidade de inter-relações dentro das diversas capacidades e dimensões do ser humano e entre elas surge a personalidade humana individual e sua vida.

Creio que podemos considerar isso uma simples descrição. É difícil imaginar uma teoria que negaria algum desses elementos. No entanto, devemos ir além da descrição e entender aquilo que ela traz a lume, e é nesse processo que a conceitualização e a recria encontram seu devido lugar.

## A ALMA COMO FONTE E PRINCÍPIO COORDENADOR DA VIDA

O meio mais esclarecedor e racional de pensar sobre a alma é considerá-la o elemento da pessoa que coordena as capacidades e dimensões do ser humano e promove seu desenvolvimento de modo a formar uma vida individual.

Motivados pelo empirismo ou, no mínimo, pelo anti-substancialismo, os pensadores modernos de Hume a Derrick Parfait tentaram evitar essa fonte singularmente coordenadora dentro do ser humano considerando os elementos descritivos da vida semelhantes a átomos e reconstruindo a pessoa toda em termos das várias relações entre esses átomos. Parece claro que essa tentativa não teve êxito, como o próprio Hume reconhece em relação à sua experiência. Em vez de "reconstruir" a pessoa, essa abordagem perde a pessoa de vista. A perda do ser interior é a realidade central do pensamento dos séculos XIX e XX em todas as suas dimensões. Suponho que a maioria das pessoas instruídas concorda com isso.

## O PONTO DE VISTA CLÁSSICO

Contrastando com essas idéias, o caminho escolhido tanto pelos pensadores gregos mais influentes como Platão e Aristóteles quanto pelos escritores bíblicos é considerar a alma uma entidade de per si. Para eles, a alma era a *fonte* da vida dentro do indivíduo e, simultaneamente, seu princípio ordenador.

Assim, Platão apresenta a alma como uma impulsora auto-impulsionada.<sup>25</sup> O elemento da espontaneidade que caracteriza os seres vivos em contraste com os seres não-vivos (pedras, cadeiras) era atribuído à presença da alma, e as diferenças entre os vários seres vivos (vegetais, animais,

<sup>25</sup> PLATÃO, *Leis*, livro 10.



humanos, divinos) se devia à presença de almas de *tipos* diferentes. Ou seja, as almas que originam tipos diferentes de atividades espontâneas (crescimento, nutrição, reprodução, sensação, emoção, pensamento, vontade) e que organizam e combinam essas atividades de diversas maneiras que conduzem ao bem-estar do ser vivo em questão, são almas que diferem quanto à sua natureza. A vida e as atividades diferentes fluem de uma distinção no caráter interior.

Apesar de a alma ser um princípio cósmico tanto para Platão quanto para Aristóteles, sua preocupação central era entender a alma *humana*. Ambos estavam cientes de que as coisas com frequência dão errado na vida humana e, a seu ver, esse é o resultado de uma disfunção da fonte interior de vida. É uma expressão de *distúrbio* na própria alma. Para eles é, especificamente, uma falha da razão (a capacidade de pensar e entender) em supervisionar de forma apropriada a emoção e os apetites humanos, incluindo as sensações físicas. Essa falha na supervisão ocorre, como eles sabiam bem, tanto em nível individual quanto social.

Para Platão, a solução para o problema de uma organização correta da alma era fornecer uma educação adequada para aqueles que ocupariam os cargos de liderança de diversas áreas da sociedade, especialmente no tocante à legislação. Aristóteles diferia dele nesse ponto, pois considerava que o legislador devia estudar em detalhes a alma humana, uma vez que elaborava leis visando sempre à produção de almas humanas boas.<sup>26</sup> Supunha que, se a sociedade fosse organizada corretamente por meio da legislação, tudo correria bem tanto para o indivíduo quanto para a sociedade. Se a fonte interior e princípio ordenador estivessem funcionando corretamente, a vida decorrente deveria ser adequada.

#### A IMAGEM BÍBLICA

É possível ver os mesmos pressupostos acerca da existência humana nas fontes bíblicas. O escritor de Provérbios diz: "Acima de tudo, guarde o seu coração" — a fonte e o centro da vida — "pois dele depende toda a sua vida" (Pv 4:23). Mas é claro que o ponto de referência supremo do contexto bíblico não é a educação nem a legislação humana, mas sim a divina. "Meu filho, escute o que lhe digo; preste atenção às minhas palavras. Nunca as perca de vista; guarde-as no fundo do coração, pois são vida para quem as encontra e saúde para todo o seu ser" (Pv 4:20-22).

A mesma idéia básica e expressa nos ensinamentos de Jesus de que uma árvore boa não pode dar frutos maus e de que a contaminação do ser humano vem somente do coração (Mc 7:15-23). É evidente que nos ensinamentos bíblicos a autoridade da revelação é acrescentada ao conceito humano de que a *fonte* é interior, ficando abrigada nos níveis profundos da personalidade, e de que a origem da ordem ou desordem da vida como um todo pode ser encontrada nesse nível mais profundo.

#### UMA ANALOGIA PROVEITOSA

Podemos comparar a alma a um computador no centro de algum tipo de sistema de produção informatizado, como uma montadora de automóveis ou uma gráfica. Ou, de forma ainda mais grosseira, ao *timer* de um eletrodoméstico automático como uma lava-louças. O computador ou o *timer* são uma entidade distinta. Eles têm uma natureza inerente (partes, propriedades) que lhes permite coordenar as diversas atividades e estados do sistema como um todo. Sua própria capacidade de funcionar depende de sua posição correta no todo maior.

E evidente que o computador ou o *timer* são uma entidade estritamente física; não podemos dizer o mesmo sobre a alma. O todo que eles coordenam também é uma entidade física, o que, igualmente, não se aplica à pessoa — apesar de o ser humano ter elementos físicos essenciais em sua vida. Consideradas as diferenças significativas, pode ser proveitoso pensar na alma como o "computador" que opera todas as dimensões do sistema humano governando e coordenando o que acontece nelas. A alma também tem sua própria natureza, partes e propriedades, assim como suas relações interiores e exteriores, como indicamos anteriormente.

#### A ALMA DISTANCIADA DA PESSOA

É este sentido de um nível mais profundo do ser interior que explica a linguagem característica usada para a alma na Bíblia e em outros textos. É típico a própria pessoa a quem a alma pertence *se dirigir* a ela, ou se referir a ela na terceira pessoa. Ela é tratada como se, até certo ponto, tivesse vida própria. E,

<sup>26</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*. livro 2

na verdade, tem. Portanto, "Por que você está assim tão triste, ó minha alma? [...] Ponha a sua esperança em Deus!" (Sl 42:5); "Bendiga o SENHOR a minha alma!" (Sl 103:1); "... a minha alma tem observado os teus testemunhos" (Sl 119:167, ARA); "Minha alma engrandece ao Senhor" (Lc 1:46).

Um dos motivos pelos quais Salmos nos comove tanto é o fato de ser um livro da alma. Aliás, é o principal livro da alma na terra. Ele nos roca nos níveis mais íntimos de nossa vida, muito além de nossos pensamentos e esforços conscientes. Expressa e nos ajuda a expressar as partes mais profundas de nossa existência. Esse elemento de profundidade e distância é uma caracterização fundamental da alma. É inerente a ela. Assim, em sua obra *Care of the Soul* [Cuidado da alma], Thomas Moore oferece como conceito de *alma* simplesmente a afirmação de que é a parte "profunda" do ser.

Como é fonte e harmonizadora de nossa vida, por vezes a alma é usada na Bíblia de forma equivalente à pessoa. Na Bíblia e na vida cotidiana é comum o uso da expressão "pobre alma" para designar a "pobre pessoa". A resposta ao sinal internacional de SOS (Save Our Souls [Salve Nossa Alma] é tentar salvar as pessoas envolvidas, pois é evidente que a pessoa é salva com a alma. Quando o salmista declara: "Acha-se a minha alma entre leões" (Sl 57:4, ARA), quer dizer que *ele* está entre leões. E quando o escritor de Hebreus fala da "conservação da alma" (10:39, ARA), está se referindo à salvação da pessoa. Tudo acompanha a alma, mas, ainda assim, a pessoa e sua alma não são a mesma coisa. Há muito mais numa pessoa além da alma, e é nesse fato que se encontra a esperança da reconstrução da alma desintegrada e corrompida.

### O PECADO COMO REALIDADE PSICOLÓGICA

Na condição da vida humana normal os recursos internos da pessoa encontram-se enfraquecidos ou monos, e os elementos da vida não se relacionam entre si como era pretendido em vista de sua natureza e função. Trata-se do pecado no singular não é um ato, mas uma condição. Não é uma questão de estarmos errados, mas de nossos elementos internos não estarem mais ligados uns aos outros como deveriam. Os fios estão emaranhados. Estamos *torcidos*, transtornados. Nosso raciocínio, nossos sentimentos e até mesmo nossas funções físicas são defeituosos e estão indevidamente ligados à vida como um todo.

Essa condição é mais pronunciada na vontade (que corresponde ao coração ou espírito humano). Nossa vontade despedaçada se contorce em meio às ruínas do sistema humano, operando aos solavancos ou permanecendo inteiramente passiva.

Paulo expressa de forma conclusiva nossa condição diante da alma desintegrada e corrompida: Estamos "Mortos em [nossas] transgressões e pecados" (Ef 2:1). "Pois o que faço não é o bem que desejo, mas o mal que não quero fazer, esse eu continuo fazendo" (Rm 7:19). Mesmo que não saibamos nada sobre Paulo, conhecemos esse fenômeno que, é evidente, pode ter vários graus. Porém, nenhum ser humano escapa completamente da influência maligna da vontade e, para alguns, ela se torna uma questão de disfuncional idade e miséria absoluta, deixa de ser rebelião e torna-se doença. Pessoas assim são, com efeito, desviadas do bem que elas próprias buscam. O indivíduo pode desejar e, com frequência, deseja ser bom e fazer o que é certo, mas está *preparado*, está *programado* para fazer o mal. É o que ele está pronto para fazer sem pensar.

Nessa condição, a mente se encontra confusa, ignorante e desorientada. As emoções dominam a personalidade e, ao mesmo tempo, são conflitantes entre si. O corpo e o ambiente social estão repletos de padrões fixos de malignidade e com frequência propensos a fazer o que é errado. Nessa condição, o intelecto racionaliza que a perversidade é boa (ou pelo menos não é má) e que a bondade é má (ou pelo menos não é boa).

Em mais uma de suas reflexões profundas, Paulo descreve perfeitamente a situação: "Embora conheçam o justo decreto de Deus, de que as pessoas que praticam tais coisas merecem a morte, não somente continuam a praticá-las, mas também aprovam aqueles que as praticam" (Rm 1:32).

E podemos estar certos de que o fazem sempre com justificativas elaboradas, pois esta se torna a principal função da mente na condição desintegrada da alma. Essa é a origem do ditado da cultura grega antiga: "Quando os deuses desejam destruir uma pessoa, primeiro eles a fazem enlouquecer".

Essa justificação própria e racionalização constituem uma expressão perversa do papel natural da mente no sistema humano. Seu papel natural é encontrar a maneira certa de agir — a maneira justa e correta que promove o bem. Quando a pessoa como um todo se dedica a fazer o que é errado e perverso, a mente passa da razão para a racionalização. Deixa de determinar os atos corretos a fim de

colocá-los em prática e passa a definir *quaisquer Atos* como "corretos" e "bons" ou, pelo menos, "necessários". Essa é a loucura.

## A "LUZ" DO EVANGELHO

Assim, o padrão tradicional de conversão ou restauração cristã deve começar com um novo pensamento que vem de fora de todo o sistema humano. Esse pensamento conduz a novas emoções e possibilita um novo ato da vontade. É, evidentemente, o conteúdo do evangelho, uma nova imagem do mundo real no qual eu vivo. Na verdade, ele foi criado e é governado por alguém que o amou e a mim de tal modo que enviou seu Filho para me salvar da destruição total. Não sou capaz de descobrir isso sozinho, sobretudo porque estou envolto em inúmeras camadas de pensamentos, sentimentos e costumes contrários a esse fato. E, *especialmente*, porque internalizei esses pensamentos, sentimentos e costumes e os identifiquei como a vida real, *minha* vida.

Esse novo pensamento, o evangelho, rompe a mortalha intelectual de meu espírito por meio de uma força sobrenatural. É a graça em ação, a abordagem do Deus bondoso que, nesse processo, traz uma nova emoção. Essa nova emoção é complexa, uma combinação de anseio para que o novo pensamento seja verdadeiro e de tristeza ao perceber que, no mais recôndito de meu ser, me oponho a ele. Essa é a clássica "convicção do pecado" e, com ela, começa a se mover dentro da alma desintegrada uma força que pode conduzir à sua restauração. No entanto, o indivíduo ainda não se "apropriou" dessa força. A convicção do pecado pode ser resistida e em geral o é por algum tempo. Durante esse período, o indivíduo ainda não se identificou com o toque da mão divina em sua alma. O novo pensamento e a nova emoção ainda não lhe pertencem; antes, são uma imposição, uma presença estranha da qual ele pode se ressentir e até rejeitar.

No entanto, tornam *possível* uma nova escolha que fará pertencer a ele. A vontade, a dimensão fundamental da alma humana, só pode agir, de um lado, pelas idéias e pelas representações e, de outro, segundo sentimentos e emoções. Sem dúvida, é um poder de autodeterminação e uma parte ineren-

(e da alma humana. No entanto, não tem independência e autogovernança *absoluta*, pois estes são atributos exclusivamente divinos. Mas, diante do novo pensamento e da nova emoção, juntamente com a graça que os acompanha, posso me posicionar com o pensamento e com a emoção. Posso dizer, "Sim, desejo que este pensamento seja verdadeiro"; e o sentimento que tenho em relação a Deus e a mim mesmo com base nesse pensamento é *minha* atitude. É assim que escolho crer em Deus.

Com a pequena força que me resta, seguro na mão divina que se moveu por sua própria iniciativa nas trevas de minha alma e minha vida despedaçadas. Ao fazê-lo, sinto o aperto forte dessa mão. Esse é o "nascer do alto". A realidade do relacionamento pessoal flui entre essas mãos dadas. A mente, as emoções, a vontade e o ser corpóreo e social começam a experimentar a presença da vida de Deus. Minha alma desintegrada e corrompida começa a recuperar seus poderes. Começo a me erguer em direção à luz e à plenitude.

O hino wesleiano antigo e magnífico é admiravelmente profundo em sua teologia e preciso em sua descrição psicológica:

Por muito tempo meu espírito aprisionado. Permaneceu nos grilhões das trevas e do pecado.  
Até que de teu olhar veio o raio vivificador. E despertei, meu calabouço em pleno fulgor. Os grilhões se romperam, meu espírito foi liberto Levantei-me e passei a seguir-te de perto.

## ATIVO NO CRESCIMENTO ESPIRITUAL

Apesar de a iniciativa do reavivamento e da reforma da alma vir, primeiramente, daquilo que se encontra além de nós, nunca permanecemos *meramente passivos* em *nenhum* ponto do processo. Isso fica claro nos *imperativos* bíblicos para nos arrependermos e crermos e — para aqueles que já têm a nova vida dentro de si — para nos despirmos do velho homem e nos revestirmos do novo homem, para nos esforçarmos na salvação que nos é concedida, e assim por diante. Sem dúvida as palavras de Jesus a seus amigos são verdadeiras: "Sem mim vocês não podem fazer coisa alguma" (Jo 15:5). No entanto, segue-se também que "se vocês não fizerem coisa alguma, será sem mim". No processo de formação espiritual sob a graça, a passividade e a atividade não são mutuamente exclusivas.

Assim, quando a vida do alto penetra a personalidade, esta não é transformada de modo automático na semelhança com Cristo. A alma não é restaurada sozinha à inteireza planejada para ela em sua criação. Ninguém consegue chegar, por si mesmo, a um ponto em que pode dizer: "... *faço* o bem que quero, e o mal que não quero, este *não faço*", a ponto em que "o pecado não [o] dominará" (Rm 6:14). Antes, preciso aprender a aceitar a responsabilidade de progredir *com* Deus na transformação de minha personalidade. É preciso haver uma implementação inteligente e contínua dos planos de mudança a fim de que perca a incoerência da alma despedaçada e adote a obediência tranqüila e a inteireza da pessoa que vive cada vez mais plenamente no reino de Deus e na amizade de Jesus.

#### PROGRESSO PLANEJADO E CONSTANTE

A pergunta é: *Como* exatamente devo fazer minha parte no processo de minha transformação? Qual é meu *plano*? A resposta a essa pergunta é, em termos gerais: pela prática das disciplinas espirituais, ou disciplinas para a vida espiritual. Podemos não conhecer ou não usar essa terminologia, mas ela se refere àquilo que devemos fazer.

O que é disciplina? É uma atividade que está a nosso alcance e que nos permite fazer aquilo de que não somos capazes por um esforço direto. Trata-se, na verdade, de uma pane natural da estrutura da alma humana e, quase nada de importância pode ser realizado na educação, na cultura e em outras áreas sem disciplina. Tudo, de aprender um idioma a levantar pesos, depende dela e, por estar disponível na constituição do ser humano, ela o responsabiliza pelo tipo de indivíduo que ele vem a ser. Os animais podem ser treinados, mas não são capazes de exercitar disciplina no sentido em que esta é essencial para a vida humana.

O princípio da disciplina é ainda mais importante para a vida espiritual. Cena vez, durante um seminário, um líder influente e rico me disse que não conseguia evitar explosões de raiva sempre que tentava conversar com seu filho rebelde. Eu respondi: "Claro que você consegue". Ele me olhou com uma expressão de espanto e negação. E expliquei: "Você só precisa dizer à sua esposa que, da próxima vez que explodir com seu filho, doará cinco mil dólares para uma instituição de caridade que ela escolher e que fará isso sempre que o fato se repetir". Seu sorriso discreto indicou que ele havia entendido.

Mas apesar desse tipo de caso ser esclarecedor, na verdade não mostra o papel essencial da disciplina na vida espiritual. As disciplinas espirituais não têm como objetivo principal resolver problemas de comportamento, apesar de mudanças desse tipo serem um de seus efeitos. É por isso que, ao contrário da crença popular, vários programas de doze passos não são programas de disciplina espiritual. Claro que *são* disciplinas. Concentram-se precisamente nas coisas que, em geral, podemos fazer como freqüentar reuniões, prestar contas a outros, procurar a ajuda de membros do grupo em momentos de necessidade, e assim por diante, a fim de permitir que realizemos aquilo de que não somos capazes por esforço direto, nesse caso, permanecer sóbrios. Apesar de a sobriedade ser de extrema importância para o alcoólatra, dificilmente pode ser considerada um sinal de crescimento espiritual. O mesmo se aplica às explosões de raiva com um filho.

O objetivo das disciplinas na vida espiritual — e, mais especificamente, ao seguir a Cristo — é a transformação do estado total da alma. É a renovação da pessoa como um todo de dentro para fora e envolve diferenças em pensamento, sentimento e caráter que talvez nunca se manifestem no comportamento exterior. É a isso que Paulo está se referindo quando fala de despirmos o velho homem e nos revestirmos do novo, "o qual está sendo renovado em conhecimento, à imagem do seu Criador..." (Cl 3:10).

O caráter distintivo dos ensinamentos morais de Jesus e de seus primeiros discípulos era sua insistência na impossibilidade de alguém guardar a lei pela tentativa de não quebrá-la. Esse esforço só faz do indivíduo um fariseu e o afunda em hipocrisia. Antes, a pessoa precisa ser transformada nas funções da alma de modo que as obras da lei sejam um transbordamento natural da pessoa que ela se tornou. Essa é a formação espiritual à maneira cristã e deve *sempre* estar em nossa mente ao consideramos os ensinamentos de Jesus sobre vários comportamentos — no Sermão do Monte e em outras passagens.

Tomemos como exemplo o ensinamento conhecido sobre oferecer a outra face. se você pretende fazer apenas *isso*, verá que é possível cumprir essa ordem com um coração repleto de amargura e desejo de vingança. Se, no entanto, você se tomar uma pessoa que tem o caráter interior de Cristo, essa

vulnerabilidade apropriada será uma conseqüência natural e você não a considerará algo extraordinário.

A prática inteligente, equilibrada e persistente das principais disciplinas encontradas ao longo da história cristã e em fontes escritas pode ser muitíssimo proveitosa para o indivíduo e, na verdade, *é* essencial para o desenvolvimento de seu relacionamento de cooperação com Cristo. Apesar de essas disciplinas não representarem, de maneira nenhuma, a *totalidade do* processo, são indispensáveis. Não tomam o lugar e não são eficazes sem a palavra do evangelho e a operação do Espírito de Deus em nossa vida. Mas o evangelho e o Espírito também não as substituem. Algumas pessoas, é evidente, não são capazes de colocá-las em prática. As disciplinas espirituais não estão a seu alcance, pelo menos temporariamente. Essas pessoas precisam de ajuda e ministração de vários tipos, dependendo de cada caso e circunstância. No entanto, aqueles cuja vida não se encontra inteiramente desintegrada e já experimentaram o nascimento do alto conseguem, em geral, com instruções práticas e incentivo, começar a progredir em direção à plenitude por meio de práticas moderadas e persistentes, como a solitude e o silêncio, o jejum, a memorização das Escrituras, períodos regulares de louvor e adoração individuais e em comunidade, e assim por diante. As várias disciplinas ministram a aspectos diferentes e complementares de nossa condição desintegrada e distorcida.<sup>27</sup>

A *solitude e o silêncio* são um meio importante de corrigir as distorções de nossa existência física social. Nossas boas idéias e intenções são quase inúteis diante do que o corpo se mostra propenso a fazer num contexto social. Jesus entendia isso muito bem. Assim, ele sabia que as declarações de Pedro de que jamais o negaria eram irrelevantes em relação ao que ele faria enquanto Jesus estivesse sendo julgado. E, de fato, o contexto social e os hábitos profundamente arraigados de Pedro o levaram a negar Jesus três vezes consecutivas, mesmo depois da advertência clara de que isso aconteceria.

Os hábitos distorcidos da mente, dos sentimentos e do corpo são ligados ao contexto social de forma tão próxima e rotineira que, para muitas pessoas, os longos períodos em solitude e silêncio são a única maneira de desligar seu corpo e sua alma dos circuitos do pecado e permitir que encontrem uma nova direção habitual no reino de Deus. Decidir praticar e aprender essa disciplina é parte fundamental daquilo que podemos fazer a fim de nos tornarmos capazes de realizar coisas que nos seriam impossíveis por esforço direto, mesmo com o auxílio da graça.

A solitude e o silêncio são, de fato, recursos poderosos da graça. O estudo bíblico, a oração e a participação na igreja, entre outras atividades mais comumente prescritas nos círculos cristãos, em geral têm pouco efeito na transformação da alma, como fica claro para qualquer observador. Se todas as pessoas que se dedicam a essas atividades fossem transformadas por elas e se tornassem saudáveis e retas, o mundo seria bem diferente. A mudança necessária não é possível justamente porque o corpo e a alma se encontram tão exaustos, fragmentados e repletos de conflitos que as atividades prescritas não podem ser realizadas da forma adequada e, em geral, se reduzem a rituais legalistas e inúteis. A solitude e o silêncio prolongados — incluindo o *descanso* — podem torná-las extremamente poderosas.

No entanto, precisamos escolher nos dedicar a essas disciplinas. Em geral, Deus não compete por nossa atenção. Se não nos afastarmos das coisas que nos deixam obcecados e exaustos e buscarmos a solitude e o silêncio, Deus normalmente deixará que façamos as coisas à nossa maneira. Seu chamado para nós é "aquietai-vos e sabeis". Para a alma disciplinada em esperar de maneira tranqüila diante dele, em passar longo tempo com essa prática, ele se revelará de maneiras que promoverão novo rumo a todos os pensamentos, sentimentos, assim como as escolhas. E os efeitos da solitude e do silêncio terão repercussão no contexto social em que a pessoa se encontra.

O *jejum*, outra disciplina importante, nos reeduca rompendo a dependência da satisfação do desejo e tornando o reino de Deus um fator vital de nossa existência concreta. É uma aplicação indispensável do que Jesus chamou de *a cruz*. Em termos simples, a cruz significa não fazer ou não conseguir o que se deseja. E, evidentemente, do ponto de vista humano, conseguir o que se deseja é tudo. A raiva é, em primeiro lugar, uma reação à frustração da vontade e, para a alma desintegrada, não faz diferença se o desejo é por algo absolutamente trivial. A violência epidêmica e, com freqüência fatal, o que vemos no trânsito, é apenas um exemplo disso.

O jejum, que consiste sobretudo na abstenção voluntária total ou parcial de alimentos e, por vezes, também de líquidos, exerce a função de nos libertar da necessidade de ter aquilo que desejamos.

---

<sup>27</sup> Para um estudo amplo das disciplinas espirituais, veja Richard FOSTER. *Celebração da disciplina*. Veja também Dallas WILLARD, *O espírito das disciplinas* e *A renovação do coração*.



Aprendemos a permanecer calmos, serenos e fortes durante a privação — mesma que esta seja intensa. Percebemos que a não-satisfação de nossos desejos não é o fim do mundo.

Aprendemos, sem sombra de dúvida, que Deus supre nossas necessidades à maneira dele. Além do "pão" ou do alimento físico, existem as "palavras de Deus" que são capazes de sustentar diretamente nosso corpo e todo o nosso ser (Dt 8:3-5; Mt 4:4; Jo 4:32-34). Usando a experiência, o jejum nos liberta para a riqueza de Deus e exerce uma influência profunda sobre a reordenação de nossa alma.

Os praticantes cristãos ao longo das eras perceberam que o jejum correto liberta o indivíduo do domínio do desejo e dos sentimentos em geral, e não apenas no que se refere ao alimento.

A *memorização das Escrituras* é a última disciplina da qual trataremos aqui. Na verdade, ela é uma subdivisão da disciplina do estudo. O estudo como disciplina espiritual consiste, em geral, em voltar a mente para as obras e as palavras de Deus. No estudo, a mente assimila a ordem do objeto estudado e, invariavelmente, essa ordem modela a própria mente e, desse modo, a alma e a vida que surgem dela. Assim, quando mantemos a lei de Deus diante de nós, ela traz a ordem de Deus para a mente e a alma. A restauração da alma se dá à medida que a lei se torna o padrão habitual da vida interior e das ações exteriores e nos integra nos movimentos do reino eterno.

Nossa principal liberdade consiste em podermos escolher o foco de nossos pensamentos. Essa liberdade é intensificada pela prática da solitude, do silêncio e do jejum. Podemos, então, encher nossa mente da Palavra de Deus preservada nas Escrituras, um processo no qual a memorização é essencial. É impressionante como pessoas que professam honrar a Bíblia conhecem poucas de suas passagens de cor. Como as Escrituras podem nos ajudar se nem sequer as conhecemos? Não podem. Mas a memorização nos permite tê-las sempre diante de nossa mente. E isso torna possível nos mantermos conscientemente dentro do fluxo da vida de Deus: a *Tora* e o *Logos*.

Na Bíblia inteira, não há versículo mais disciplinador nem mais instrutivo para a restauração da alma do que Josué 1:8 (espelhado e expandido no salmo 1 e em Mateus 6:33): "Não deixe de falar as palavras deste Livro da Lei e de meditar nelas de dia e de noite, para que você cumpra fielmente tudo o que nele está escrito. Só então os seus caminhos prosperarão e você será bem-sucedido". A memorização nos permite recitar e meditar, o que nos permite *agir*, e isso, por sua vez, nos permite ser bem-sucedidos (de acordo com a definição de "sucesso" que Deus nos der), pois estamos andando nos caminhos de Deus com um caráter interior semelhante ao dele.

A pessoa que se diz incapaz de memorizar passagens das Escrituras provavelmente está vivendo numa condição para a qual a solitude, o silêncio e o jejum são a única resposta. As disciplinas espirituais precisam umas das outras para ter o máximo de efeito. A memorização das Escrituras, no entanto, intensifica as outras disciplinas, juntas, as disciplinas conhecidas e praticadas há tanto tempo no cristianismo podem completar um plano equilibrado e comprovado visando fazermos nossa parte "[pondo] em ação a salvação de vocês com temor e tremor, pois *é* Deus quem efetua em vocês tanto o querer quanto o realizar, de acordo com a boa vontade dele" (Fp 2:1 2-13).

## A FORMAÇÃO ESPIRITUAL

A formação espiritual, como a expressão costuma ser usada hoje em dia, diz respeito à reforma da alma desintegrada do homem recuperando-a de sua alienação de Deus. Na verdade, trata-se de uma *reforma espiritual*. O espírito do homem não é a alma, mas sim a parte central da alma, o poder de autodeterminação. É o coração ou a vontade: o poder de escolher inserido na alma. É esse elemento do ser humano que precisa, mais que todas as coisas, ser reestruturado. A partir dele, a reestruturação divina pode se estender para o resto da vida, incluindo para o corpo. Isso porque o espírito ou a vontade também são o centro executivo do ser que — gerado do alto — permite ao indivíduo reestruturar ou reprogramar a alma distorcida, juntamente com o corpo, por meio das disciplinas espirituais. Por certa ironia, essas disciplinas se referem todas à *utilização do corpo* de maneiras especiais que disponibilizam a graça e a verdade para a pessoa como um todo.

É na união dessas atividades que Deus "refrigera-me a alma". Como resultado, ando pelas veredas da justiça por amor do seu nome como expressão natural de minha natureza interior renovada. Agora, minhas experiências e reações estão interligadas de forma correta ou, pelo menos, estão caminhando para isso. O desenvolvimento de uma compreensão detalhada desse processo e dos resultados com base em estudos factuais seria um passo importante para a efetivação de uma psicologia genuinamente cristã ou uma teoria da alma.

Trata-se de algo essencial não apenas para os que possuem um interesse cristão ou meramente psicológico. Estamos vivendo hoje uma crise epistemológica em todas as nossas profissões, pois o conhecimento acerca do ser interior do homem não pode ser encaixado em nenhuma das categorias consideradas socialmente aceitáveis. O direito e a educação, a medicina e a economia— e não devemos acrescentar também a religião? — estão trabalhando no escuro por falta de entendimento da alma humana e do que constitui a vida humana. O desenvolvimento de um conhecimento rigoroso da alma humana é uma necessidade premente de nosso tempo e quem está numa posição mais adequada para atender a essa necessidade que o psicólogo cristão? Se aceitarmos a realidade da alma, poderemos começar a explorar sua natureza e buscar os meios eficazes, sejam eles quais forem, de restaurá-la.

# 13

## A PIEDADE CRISTOCÊNTRICA O CORAÇÃO DO EVANGÉLICO

MINHA ABORDAGEM AO TEMA da piedade neste texto se baseia na suposição de que *um* dos grandes agentes de transformação individual e social desde a Reforma é a experiência e o pensamento "evangélico". Talvez nem sempre seja identificado por esse nome, mas é, no mínimo, uma força sustentadora. Porém, meu interesse no movimento evangélico não se atém apenas a seu poder como fenômeno social, com seus altos e baixos, mas também, e principal mente, a seu poder sobre a existência humana individual. Por vários motivos, uma grande parte desse poder perdeu-se.

A "piedade" refere-se aos estados e atos internos e externos que constituem a vida de devoção, sobretudo a Deus, mas, com freqüência, também aos pais (a "piedade filial") e, por extensão, a qualquer relacionamento apropriadamente semelhante àquele entre o filho e os pais (quando, p. ex, chamamos uma universidade de "alma mater"). Em termos externos, a piedade são atividades rotineiras de num relacionamento que honra os que nos dão vida e nos proporcionam bem-estar. A piedade pode nos estabilizar, dar substância à nossa vida e nos encaminhar para os ideais humanos mais elevados. Essa é a piedade no mais alto grau. Existe algo que possa substituí-la?

Em seu relatório do ano acadêmico de 1986-1987, Derek Bok, o então presidente de Harvard, escreveu:

Ao contrário de tempos passados, as instituições religiosas não parecem mais ser capazes de instilar valores fundamentais nos jovens. Nessas circunstâncias, as universidades, incluindo Harvard, precisam pensar seriamente sobre o que podem fazer diante do que muitos consideram um declínio geral dos padrões éticos.

O presidente Bok prosseguiu dizendo:

O curso atual da ética aplicada não procura transmitir uma série de verdades morais; antes, tenta incentivar os alunos a pensar meticulosamente sobre questões morais complexas [...] O objetivo central do curso não é transmitir "respostas corretas", mas sim tornar os alunos mais perceptivos na identificação de problemas éticos, mais familiarizados com o que há de melhor no pensamento moral acumulado ao longo das eras, e mais preparados para raciocinar sobre as questões éticas que enfrentarão em sua própria vida pessoal e pessoal.

No final do relatório, ele observa:

Apesar da importância do desenvolvimento moral do aluno individual e da sociedade, não se pode dizer que o ensino superior tem demonstrado uma preocupação profunda com o problema. [...] especialmente nas grandes universidades, o assunto não é tratado com a

responsabilidade séria digna de uma discussão continuada e ação determinada por parte do corpo docente e da administração.

Sou um grande admirador de Derek Bok, e uso seu livro *The Cost of Talent* [o preço do talento] (1993) num curso que leciono sobre “As profissões e o Bem Comum na Vida Norte-Americana”, na University of Southern California. Na conclusão desse livro, ele observa o dilema acerca do que fazer sobre a distribuição desigual de renda entre as profissões, uma vez que os salários de muitas das profissões mais importantes (especialmente na área do ensino e serviço público) encontram-se “achatados” na escala de remuneração. Seu único parecer é que precisamos *mudar nossos valores*.

Sem dúvida. Mas onde buscar formas de realizar essas mudanças? É compreensível as universidades não dedicarem grande atenção ao desenvolvimento moral quando *não há bases cognitivas* para isso. E, falando em termos claros, é essa a situação das coisas hoje em dia. Para muitos intelectuais, a moralidade nem sequer é uma área do conhecimento. Vários dos livros mais importantes escritos sobre o tema dos valores morais nos últimos oitenta anos consideram-no uma área cujas proposições são falsas ou sem sentido.

A meu ver, porém, a piedade cristocêntrica da tradição evangélica fornece tanto o conhecimento quanto a comunidade dentro da qual as pessoas podem encontrar uma base para o desenvolvimento moral, pois descobrem nessa tradição um fundamento sólido para a vida humana.

Não afirmamos, de maneira nenhuma, que a piedade evangélica é a única piedade cristocêntrica. Tal afirmação seria historicamente incorreta e representaria um obstáculo para futuras investigações. Várias outras piedades têm Cristo como o centro e compartilham certos elementos essenciais com o movimento evangélico. Um dos primeiros livros que John Wesley publicou, por exemplo, foi uma versão condensada de *A imitação de Cristo*, de Thomas Á Kempis, com o título *The Christian Pattern* [O padrão cristão]. Uma piedade evangélica pode ser vista, ainda que não com esse nome ou forma exterior, em vários movimentos cristãos ao longo dos séculos e em muitas ocasiões que promoveram a religião evangélica. (Um exemplo disso são os místicos da Renânia). Não obstante, o movimento evangélico é caracterizado por uma tradição claramente identificável de piedade cristocêntrica, e desejo delinear aqui seus principais aspectos.

Antes de prosseguir, devo reconhecer que os elementos identificadores da religião evangélica ao longo das eras não são, necessariamente, aqueles que enfatizamos nos dias de hoje. Um porta-voz recente do movimento evangélico afirmou que este possui três elementos essenciais de *identificação*: a crença na natureza singularmente divina de Jesus, na Bíblia como Palavra de Deus e na necessidade do novo nascimento.

Em minha opinião, no entanto, os três elementos essenciais da piedade evangélica ao longo das eras são: *convicção do pecado, conversão a uma vida piedosa de fé e testemunho da obra salvadora de Deus na alma*.

*A convicção do pecado* deixou de ser um assunto amplamente aceito entre os evangélicos, mas seu desaparecimento quase total é um fenômeno recente. Modercai Ham, o evangelista que influenciou Billy Graham em sua conversão, pregava durante várias semanas num mesmo local antes de permitir às pessoas uma oportunidade de aceitar a Cristo. Esse era o procedimento de praxe. Muitas vezes, o sofrimento mental tornava-se extremamente intenso e espalhava-se para os cristãos. Em Savannah, Georgia, a tensão foi tanta que os cristãos alugaram lojas vazias no centro da cidade para realizar por sua própria conta reuniões nas quais poderiam convidar as pessoas a receber a Cristo por meio de um “apelo”.

As palavras famosas de Wesley “Devo pregar a lei antes de pregar a graça” eram a norma. Hoje em dia, essa norma é, em sua maior parte, desconsiderada, quando muito conhecida. Ninguém pensa seriamente em segui-la, como costumava ser o caso. No entanto, creio que um alicerce da piedade cristã ao longo dos séculos e ainda hoje continua sendo não apenas a convicção do pecado, da alienação de Deus, da condenação e um sentimento de perda eterna, mas também de livramento da *escravidão* do pecado — da incapacidade de parar de pecar. Ainda se fala nisso com frequência, porém não é mais uma idéia central.

A tradição evangélica, representada por expoentes como Martinho Lutero, Richard Baxter, Philip Spener, John Wesley, Charles Finney e muitos outros, trata detalhadamente da culpa diante de Deus e da escravidão à prática do pecado. Por vezes, em reação a outros movimentos, a tradição beira o

perfeccionismo — um dos fantasmas que assombra muitas correntes do movimento evangélico. No entanto, a convicção do pecado continua sendo, de certa forma, o elemento-padrão da piedade cristocêntrica na tradição evangélica, apesar de, nos dias de hoje, envolver um bocado de confusão. Sem o pecado, não existe, de fato, nenhum problema a ser resolvido pelo evangelho. Será que "ter uma necessidade" desempenha, na piedade, o mesmo papel que uma convicção do pecado? O "pecado" desapareceu completamente como categoria de análise e compreensão na cultura contemporânea. No entanto, sem o pecado, a religião evangélica não faz sentido, e a ênfase dessa religião sobre o pecado sempre atraiu a censura de seus críticos.

O segundo elemento fundamental do movimento evangélico considerado em termos mais amplos é a *conversão*. Ela abrange a reconciliação e a regeneração. Grande parte da teologia evangélica de hoje é caracterizada pela perda do conceito de regeneração. Com frequência, o único elemento enfatizado é a reconciliação ou o perdão — nos casos em que até isso não foi substituído pela idéia de Cristo "suprir suas necessidades". Por vezes, a doutrina da regeneração é inteiramente assimilada pela doutrina da justificação e ambas passam a ser consideradas exatamente a mesma coisa. Mas isso *não é* característico da tradição em geral. Se você ler não apenas os autores populares, mas também as teologias clássicas, verá que a regeneração, ou vir a ter um novo tipo de vida ("do alto"), é tão essencial à conversão quanto o perdão. Na verdade, talvez o perdão seja subordinado à regeneração. Você recebe uma nova vida pela graça por meio da fé e, nesse processo, ou à luz dele, seus pecados são, obviamente, perdoados. Você não pode viver em Deus e nem Deus em você sem o perdão e a reconciliação.

O terceiro elemento, o *testemunho*, ainda faz parte de vários círculos do movimento evangélico, mas, em geral, não da maneira como fazia tradicionalmente, quando o testemunho muitas vezes era considerado parte essencial da conversão e quando a fé e a confissão eram inseparáveis.

Esses tres elementos fundamentais da piedade cristocêntrica na tradição evangélica são acompanhados de alguns aspectos disciplinares. Levam esse nome pois são considerados (usando a expressão de Wesley) "meios da graça" ou maneiras de manter e desenvolver a vida, de modo que não devem ser vistos, em nenhum sentido, como formas de castigo. Os principais aspectos disciplinares são a ministração pública da Palavra de Deus, o estudo bíblico, a oração e o ideal de uma disciplina e santidade que abrange a vida como um todo. Durante um bom tempo, na piedade evangélica, nossa vida inteira, não obstante o que estivessemos fazendo, devia ser parte de nossa fé em Cristo — fazia parte do testemunho.

Era uma transposição válida do conceito luterano de sacerdócio dos cristãos. Não significava, essencialmente, que qualquer cristão tinha permissão de realizar atos sacerdotais ou religiosos, mas sim que *todos* os atos do cristão deviam ser atos sacerdotais a Deus. Pode-se observar a transmissão dessa crença em grande parte, porém não na totalidade, da tradição evangélica.

Por fim, a piedade abrange o trabalho nos "campos que estão maduros para a colheita". Esse conceito tem vários significados, incluindo a *contribuição* de dinheiro e bens. Uma das grandes virtudes dos primeiros pequenos grupos de Wesley era que todos deviam fazer uma contribuição, por menor que fosse. Cada um dos membros dava alguma coisa e o total era usado para a igreja, para aqueles que necessitavam de algo e para ajudar os pobres. Hoje em dia os evangélicos ainda se destacam estatisticamente por sua prática de contribuir. O dízimo é uma norma que nem sempre é cumprida, mas que muitas vezes, também é excedida.

Trabalhar nos campos maduros para a colheita exige, ainda, *testemunho*. Isso significa falar a outros individualmente sobre sua condição diante de Deus sobre aquilo que Deus lhes oferece; também implica um envolvimento com os esforços evangelísticos públicos, incluindo os trabalhos missionários ao redor do mundo. A piedade evangélica requer a apresentação do evangelho em relação a todos os aspectos da vida, assim como em eventos públicos especiais que visam "alcançar os perdidos". Nesse contexto, pode-se ver como um conceito vívido de pecado continua sendo importante.

O último aspecto de trabalhar nos campos maduros para a colheita é *defender a verdade*. Essa expressão abrangente inclui "batalhar diligentemente pela fé que uma vez por todas foi entregue" (Jd 1:3). Mas também significa defender aquilo que é correto, justo e bom na sociedade, incluindo o evangelismo de pessoas em cargos de poder e iniciativas políticas de diversos tipos.

É provável que os evangélicos de várias gerações que levam sua fé a sério sintam que estão aquém do ideal quando negligenciam qualquer uma dessas três áreas. Para os evangélicos, a piedade cristocêntrica deve sempre ser de coração e para o Senhor, e não por preocupação com as aparências.

Seu objetivo não é impressionar as pessoas nem mesmo impressionar Deus. Antes, é a piedade de um coração honesto e transparente que clama diante de Deus: "Tal qual estou, eis-me aqui Senhor" — o grande hino do movimento evangélico tradicional.

Esse hino expressa magnificamente a transparência como um ideal evangélico: não tentar me adequar para ser aceito ou impressionar, mas apenas ser quem eu sou e dizer que a morte de Cristo na cruz significa que não preciso ser nada além do que sou. Uma vez que me aproximo de Deus com base nessa verdade, também posso me aproximar de você como outro ser humano e dizer: "Tal qual estou, eis-me aqui". Podemos e devemos nos relacionar nessa base. Essa é a piedade evangélica em seu grau mais elevado. Não se trata, evidentemente, de uma postura exclusiva dos evangélicos, pois pode ser encontrada em muitas outras tradições que apresentam uma atitude semelhante de piedade. No entanto, os evangélicos enfatizam a necessidade desse tipo de transparência como pane da vida segundo o evangelho.

Na piedade evangélica considerada em termos mais amplos, o indivíduo vive como discípulo de Jesus e, sem dúvida, o discipulado é um processo de aprendizagem e crescimento. Por isso, 2Pdrou 3:18 é citado com frequência nos meios evangélicos: "Cresçam, porém, na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo". Como processo de aprendizagem, o discipulado significa viver de forma interativa com a presença ressurreta de Cristo (por meio de sua palavra, de sua presença pessoal e de outras pessoas), ao aprendermos cada vez mais a *conduzir nossa vida como ele faria se estivesse em nosso lugar*. Um dos grandes problemas dos evangélicos *contemporâneos* é que perdemos o conceito de discipulado. Nos meios evangélicos em geral, supõe-se hoje em dia que é possível ser cristão sem ser um discípulo de Jesus, e muitos são — ou pelo menos é o que parece. Na verdade, essa é uma idéia muito difundida entre os cristãos muito além dos círculos evangélicos. Ser um discípulo é ser um aprendiz de Jesus na vida do reino. Mas, hoje em dia, há evangélicos que transferem a tarefa de fazer discípulos para organizações parcesiásticas, supondo que não se trata, necessariamente, de uma *incumbência* da igreja local.

Na verdade, não temos uma idéia clara do que o discipulado significa. Isso se deve, em parte, a algumas desenvolvimentos teológicos. Em muitos círculos cristãos, a doutrina da salvação pela graça por meio da fé levou as pessoas a um ponto em que não sabem o que devem fazer — o que não é surpreendente. Sou, originalmente, da Igreja Batista (Convenção Batista do Sul), onde podemos pregar durante uma hora sobre como não há nada que você possa fazer para ser salvo e depois cantar durante meia hora tentando convencê-lo a fazer algo ("venha à frente", professe sua fé) para ser salvo.

Hoje em dia, não somos apenas salvos pela graça; também somos paralisados por ela. Vivemos num tempo de profunda confusão. Temos dificuldade em entender que a graça não é o oposto de *esforço*, mas sim o oposto de *mérito*. Mérito e esforço não são a mesma coisa. Merecer é uma atitude e, sem dúvida, a graça é oposta a ela. No entanto, não é oposta ao esforço. Ao vermos uma pessoa ardendo com o fogo da graça, é bem possível que testemunhemos alguns dos esforços mais espantosos que podemos imaginar (1Co 15:10). A tradição evangélica está repleta de esforços — é o caso dos grandes missionários (como Judson, Carey e outros) que saíram pelo mundo afora. Havia quem lhes perguntasse: "Você não crê que Deus vai salvar aqueles que ele decidiu salvar?". Ao que eles respondiam: "Sim, é exatamente por isso que estou indo. Quero estar lá quando isso acontecer". A graça é uma fonte de motivação e energia tremenda quando a entendemos e a recebemos corretamente.

Outro problema que os evangélicos enfrentam com frequência ao buscar obedecer a Cristo é o *legalismo*. Isso se deve, em grande pane, ao fato de enfatizarmos a *tentativa* em vez do *treinamento* e explica por que podemos encontrar um número bastante grande de fariseus entre os evangélicos — porém não necessariamente maior do que em outros grupos, sagrados ou seculares. Quando você tentar "abençoar os que te perseguem", por exemplo, essa *tentativa* nunca será suficiente; você precisa ser *treinado* para isso. Esse treinamento faz parte do discipulado, mas hoje em dia podemos dizer que, de modo geral, separamos a fé em Cristo da obediência e prática. Não existe uma ponte ligando esses dois lados. Essa ponte deveria ser, obviamente, o discipulado. Se você deseja fazer o que Jesus ordenou, deve direcionar seus esforços para se tornar o tipo de pessoa que faria essas coisas naturalmente.

Um dos grandes motivos pelos quais perdemos o discipulado na tradição evangélica é que *perdemos Cristo como Mestre*. A idéia de Cristo como Mestre significa pouco ou nada para os evangélicos. Esse fato tem raízes históricas nas controvérsias entre modernistas e fundamentalistas do século passado. Nessas controvérsias, os fundamentalistas e conservadores começaram a considerar que as conversas sobre Cristo como Mestre eram uma forma de dizer que "ele é *apenas* um homem".



E, de fato, muitas vezes esse era um expediente para omitir a divindade de Cristo. Levantou-se, então, uma barreira interior contra a idéia de Cristo como Mestre. Mas claro que é impossível ter discípulos sem mestre. Nós nos tornamos meros expectadores e consumidores de coisas sagradas, e não *participantes* da vida que Jesus está vivendo hoje na terra, e perdemos a disciplina em seu verdadeiro significado.

Disciplina é algo que exercitamos a fim de nos capacitarmos para algo que não poderíamos fazer por esforço próprio. Apesar de a idéia e a prática da disciplina espiritual serem extremamente ricas na tradição evangélica, não podem funcionar sem um mestre vivo. Assim, a noção de disciplina extinguiu-se como conceito central do movimento evangélico, pois o mestre desapareceu.

Descobrimos, então, que os evangélicos de hoje estão enfrentando uma série de dificuldades em resgatar o poder e a longa e rica tradição, o pensamento e a experiência evangélica como principal instrumento de transformação moral dos indivíduos e da sociedade. Essas dificuldades estão intimamente ligadas a outro problema relacionado ao uso da razão e do entendimento na religião — um problema que também enfrentamos, em parte, em decorrência de uma reação as controvérsias do século XIX e início do século XX, mas que tem suas origens num passado bem mais distante. Muitos evangélicos e quase todos aqueles que poderiam ser chamados de fundamentalistas colocaram a razão e o conhecimento do lado do Diabo. O anti intelectualismo tornou-se extremamente atraente nesses meios. A idéia era que os "outros" (os modernistas) haviam se desviado da verdade ao começar a pensar. E talvez tenham lido livros demais em alemão ou francês. Levantou-se, portanto, uma barreira contra o conceito de razão.

Hoje em dia, muitos evangélicos estão procurando reexaminar essa questão, algo necessário para que recuperem a imagem de Cristo como Mestre e comecem a vê-lo como uma *pessoa inteligente* — algo que, no momento, é quase impossível para muitos, evangélicos ou não. Se você pedir a um grupo de evangélicos para dizer quem é o homem mais brilhante do mundo, infelizmente Jesus Cristo será escolhido por poucos. Trata-se de uma forma moderna de docetismo. Mas será que o fato de ser divino o torna simplório? E como podemos ser discípulos de alguém que não consideramos muito inteligentes?

Alguns anos atrás, uma iniciativa ecumênica promovida por evangélicos e outros adotou o lema “Jesus como Senhor”. A iniciativa não foi muito bem-sucedida e acabou morrendo porque a pessoa de Jesus como um todo — crucial para qualquer piedade cristocêntrica — não foi incluída. Se você não considera Jesus inteligente e extremamente competente com respeito a tudo o que faz parte de sua vida, o que você quer dizer quando o chama de Senhor? A fim de desenvolvermos uma piedade cristocêntrica precisamos resgatar a grandeza da pessoa de Cristo em sua totalidade como objeto de nossa fé. Precisão depositar nossa confiança naquilo que Paulo chamou de “insondáveis riquezas de Cristo” (Ef 3:8).

Ao fazermos isso, o caráter *ideal* do movimento evangélico Omo força capaz de transformar vidas começará a reaparece. Então, teremos motivos para pensar que podem até haver algumas respostas às questões de desenvolvimento moral levantadas por líderes importantes como Derek Bok. É claro que ele não é o único a levantar esse tipo de pergunta. Mas para onde iremos se não conseguirmos encontrar um conhecimento de realidade, da virtude e da bondade em nível prático que, em outros tempos, era oferecido por pessoas da tradição evangélica?

No final do livro *The Field of Ethics* [O campo da ética], baseado no William Belden Noble Lectures, de 1899, George Herbert Palmer, professor de filosofia de Harvard, relacionou os nomes de líderes da área da ética na época e concluiu: “Sem dúvida, a ética é o estudo de como a vida pode ser plena e rica, e não, como se costuma imaginar, de como pode ser reprimida e pobre”. Palmer prossegue dizendo: “As palavras de Jesus — que Philips Brooks apreciava tanto — anunciando que ele veio para que os homens pudessem ter vida e a ter em abundância, são a afirmação mais clara do propósito da moralidade e da religião, da justiça na terra e no céu”. Esse conceito coloca Jesus Cristo, conforme ele visto historicamente pelos evangélicos, no devido contexto e perspectiva.

A tradição e o pensamento evangélico tornam acessível para a humanidade um Salvador verdadeiro que pode estar presente no mundo de hoje para dar vida plena e abundante. É minha convicção, esperança e oração que o caminho para uma renovação de vida e de pensamento desse tipo e profundidade seja aberto.

## POR QUE PRATICAR AS DISCIPLINAS ESPIRITUAIS?

EM JANEIRO DE 1989, concedi a seguinte entrevista à *World Christian/U*, uma revista cristã para universitários, em que destaco motivos de praticar as disciplinas espirituais.

POR QUE DEVEMOS PRATICAR AS DISCIPLINAS?

A resposta curta e verdade absoluta é que, sem disciplina, é impossível realizar qualquer coisa de valor. Isso também vale para a vida espiritual com Cristo. Na realidade, a pergunta não é *se* devemos praticar as disciplinas. É isso que vamos fazer, e todos concordam que devemos. No entanto, precisamos pensar com cuidado sobre quais disciplinas praticar e como proceder.

Grande parte de nossa aprendizagem ao longo da vida ocorre por imposição — aprendemos a andar, a falar, a nos relacionar socialmente etc. Afora essas aptidões elementares, tudo o que desenvolvemos em nossa vida e que tem algum valor também é decorrente da disciplina, de atividades escolhidas e planejadas voluntariamente. Em geral, a formação real de um indivíduo é resultante de disciplinas que somente ele pode escolher e impor sobre si mesmo. A criança que é capaz de *aceitar* as disciplinas do treinamento pode tornar-se um excelente músico. Se não aceitá-las, não alcançará a excelência; não importa o que pais e professores queiram, esse processo não pode ser imposto.

Assim, a resposta resumida para a pergunta "Por que praticar as disciplinas?" é que não podemos ter nenhum senso de realização, dignidade e qualidade de vida sem disciplina. Cresceremos com uma impressão de inutilidade e fracasso e nos tornaremos inconvenientes e pesados para outros. Na maioria das igrejas, por exemplo, os dissabores que encontramos têm origem, basicamente, em pessoas indisciplinadas. Se você não tem disciplina, não há nada que compense essa deficiência. Em conjunto com a graça, as disciplinas produzirão os ideais que desejamos em nossa vida: a capacidade de orar com eficácia, de amar, e a assim por diante.

MUITAS VEZES, AS IGREJAS EVANGÉLICAS ENSEINAM QUE PARA SERMOS DISCÍPULOS SÓ PRECISAMOS LER UMA PASSAGEM DA BÍBLIA E ORAR TODOS OS DIAS. MAS É FÁCIL ESSAS DUAS ATIVIDADES PERDEREM O SENTIDO.

Permita-me contar um segredo sobre as igrejas evangélicas: na verdade, poucos de seus membros lêem a Bíblia e oram de fato. Isso porque essas duas atividades não são apresentadas como parte essencial de uma vida altamente desejável que deve ser abordada de determinada forma.

Os cristãos que lêem a Bíblia muitas vezes não a *conhecem*. Isso porque não a lêem como um texto sobre a *realidade*, como algo que pode promover mudança e transformação em sua vida. Muitas pessoas lêem o texto bíblico de acordo com um roteiro cujo *objetivo* é fácil de identificar: ler a Bíblia inteira em um ano. Esse plano só serve para você poder dizer no fim do ano que leu a Bíblia inteira. Isso é legalismo. (É claro que algumas pessoas são consideravelmente beneficiadas por ele.)

Por trás dessa abordagem encontramos a idéia de separar algo em pequenas porções — como se fosse algo desagradável que você não sentirá tanto se "tomar em doses homeopáticas". Você *nunca* aconselharia alguém a fazer isso ao ler *Guerra e paz* ou qualquer outro romance. Não há nenhuma indicação no Novo Testamento de que ser discípulo se resume a ler a Bíblia e orar com regularidade. O que, sem dúvida, nos leva ao problema que os estudantes de hoje enfrentam. Hoje em dia, o discipulado é entendido de forma muitíssimo errada. É apresentado, basicamente, como freqüentar a igreja, ler a Bíblia, orar e, quem sabe, testemunhar de vez em quando. E é só. Então, esses estudantes entram na universidade, analisam como vão administrar seu tempo e pensam: "Vou considerar esses momentos de 'devocional' como discipulado". Jamais concordariam com a idéia de que estar na universidade é seu discipulado, de que sua *vida* é seu discipulado. Aliás, não entenderiam o que isso significa.

SE AO MENOS EU CONSEGUIR ENCAIXAR O DISCIPULADO ENTRE AQUELES DEZESSEIS CAPÍTULOS DE HISTÓRIA QUE EU PRECISO LER...

É verdade. Muitos ministérios com universitários sugerem algo do gênero na tentativa de ajudar os estudantes, mas, na verdade, estão perpetuando a idéia de que fazer determinadas coisas em determinados horários pode ser chamado de discipulado. Esse tipo de abordagem nunca tem o efeito desejado – nunca. Claro que pode ser de *alguma* ajuda.

TEMOS A TENDÊNCIA DE PERGUNTAR A ALGUÉM QUE ESTÁ COM PROBLEMAS, “COMO ANDA SUA VIDA DEVOCIONAL?”

Essa pergunta revela uma idéia interessante: de que se você tiver uma vida devocional ativa não se meterá em apuros.

NÃO TEREI PROBLEMAS...

Que idéia maravilhosa! Os estudantes encontram-se numa situação muito especial, pois nunca mais terão tanto tempo disponível. A dificuldade que sentem em encontrar tempo para o discipulado deve-se ao fato de não terem seus valores em ordem ou de não saberem como organizar a vida em torno do discipulado. Aprenderam que o discipulado envolve uma porção de atividades “sérias” e não conseguem juntar energia para procurar, sinceramente, seguir a Cristo *em tudo o que fazem*. Assim, os alunos pensam que seus cursos de filosofia, contabilidade ou química não têm nenhuma ligação intrínseca com o discipulado.

Na verdade, a questão da motivação torna-se centra com referência à prática das disciplinas. A motivação vem da visão, e a visão deve vir da pregação do evangelho do reino como um convite absolutamente abrangente para viver sob o governo de Deus. Isso inclui contabilidade, filosofia, história e seja o que for que você estiver estudando: tudo serve de experiência da graça de Deus concedida diariamente em tudo o que você faz. Essa visão fornece a motivação para as disciplinas da mesma forma que o envolvimento com a música ou os esportes deve oferecer sua própria motivação. Você começa a gostar dos valores dessa área. Se você consegue tocar um pouco de Beethoven, percebe que recebeu um presente maravilhoso. Essa descoberta o fortalece e sustenta.

Quando uma pessoa dá os primeiros passos na vida do reino, começa a experimentar a alegria dessa vida, começa a entender que “Solidão não é sinônimo de privação. Jejuar é uma oportunidade de aprender como Deus nos sustenta pela Palavra”. O estudo, o serviço e a comunhão na igreja adquirem novas conotações, pois fazem parte de um todo, e dentro desse todo é possível tomar decisões que criam espaço para atividades como estudo bíblico e a oração e, de fato, para todas as coisas que são verdadeiramente valiosas. A pergunta é: “Como posso ter uma vida na qual essas coisas fazem sentido?”.

COMO POSSO COMEÇAR? QUAIS SÃO OS PASSOS PARA INGRESSAR NESTA VIDA DISCIPLINADA?

Você pode começar *planejando* períodos longos para ficar sozinho; esse precisa ser o ponto de partida. Você nunca vai “encontrar” tempo. Você escolhe criar tempo.

O QUE VOCÊ QUER DIZER COM “PERÍODOS LONGOS”? UM FIM DE SEMANA?

Sim, um fim de semana é o ideal. Mas é preciso começar com períodos mais curtos como uma tarde ou um dia inteiro. Não se faça de herói. Assuma um compromisso que você será capaz de cumprir. Um iniciante que resolvesse passar um fim de semana sozinho provavelmente ficaria maluco antes do término do domingo. Mas não precisa ser assim. Um retiro ou uma ocasião em que você possa alternar períodos de isolamento com momentos de comunhão é um excelente ponto de partida. A outra parte do conselho é: comece a refletir acerca dos motivos de você querer seguir esse caminho. A resposta não precisa estar *inteiramente* clara em sua mente, mas você deve ter *alguma* idéia. Você terá algumas decepções. Muita gente vai para o primeiro retiro e pensa que voltará caminhando sobre as águas. Reflita sobre suas expectativas e motivações. Uma boa reação é: “Espero aprender mais sobre a experiência com Cristo”.

POR QUE A SOLITUDE É UM BOM PONTO DE PARTIDA?

Na solitude você começa a se desvencilhar das respostas automáticas que dominam a vida a nosso redor. Não é possível fazer isso nos cultos da igreja. Você vai à igreja com sua família e amigos. Se você estiver freqüentando os cultos à procura de mudanças, verá que as pessoas serão um empecilho. Em geral, as pessoas querem nos prender dentro da imagem que elas têm de nós. Assim, você precisa passar algum tempo isolado. Nesse isolamento, você descobrirá uma relação significativa e experiencial com Deus. Em parte, é a isso que as Escrituras estão se referindo quando dizem: "Busquem, pois, em primeiro lugar o reino de Deus". Ou seja, busquem uma relação significativa e experiencial com Deus. Infelizmente, não encontramos a nosso redor muitos ensinamentos claros a esse respeito. Essa relação significativa e experiencial com Deus não acontece necessariamente quando nos levantamos e cantamos "Buscai primeiro o reino de Deus e sua justiça..."

É DIFÍCIL ENTENDER A RELAÇÃO ENTRE MOTIVAÇÃO E VISÃO. OLHAMOS PARA MADRE TERESA E PENSAMOS: "QUERO SER UMA PESSOA COMO ELA. MAS COMO SAIR DO PONTO ONDE ESTOU E CHEGAR AONDE ELA CHEGOU?"

Ouvi alguém fazer uma pergunta parecida a um pastor conhecido da Califórnia, e ele respondeu que o segredo de madre Teresa era a oração e a leitura bíblica. Fácil. Claro que ela orava e lia a Bíblia, mas ela o fazia num contexto de vida que incluía, de modo mais importante, muita solitude, silêncio, serviço, confissão etc. A maioria das pessoas não entende o efeito da solitude e, portanto, não entende por que devemos praticá-la. Seu objetivo — que hoje em dia parece quase pecaminoso — é chegar a um ponto em que *você não tem nada para fazer*.

EU FICO LÃ, SENTADO?

De certa forma, sim. Claro que você pode continuar respirando e andando de um lado para outro. Mas essa é uma aplicação da lei do sábado — que visa nos fazer cessar o *trabalho*, nos fazer cessar qualquer coisa semelhante a trabalho. Isso porque o reino de Deus é tão manso que, enquanto estamos agindo, geralmente ele não nos interrompe. Não conseguimos nos desvencilhar do mundo e do lugar que cremos ter dentro dele. É interessante observar que o reino de Deus é algo que precisamos buscar. O caminho principal é a solitude e, é claro, o silêncio nessa solitude. É uma disciplina literalmente *angustiante*.

QUANDO UMA PESSOA COMEÇA A PRATICAR O SILENCIO — DESLIGANDO O TELEFONE, A TELEVISÃO E O RÁDIO E PERMANECENDO QUIETA POR UMA HORA —, É COMUM IRRITAR-SE DEPOIS DE ALGUM TEMPO. O SILENCIO PODE SE TORNAR PRAZEROSO?

Sim, é uma experiência que promove alegria e força. Precisamos nos desacostumar dos estímulos e das respostas que consideramos normais e que, até aqui, constituíram nossa vida. Só então seremos capazes de receber do silêncio e encontrar alegria.

COMO VOCÊ COMEÇOU A PESQUISAR AS DISCIPLINAS?

Comecei lendo John Wesley e Charles Finney. Então, passei à leitura daqueles que vieram antes deles. Fiquei impressionado com seu poder e descobri por essas leituras que ele estava ligado a seu comportamento e não apenas à operação de Deus *sobre* eles. Também descobri, muito tempo atrás, que existe uma correlação positiva rigorosa entre o jejum e o poder de pregar e ensinar com eficácia — ou simplesmente de estar com outras pessoas.

EM QUE SENTIDO ESSA PREGAÇÃO E ESSE ENSINO SÃO MAIS PODEROSOS? Quanto ao resultado positivo. A menos que você tenha experimentado o poder e efeito da Palavra é difícil imaginá-los. Assim, quase todas as vezes que tenho um compromisso para pregar ou ensinar, procuro jejuar pelo menos durante doze horas. No entanto, também jejuo de forma sistemática.

COMO ASSIM? UMA VEZ POR SEMANA, UMA VEZ A CADA DUAS SEMANAS? Com maior freqüência, mas, dependendo do desconforto que você sentir, os jejuns não precisam ser muito longos. A regra geral

para as disciplinas é: se é algo difícil de fazer, provavelmente você precisa praticar por mais tempo e com maior frequência.

É COMO LEVANTAR PESOS...

Exatamente. Ou como aprender a tocar piano. Você precisa praticar. As disciplinas não têm valor intrínseco. Uma pessoa mentalmente saudável só toma remédios quando precisa. A leitura "espiritual" também tem sido importante para mim. Uma leitura que me marcou foi a dos tratados *Holy Living* [Vida santa] e *Holy Dying* [Morte santa] de Jeremy Taylor. Seus textos são absolutamente pertinentes. O relacionamento sério com Deus tem uma espécie de ciclo: ler a Bíblia, ler bons livros, experimentar na prática o que você tem lido, voltar à Bíblia, e assim por diante. Nossa experiência envolve a prática das disciplinas de modo que estas nos permitam agir com mais fé. As disciplinas são uma forma simples de buscar o reino de Deus — não para merecê-lo, mas para conhecê-lo. E, é claro, encontrar o reino de Deus é viver de acordo com o governo e a soberania de Deus em nossa vida.

VOCÊ CONTOU COM A AJUDA DE UM GRUPO DE APOIO?

Não tive acesso a nenhum grupo desse tipo. Vários livros e alguns indivíduos me ajudaram nesse sentido. Mas é possível que um grupo possa ser útil. Ao longo da história, muitos grupos conhecidos se formaram em torno de Francisco de Assis, Inácio de Loyola, São Filipe Néri, o "Clube Santo" de Wesley, os primeiros amigos de George Fox e, hoje, o grupo associado a Billy Graham.

No entanto, é preciso ter cuidado com grupos e não permitir que ocupem indevidamente nenhuma parte de nossa alma. Devemos evitar a preocupação com a maneira de descrever nossas experiências para o grupo. O que nos leva a outra disciplina: o segredo. O reino de Deus é guardado em segredo — na presença do olhar secreto de Deus. Sempre que possível, todas as disciplinas devem ser praticadas em segredo para que ninguém saiba o que está se passando, como orar, jejuar e dar esmolas (cf. Mt 6).

COMO PODEMOS EVITAR CAIR EM LEGALISMO AO PRATICAR AS DISCIPLINAS?

Esse é um grande perigo e a primeira coisa a fazer é reconhecê-lo como tal. Na vida em sociedade, o legalismo é quase como o ar que respiramos. Pode ser, e com frequência é, tanto secular quanto religioso. Nasce da necessidade de *parecermos* justos aos olhos; de outras pessoas, ou mesmo caso sejamos tolos a esse ponto — aos olhos de Deus. A prática da confissão ou "prestação de contas" com certas pessoas, juntamente com as disciplinas, nos ajudará a não sair da linha. Mateus 6 trata de nossa necessidade de ser estimados pelos outros. As disciplinas nos ensinam a viver sem depender da opinião de outros. Faça o que é certo, ore para que seu ato permaneça oculto e certifique-se de que permanecerá assim a menos que isso implique mentir. As disciplinas são um treinamento para suportar os erros que outros podem cometer a nosso respeito, um treino para sermos mal-interpretados. George Fox disse que precisamos "mudar o foco de atenção das pessoas, passando-o dos homens para Cristo". Não há nada mais importante do que isso.

Encontrar o reino de Deus é ver e cooperar com as atividades de Deus em nossa vida e a nosso redor. O reino de Deus é Deus governando e Deus agindo. A fim de conhecer Deus em ação, precisamos nos dedicar a todas as nossas atividades esperando interagir com ele dentro delas. O aluno universitário pode ver a mão de Deus em tudo o que faz. Todos nós podemos.

# 15

## JESUS, O LÓGICO



HOJE EM DIA, é praticamente impossível encontrar as palavras "Jesus" e "lógico" na mesma expressão ou frase, a menos que seja para *negar* qualquer ligação entre esses termos. Como "Jesus, o carpinteiro", a expressão "Jesus, o lógico" também não é antigramatical. Mas, à primeira vista, parece haver algo de errado em sua terminologia ou lógica, como "A cor roxa está dormindo" ou "Mais pessoas vivem no inverno que nas cidades" ou "Você vai para o trabalho a pé ou leva marmita?".

Em nossa cultura uma relação incômoda entre Jesus e a inteligência. Ao declarar que Jesus é o homem mais inteligente que já existiu, ouvi cristãos responderem: "Isso é um oxímoro". Hoje, posicionamos Jesus automaticamente longe do (ou em oposição ao) intelecto e da vida intelectual. Quase ninguém o consideraria um *pensador* que tratou das mesmas questões que Aristóteles, Kant, Heidegger ou Wittgenstein, e que o fez com o mesmo método lógico.

Esse fato tem implicações importantes para a maneira de vermos hoje a ligação de Jesus com o mundo e a vida — sobretudo se nosso trabalho é relacionado à arte, ao pensamento, à pesquisa ou ao âmbito acadêmico. Como ele pode se encaixar nessas áreas e nos guiar dentro delas sendo logicamente obtuso? Como podemos ser seus discípulos no trabalho e levá-lo a sério como mestre se, ao entrarmos em nossas áreas de competência técnica ou profissional, precisamos deixá-lo de fora? O reposicionamento visivelmente necessário pode ser facilitado se observarmos o uso que ele fez da lógica e de seus poderes evidentes de raciocínio lógico demonstrados nos evangelhos do Novo Testamento.

Quando falamos de "Jesus, o lógico", não estamos dizendo, é claro, que ele desenvolveu *teorias* de lógica como fizeram, por exemplo, Aristóteles e Frege.

Se Jesus é quem os cristãos acreditam que ele é, sem dúvida, *poderia* muito bem ter feito isso. Ele poderia ter apresentado uma *Beogriffsschrift* (Ideografia) ou *Principia Mathematica*, ou formado axiomas alternativos de lógica modal ou estabelecido premissas lingüísticas. (Supõe-se que ele seja responsável pela ordem representada em tais exercícios da razão humana.)

Poderia ter feito tudo isso, assim como poderia ter transmitido a Pedro ou a João as fórmulas da física da relatividade ou a teoria das placas tectônicas da crosta terrestre. Se Jesus é, de fato, quem os cristãos acreditam tradicionalmente que ele é, poderia ter feito tudo isso. Mas, por motivos que se tornam bastante óbvios com um pouco de reflexão, ele não o fez. de qualquer modo, não é disso que pretendo tratar aqui. Quando falo de "Jesus, o lógico", estou me referindo a seu uso de *insights* lógicos, a seu domínio e emprego de princípios lógicos em seu trabalho como mestre e personalidade pública.

Convém observar que aqueles que trabalham em áreas criativas ou no campo da teoria lógica não são necessariamente mais lógica ou filosoficamente competentes que outras pessoas. Talvez esperemos que sejam, mas podem se mostrar até ilógicos na maneira de desenvolver as próprias teorias lógicas. Por algum motivo, grandes poderes teóricos parecem não garantir precisão prática muito maior. É possível que nenhuma pessoa conhecedora da história do pensamento se surpreenda com essa declaração, mas para quase todos nós ela precisa ser enfatizada. Entender de teoria lógica avançada pode, sem dúvida, ajudar um indivíduo a pensar de forma lógica, mas não é suficiente para garantir o pensamento lógico e, exceto em casos raros, nem sequer é necessário. Apesar de depender de relações lógicas, o discernimento lógico quase nunca depende da teoria lógica. As duas principais relações lógicas são implicação e contradição e seu papel nas formas comuns de argumentação como o silogismo Bárbara, o silogismo disjuntivo, a afirmação do antecedente e a negação do conseqüente — até mesmo em estratégias como redução ao absurdo — pode, para fins práticos, ser plenamente apreciado sem se elevar ao nível das generalizações teóricas.<sup>28</sup>

Sem dúvida, para ser lógico é preciso entender os conceitos de implicação e contradição e ter a capacidade de reconhecer sua presença ou ausência em casos óbvios. Mas também é preciso ter a vontade de ser lógico, assim como certas qualidades pessoais que tornam isso possível e efetivo — qualidades como a capacidade de não se distrair, de concentrar a atenção nos significados ou nas idéias envolvidos em conversas e pensamentos, dedicação à verdade, e uma disposição de segui-la onde quer que ela leve pelos caminhos das relações lógicas. Tudo isso, por sua vez, exige um fone caráter moral. Não apenas em pontos como determinação e coragem, apesar destas serem necessárias. Os hipócritas, por exemplo, não se dão bem com a lógica, nem mentirosos, ladrões, assassinos e adúlteros. Pessoas desse tipo estão sempre atentas para aparências e inferências que podem implicá-las

<sup>28</sup> Veja de Dallas WILLARD, "DEGRADATION OF LOGICAL FORM" 1—3, 1997. p. 1-22, esp.3-7.

logicamente em seus maus procedimentos. Assim, o gênero literário e cinematográfico do *mistério* não poderia existir sem um jogo de relações lógicas.

Aqueles que se dedicam a defender certos pressupostos ou práticas de sua preferência a qualquer custo precisam se proteger da lógica. Creio que as pessoas refletidas reconhecem tudo isso. Um fato menos compreendido é aquele que só pode ser lógico caso a pessoa tenha assumido como valor fundamental o compromisso de ser lógica. Ninguém é lógico por acaso, assim como ninguém é moral por acaso. Aliás, a coerência lógica é um fator importante do caráter moral. Esse é, em parte, o motivo pelo qual, numa era de ataques à moralidade como a nossa, a vontade lógica também é desmerecida ou ignorada.

Além de não se concentrar na *teoria* lógica, Jesus também não revela os detalhes das estruturas lógicas que emprega em determinadas situações. Jesus usa a lógica sempre por entimema, como é comum na vida e nas conversas cotidianas. No que se refere à *clareza*, seus argumentos não são inteiramente expostos nem explicados. A importância do entimema está no fato de ele envolver a mente do ouvinte ou dos ouvintes *a partir de seu interior*, algo que a exposição completa e explícita de argumentos não é capaz de fazer. Sua força retórica é, portanto, bastante distinta daquela dos argumentos inteiramente explanados que tendem a distanciar o ouvinte da força da lógica situando-a fora de sua mente.

Ao usar a lógica, o objetivo de Jesus não é vencer batalhas, mas sim promover o entendimento ou o discernimento em seus ouvintes. Esse entendimento só pode vir de dentro, do entendimento que o indivíduo já possui. Ele parece "verter" de dentro da pessoa. Assim, Jesus não segue o método lógico que vemos com frequência nos diálogos de Platão, nem o método que caracteriza a maior parte do ensino e dos textos de hoje. Ou seja, ele não procura tornar tudo tão explícito a ponto de a conclusão ser imposta ao ouvinte. Antes, ele apresenta as questões de tal maneira que as pessoas que desejam saber podem encontrar seu caminho, chegar até a conclusão apropriada como algo que *elas* descobriam — quer seja algo que aceitem, quer não.

"Um homem convencido a contragosto não muda de opinião" — um fato do qual, sem dúvida, Jesus estava ciente. Assim, ele em geral busca uma mudança interior real da visão que permitirá aos ouvintes tornarem-se pessoas consideravelmente diferentes por meio dos processos de seu próprio intelecto. A menos que sua resistência seja tanta a ponto de cegá-los, terão a famosa experiência "Eureca", e não a experiência de terem sido subjugados ou derrotados.

Com isso em mente, vejamos algumas cenas típicas dos evangelhos — cenas que são, sem dúvida, bastante conhecidas, mas que examinaremos a fim de observar a função que o raciocínio claramente lógico exerce nessas situações.

Consideremos Mateus 12:1-8. Essa passagem trata da lei ritual, mais especificamente, dos regulamentos acerca do templo e do sábado. Jesus e seus discípulos estão atravessando campos de cereais — talvez trigo ou cevada — no sábado e estão colhendo grãos das espigas com as mãos e comendo. Os fariseus os acusam de transgredirem a lei. Jesus responde indicando que há condições em que as leis rituais em questão não se aplicam.

Ele cita exemplos reconhecidos pelos fariseus. Um deles é o caso em que, na fuga para salvar sua vida, Davi chega ao local de culto e sacrifício supervisionado por Aimeleque (1Sm 21:1-6). Davi pede a Aimeleque para providenciar alimento para ele e seus homens, mas o único alimento disponível é o pão consagrado no ritual das ofertas. Como Jesus ressalta (Mt 12:4), de acordo com a lei, Davi não poderia comer esse pão reservado ao consumo exclusivo dos sacerdotes depois da realização do ritual. No entanto, Aimeleque entrega o pão a Davi para que ele e seus homens se alimentem. A fome é uma necessidade humana e, portanto, pode justificar um ato que a lei ritual proíbe.

Jesus prossegue (segundo caso) afirmando que todos os sábados os sacerdotes em serviço no templo trabalham mais do que os regulamentos do sábado permitem: "... no sábado, os sacerdotes no templo profanam esse dia e, contudo, ficam sem culpa" (Mt 12:5). Segue-se logicamente, portanto, que uma pessoa não é culpada, de forma automática, de transgressão ou desobediência quando não guarda as práticas rituais nas situações em que há uma necessidade maior a ser atendida. Trata-se de algo que os fariseus já haviam reconhecido por implicação ao aceitarem os dois casos mencionados por Jesus como corretos.

A questão ainda mais profunda tratada nessa passagem é o uso da lei para fazer mal a outros, algo que não faz parte da intenção de Deus. Sempre que há um conflito entre o ritual e a compaixão (no caso, por exemplo, de fome), Deus — aquele que deu a lei — favorece a compaixão. Isso faz parte de sua natureza. Qualquer outra abordagem implica uma interpretação incorreta e visão negativa acerca

de Deus. Assim, Jesus cita o profeta Oséias: "Se vocês soubessem o que significam estas palavras: 'Desejo misericórdia, não sacrifícios' [Os 6:6] não teriam condenado inocentes" (Mt 12:7; cf. também 9:13). Assim, o uso da lógica nessa passagem não visa apenas a corrigir o raciocínio de que os discípulos (os "inocentes" neste caso) devem estar pecando ao colherem e comerem as espigas. Também serve para inferir uma característica de Deus: ele não é o tipo de pessoa que condena aqueles que agem para suprir uma necessidade importante em detrimento de uma trivialidade relativa da lei. Em outras passagens, ele ressalta que o sábado estabelecido por Deus foi criado para servir ao homem, e não o homem ao sábado (Mc 2:27).

A questão de guardar o sábado — ou, mais precisamente, as leis rituais desenvolvidas por homens para a observância do sábado — aparece repetidamente nos evangelhos, e Jesus sempre a aborda mostrando a incoerência lógica daqueles que afirmam observar essa lei à maneira oficialmente prescrita na época (cf., por exemplo, Mc 3:1-3; Lc 13:15-17; Jo 9:14-16). Esses indivíduos são forçados a escolher entre a hipocrisia e a incoerência explícita, e por vezes, Jesus os chama de "hipócritas" (cf., por exemplo, Lc 13:15), indicando que sabiam que estavam sendo incoerentes e aceitavam esse fato. Na verdade, a própria idéia de hipocrisia implica uma incoerência lógica. Eles não praticam o que dizem (Mt 23:3). E o legalismo sempre resulta em incoerências, ou mesmo em hipocrisia, pois leva a pessoa a conferir uma importância maior às regras do que é compatível com seus princípios de vida (por exemplo, no caso em questão, conferir mais importância ao sacrifício do que à compaixão) e também em práticas incoerentes das próprias regras (por exemplo, levar um jumento para beber água no sábado, mas se recusar a permitir que um ser humano seja curado de uma aflição da qual vinha sofrendo havia dezoito anos, como em Lc 13:15-16).

Outro caso ilustrativo encontra-se em Lucas 20:27-40. Nessa passagem, quem questiona Jesus não são os fariseus, mas sim os saduceus. Esse grupo é famoso por rejeitar a ressurreição (v. 27) e, portanto, propõe uma situação que, a seu ver, é uma redução ao absurdo da ressurreição (Lc 20:28-33). A lei de Moisés afirmava que, se um homem morresse sem deixar filhos, o irmão seguinte em idade decrescente devia tomar a viúva como esposa e os filhos que nascessem dessa união herdariam a linhagem do irmão mais velho. Na situação hipotética proposta pelos saduceus, o mais velho de sete irmãos morre sem ter gerado filhos com sua esposa, o irmão seguinte se casa com ela, também morre sem deixar filhos e assim por diante, os sete irmãos. Então, como era de se esperar, a esposa morre. O suposto absurdo dessa situação é de que, na ressurreição essa mulher seria esposa de todos os sete irmãos, o que se presumia ser uma impossibilidade na natureza do casamento.

Jesus responde afirmando que os ressurretos não terão um corpo mortal apropriado para relações sexuais, casamento e reprodução. Antes, terão um corpo como o que os anjos têm hoje, constituído de substância imortal. O conceito de ressurreição não deve ser considerado de forma tão grosseira. Assim, ele torna infundada a conjectura dos saduceus de que toda ressurreição deve incluir o corpo e a continuação de sua vida *exatamente como esta é hoje*. Logo, a ressurreição não implica necessariamente a suposta impossibilidade de uma mulher ter um relacionamento conjugal com os sete irmãos.

Na seqüência, Jesus Cristo volta a desenvolver uma doutrina sobre a natureza de Deus que é sempre sua preocupação central. Partindo de premissas aceitas pelos saduceus, ele chega a uma conclusão que não os agrada. De acordo com ele, a ressurreição dos mortos é uma decorrência lógica da forma como Deus se descreve para Moisés na sarça ardente. Nessa ocasião, Deus se apresenta para Moisés como "Deus de Abraão, Deus de Isaque e Deus de Jacó" (Lc 20:37; Cf. Ex 3:16). Os saduceus aceitam esse fato. Mas Jesus ressalta que, quando Deus apareceu na sarça ardente Abraão, Isaque e Jacó já estavam "mortos" havia muito tempo. Mas Deus não é o Deus dos mortos. Ou seja, uma pessoa morta não pode manter uma relação de devoção e serviço a Deus, e ele não pode manter sua fidelidade pactual com uma pessoa que não existe mais. Aquele que tem uma relação pactual com Deus está vivo (Lc 20:38). Não é possível imaginar um Deus vivo em comunhão pactual fiel com um corpo morto ou com uma pessoa inexistente.

Aliás, seria interessante descobrir como essa passagem é interpretada pelos pensadores cristãos de hoje que sugerem que os fiéis que morrem deixam de existir ou não têm vida consciente, pelo menos do momento em que deixam seu corpo até que *este* seja ressuscitado.

Outro exemplo do uso obviamente deliberado que Jesus faz da lógica se baseia na situação citada em Lucas 20. Por vezes, Jesus propunha enigmas pedagógicos que exigiam o uso da lógica por parte dos ouvintes. Depois dessa discussão sobre a ressurreição, os saduceus e outros ao redor de Jesus

perdem a coragem de desafiar seu raciocínio poderoso (Lc 20:40). Na seqüência, ele propõe um enigma que visa ajudá-los a entender o Messias caso desejem, de fato, encontrá-lo.

Usando o salmo 110, uma referência que todos consideravam messiânica, Jesus destaca o que parece uma contradição: o Messias é filho de Davi (algo que todos reconhecem) e, no entanto, Davi chama o Messias de "Senhor" (Lc 20:42-43). Então Jesus pergunta: Como é possível o Messias ser filho de Davi se Davi o chama de Senhor? (Lc 20:44). Na resolução pretendida por Jesus, seus ouvintes devem reconhecer que o Messias não é simplesmente filho de Davi, mas também Aquele que está acima de Davi e que, portanto, é rei num sentido mais inclusivo do que o de líder político dos judeus como nação (Ap 1:5). Assim, as promessas feitas a Davi vão muito além dele, incluindo Davi e muito mais. Os apóstolos e os primeiros discípulos aprenderam e usaram bem essa reinterpretação de Davi e do Messias (cf. Atos 2:25-36; Hb 5:6; Fp 2:9-11).

Como último exemplo, observemos o uso da lógica numa das ocasiões mais didáticas registradas nos evangelhos. As parábolas e histórias de Jesus ilustram, com freqüência, o uso da lógica, mas em vez dessas, voltaremos nosso foco para uma passagem bastante conhecida do Sermão do Monte. Ao ensinar sobre o adultério e o estímulo da concupiscência, Jesus declara: "Se o seu olho direito o fizer pecar, arranque-o e lance-o fora. É melhor perder uma parte do seu corpo do que ser todo ele lançado no inferno". E o mesmo se aplica à mão direita (Mt 5:29-30).

O que Jesus está fazendo? Não é difícil concluir equivocadamente que ele está recomendando a automutilação como forma de escapar da condenação eterna. No entanto, é preciso lembrar do contexto. Jesus está apresentando a justiça que é "muito superior à dos fariseus e mestres da lei". Esta última é uma justiça que tinha como objetivo não fazer nada de errado. Tal objetivo pode ser alcançado pelo desmembramento sugerido que torna a ação pecaminosa impossível. Você certamente não fará aquilo que não puder fazer. Portanto, remova seu olho, sua mão etc. e entrará rolando no céu como um toco mutilado. O desmembramento seria um preço pequeno a pagar comparado com a recompensa do céu. Essa é a conclusão lógica *para aqueles que adotavam as crenças dos fariseus e escribas*. Jesus insta essas pessoas a ser coerentes com seus princípios e colocar em prática as implicações desses princípios. Ele reduz ao absurdo o princípio de que a justiça consiste em não fazer nada errado, na esperança de que abandonarão esse princípio, verão e aceitarão a justiça "muito superior à dos fariseus e mestres da lei", na qual o princípio fundamental não é o sacrifício, mas sim a compaixão ou o amor. É claro que Jesus sabia que, mesmo removendo todos os seus membros, uma pessoa pode continuar a ter um coração repleto de ódio para com Deus e para com os homens. Na verdade, essa automutilação não contribuirá em nada para a justiça. Esse é o conceito fundamental que Jesus está ensinando nesta passagem. É impossível assimilar o conceito sem entender a lógica.

Qualquer pessoa que estuda as Escrituras conhece essas cenas dos evangelhos. Mas, como sabemos, a familiaridade tem suas desvantagens. Ao citar esses exemplos, meu desejo é nos capacitar para ver Jesus sob uma nova ótica: vê-lo realizando um trabalho *intelectual* com os instrumentos apropriados da lógica, vê-lo como alguém que domina e se sente à vontade nessa área.

Precisamos entender que Jesus é um *pensador*, que essa não é uma palavra repulsiva, mas sim um trabalho fundamental, e que seus outros atributos não excluem o raciocínio; antes, garantem que ele é, sem dúvida alguma, o maior pensador da raça humana: "a pessoa mais inteligente que já viveu aqui na terra". Ele usa constantemente o poder do discernimento lógico para possibilitar que as pessoas descubram a verdade acerca de si mesmas e de Deus a partir do interior de seu coração e de sua mente. Sem dúvida, essa lógica também contribuiu para o crescimento de Jesus em "sabedoria" (Lc 2:52).

Muitas vezes, tenho a impressão de que vemos e ouvimos os atos e as palavras de Jesus, mas não pensamos nele como alguém que *sabia como* fazer aquilo que fazia ou que possuía *discernimento* lógico das coisas que dizia. Nosso primeiro impulso não é pensar nele como uma pessoa extremamente competente. Ele multiplicou pães e peixes e andou sobre as águas, por exemplo, mas, talvez não soubesse como fazer isso, talvez tenha usado apenas encantamentos ou orações impensadas. Ou então, ele ensinou como ser uma pessoa boa, mas não possuía discernimento e entendimento moral. Apenas repetiu sem qualquer reflexão palavras transmitidas a ele e por meio dele. Será? Podemos adotar essa abordagem acerca de Jesus ao pensar que o conhecimento é *humano*, quando na verdade ele é divino. A lógica representa trabalho, enquanto Jesus é graça. Será que não esquecemos de alguma coisa? De que ele também é humano? Ou de que a graça não é o oposto de esforço, mas sim de *mérito*? Mas fomos ensinados que o raciocínio do homem é mau. Como Jesus poderia, então, ter pensamentos humanos e conhecimento humano? Assim, talvez com intenção de exaltá-lo, afastamos Jesus de nós e o tornamos irrelevante para nossa vida—especialmente à medida que esta



envolve nossa mente. É por isso que a idéia de Jesus como um lógico causa tanto espanto. E, é claro, o mesmo princípio se aplica a Jesus como cientista, pesquisador, estudioso, artista ou escritor. Ele simplesmente não se "encaixa" nessas áreas. É mais fácil pensar em Jesus como um evangelista de televisão que como um escritor, professor ou artista de nosso contexto contemporâneo. Mas isso não faz sentido! Se ele é divino, como pode ser incompetente em questões de lógica, inepto ou desinformado em *qualquer* área? Paulo estava simplesmente sendo coerente quando disse aos colossenses que em Cristo "estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento" (2:3). Há alguma exceção?

Nos círculos educacionais cristãos de hoje fala-se muito sobre a "integração da fé e da aprendizagem". Em geral, essas discussões não produzem muitos resultados sólidos. Isso se deve, em parte, ao fato de que, no momento em que estamos vivendo, essa é uma tarefa intelectual extremamente difícil que não pode ser realizada usando-se a linguagem ritual e fazendo-se pouco caso dos desafios associados a esse trabalho. Porém, uma causa ainda mais profunda dessa dificuldade é o modo pelo qual costumamos ver Jesus. Não se trata apenas do que *dizemos* sobre ele, mas de como ele aparece em nossa mente: a posição que reservamos automaticamente para ele em nosso mundo e, por conseguinte, a posição que definimos para nós mesmos. Costumamos pensar nele como um indivíduo que não tem, em essência, nenhuma relação com o conhecimento "profano", com a aprendizagem e a lógica e, portanto, nos vemos sozinhos nessas áreas às quais ele não tem acesso.

No entanto, precisamos entender que Jesus se sentiria muito à vontade em qualquer contexto profissional contemporâneo em que se realiza trabalho honesto. É evidente que ele representaria uma censura contínua a toda autopromoção arrogante e forma de tratamento desdenhosa que se vê nos círculos profissionais. Nesse e em outros sentidos, nossas profissões necessitam encarecidamente da presença dele. Se o vemos, de fato, como o maior pensador da raça humana — e que *outra* pessoa poderia receber esse título? — então também temos condições de honrá-lo como pessoa mais instruída em *nossa* área, qualquer que seja, e de pedir sua cooperação e assistência em tudo o que precisamos fazer.

Em um de seus livros, Catherine Marshall conta de uma ocasião em que estava tentando criar determinado efeito nas cortinas de uma das janelas de sua casa. Frustrada por não conseguir calcular as proporções certas para o resultado desejado, ela deixou a tarefa de lado e começou a refletir sobre a questão em oração. Em pouco tempo ela começou a ter idéias sobre como conseguir fazer o que queria com as cortinas e logo havia chegado a uma solução completa. Essa experiência lhe ensinou que Jesus entende tudo de decoração.

Histórias desse tipo são conhecidas em diversas áreas de atividade humana, mas bastante raras nos campos da arte e do intelecto. Por falta de uma compreensão apropriada de Jesus, fazemos nosso trabalho nos campos intelectuais, acadêmicos e artísticos *por nossa própria conta*. Não temos confiança (também conhecida como fé) na capacidade de Jesus como líder e mestre nas questões às quais dedicamos a maior parte de nosso tempo de trabalho. Assim, com freqüência, nossos esforços ficam a desejar quanto aos resultados que deveriam produzir e podem até exercer menos impacto sobre os incrédulos, pois os realizamos com o "braço de carne". Nossa fé em Jesus Cristo não vai além desse ponto. Não o vemos como ele é de fato, como um perito em todas as coisas boas.

Estou sugerindo aqui apenas uma dimensão de Jesus que costuma ser ignorada. Não se trata de um estudo detalhado dessa dimensão, mas ela merece tal estudo, pois é de suma importância para o desenvolvimento de uma fé saudável em Jesus (especialmente nos dias de hoje, em que é tão natural as instituições investidas de autoridade em nossa cultura — as universidades e as profissões — o omitirem). Porém, uma vez que soubermos o que procurar nos evangelhos, não teremos dificuldade em ver o uso perfeito, cuidadoso e criativo da lógica ao longo de todas as suas atividades de ensino. Na verdade, a fim de compreendermos o que Jesus está dizendo, precisamos identificar e apreciar seu uso da lógica. Só então seu brilhantismo intelectual pode ser percebido e respeitado como merece.

Uma excelente forma de transmitir esse conceito em escolas cristãs pode ser pedir que todos os alunos realizem uma análise lógica extensiva dos discursos de Jesus. Essa tarefa deve ser feita em conjunto com outras formas de estudo de suas palavras, incluindo práticas devocionais como a memorização ou *lectio divina* e exercícios do gênero. Uma abordagem assim pode realizar uma contribuição enorme para a integração da fé e da aprendizagem.

Uma concentração na lógica pode parecer estranha hoje em dia, mas isso apenas reflete a situação atual. A lógica foi parte integrante de algumas das épocas de maior vigor da Igreja.



John Wesley fala da Igreja cristã mais ampla que atravessa o tempo e o espaço em seu tratado extraordinário "Um discurso ao clero". Nele, Wesley discute demoradamente as qualificações de um ministro eficaz de Cristo. Fala da necessidade de um bom conhecimento das Escrituras e acrescenta:

Certo conhecimento das ciências também é, no mínimo, igualmente aconselhável. Não podemos dizer que esse conhecimento (seja de arte, seja de ciência), ainda que não de todo antiquado, é absolutamente necessário junto com e sujeito ao conhecimento das próprias Escrituras? Estou me referindo à lógica. Pois o que é isso senão, devidamente compreendida, a arte do bom senso? A capacidade de apreender as coisas claramente, julgar de maneira verdadeira e raciocinar de modo concludente? O que é isso, visto sob outra ótica, senão a arte de aprender e ensinar, quer pelo convencimento, quer pela persuasão? O que há, então, em toda extensão da ciência, a ser desejado em comparação com isso?

Não podemos dizer que certo conhecimento do que foi chamado de segunda pane da lógica (metafísica), ainda que talvez não tão necessário quanto esta, também é extremamente aconselhável 1) a fim de esclarecer nosso entendimento (sem o qual é impossível julgar com correção e raciocinar precisa ou conclusivamente), avaliando nossas idéias segundo categorias apropriadas? e 2) a fim de entender muitos autores proveitosos que dificilmente podem ser compreendidos sem esse conhecimento?<sup>29</sup>

Mais adiante nesse mesmo texto, Wesley trata da questão: Será que, como pastores, somos o que deveríamos ser? E pergunta:

[Tenho] uma compreensão razoável das ciências? Passei pela porta que lhes dá acesso, a saber, a lógica? Do contrário, dificilmente farei progresso quando deparar com seu limiar. Compreendo-a de maneira a me tornar uma pessoa melhor por causa dela? de modo a tê-la sempre pronta para o uso, a fim de aplicar todas as suas regras nos momentos certos e com naturalidade? Será que mesmo a entendo? Será que os modos e as figuras [do silogismo] não estão acima de minha compreensão? Procuro em vão encobrir minha ignorância fingindo rir de seus nomes estranhos? Será que posso ao menos reduzir um modo indireto a um direto; um silogismo hipotético a um categórico? Acaso minha indolência estúpida e preguiça me predispuseram a crer, como dizem os jocosos e os senhores da alta sociedade, "que a lógica não serve para nada"? Pelo menos para uma coisa ela serve (quando é compreendida), para fazer as pessoas falarem menos; mostrando-lhes sem rodeios aquilo que é e aquilo que não é; e como é extremamente difícil provar qualquer coisa. Entendo a metafísica; senão os conceitos profundos dos estudiosos, as sutilezas de Scotus e Aquino, pelo menos os rudimentos, os princípios gerais dessa ciência proveitosa? Domino o suficiente dessa ciência para esclarecer meu entendimento e avaliar minhas idéias segundo categorias apropriadas; de modo a me permitir ler com facilidade e prazer, e também com proveito, as *Obras*, do dr. Henry Moore, *Da procura da verdade*, de Malebranche, e *uma demonstração do ser e dos atributos de Deus*, do dr. Clarke?<sup>30</sup>

Tenho minhas suspeitas de que declarações desse tipo seriam consideradas estranhas, chocantes e mesmo ofensivas ou ridículas por líderes dedicados à educação ministerial de hoje. No entanto, os leitores de Wesley e de outros grandes pastores do passado, como Jonathan Edwards e Charles Finney, podem observar com facilidade, caso sejam capazes de identificar o que estão vendo, como eles usavam a lógica com precisão. Pode-se dizer o mesmo de grandes escritores puritanos de um período anterior, e de cristãos influentes posteriores como C. S. Lewis e Francis Shaeffer. Todos eles se valeram constantemente da lógica com resultados de grande eficácia. Para esses grandes mestres, em momento algum o uso da lógica toma o lugar da dependência no Espírito Santo. Antes, eles sabem muito bem que é apenas uma questão de trabalhar dentro das condições nas quais o Espírito Santo escolhe operar. Nesse sentido, é esclarecedor examinar com grande atenção a estrutura lógica e ênfase do discurso de Pedro no dia de Pentecostes (At 2).

<sup>29</sup> Herbert WELCH (org.), *Selections from the Writings of the Rev. John Wesley, Eaton & Mains* 1901. p. 186.

<sup>30</sup> Idem.p. 198

Hoje em dia, pelo contrario, costumamos nos valer da intensidade emocional de histórias e imagens para persuadir as pessoas. Não entendemos que, pela própria natureza da mente humana, a emoção não produz crença ou fé confiável, se é que, de fato, produz alguma coisa. Nem mesmo "ver" produz fé, a menos que você saiba o que está vendo. A crença é produzida pelo entendimento e pelo discernimento. Procuramos em vão mudar o coração ou o caráter das pessoas levando-as a fazer coisas de maneiras que desconsideram seu entendimento.

Alguns anos atrás, um indivíduo tido como grande professor de homilética participou de um programa de rádio, no qual enfatizou a importância das histórias na pregação. Comentou que um pastor muito conhecido nos Estados Unidos havia lido pouco tempo atrás que poderia pregar a mesma série de sermões todos os anos e ninguém notaria, desde que ele mudasse as ilustrações. A intenção era mostrar, com certo humor, a importância das histórias na pregação. No entanto, esse comentário deixou claro que o conteúdo cognitivo do sermão nunca era ouvido — supondo-se que havia algo para ser ouvido — e que não importava.

Observar com atenção a maneira de Jesus usar o raciocínio lógico pode fortalecer nossa confiança nele como mestre dos centros do intelecto e da criatividade e pode nos incentivar a aceitá-lo como mestre de todas as áreas das quais participamos na vida intelectual. Podemos, então, ser discípulos dele nessas áreas, e não discípulos de movimentos atuais e personalidades carismáticas que, por acaso, estejam dominando nosso campo em termos humanos. O respeito apropriado por Jesus pode nos incentivar a seguir seu exemplo como educadores no contexto cristão. Podemos aprender com ele a usar o que há de melhor no raciocínio lógico, à medida que ele trabalha conosco. Quando ensinarmos o que ele ensinou da maneira que ele ensinou, veremos o mesmo tipo de resultado que ele produz na vida daqueles aos quais ministramos.<sup>31</sup>

---

<sup>31</sup> Para uma discussão mais detalhada e necessária sobre os vários temas mencionados, veja o livro extremamente relevante de J. R. MORSELAND. *Love Your God with All Your mind*. NavPress, 1997.

# Parte 4

## LIVROS SOBRE A VIDA ESPIRITUAL: VISÕES E PRÁTICAS

### 16

#### ***LETTERS BY A MODERN MYSTIC* [CARTAS DE UM MÍSTICO MODERNO], DE FRANK E. LAUBACH**

FRANK e LAUBACH (1884-1970) é um dos maiores exemplos de discípulo de Jesus nos tempos modernos vivendo a vida interativa do reino tanto nos lugares ocultos da terra quanto num ministério mundial de inovação e influência para seu Mestre. Ele demonstra de maneira impressionante como os que são fiéis no pouco recebem responsabilidade sobre muito à medida que crescem em caráter e entendimento.

Nascido na Pensilvânia, Laubach estudou em Princeton, Union Theological Seminary e Columbia University (PhD em sociologia, 1915), e foi para as Filipinas a trabalhar para o American Board of Foreign Missions. Depois de quatorze anos lecionando, escrevendo e administrando com sucesso em Cagaian e Manila, ele realizou em 1929 seu desejo antigo de trabalhar entre os moros, uma tribo islâmica extremamente hostil em Mindanao. Na vila de Lanao, ele passou por uma série de experiências extraordinárias com Deus e, ao mesmo tempo, desenvolveu uma técnica para reduzir a língua moro à sua forma escrita, usando símbolos estreitamente relacionados à forma oral. Isso não apenas possibilitou ensiná-los a ler em apenas algumas horas, como também permitiu que esse conhecimento fosse rapidamente passado adiante. Nasceu assim o famoso programa "Cada um ensina mais um", e com a generalização de seus métodos lingüísticos, foram lançados os alicerces para seu programa mundial de alfabetização, iniciado na Índia em 1935. Em seus últimos trinta anos de vida, Laubach representou uma presença internacional nos círculos associados a esse programa, assim como nos meios religiosos e governamentais. Acredita-se que seus contatos pessoais com o presidente Truman influenciaram, em parte, o "quarto ponto" do discurso de posse de Truman em 1949, a saber, o apoio a "um programa novo e ousado... para a melhoria e o crescimento das regiões subdesenvolvidas" do mundo.

A obra *Letters by a Modern Mystic*, publicada pela primeira vez em 1937, é constituída de trechos de uma série de cartas de Laubach ao seu pai nos Estados Unidos, datadas de 3 de janeiro de 1930 a 2 de janeiro de 1932. Apesar de ter origem nessas cartas, o livro segue a linha de Confissões de Agostinho, apresentando uma narrativa da jornada de Laubach rumo a uma vida de união ativa com Deus. Seus estudos na área de psicologia e teologia lhe permitiram observar e descrever suas experiências no discipulado com um grau extraordinário de clareza, tornando-as acessíveis a outros discípulos.

Os principais temas dessa obra curta (e de outros escritos da vida de Laubach) são:

Sujeitar-se à vontade de Deus significa cooperar com Deus em atividades realizadas a cada momento e que constituem nossa existência diária. Essa cooperação é alcançada por meio de um diálogo interior contínuo com Deus.

De nossa parte, esse diálogo é, por sua vez, uma questão de manter Deus diante de nossa mente a todo o tempo.

Uma pessoa pode aprender a fazer isso por meio da experimentação, tentando usar vários recursos experimentais até formar o hábito de pensar constantemente em Deus.

Então, Deus permeia todo o ser e transforma seu mundo e suas relações com outras pessoas num campo de ação divina constante, onde todas as promessas do evangelho de Cristo são cumpridas numa vida em abundância.

Todas as pessoas em todas as condições podem formar esse hábito por meio de um esforço constante e de experimentação dentro de suas circunstâncias particulares.

De que maneira Laubach veio a entender essas coisas no transcurso de sua experiência? Dois anos antes dos acontecimentos transformadores de 1930 em Mindanao, Laubach se viu profundamente insatisfeito com a constatação de que, depois de quinze anos como pastor, ainda não estava vivendo seus dias “num esforço para seguir a vontade de Deus minuto a minuto”. Assim, ele começou a tentar “alinhar” suas ações com a vontade de Deus repetidamente ao longo do dia. Seu confidente na época lhe disse que isso era impossível. Porém, em 1929, ele começou a tentar viver *todos* os momentos do dia “em atitude consciente de atenção à voz interior, perguntando sem cessar, ‘Pai, o que o Senhor deseja que seja dito? O que o Senhor deseja que seja feito neste momento?’”. A seu ver, era exatamente isso o que Jesus fazia.

Laubach não caiu na armadilha de *simplesmente tentar* alcançar esse objetivo. Antes, ele sabia que era necessário *aprender como* alcançá-lo, encontrar um método espiritual. Ele se mostrou um experimentalista extremamente sutil e realista e se considerou feliz por viver “numa época em que a experimentação psicológica ofereceu uma nova abordagem a nossos problemas espirituais”. Assim, ele fez uma experiência de alguns dias dedicando tempo suficiente de cada hora para pensar em Deus de forma intensiva. Mas, “desgostoso com a trivialidade e futilidade de meu ser indisciplinado”, ele experimentou “sentir Deus em cada movimento por um ato volitivo — desejando que ele dirija estes dedos que agora datilografam nesta máquina de escrever — desejando que ele transborde por meus passos enquanto caminho”. Além disso, ansiava “compelir sua mente” a “se abrir diretamente para Deus”. Mas, muitas vezes, precisava separar um longo período da manhã para alcançar esse estado. Assim, ele tomou o propósito de não sair da cama “até haver estabelecido essa disposição mental, essa concentração em Deus”. Descobriu que era preciso grande determinação para manter a mente focada em Deus. No entanto, também descobriu que esse exercício foi se tornando rapidamente mais fácil e expressou sua esperança de que “depois de algum tempo, talvez se transformasse num hábito e a sensação de esforço se tornasse menor”.

Na passagem mais penetrante dessas cartas — no que se refere aos “mecanismos” para manter Deus diante da mente — Laubach trata da questão de ser *possível* manter contato com Deus o tempo todo. Podemos ter os pensamentos dele o tempo todo? Não é *fato* que, em certos momentos, Deus será colocado de lado? Devemos citar por inteiro a resposta de Laubach a essas questões, pois ela nos mostra o cerne de sua visão da ligação consciente e constante com Deus para o discípulo de Jesus. Depois de admitir que, em outros tempos, ele havia imaginado que Deus era, necessariamente, excluído dos pensamentos durante certos períodos, ele prossegue dizendo:

Mas estou mudando de idéia. Podemos manter duas coisas em mente ao mesmo tempo. Na verdade, não podemos nos concentrar em uma coisa só por mais de meio segundo. A mente é algo que flui e oscila. A concentração é apenas uma volta contínua ao mesmo problema, abordando-o por um milhão de ângulos. Não pensamos numa coisa só. Sempre pensamos na relação entre pelo menos duas coisas e, com maior frequência, entre três ou mais coisas ao mesmo tempo. Assim, meu problema é o seguinte: posso trazer Deus de volta ao fluxo de meus pensamentos continuamente, de modo que Deus esteja sempre em minha mente como uma pós-imagem, como um dos elementos de todo conceito e percepto?

Escolhi fazer do resto de minha vida uma experiência para responder a essa pergunta.

Os resultados extraordinários dessa experiência podem ser encontrados no relato dessas cartas. E são, talvez, elaborados de maneira mais sistemática e prática em sua obra *Game with Minutes* [O jogo dos minutos] (1961), no qual o método é reduzido a trazer Deus à mente por pelo menos um segundo

de cada minuto. Mas a citação acima inclui os princípios psicológicos que sustentam a método de laubach para alcançar a união com Deus, permanecendo constantemente na vida de abundância.

Algumas semanas depois de começar sua experiência, ele conseguiu observar algumas diferenças. No final de janeiro de 1930, faltando ainda muita coisa para aprender sobre seu método, Laubach passou a ter a sensação de ser carregado por Deus ao longo das horas, de cooperação com Deus nas coisas pequenas, algo que ele nunca havia sentido antes. "Preciso de algo e, quando vejo, está lá me esperando. Preciso trabalhar... mas Deus está trabalhando lado a lado comigo". No dia 9 de março ele descobriu que "*Esta hora* pode ser o céu. *Qualquer* hora, para *qualquer* pessoa pode transbordar da presença de Deus". Ecoando as palavras de místicos de rodas as eras, ele diz para Deus: "Não sei como alguém poderia viver se seu coração contivesse mais do que meu coração recebeu de ti nas últimas duas horas". Ele enfrentou dificuldades e fracassos nesse propósito de manter sua mente voltada para Deus, mas, na semana que terminou em 24 de março, Laubach começou a experimentar outra dimensão em suas conversas com Deus. Num momento de imersão na beleza natural, "deixei minha língua solta e dela fluíram poemas muito mais belos do que eu jamais havia escrito. Durante meia hora, fluíram sem pausa e sem pular uma única sílaba". Essa experiência criou uma consciência mais profunda de Deus na beleza e no amor.

Ao refletir sobre os resultados de dois meses de esforços intensos para pensar em Deus a cada minuto, ele diz: "Essa concentração em Deus é *exaustiva*, mas todo o resto deixou de sê-lo". Essa observação aplicava-se especialmente a seu relacionamento com a tribo dos moros que, ao notarem a diferença nele, aceitaram-no em seu coração e sua vida com amor e confiança, ajudando-o em suas diferenças religiosas e culturais. Dois dos principais sacerdotes muçulmanos disseram a seus fiéis que Laubach os ajudaria a conhecer a Deus. Em nenhum momento ele fingiu ser outra coisa senão um seguidor de Jesus, mas estudou a Bíblia e o Alcorão com os sacerdotes e o povo e orou em seus cultos com eles. Ao observar esse fato, um dos sacerdotes comentou: "Ele é o islã". Ao que ele respondeu: "Um amigo do islã". Mas a ênfase islâmica sobre a submissão parece ter sido um dos fatores que o levou a desenvolver sua forma de manter contato constante com Deus. Ele não podia suportar ver sua prática como cristão ficar aquém da profissão do islã. A transformação interior foi substancial e teve efeitos exteriores reais. "Deus opera uma mudança. No momento que me volto para ele é como se estivesse ligando uma corrente elétrica que sinto em todo o meu ser". Existe uma "presença real" que afeta outras pessoas diretamente e que também torna a oração de intercessão um exercício poderoso em cooperação com Deus.

Nas cartas depois da metade da década de 1930, pode-se notar um conjunto diferente de preocupações associadas, predominantemente, aos vários aspectos práticos da vida em união com Deus. Esses aspectos são elaborados em maiores detalhes e concretizados de modo maravilhoso nas diversas condições de vida em *Game with Minutes* que, ao contrário das cartas, foi escrito visando orientar outras pessoas.

Devido ao envolvimento enorme de Laubach com problemas sociais mundiais, ele se tornou amplamente conhecido por seu trabalho e não por sua vida interior. Muitos daqueles que escreveram sobre ele dizem pouco sobre seu lado espiritual e, por certo, não sabem como interpretá-lo. Mas seus próprios escritos (ele teve mais de cinquenta livros publicados) revelam que ele permaneceu, acima de tudo, um homem espiritual — vivendo sua relação com Deus momento a momento — até o fim de seus dias. Ele conheceu essa relação de uma forma que não apresentava muitas das demonstrações exteriores que costumam ser associadas à espiritualidade. Mas ao observar seu efeito pode-se ver que ele verdadeiramente era nascido do Espírito, do "vento" que produz resultados visíveis de forma invisível (Jo 3:8).

# 17

## CASTELO INTERIOR OU MORADAS, DE TERESA DE ÁVILA

ESTUDEI O *CASTELO INTERIOR*, de Teresa de Ávila, pela primeira vez por volta de 1985. depois de muitos anos me esforçando para entender, viver e comunicar aquilo que a vida espiritual retratada na Bíblia



deveria ser. A essa altura, havia encontrado diversos companheiros de grande ajuda ao longo do Caminho, espalhados pelo tempo e pelo espaço e com muitas "peculiaridades denominacionais". Mas esse livro e sua autora mostraram-se de imediato uma forma ímpar da presença de Deus em minha vida. Até então, não havia encontrado em lugar nenhum a instrução que a obra de Teresa oferece sobre um relacionamento vivo com Deus. Seu texto me fez experimentar um choque revigorante, e é provável que, ao lê-lo, você sinta o mesmo.

A primeira contribuição de Teresa em minha vida foi a apreciação da dignidade e do valor — aliás, da realidade extensa — da alma humana. A ênfase sobre perversidade e carência, tema dominante em minha educação, tende a encobrir a consciência de nossa grandeza e nosso valor para Deus. Essa ênfase, por sua vez, gera a tendência de pensarmos em nós mesmos como *nada* e de confundir nossa natureza perdida e perversa com *o nada*, um mero vácuo, em vez de vê-la como a desolação de uma *ruína magnífica*.

Teresa nos insta a iniciar o caminho da transformação "considerando nossa alma como um castelo feito inteiramente de diamante ou cristal puríssimo, com muitos cômodos". Fomos criados para ocupar todos esses cômodos ou "moradas" com Deus e, desse modo, nos tornar os seres radiantes que ele deseja que sejamos. Teresa traz a lume aquilo que se encontra parcialmente oculto nas páginas da Bíblia e na vida de "grandes homens e mulheres" de Cristo — *de que sou um ser espiritual incessante, com um destino eterno no grande universo de Deus*. Podemos estar longe da vontade de Deus, mas devemos saber que "é possível neste exílio um Deus tão magnífico ter comunhão com vermes tão imundos; e, diante disso, também é possível amar uma bondade tão perfeita e uma misericórdia tão imensurável".

Os "cômodos" do interior do castelo são *maneiras de viver em relação* ao Deus que nos criou e nos procura. Os superiores de Teresa a incumbiram de escrever sobre oração. E foi o que ela fez, mas falou da oração vista como um modo de vida, e não como um exercício ocasional. Esse livro e outros como *Relatos de um peregrino russo* me ajudaram a entender o que significa viver uma *vida* de oração. Aprendi com ele o que significa viver em comunhão com Deus — não apenas falar com ele, mas também ouvir e agir. A maior pane daquilo que sei sobre a fenomenologia de Deus aprendi estudando e praticando o que Teresa diz na morada 6, capítulo 3. A meu ver, é o melhor estudo escrito até hoje sobre como é para Deus *falar* com seus filhos.

Outra coisa que passei a ver com maior clareza estudando esse livro foi a razão pela qual as coisas acontecem da forma como acontecem na vida de cristãos professos. Hoje em dia, ainda há pouca informação adequada a esse respeito. Mas se você observar a "vida eclesiástica" comum com as moradas 1 a 4, em mãos, poderá entender muito do que está se passando e o que esperar, para melhor ou pior; também encontrará orientação e conselho adequado para si mesmo e para outros ao longo da jornada desta vida. Você verá que Teresa é uma grande perita na vida espiritual e que sua teologia espiritual é surpreendentemente rica e profunda. No entanto, não tem nada de enfadonho ou de mero "conhecimento intelectual". Antes, apresenta uma liberdade extraordinária de ser experimental e dizer: "Não tenho como explicar isso para você" e, ainda assim, dizer coisas admiravelmente esclarecedoras, coisas que você pode testar e comprovar.

Por trás de toda essa instrução está o fato, em especial importante para meu contexto pessoal, de que há uma ordem e seqüência confiável para o crescimento na vida espiritual. Esse conceito encontra-se inserido em seu modelo do "castelo" da alma. O que ela diz, com efeito, é: "... eis o plano, é por ele que você deve passar, começando aqui, com algumas coisas para fazer neste outro ponto, e eis o que você pode esperar que aconteça e o que isso significa". Ela transmite toda essa sabedoria em tom humilde, atraente e experimental.

Por fim, as moradas 5 a 7 mostraram-se, para mim, os estudos mais excelentes sobre a união com Cristo e com Deus que já encontrei na literatura espiritual. Existem outras obras que contribuem para esse tema, como *A Man in Christ* [Um homem em Cristo], de James Stewart, mas quanto à fenomenologia, a análise descritiva dos detalhes da verdadeira natureza dessa relação, nada supera o *Castelo*, de Teresa. À união com Cristo — em regeneração, justificação, santificação e glorificação — é, dentre todos os temas, o que mais precisa ser resgatado nos dias de hoje. E a forma como Teresa trata da redenção na vida espiritual com Cristo é, e provavelmente continuará sendo, incomparável.

Infelizmente, muitas pessoas tentaram ler as partes finais de *Castelo interior*, e mesmo o livro todo, como se o texto fosse um retrato "interconfessional" e não distintivamente cristão, da "união mística". É compreensível que, nos dias de hoje, haja quem procure fazer esse tipo de leitura. No entanto, ela ignora a essência do texto, destitui-o de seu contexto e torna-o irrelevante para aqueles

que crêem em Cristo e em seu Pai, assim como para a maioria dos outros leitores. É evidente que todos têm liberdade de aproveitar o que quiserem do livro, mas se sua particularidade é deixada de fora, não sobra muita coisa capaz de ajudar o leitor a andar com Deus.

Permita-me fazer um comentário sobre como ler esse livro. Não se trata de um modelo de leitura fácil segundo os padrões amais, e deve ser abordado como se você estivesse à procura de um tesouro — o que, de fato, é o caso. Primeiro, faça uma leitura contínua para ter uma visão geral. Anote os temas e divisões e, no final, faça um esboço da estrutura da obra. Esse exercício é crucial para entender a intenção de Teresa como educadora. Então, volte e leia lentamente do começo ao fim. Dessa vez, marque passagens que chamarem a atenção para estudá-las em mais detalhes. Depois, medite sobre essas passagens, não necessariamente na seqüência da obra, mas na ordem que seu coração e mente indicarem. Peça à "Sua Majestade" que o ajude como ajudou Teresa. E sua alma, o castelo de diamante, começará a brilhar cada vez mais com a presença divina.

# 18

## *INVITATION TO SOLITUDE AND SILENCE* [CONVITE A SOLITUDE E AO SILÊNCIO], DE RUTH HALEY BARTON

BLAISE PASCAL, cientista, teólogo e cristão extraordinário do século XVII, observou em sua obra *Pensamentos* (seção 139): "... toda a infelicidade dos homens vem de uma só coisa, que é não saberem ficar quietos, dentro de um quarto". A seu ver, a razão para essa incapacidade consiste na "infelicidade natural de nossa condição fraca e mortal, e tão miserável, que nada nos pode consolar, quando nela pensamos de perto".<sup>32</sup> Assim, temos de cuidar para não "refletir profundamente" sobre tais coisas. Para isso, usamos o que Pascal chama de "diversão". Precisamos de coisas que nos distraiam de nós mesmos: "... daí as pessoas gostarem tanto de barulho e agitação; daí a prisão ser um castigo tão terrível; daí o prazer da solitude ser algo incompreensível".

Pascal observa corretamente que possuímos "outro instinto secreto, um remanescente da magnificência de nossa natureza original que ensina que a felicidade consiste, na realidade, apenas em descansar e em não estar irrequieto". Esse instinto é conflitante com o impulso de buscar diversão, e desenvolvemos uma idéia confusa que leva as pessoas a procurar o descanso pela agitação, "e sempre imaginar que a satisfação que não possuem virá até elas se, superando todas as dificuldades que as confrontarem, puderem, então, abrir a porta para o descanso".

É evidente que a satisfação não pode ser obtida dessa forma. Essa é a falácia de pensar que só precisamos de mais tempo. A menos que encontremos uma solução mais profunda, esse tempo a mais acabará sendo preenchido da mesma forma que o tempo que já temos. O caminho para a libertação e o descanso está numa decisão e numa prática.

A decisão é entregar o mundo e nosso destino — incluindo nossa reputação e "sucesso" — nas mãos de Deus. Não se trata de uma decisão de não fazer absolutamente nada, apesar de envolver essa passividade em algumas situações. Antes, é uma decisão a respeito de *como* vamos agir a saber, na dependência de Deus.

Não vamos assumir o controle dos resultados. Claro que vamos fazer nossa parte, mas "nossa parte" sempre será controlada pela consciência de quem Deus é — e não de quem você é!

Quando o rei Saul assumiu o papel de sacerdote e ofereceu sacrifícios em vez de esperar por Samuel (1 Sm 13:8-12) decidiu "fazer as coisas acontecer". Confiou no "braço de carne" ou nas capacidades naturais de conseguir o que queria. Quase sem exceção, esse foi o caminho escolhido pelos reis do Antigo Testamento. Mas tal atitude não é exclusividade dos reis. A escolha de fazer aquilo que sabemos ser errado é sempre dessa natureza.

A decisão de entregar o mundo e nosso destino nas mãos de Deus é contrária a tudo dentro de nós e ao nosso redor. Fomos enganados por um sistema de comportamento que estava aqui antes de chegarmos e que se infiltra em todos os poros de nosso ser. Paulo nos diz que o pecado estava no

<sup>32</sup> São Paulo: Ediouro, s.d., p. 83. (Clássicos de bolso) (N. da T.).

mundo mesmo antes de a lei vir a existir. É uma presença social poderosa que nos forma no interior e nos pressiona no exterior. Precisamos, portanto, encontrar ajuda. Precisamos aprender a escolher as coisas que podemos fazer e que vão ao encontro das ações da graça de Deus para nos libertar do sistema que nos permeia. Essas "coisas" são as disciplinas para a vida no Espírito, bastante conhecidas ao longo da história cristã, mas com frequência evitadas e mal interpretadas. Para aqueles que não entendem nossa situação desesperadora, essas disciplinas parecem estranhas, ou mesmo prejudiciais. No entanto, são absolutamente necessárias para quem deseja encontrar descanso para sua alma em Deus e não viver a existência distraída que Pascal retrata com tanta precisão.

Aqueles que são capazes de "ficar quietos em seu próprio quarto" são (com exceção de alguma condição anormal) pessoas que encontram um bem que lhes é suficiente e que não se sentem ameaçadas por nada que possa acontecer. As tendências de assumir o controle do mundo que existiam em suas dimensões físicas e espirituais perderam o poder de governá-las e perturbá-las. Essas pessoas aprenderam por experiência e pela graça que tudo se encontra perfeitamente seguro nas mãos de Deus. Agora, podem ser ativas quando isso é necessário, mas, mesmo nesses casos, agem com paz, alegria e amor seguro.

A solidude e o silêncio são as disciplinas mais radicais da vida espiritual, pois atacam mais diretamente as Fontes da infelicidade e do mal humano. Estar sozinho é escolher fazer nada — por longos períodos. É abrir mão de todas as realizações. É aprender a não interferir. O silêncio é necessário para completar a solidude, pois o mundo só deixará de ter domínio sobre nós quando entrarmos na quietude que inclui não ouvir nem falar. Quando buscamos a solidude e o silêncio, paramos até de fazer exigências para Deus. É suficiente saber que Deus é Deus e que nós somos dele. Aprendemos que temos uma alma, que Deus está aqui e que este mundo lhe pertence.

Quando praticamos a solidude e o silêncio adequadamente, aos poucos, esse conhecimento de Deus toma o lugar da hiperatividade frenética e presunção que impelem a maioria dos seres humanos, incluindo os religiosos. Não obstante quem somos, esse conhecimento vai tomando conta de nós. Não precisamos mais estar em solidude e silêncio externos para que eles estejam dentro de nós. Agora, tudo o que fazemos, "seja em palavra ou em ação, [fazemos] em nome do Senhor Jesus, dando por meio dele graças a Deus Pai" (Cl 3:17). E essa não é apenas mais uma tarefa além de todas as outras que temos para cumprir. Na verdade, não é algo que precisamos pensar para fazer, pois é aquilo em que nos tornamos. Ainda precisamos exercitar a solidude e o silêncio, cultivá-los, renovar de tempos em tempos sua profundidade e força nos isolando e permanecendo calados. Mas os levamos conosco para todos os lugares.

No contexto contemporâneo (especialmente no contexto religioso), alguém precisa nos falar sobre a solidude e o silêncio — só para nos informar que essas coisas existem. Alguém precisa nos dizer que não há nada de errado em exercitar essas disciplinas. Alguém precisa nos dizer como colocá-las em prática, que resultados terão e quais devem ser os próximos passos. A orientadora espiritual de Ruth Barron fez isso por ela. Agora, Ruth fez isso por você.

Se você quer mesmo conhecer "um descanso sabático [que ainda resta] para o povo de Deus" (Hb 4:9), tome a decisão de entregar os resultados nas mãos de Deus e exercitar a solidude e o silêncio tendo Ruth Barton como sua guia. Ao fazê-lo, peça que Jesus o acompanhe e creia que ele atenderá. Num período relativamente curto, você encontrará o "descanso para a [sua] alma" prometido por aquele que é manso e humilde de coração. Ele se tornará o alicerce tranqüilo e inabalável para sua vida e sua morte.

# 19

## QUANDO DEUS VEM PARA FICAR MINHA EXPERIÊNCIA COM *DEEPER EXPERIENCES OF FAMOUS CHRISTIANS* [EXPERIÊNCIAS MAIS PROFUNDAS DE CRISTÃOS NOTÁVEIS]

COM EXCEÇÃO DA BÍBLIA, nenhum livro me influenciou tanto quanto esta obra quase desconhecida de James Gilchrist Lawson, chamada *Deeper Experiences of Famous Christians*.

Sob a perspectiva literária ou acadêmica, o livro não se destaca por nenhuma qualidade específica, o que talvez explique o fato de não ser mais conhecido e, ao que parece, de sua leitura nunca ter sido difundida nem influente. Essa obra, que recebi em 1954 de Billy Glenn Dudley, um colega da faculdade, entrou em minha vida num momento extremamente apropriado e, o que é mais importante, me permitiu acessar riquezas inesgotáveis de Cristo e seu povo ao longo das eras. Mais que o próprio livro, essa descoberta me conduziu a um universo de literatura cristã de relevância muito maior para a compreensão e prática da vida cristã.

A inclinação característica do autor o levou a interpretar as "experiências mais profundas" quase inteiramente em termos de enchimento ou batismo do Espírito Santo. Trata-se de uma forma um tanto infeliz de analisar as experiências mais profundas de cristãos famosos ou não tão famosos, como a "vivência" dos indivíduos descritos no livro deixa claro. Mas, felizmente, essa inclinação não impediu o autor de relatar de forma detalhada o que aconteceu, de fato, na vida de uma grande variedade de seguidores notáveis de Cristo — sendo que poucos deles experimentaram qualquer coisa que se aproximasse de seu conceito da relação entre o batismo do Espírito Santo e as experiências mais profundas com Deus.

O livro começa tratando de personagens bíblicos de Enoque ao apóstolo Paulo. Então, numa mudança interessante de cenário, volta-se para certos "sábios gentios" (gregos, persas e romanos) que também são descritos como sob a influência do Espírito Santo de Deus. Segue-se uma seção dedicada aos cristãos que se destacaram nos primeiros séculos da Igreja e, por fim, uma seção (bastante curta) sobre as "igrejas reformadas" e o período da Reforma.

O primeiro indivíduo ao qual Lawson dedica um capítulo separado é Girolamo Savonarola (nascido em 1452), um dos principais precursores da Reforma protestante. O que mais me impressionou a respeito de Savonarola — devo dizer que fiquei *encantado* — foi seu empenho em buscar a *santidade*, um tipo diferente e sobrenatural de vida — uma "vida do alto" — e sua disposição de sacrificar tudo para conseguir essa vida. Na verdade, é *isso* o que se destaca em todas as pessoas que Lawson apresenta em seu livro. E as experiências mais profundas que os fizeram avançar certamente não foram todas enchimentos ou batismos do Espírito Santo, ainda que, sem dúvida, o Espírito estivesse sempre envolvido e que enchimentos e batismos genuínos tenham ocorrido.

As experiências dessas pessoas tiveram, ocasionalmente, o caráter de um enchimento ou batismo, mas na maioria das vezes, foram momentos de *compreensão*, de discernimento extremamente claro da verdade profunda, acompanhados de um transbordamento de sentimentos decorrentes dessa compreensão. Essas experiências foram, com frequência, aquilo que George Fox chamou de "aberturas" que atingiram o âmago da pessoa, transformando sua vida para sempre.

Assim, Lawson escreve sobre John Bunyan:

... o livramento completo de Bunyan de seu desespero e dúvidas terríveis ocorreu certo dia enquanto ele atravessava um campo. De repente, veio à sua alma a frase "Tua justiça está no céu". Ele teve a impressão de, com os olhos da fé, ver Jesus — a sua justiça — a destra de Deus. E

comenta: "Então as cadeias que me prendiam se romperam; foi liberto de minhas aflições e grilhões; minhas tentações também fugiram de modo que, daquele momento em diante, as Escrituras temíveis de Deus deixaram de me perturbar! Também voltei para casa me regozijando com a graça e o amor de Deus".<sup>33</sup>

Talvez o efeito que esse livro teve sobre mim possa ser compreendido mais adequadamente se indicar os indivíduos que o autor escolheu para tratar em capítulos separados. Savonarola é seguido de Madame Guyon, François Fenelon, George Fox, John Bunyan, John Wesley, George Whitefield, John Fletcher, Christmas Evans, Lorenzo Dow, Peter Cartwright, Charles G. Finney, Billy Bray, Jacob Knapp, George Muller, A. B. Earic, Frances Ridley Havergal, A. J. Gordon, D. L. Moody, general William Booth e, no último capítulo, "Outros cristãos notáveis" (Tomás à Kempis, William Penn, dr. Adam Clarke, William Bramwell, William Carvosso, David Brainerd, Edward Payson, Dorothea Trudel, pr. John Christoph Blumhardt, Phoebe Palmer e R P. Bliss).

<sup>33</sup> *Deeper Experiences of Famous Christians*, Barhour Publishing, 2000, p. 133.

Por certo, essa é uma lista extremamente seletiva e não muito equilibrada de "cristãos notáveis". Mas isso não me incomodou quando estudei o livro. Na verdade, o fato de esses indivíduos serem, em sua maioria, pessoas comuns, me impressionou ainda mais, pois a vida extraordinária que viveram de forma tão manifesta estava a *meu* alcance. Eu havia sido educado em círculos religiosos que enfatizavam exclusivamente a fidelidade às crenças corretas e a tarefa de levar outros a abraçar essas crenças.

Claro que esses elementos são de suma importância. Mas quando *somente* eles são enfatizados, o resultado é uma vida religiosa árida e sem poder, por mais sincera que seja, e uma existência constantemente vulnerável a tentações de todo o tipo.

Assim, acompanhar ao longo da história até o século XX, vidas que foram tomadas pela presença e ação de Deus foi, para mim, um grande estímulo para crer que a vida e as promessas feitas na pessoa de Cristo e nas Escrituras são dirigidas a nós em nosso tempo. Vi que indivíduos comuns que *buscaram* o Senhor descobriram que ele é real — na verdade, o Senhor foi até eles e lhes comunicou sua realidade. Ficou claro que esses "cristãos notáveis" não estavam procurando experiências, nem mesmo de serem envidos ou batizados pelo Espírito Santo. Antes, estavam buscando o Senhor, seu reino e a sua santidade (Mt 6:33).

As vidas retratadas nesse livro mostram inequivocamente que *buscar* é uma parte essencial da vida em Cristo. A visão cristã que enfatiza somente a precisão doutrinária não envolve, na prática, nenhuma busca. Consiste, basicamente, em "ter chegado", e não numa busca contínua e, nessa visão, a próxima parada ao longo do caminho é o céu depois da morte. Mas ao considerar esses "cristãos notáveis", percebi com clareza que o caminho da busca constante descrito na Bíblia (por exemplo, Fp 3:7-15; Cl 3:17-17; 2Pe 1:2-11; etc) é a vida de fé que Deus pretende que vivamos. A salvação pela graça por meio da fé é uma vida, e não apenas um resultado; e a busca intensa e incessante por Deus não é "salvação por obras", mas sim a expressão natural da fé salvadora em Cristo. O discipulado constante, com sua busca contínua por mais graça e vida, é a única resposta sensata à fé em Jesus como Messias. E o resultado natural (e sobrenatural) dessa resposta é, sem dúvida, uma série de experiências intermitentes, porém não infrequentes com Deus, algumas mais profundas do que outras.

"Mais profundas" também significava "mais amplas". Lawson mostrou-se extraordinariamente imparcial em sua relação de "cristãos notáveis", e isso também me ensinou muita coisa. Os indivíduos selecionados representam uma ampla gama cultural e denominacional. O grupo é constituído de vários batistas, o que me ajudou bastante, uma vez que corresponde a meu próprio contexto denominacional. No entanto, também há católicos, anglicanos, metodistas, o fundador do Exército de Salvação e outros.

Ao ver que a experiência do chamado de Deus à santidade e ao poder não respeita fronteiras sectárias, aprendi que devo desconsiderar muitos elementos que geram um isolamento doutrinário e prático em outros e que não devo lhes atribuir nenhum peso para minha própria vida.

Usando a mesma imagem bela que Paulo emprega, ensinou-me a distinguir o tesouro do vaso (2Co 4:7) e a olhar para o tesouro: Cristo vivendo na vida do indivíduo e o indivíduo vivendo em obediência a Cristo. A bênção de Deus tem tendência natural entre os homens de criar denominações, mas as denominações não tem nenhuma tendência de promover a bênção de Deus de forma singular em ninguém. Podemos e muitas vezes devemos honrar uma denominação ou tradição porque Deus abençoou aqueles que fazem parte dela. No entanto, ela não é o tesouro, mas apenas o vaso. Também precisamos reconhecer esse fato acerca de nosso próprio vaso.

Da mesma forma, o anseio por santidade e poder para permanecer em santidade de modo aabençoar multidões não conhece limites sociais nem econômicos. Essa realidade também foi extremamente importante para mim e ficou cristalina na vida dos cristãos notáveis, muitos dos quais não tiveram o respeito e a admiração dos homens ou abriram mão de sua reputação humana. Isso não apenas me deu esperança em nível pessoal como também revelou, de uma nova maneira, os acontecimentos das Escrituras e mostrou como, nos dias de hoje, "homens comuns e sem instrução" (At 4:13) podem transmitir ao mundo o conhecimento e a realidade de Deus. Mostrou como Deus e um único indivíduo podem fazer uma grande diferença para melhor. Decidi que, se minha vida e meu ministério fossem, de algum modo, bem-sucedidos, não seria por meus próprios esforços.

Ao passar do livro de Lawson para o estudo das obras destes e de muitos outros "cristãos notáveis", *A imitação de Cristo*, de Tomás à Kempis, tornou-se minha companheira constante. Então vieram as obras de John Wesley, especialmente seu *Diário* e a seleção padrão de seus *Sermões*. Em seguida, li *A Serious Call to a Devout and Holy Life* [Um chamado sério para uma vida devota e santa]



de William Law, os tratados *Holy Living* [Vida santa] e *Holy Dying* [Morte santa], de Jeremy Taylor, e vários textos de Charles Finney, sobretudo *Revival Lectures* [Palestras sobre reavivamento].

A medida que minha esfera de leituras se ampliou, os textos de Lutero, Calvino e de escritores puritanos foram extremamente importantes, criando uma estrutura teológica para a vida espiritual como uma vida de discipulado e busca de santidade e poder em Cristo, sem nenhum traço de perfeccionismo ou obras meritórias. (O livro 3 de *As institutos*, de Calvino, foi particularmente útil nesse sentido.) Aprendi que a leviandade do "cristianismo" sem discipulado e daquilo que Bonhoeffer chamou de "graça barata" não podiam, de maneira nenhuma, ser derivadas de Lutero ou Calvino.

Esses grandes textos cristãos entreteceram-se com a leitura contínua de filósofos, começando com Platão, que passei a ler depois de me formar no colégio e continuei nos dois anos em que vivi como trabalhador rural itinerante. (Carregava um livro de Platão na mochila).

O efeito de todas essas leituras tem sido uma volta constante à Bíblia e, especialmente, aos Evangelhos e a descoberta em Jesus e seus ensinamentos - naquilo que Paulo chamou de "insondáveis riquezas de Cristo" (Ef 3:8) - da sabedoria e realidade que os seres humanos se esforçam em vão para obter.

Jesus responde às quatro grandes questões da vida: O que é real? (Deus e seu Reino). Quem é bem-sucedido ou "abençoado"? (Todos aqueles que vivem no Reino de Deus.) Quem é, verdadeiramente, uma pessoa boa? (Todos aqueles que são possuídos e permeados pelo amor ágape, o amor com o qual Deus ama.) E como posso me tornar uma pessoa verdadeiramente boa? (Sendo um aprendiz fiel de Jesus na vida do Reino, aprendendo com ele como viver minha vida do modo como ele o faria se estivesse em meu lugar.)

Tendo em vista a própria natureza da vida, todo ser humano deve responder essas perguntas e todo bom mestre deve tratar delas. Jesus Cristo as responde nos evangelhos e, depois, em seu povo de uma forma sem precedentes e que se torna cada vez mais compreensível e verificável pela experiência. Ele não se esquivava de nenhuma pergunta e não foge de nenhum assunto. E nossa era está esperando que seus discípulos de hoje também não se eximam.

Sou profundamente grato a James Gilchrist Lawson e seu pequeno livro. Ele foi colocado em minhas mãos no momento certo e me ajudou a ver a presença efetiva de Jesus Cristo, seu reino e Espírito na vida real de pessoas reais. Desse modo, me ajudou a conhecer um pouco melhor isto:

... a esperança para a qual ele os chamou, as riquezas da gloriosa herança dele nos santos e a incomparável grandeza do seu poder para conosco, os que cremos, conforme a atuação da sua poderosa força. Esse poder ele exerceu em Cristo, ressuscitando-o dos mortos e fazendo-o assentar-se a sua direita, nas regiões celestiais.

Efésios 1:18-20

Para qualquer leitor, esse livro transmite a verdade simples porém profunda de que ele também pode conhecer por experiência própria as verdades de Cristo e de seu reino apresentadas nas Escrituras: de que, se ele buscar a Deus de todo o seu coração, será encontrado por Deus e passará a pertencer a ele (Jr 29:13). Esse é o propósito da vida humana.

## 20

### *A ROOM OF MARVELS* [UM APOSENTO DE MARAVILHAS], DE JAMES B. SMITH

DE TODAS AS PROVAÇÕES que desgastam e abalam os cristãos, a mais difícil de suportar é a morte de pessoas queridas. uma parte legítima da dor é simplesmente a *separação*. O fato de não poder mais pegar o telefone e falar com minha irmã ou com meu pai, de não poder mais visitá-los, é uma fonte

permanente de tristeza dentro de mim. No entanto, o medo e a incerteza diante da morte que infelizmente são a regra, e não a exceção, baseiam-se, em sua maior parte, no fato de que a continuação da vida após a morte física não faz nenhum sentido em termos intuitivos.

Como cristãos, conhecemos — ou pelo menos já ouvimos — as palavras gloriosas de Cristo e seu povo sobre sua vida futura na presença de Deus. Mas, para dizer a verdade, são poucos os que crêem de fato. Crer de fato significaria agir de forma direta e espontânea como se tais declarações fossem verdadeiras. Significaria ter certeza com todos os nossos poros que qualquer amigo de Jesus está muito melhor depois da morte. Significaria ser capaz — em meio à tristeza da separação — de se regozijar com a felicidade indescritivelmente maior de nossos entes queridos que foram para junto da majestade de Deus e para seu mundo. Jesus declarou com toda naturalidade a seus amigos mais próximos: "Se vocês me amassem, ficariam contentes porque vou para o Pai, pois o Pai é maior do que eu" (Jo 14:28).

Não podemos negar que a atitude de Jesus em relação à morte é um tanto nobre. Ele próprio está morrendo, e um homem desprezível que está morrendo com ele reconhece sua verdadeira identidade. Esse homem pede que Jesus se lembre dele quando voltar ao seu lugar de poder, ao seu reino. Jesus responde: "Eu lhe garanto: hoje você estará comigo no paraíso". Entedia-se que o "paraíso" era um lugar extremamente bom de estar, um lugar de vida e plenitude.

Essas palavras de Jesus são paralelas à sua declaração de que os que recebem suas palavras nunca verão a morte (Jo 8:51-52). Ou seja, nunca experimentarão o que os seres humanos em geral imaginam que acontecerá com eles. E, ao se aproximar do túmulo de Lázaro, Jesus diz: "Eu sou a ressurreição e a vida. Aquele que crê em mim, ainda que morra, viverá; e quem vive e crê em mim, não morrerá eternamente" (Jo 11:25-26). Os cristãos da primeira geração compartilhavam a convicção de que, em sua pessoa, Jesus havia *destruído a morte* (Hb 2:14-15; 2Tm 1:10).

O ponto de referência central de tudo isso é Jesus, que vive dos dois lados da morte física: do lado dele e do nosso. As palavras do hino "Porque ele vive" são verdadeiras. Assim, com toda a sua percepção rica de Jesus além da morte, Paulo diz confiadamente: "Enquanto estamos no corpo, estamos longe do Senhor [...] e preferimos estar ausentes do corpo e habitar com o Senhor" (2Co 5:6-8). Por intermédio de suas próprias experiências, o apóstolo havia vislumbrado o mundo no qual o ladrão agonizante havia se encontrado com Jesus, e isso sem o benefício da ressurreição.

Quando Paulo diz aos filipenses que, para ele, "o viver é Cristo e o morrer é lucro" (1:21) e "Estou pressionado dos dois lados: desejo partir e estar com Cristo, o que é muito melhor; contudo, é mais necessário, por causa de vocês, que eu permaneça no corpo" (1:23-24), está expressando uma confiança irrestrita e tranqüila a respeito da eternidade de sua vida e pessoa fundamentada em suas experiências do mundo de Deus e do lugar de Jesus nesse mundo. As experiências de Paulo tornaram o mundo de Deus *real para ele*, de modo que era fácil e natural ele agir pelo fato de Jesus e seu reino serem a realidade eterna para a vida eterna dos que estão sob o cuidado de Jesus Cristo.

É a certeza da continuidade de nossa vida em Deus e neste universo com ele que nos liberta de nos "[entristercermos] como os outros que não têm esperança" (1Ts 4:13). E é justamente nesse ponto que a história maravilhosa de James Smith nos ajuda. O conteúdo bíblico e teológico é bastante sólido — ainda que surpreendente para muitos que não colocam conteúdo e imagens concretas em ação em sua leitura da Bíblia e reflexões teológicas. Ele precisa ser surpreendente, a fim de tratar da necessidade em questão. E a necessidade é grande — aliás, é espantosa, quando vemos como cristãos devotos sofrem diante da morte física. Sem dúvida, Jesus chorou no túmulo de Lázaro (Jo 11:35) em vista da angústia que a humanidade sofre por não ver com clareza a realidade da vida imortal em Deus — a angústia exemplificada de forma intensa na cena que o cercava naquele instante.

Também é importante que esse assunto seja tratado com um toque leve — com delicadeza e humor sutil. E, ao mesmo tempo, de forma profundamente comovente, inteligente e realista. Vemos isso nos escritos de C. S. Lewis e alguns outros, dentre eles, James Smith, que conseguiu alcançar essa combinação refinada de qualidades. Como resultado, seu texto pode ser lido e desfrutado como qualquer outra grande obra literária. O efeito de tornarem reais, por meio da imaginação, a verdade e realidade presente da vida além da morte física flui naturalmente. A "certeza da continuidade da nossa vida em Deus e neste universo com ele" infiltra-se na alma do leitor. A Palavra e o Espírito entram na história, permitindo que o leitor veja a verdade das Escrituras de uma forma que cativa, fortalece, fornece orientação para a vida e remove o fardo da dor e da falta de sentido imposto sobre os que não são capazes de pensar de forma concreta no curso de sua vida como seres espirituais incessantes no universo rico de Deus. O paraíso já está em andamento.

## UMA PALAVRA DE DESPEDIDA: "AO IR ..."

### O QUE FAZER AGORA?

Converter o mundo? Não.

Converter a Igreja? Diz a frase famosa: "O julgamento começa na casa de Deus". Ela tem a luz divina e as provisões divinas e, por isso também tem a responsabilidade suprema de guiar a humanidade.

Mas a resposta é, mais uma vez, "não". Você não deve "converter a Igreja".

Seu primeiro passo "ao ir" é, por assim dizer: Converter-se.

Se desejamos converter a Igreja e o mundo, devemos começar com nossa própria vida. Trata-se de algo que, com a ajuda divina, pode ser realizado com clareza e eficácia, uma vez que entendemos a natureza e o funcionamento do discipulado a Jesus. Em momento algum nosso Mestre ordenou que convertêssemos o mundo ou reformássemos quaisquer organizações religiosas. Mas ele nos disse que, quando estivéssemos repletos dele, daríamos testemunho a seu respeito "até os confins da terra" (At 1:8). Testemunhas são pessoas por meio das quais outros ficam sabendo de algo. Elas testemunham, atestam, evidenciam. Apesar de não serem manipuladoras - não precisam manipular - aquilo que fazem tem o poder de realizar transformações radicais.

Antes, o Mestre disse aos discípulos: "Façam discípulos". Essa foi a única incumbência que recebemos dele e, para cumpri-la, devemos colocar todo o resto de lado.

Assim, "ao irmos", vamos como discípulos, não como "cristãos" de acordo com os significados comuns desse termo hoje em dia - apesar de não haver nada errado nisso, desde que, antes de tudo, sejamos discípulos de Jesus. Nunca se esqueça de que o pequeno grupo para o qual Jesus deu sua Grande Comissão era constituído de pessoas absolutamente comuns, mas também de pessoas que, cerca de três anos antes, foram escolhidas para andar com ele na mais íntima comunhão. Viram Jesus viver na presença e na operação manifesta do reino de Deus. Receberam dia após dia, a influência de seu ensino, de sua direção e correção. Viram Jesus morrer e se encontraram com ele depois da sua morte. Não eram perfeitas, mas na comunhão com o Mestre isso não vinha ao caso. Tudo girava em torno daquilo que estavam aprendendo e de quem os estava ensinando.

Assim, "ao ir", meu primeiro passo é ser um discípulo de Jesus e aprender dele constantemente como viver minha vida no reino de Deus hoje - minha vida real, a vida que estou vivendo agora - não apenas na Igreja ou em ocasiões "religiosas". Era a isso que Jesus se referia quando disse: "Busquem, pois, em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça" (é claro que as duas coisas são inseparáveis). Essa foi sua diretriz principal e supre a primeira necessidade de qualquer ser humano pelo mundo afora. É a escolha radical: escolher seu mestre e receber sua instrução e seu treinamento. É o ato inicial de fé em Jesus para aqueles que o ouviram. A pessoa que negligencia ou se esquiva dessa escolha não tem como progredir (Lc 14:26). E, na verdade, trata-se de uma situação de grande perigo. Uma pessoa não deve brincar de ter "fé em Jesus" ou fé em Deus por meio dele sem ter feito a escolha radical de viver como seu aprendiz. Pois, qualquer que seja o significado dessa suposta fé, por certo ela não "funcionará". Essa é exatamente a situação em que nos encontramos hoje, como discutimos na introdução deste livro. Primeiro inventamos algo diferente da fé do discipulado, algo que talvez chamamos de "cristianismo" e, depois, temos de viver com nossa invenção.

Ao recebermos, como discípulos, parte da substância da vida de Cristo, a própria pessoa de Jesus, somos capacitados para "testemunhar", levar outros a conhecer, conduzi-los à percepção da realidade. Então eles poderão descobrir quem são e quais são os propósitos de Deus para a vida deles. Poderão aprender como se tornar quem devem ser, quem seu coração anseia que sejam (se ao menos tal anseio fosse realizável!), por meio da dependência total de Jesus. E eles se tornam aprendizes de Jesus, sob o cuidado de "meu Pai e Pai de vocês, para meu Deus e Deus de vocês" (Jo 20:17). A presença trinitária os envolve, junto com outros discípulos (Jo 14:20-26), e eles recebem instrução e treinamento eficaz sobre como fazer todas as coisas que Jesus ordenou. A Grande Omissão deixa de existir.

Eis aqui, portanto, a essência do que deve ser feito a seguir. Aceite a Grande Comissão por meio da fé prática, e aquele que está verdadeiramente no controle providenciará para que essa incumbência

seja levada a cabo, como sempre acontece quando realizamos esse passo de fé. Ele está sempre com seus discípulos, e é verdade que "Deus age em todas as coisas para o bem daqueles que o amam" (Rm 8:28). Mas antes de tentarmos usufruir esses benefícios, devemos observar que eles são oferecidos aos *discípulos de Jesus*.

Talvez alguém pergunte: E quanto à Igreja e o mundo? Eles também não precisam ser colocados em ordem? Claro que sim! Mas essa tarefa não cabe nem a você nem a mim. E se procurarmos, por nossa própria conta, colocar a Igreja e o mundo em ordem, faremos mal a muita gente e ficaremos extremamente infelizes. Essa tarefa cabe a Deus que, por certo, não a deixará inacabada e a realizará com perfeição — o que seria impossível com nosso conhecimento ínfimo ou ignorância total.

Mas será que não precisamos fazer *alguma coisa* a respeito de nossa situação neste mundo? Sem dúvida — e certamente não faltarão oportunidades que devemos aproveitar da melhor maneira possível. No entanto, não devemos colocar sobre os próprios ombros o peso de *fazer as coisas acontecerem*. Precisamos sempre nos lembrar de quem está no controle de tudo — de que não sou eu, nem você. Devemos ser humildes diante de Deus e dos outros — especialmente daqueles que têm certeza de que estamos errados.

E, o mais importante, não podemos permitir que nossas idéias ou nossos esforços para mudar as coisas *venham antes ou tomem o lugar de nossa prática do discipulado*, de nossa caminhada com Jesus. Essa deve ser nossa preocupação constante, e o resultado serão um testemunho e uma influência poderosa sobre outros a nosso redor. Esse é o caminho garantido para mudar as coisas na Igreja e no mundo.

Os que acreditam que o cultivo da semelhança a Cristo no ser interior por intermédio do discipulado pessoal a Jesus corresponde a uma "privatização" de nossa fé nele ("quietismo" ou "pietismo" são alguns termos usados com freqüência nesse sentido) simplesmente não entendem como a vida espiritual em Cristo funciona. É *impossível* privatizar o fogo de Deus que arde através da vida de um discípulo de Jesus. Era a isso que Jesus se referia quando disse: "Não se pode esconder uma cidade construída sobre um monte" (Mt 5:14). E mais: "Ninguém acende uma candeia e a coloca em lugar onde fique escondida ou debaixo de uma vasilha" Lc 11:33; cf. também Mc 4:21).

Esse fato foi demonstrado repetidamente ao longo da história do povo de Cristo, mas nunca de forma tão enérgica quanto no mundo mediterrâneo dos séculos II e III d.C. O mundo espantou-se com o avanço em seu meio de um poder que nada nem ninguém era capaz de deter e que contava apenas com a força da presença de uma nova vida em indivíduos, espalhando-se de um para o outro. Em sua primeira Apologia, Tertuliano comenta que "homens gritam que o estado se encontra sitiado; os cristãos estão nos campos, nos portos, nas ilhoas. Lamentam, como quem sofreu uma perda, porque tantos - sem distinção de sexo, idade, condição de vida ou prestígio - estão abraçando essa seita".

Em Contra Celso, Orígenes escreveu: "... toda forma de religião será destruída exceto a religião de Cristo; somente esta prevalecerá. E, de fato, um dia triunfará, quando seus princípios se apropriarem da mente dos homens mais e mais a cada dia".

Voltando a Tertuliano, vemos o patriarca declarando ao mundo romano a seu redor:

Acabamos de surgir e, no entanto já ocupamos todos os lugares que vos pertencem - cidades, ilhas, castelos, vilas, vossos próprios acampamentos, vossas tribos, corporações, palácios, deixando para vós apenas os vossos templos [...] As vossas crueldades não surtirão nenhum efeito. Quanto mais cristãos vós destruíis, mais cresce o nosso número. O sangue dos mártires é a semente de novos cristãos.<sup>34</sup>

A única coisa de que precisamos para realizar mudanças - no mundo ou na igreja - é que cada indivíduo seja um aprendiz contínuo de Jesus, o Salvador do mundo tão amado por Deus. Nossas instruções "ao irmos" são claras: devemos ser discípulos - aprendizes - de Jesus na vida do reino e, por meio de nossa vida e de nossas palavras como seus aprendizes devemos testemunhar, levar outros a conhecer e ansiar pela vida que está em nós, a vida que recebemos ao crer em Jesus. Tudo isso é verdade, funciona e está à disposição de quem quiser. E não há nada igual no mundo. É só.

---

<sup>34</sup> Apologia, 50.13 (N da T)

## LEITURAS ADICIONAIS

### Capítulo 8 — O Espírito está pronto, mas...: O corpo como instrumento para o crescimento espiritual

FOSTER, R. *Celebração da disciplina*. São Paulo: Vida, 1997. Um clássico contemporâneo sobre as disciplinas da vida espiritual.

McGUIRE, M. "Religion and the Body: Rematerializing the Human Body in the Social Sciences of Religion", *Journal for the Scientific Study of Religion*, vol. 29, 1990, p. 283-296. Excelente introdução às interpretações filosóficas e acadêmicas sobre o papel do corpo na personalidade. Contém bibliografia.

TAYLOR, J. *Holy Living and Holy Dying*. Coleção Classics of Western Spirituality, Paulist, 1992. Há várias edições. Orientações práticas sobre o uso do corpo visando ao desenvolvimento espiritual, de um grande cristão do século XVI.

WILLARD, D. *O espírito das disciplinas*. Rio de Janeiro: Habacuc, 2003. Especialmente os capítulos 1 a 7, que tratam dos pontos básicos da teologia e da soteriologia do corpo.

### Capítulo 11 — O cuidado da alma: Para pastores... e outros

BAXTER, Richard. *The Practical Works of Richard Baxter*. Baker Book House, 1981.

BOUYER, Louis. *A History of Christian Spirituality*. Seabury Press, 1982. 3 vols.

FINNEY, Charles. *Revival Lectures*. Fleming H. Revell Co., s.d.

LAW, William. *A Serious Call to a Devout and Holy Life*. Paulist, 1978.

Murray, Andrew. *Humildade: a beleza da santidade*, Editora dos Clássicos, s.d. e *Absolute Surrender* (várias edições).



## Cristãos na teoria nem sempre são discípulos na prática

Qual a diferença entre “cristão” e “discípulo”? Pode ser que você não veja nenhuma, ou considere apenas questão de semântica e que, no fim das contas, ambos os termos se equivalem. Para o teólogo e escritor Dallas Willard, porém, essas duas palavras podem guardar uma enorme distância entre si quando se trata de definir nosso papel no cumprimento da missão primordial da igreja.

Nesse sentido, ser cristão pode não passar de uma nomenclatura com a qual nos acomodamos, protegidos sob a garantia da salvação. Mas isso não traduz a integralidade do evangelho se não produzir, de fato, discípulos de Jesus — “pessoas que não apenas adotam e professam certas idéias como também aplicam sua compreensão crescente da vida no reino dos céus a todos os aspectos de sua vida na terra”, como afirma o autor.

Essa disparidade é analisada com coragem e agudeza de espírito em *A grande omissão*. Willard, autor do *best-seller A conspiração divina* e referência internacional em teologia cristã contemporânea, desafia o leitor a repensar sua responsabilidade como membro da *ecclesia* e a revisar conceitos, incluindo o da Grande Comissão, em todas as suas implicações.

**MC**  
mundocristão

ISBN 978-85-7325-493-8



9 788573 254938

Espiritualidade

Material com direitos autorais